

OBRAS DE

F I Ó D O R

DOSTOIEVSKI

O LADRÃO HONESTO
E OUTRAS HISTÓRIAS



EDITORIAL PRESENÇA

OBRAS DE

F I Ó D O R

DOSTOIEVSKI

O LADRÃO HONESTO
E OUTRAS HISTÓRIAS



EDITORIAL PRESENÇA

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

O LADRÃO HONESTO
E OUTRAS HISTÓRIAS

Tradução do russo
de
Nina Guerra e Filipe Guerra

 EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FICHA TÉCNICA

Título original: *Tchéstnie vor, Iolka i Svadba, Málenki Guerói, Netótchka Nexvánova*

Autor: *Fiódor Dostoiévski*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2006

Tradução do russo: *Nina Guerra e Filipe Guerra*

Capa: *Projeto Gráfico de Fernando Felgueiras*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, agosto, 2006

Depósito legal n.º 245 226/06

Reservados todos os direitos

desta edição à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

Email: info@presenca.pt

Internet: <http://www.presenca.pt>

NOTA PRÉVIA

Esta coletânea de contos e novelas inclui quatro obras de Fiódor Dostoiévski escritas ou publicadas entre 1848 e 1849. «O Ladrão Honesto», publicado pela primeira vez na revista literária Otetchestvennie zapíski («Cadernos Nacionais») desdobrado em dois contos, foi modificado em 1860 para um só conto em que Dostoiévski introduz a figura do narrador, tão típica em muitas das suas obras ulteriores e servindo-lhe para «objetivar» ao máximo a história e para se introduzir a si mesmo dentro dela. Neste conto, porém, o narrador é ainda um participante ativo da história, com características minuciosamente definidas. Já no conto «Árvore de Natal...» (1848), o narrador se aproxima do repórter ou cronista de Os Irmãos Karamázov ou Os Demónios: personagem criado para narrar ou registrar os acontecimentos em vez do autor. Mais uma característica curiosa destes dois contos: em ambos aparecem, ou são mencionados de passagem, personagens de obras anteriores — Gente Pobre e «Coração Fraco» — urdindo-se desta forma uma história ampliada em que se completam as linhas de vida e as características dos heróis. «Nétotchka Nezvánovna» (1849) estava para ser um romance (ficou inacabado) em que, durante os dois anos em que trabalhou nele, Dostoiévski depositava grandes esperanças, e que devia ter três partes: «A infância», «A vida nova» e «O segredo». Porém, em Abril de 1849, Dostoiévski foi preso por participar no círculo revolucionário de Mikhail Petrachévski, e o trabalho nesta obra foi interrompido. Posteriormente, em 1860, Dostoiévski introduziu no texto grandes modificações, transformando o começo do romance num conto sobre a infância e a adolescência da heroína. «O Pequeno Herói» foi escrito no Verão de 1841 na cela solitária da Fortaleza de Pedro e Paulo. A imagem da criança neste conto é tratada de maneira muito diferente da que o escritor tinha habitualmente para descrever as crianças: como pequenas criaturas sofredoras, privadas de infância, como viva

acusação a uma sociedade desumana. Neste conto, porém, a criança dá uma imagem clara e harmoniosa da sua idade feliz, desenvolvendo a sua capacidade de compreender a beleza da natureza e do rosto humano, sentindo as primeiras centelhas do amor. Trata-se de uma figura quase romântica, criada sob a influência de Friedrich Schiller, cuja obra, para o Dostoiévski dos anos 40, encarnava o heroísmo dos sentimentos humanos e o ideal do belo e do sublime.

O LADRÃO HONESTO

Dos cadernos de um desconhecido

Um dia de manhã, já estava eu de saída para a repartição quando entrou Agrafena, a minha cozinheira, lavandeira e despenseira, e, para meu espanto, encetou uma conversa comigo.

Até então ela sempre fora uma mulher simples e taciturna, de maneira que, para além das duas palavras quotidianas sobre o que eu queria para o almoço, não dissera praticamente mais nada durante seis anos. Pelo menos, eu não a ouvi dizer mais nada.

— Queria dizer-lhe, meu senhor — começou de repente. — Não quer alugar o cubículo?

— Qual cubículo?

— Ao lado da cozinha. Bem sabe qual.

— Porquê?

— Porquê! Porque toda a gente subaluga. Bem sabe porquê.

— Mas quem é que vai querer aquilo?

— Quem! Um inquilino. Bem sabe quem.

— Mas ali, mãezinha, nem se pode pôr uma cama, não cabe. Quem é que pode viver ali?

— Mas por que havia de viver ali? Basta ter onde dormir; ora, para viver... vive no peitoril da janela.

— Qual janela?

— Bem sabe qual, ou será que não sabe? A janela do vestíbulo. Para fazer as coisas, costurar ou assim, senta-se no peitoril da janela. Ou na cadeira. E também há lá uma mesa, há lá tudo, no vestíbulo.

— Mas quem é ele?

— Um homem bom, experiente. Eu cozinho para ele. E pelo alojamento e comida levo-lhe três rublos de prata por mês...

Depois de muitos esforços, fiquei finalmente a saber que um qualquer homem de idade arranjava maneira de convencer Agrafena a deixá-lo viver na cozinha, como inquilino ou comensal. Pois bem, o que passasse pela cabeça de Agrafena tinha de ser feito, de outro modo ela não me deixaria em paz. Nos casos em que alguma coisa não era do seu agrado, Agrafena tornava-se pensativa, caía numa profunda melancolia e era capaz de se manter neste estado duas ou três semanas. Durante estes períodos, a comida era mal cozinhada, havia roupa perdida, o chão não era lavado, enfim, as desgraças eram muitas. Eu reparara havia muito que esta mulher taciturna era incapaz de tomar de *motu proprio* uma decisão, de se afirmar com uma ideia que fosse pessoal, dela. Porém, se se formava no seu fraco cérebro, por puro acaso, qualquer coisa parecida com uma ideia, com uma empresa a cumprir, recusar-lhe a realização disso seria como assassiná-la moralmente durante algum tempo. Por isso, como eu prezava acima de tudo o meu próprio sossego, dei-lhe de imediato o meu consentimento.

— Ele tem, pelo menos, um documento qualquer, um passaporte, sei lá?

— É claro! Bem sabe que tem. É um bom homem, experiente; prometeu pagar três rublos.

Logo no dia seguinte, apareceu no meu modesto apartamento de solteiro o tal inquilino. A sua entrada na minha casa não me causava desgosto algum, no fundo até estava contente. De uma maneira geral vivo isolado, como um eremita. Quase não tenho conhecidos; raramente saio. Depois de dez anos desta vida, habituei-me à solidão, é claro. Além disso, mais dez anos ou até quinze a viver assim, na mesma solidão, com a mesma Agrafena, na mesma casa de solteiro era sem dúvida uma perspectiva bastante cinzenta! Assim, um homem sossegado ao nosso lado, nesta situação, é uma dádiva dos céus!

Agrafena não mentira: o meu inquilino era um homem com grande experiência da vida. De acordo com o seu passaporte, era um soldado na reserva, o que percebi à primeira vista, pela cara,

sem precisar de olhar para o passaporte dele. Era fácil de adivinhar que Astáfi Ivánovitch, meu inquilino, era um soldado, e dos bons. Vivia-se bem com ele. Mas o melhor de tudo era que Astáfi Ivánovitch sabia falar, contava belas histórias sobre a sua vida. Na minha existência sempre enfadonha, um narrador destes era um achado. Uma das histórias que me contou uma ocasião impressionou-me sobremaneira. A causa de ele me ter contado essa história foi o incidente que passo a relatar.

Eu estava sozinho em casa, Agrafena e Astáfi Ivánovitch tinham saído, para tratarem cada qual da sua vida. De repente, estando eu na segunda sala, ouvi que alguém entrava, provavelmente um estranho; fui ver: de facto estava um desconhecido no vestíbulo, um indivíduo de pequena estatura, apenas de sobrecasaca, apesar de o tempo outonal ir frio.

— O que queres?

— O funcionário Aleksândrov mora aqui?

— Não há aqui ninguém com esse nome; adeus.

— Mas o guarda-portão disse-me que era aqui — disse-me o visitante, retirando-se cuidadosamente para a porta.

— Fora daqui, amigo, desaparece.

No dia seguinte, depois do almoço, quando Astáfi Ivánovitch experimentava em mim a sobrecasaca que estava a remodelar, entrou de novo alguém no vestíbulo. Entreabri a porta.

Vi o indivíduo do dia anterior a pegar com toda a calma no meu *bekes*¹ forrado a pele, a metê-lo debaixo do braço e a fugir; Agrafena olhava para ele com a boca aberta de espanto e não fez mais nada para salvar o *bekes*. Astáfi Ivánovitch correu em perseguição do gatuno e, uns dez minutos depois, voltou, ofegante e de mãos vazias. O homem tinha desaparecido!

— Pronto, Astáfi Ivánovitch, é um azar. Ainda bem que não levou o capote, senão deixava-nos na miséria, o malandro!

Mas Astáfi Ivánovitch ficou tão abalado com o caso que eu, olhando para ele, até deixei de me preocupar com o roubo. Não havia meio de o homem se acalmar. Abandonava a cada momento o

trabalho que tinha em mãos, recomeçava a contar como tudo acontecera, a dois passos, debaixo do nariz dele, como tinha sido possível deixar levar aquele rico *bekes* e nem sequer apanhar o ladrão. Depois sentava-se de novo a trabalhar; depois voltava a largar tudo, até que, finalmente, foi ter com o guarda-portão e lhe ralhou por permitir coisas dessas num prédio de que tinha a responsabilidade da segurança. Depois voltou e começou a descompor Agrafena. Depois voltou ao trabalho e, durante muito tempo ainda, resmungava para os seus botões como tinha acontecido tudo, como ele estava parado aqui e eu ali e, debaixo do nosso nariz, a dois passos de nós, tiraram o *bekes*, etc. Enfim, Astáfi Ivánovitch, embora fosse um homem prático estava inquieto e desassossegado.

— Levaram-nos bem, Astáfi Ivánovitch! — disse-lhe eu à noite, enquanto lhe servia um copo de chá e, por não ter mais nada que fazer, provocando-o a contar de novo o caso do *bekes* roubado que, de tantas vezes repetido e com tanta sinceridade por parte do contador, começava já a tornar-se muito cómico.

— Levaram-nos bem, sim senhor! É um grande desgosto para mim, e faz-me uma raiva que nem sabe, apesar de o *bekes* não ser meu. A meu ver, não há víbora mais nojenta do que o ladrão. Há quem roube aos ricos, mas este rouba o nosso trabalho, o suor que custou e o tempo que levou a fazer... É um nojo! Nem me apetece falar disso, dá-me cá uma raiva! Como é que o senhor não mostra pena pela sua propriedade?

— Sim, tem razão, Astáfi Ivánovitch, vale mais que uma coisa se queime, que desapareça no fogo, do que deixá-la ir para um ladrão, é um desgosto.

— Pois é claro que é um desgosto! Também é verdade que há ladrões e ladrões. A mim, caro senhor, aconteceu uma vez conhecer um ladrão honesto.

— Um ladrão honesto? Como é possível existir um ladrão honesto, Astáfi Ivánovitch?

— Tem toda a razão, meu caro senhor! Como pode um ladrão ser honesto? Isso não existe. Mas eu queria apenas dizer que era um homem honesto que roubou. Tive mesmo muita pena dele.

— Como aconteceu isso, Astáfi Ivánovitch?

— Aconteceu há de haver uns dois anos. Nessa época eu andei quase um ano sem ter casa, mas, quando ainda a tinha, nos últimos tempos, conheci um homem completamente perdido. Conhecemo-nos por acaso numa casa de pasto. Era um bebedolas e um vagabundo parasita, que tinha sido despedido havia muito de um serviço público qualquer por motivo de bebedeira permanente. Era um homem sem decoro nenhum! A roupa que ele trazia no corpo era uma coisa indescritível! Eu, às vezes, punha-me a pensar: será que ele tem ao menos uma camisa debaixo do capote? Tudo o que arranjava era para desbaratar na bebida. Não era um desordeiro: tinha um feitio calmo, benévolo, era carinhoso e não pedia esmola, tinha vergonha; então, quando eu via que ele, coitado, precisava de um copo, eu oferecia-lho. Foi assim mesmo que o conheci, ou seja, que ele se afeiçoou a mim... porque, para mim, era indiferente. Chiça, que homem! Afeiçoou-se a mim como um cãozinho, o molengão, depois de me ter encontrado pela primeira vez, para onde eu ia, ele ia também! Primeiro, pediu licença para dormir uma noite... e eu, pronto, deixei-o pernoitar lá em casa, até porque vi que o passaporte dele estava em ordem, que não era má pessoa! Ao outro dia voltou a pedir-me que o deixasse dormir lá em casa, no terceiro dia ficou todo o dia sentado no peitoril da janela e, à noite, voltou a ficar para dormir. Irra, pensei, era só o que me faltava: dou-lhe de comer e de beber e, ainda por cima, fica a dormir cá em casa... Também sou pobre, mas ainda tenho de carregar com um comensal. Antes de mim, ele metia-se em casa de um funcionário, aferrara-se a ele, bebiam juntos, mas o tal funcionário alcoolizou-se e depois morreu por causa de uma desgraça qualquer. Ora, o homem chamava-se Emélia, Emelian Iliitch. Eu pensei, pensei... e não sabia o que fazer com ele. Tinha vergonha de o pôr na rua e também tinha pena dele: o homem era um perdido, e era tão

miserável, meu Deus! E estava para ali tão calado e tão submisso, sempre ali sentado, sem pedir nada, a olhar-me nos olhos como um cãozinho. Ou seja, até que ponto a bebida dá cabo de uma pessoa! Então pus-me a pensar como era que havia de lhe dizer: vai-te embora Emeliánuchka, não tens nada que ficar aqui comigo, escolheste a pessoa errada, eu próprio, daqui a pouco, não terei nada para comer, como é que posso manter-te com uma comida que mal dá para mim? E pensei também: o que é que ele fará se eu lhe disser? E imaginei-o na minha cabeça a olhar muito tempo para mim, depois de eu lhe ter dito aquilo, e depois a ficar ali sentado muito tempo, sem perceber nada, e depois, quando percebesse, a levantar-se, a pegar na trouxa de pano vermelho de xadrez, toda rota (parece que estou a ver a trouxa dele), em que guardava sabe Deus o quê, mas que levava para todo o lado, e depois a ajeitar o capote, para ficar mais decente e o agasalhar melhor do frio, e também para que os buracos da roupa dele não ficassem à vista, porque, ao fim e ao cabo, ele era um homem delicado! E imaginei-o depois a abrir a porta e a sair para as escadas, com as lágrimas nos olhos. Pois é, não se pode deixar ao abandono uma pessoa assim tão perdida... e pronto, tive pena dele! Mas depois pensei: e eu, em que situação fico? Espera lá, Emeliánuchka, que não terás muito tempo de festa aqui em minha casa: eu próprio vou sair daqui e já não me encontras. E foi assim, meu caro senhor, saímos de casa. O meu amo Aleksandr Filimónovitch (agora já falecido, que descansa em paz) disse-me: estou muito satisfeito contigo, Astáfi, quando voltarmos todos da aldeia não nos vamos esquecer de ti, damos-te outra vez trabalho cá em casa. É que eu era o mordomo da casa deles... e era um homem bom, o meu patrão, mas morreu nesse mesmo ano. Então, depois de nos despedirmos deles, peguei na minha tralha, peguei também nalgum dinheirinho que tinha de lado, e pensei: agora vou descansar — e fui para casa de uma velhota, aluguei lá um cantinho, e era tudo quanto ela tinha para alugar, um canto de quarto livre. Ela dantes também vivia numa casa qualquer como ama-seca, mas tinha ficado a receber uma pensão e, naquela

altura, já estava sozinha. Ora bem, pensei, então adeus, Emeliánuchka, és bom homem mas já não me encontras! E o que é que o senhor acha? À noite voltei para casa (tinha ido visitar um amigo) e a primeira pessoa que vi foi o Emélia, sentado em cima da minha arca, com a trouxa axadrezada ao lado dele, com o capote vestido, à minha espera... e, como não tinha nada que fazer enquanto esperava, pedira emprestado à velha um livro religioso e estava com ele nas mãos virado ao contrário. Tinha-me encontrado! Olhe, baixei os braços. Pronto, pensei eu, nada a fazer: por que não corri com ele logo no princípio? E perguntei-lhe de caras: Emélia, trouxeste o passaporte?

Então, meu caro senhor, sentei-me e pus-me a refletir: este homem sem abrigo vai ser mesmo um fardo pesado para mim? E, depois de pensar, concluí que, afinal, não ia ser um fardo assim tão pesado. De comer, tem, pensei eu: uma fatia de pão pela manhã, com cebola para ser mais saboroso. Ao meio-dia, pão e cebola também; e, ao jantar, cebola e kvass, e também pãozinho, se lhe apetecer. Ora, se um dia ou outro nos calhar uma sopa de repolho, então aí ficamos fartos. Eu não como muito, e então um bêbado, como se sabe, não come nada: para o bêbado, o principal é o vinho e a vodca. Ele vai dar cabo de mim com as suas bebedeiras, pensei, mas logo a seguir passou-me pela cabeça mais uma coisa e fiquei mesmo entusiasmado com a ideia. A tal ponto que, pensei, se o Emélia se fosse embora eu até perderia o gosto pela vida... Pronto, tinha resolvido tornar-me pai e benfeitor dele. Hei de fazer com que ele se desabitue da bebida, hei de salvá-lo da perdição, pensei cá para mim! Pronto, Emélia, podes ficar, tudo bem, mas a partir de agora tens de obedecer às minhas ordens!

Então, pensei: vou ver se o acostumo a um trabalho qualquer, mas não é para já; primeiro que descanse e, depois, eu lá hei de ver que capacidades tu tens para um trabalho qualquer, Emélia. Porque nem sempre uma pessoa tem jeito para este ou para aquele trabalho. E comecei a observá-lo à socapa. E vi: és um caso perdido, Emeliánuchka. Comecei então a falar-lhe com bondade: tal

e tal, Emelian Iliitch, olha só para ti, vê lá se fazes qualquer coisa por ti. Uma ocasião disse-lhe:

— Deixa de mandriar! Olha para ti, andas um maltrapilho, o teu capote, peço desculpa, dá para fazer uma peneira, isso assim está mal! Parece que já é tempo de acabares com isso!

E o meu Emeliánuchka ali sentado, de cabeça baixa, a ouvir. Só lhe digo, meu caro senhor: ele tinha chegado a um ponto tal, por causa da bebedeira, que até perdera o uso da língua e era incapaz de dizer uma palavra sensata. Eu digo pepinos, ele responde favas. Ouve-me, ouve-me e, por fim, suspira.

— Por que é que suspiras, Emelian Iliitch?

— Por nada, Astáfi Ivánovitch, não se preocupe. Hoje, duas campónias berraram uma com a outra, Astáfi Ivánovitch, na rua, e uma delas tombou sem querer o cesto com oxicocos da outra.

— E depois?

— E depois a outra, para se vingar, derramou de propósito o cesto da outra e, ainda por cima, pisou as bagas.

— E depois, Emelian Iliitch?

— Nada, Astáfi Ivánovitch, falei por falar.

«Nada, fala por falar. Eeh, Emélia, Emeliánuchka, perdeste o teu raciocínio de tanta bebedeira!...»

— E, também, um senhor deixou cair uma nota de banco na Rua Gorokhovaia, não, na Sadóvaia. E um mujique viu e disse: é o meu dia de sorte. Nisto, outro também viu e disse: não, a nota é minha, vi-a primeiro!

— E então, Emelian Iliitch?

— E começaram ali mesmo a bulhar. Chegou o polícia, apanhou a nota e entregou-a ao senhor que a tinha deixado cair, e ainda ameaçou os mujiques de os levar para a esquadra.

— E então, o que é que isso tem? O que há de didático nisso, Emeliánuchka?

— Eu não digo nada, Astáfi Ivánovitch. O povo fartava-se de rir, Astáfi Ivánovitch.

— Eeh, Emeliánuchka! O que interessa o povo? Vendeste a tua alminha por uma moeda de cobre. Sabes o que te vou dizer, Emelian Iliitch?

— O que é, Astáfi Ivánovitch?

— Arranja um trabalho, palavra de honra. É a centésima vez que te digo isto: trabalha, tem pena de ti próprio!

— O que é que eu posso arranjar, Astáfi Ivánovitch? Já não sei se posso fazer alguma coisa, e também ninguém me vai dar trabalho.

— Foi por isso mesmo que te expulsaram do serviço, Emélia, seu grande bêbado!

— E hoje também chamaram o copeiro Vlass ao escritório da polícia, Astáfi Ivánovitch.

— E por que foi que o chamaram lá, Emeliánuchka?

— Não sei por que é que foi, Astáfi Ivánovitch, só sei que foi preciso e que, portanto, o mandaram comparecer lá.

«Eeh — pensei cá para comigo —, estamos ambos perdidos, Emeliánuchka! É o castigo de Deus pelos nossos pecados!» O que se pode fazer com um homem assim, meu caro senhor?

Só que o homem era manhoso, e bem manhoso! Ouvia-me, ouvia, mas depois, pelos vistos, fartava-se de me ouvir; e, mal se dava conta de que eu estava zangado, pegava no capote e fugia, o malandro, desaparecia-me da vista! Depois andava todo o dia a vadiar e voltava à noite, bêbado. Quem lhe oferecia de beber, onde arranjava ele dinheiro para a bebida, isso só Deus sabia, mas a culpa de certeza que não era minha!...

— Não, Emelian Iliitch, digo-to eu, tu assim ainda acabas mal! Deixa de beber, ouviste? Deixa de beber! Para a próxima, se voltares bêbado, vais dormir nas escadas. Não te deixo entrar!...

Ouvindo esta ameaça, o meu Emélia ficou em casa um dia, outro dia; mas ao terceiro fugiu. Eu esperei, esperei que ele chegasse, mas nunca mais voltava! Até fiquei preocupado, confesso, e também com pena dele. O que eu fui fazer, pensei. Meti-lhe medo. Para onde é que ele foi agora, o desgraçado? Ainda lhe vai acontecer qualquer coisa ruim, Deus do céu! Às tantas caiu para aí

num canto, à noite, e já não volta. De manhã saí para o átrio, e que é que vejo? O Emélia a dormir ali. Com o degrau da escada a servir de almofada, estava ali a dormir, mas hirto e gelado.

— O que é isso, Emélia? Por amor de Deus, homem! O que estás a fazer aí?

— É que o Astáfi Ivánovitch estava zangado comigo e disse que me punha a dormir na escada do átrio, por isso, pronto, não tive coragem para entrar, Astáfi Ivánovitch, e deitei-me aqui...

Tive pena dele e, ao mesmo tempo, raiva!

— Podias arranjar outro trabalho qualquer, Emelian Iliitch, em vez de guardador de escadas!...

— Mas que outro trabalho, Astáfi Ivánovitch?

— Tu, alma perdida (eu estava mesmo raivoso!), podias ao menos aprender o ofício de alfaiate. Olha só para o teu capote! Não só está todo esburacado, como ainda andas a varrer as escadas com ele! Pegavas na agulha e remendavas os buracos, como manda a honra. Eeh, seu bêbado!

E o que é que acha então que aconteceu, meu caro senhor? Pegou na agulha. Eu, aliás, tinha-lhe dito aquilo por gozo, mas ele assustou-se tanto que pegou na agulha. E eu a olhar para ele. Bom, já se sabe, tinha os olhos a lacrimejarem, muito vermelhos, as mãos a tremer, não ia a lado nenhum! Ele bem tentava, bem se esforçava, mas não era capaz de enfiar a linha. O que ele fazia! Piscava os olhos, molhava a ponta da linha, torcia-a — nada! Às tantas largou a agulha e pôs-se a olhar para mim...

— Oh, Emélia, que lindo serviço! Se fosse na presença das pessoas, arrancava-te a cabeça! Mas se eu estava irritado quando te disse aquilo, seu simplório, se to disse por gozo... Deixa lá isso, que Deus te perdoe! Deixa-te ficar assim, de braços cruzados, e não voltes mais a fazer isso, que é uma vergonha, tu não me voltes a dormir nas escadas, não me cubras de vergonha!...

— Mas o que é que hei de fazer, Astáfi Ivánovitch? Eu próprio bem sei que estou sempre bêbado e que não presto para nada!... Só o irritado... meu ben... benfeitor, só o irritado sem necessidade...

Os lábios azulados do homem começaram então a tremer, correu-lhe uma lágrima pela cara abaixo, tinha uma cara muito branca, a lágrima tremelicou-lhe no queixo, com a barba por fazer, e, de repente, desatou-me a chorar, aquilo eram lágrimas às bagas... Deus nosso Senhor! Era como se uma faca me rasgasse o coração.

«Credo, que homem sensível, eu nem sequer o imaginava! Quem o podia saber, quem podia adivinhar semelhante coisa?... Não, pensei, não, Emélia, vou desistir, vou deixar-te à-toa, perdido como um farrapinho!...»

Pois bem, meu caro senhor, nem vale a pena adiantar mais! Aliás, a história é muito simples, é mísera, não vale tantas palavras, isto é, o senhor, digamos, não daria dois patacos por ela... mas eu sim, eu daria muito, se o tivesse, só para não acontecer o que aconteceu! Eu tinha umas calças, raios partam as calças, umas calças boas, lindas, azuis aos quadrados, que eu tinha feito por encomenda de um senhor da aldeia que vinha cá e que depois não as quis: ficam-me muito apertadas, disse ele; e eu, então, fiquei com elas. Pensava eu: isto é coisa de valor! Na feira da ladra são capazes de me dar cinco rublos por elas, ou então consigo fazer com elas dois pares para os senhoritos de Petersburgo, e ainda sobra um retalho para um colete para mim. Um homem pobre como nós aproveita tudo! Ora, o Emeliánuchka, naquela altura, estava a passar um mau bocado, andava triste. E reparei numa coisa: passa um dia sem beber, passa outro, passa mais um dia, e começou a ficar muito fraco, até metia pena, muito quieto, angustiado. Pensei então: ou não tens dinheiro, ou entraste por ti próprio no caminho da verdade, disseste «basta!», deste ouvidos à razão. E foi então, meu caro senhor, por alturas de uma grande festa, que tudo aconteceu. Eu fui à igreja, ao ofício noturno; voltei e estava o meu Emélia sentado no peitoril, a baloiçar, bêbado. Irra, pensei, ora veja-se lá como tu és, meu rapaz! Como precisava de qualquer coisa da arca, fui lá procurá-la. Mal a abri, dei logo pela falta das calças!... Procurei num sítio, procurei noutra: as calças tinham mesmo desaparecido!

Depois de ter remexido tudo e não as ter encontrado, até parece que me arranhou qualquer coisa no coração! Fui logo ter com a velha, erro meu, pois a primeira coisa que me ocorreu foi que tinha sido ela, nem me passando pela cabeça que fosse o Emélia, embora houvesse uma prova: estava bêbado. «Não — disse a velha — por amor de Deus, meu senhor, para que precisava eu de calças, será que visto calças? Eu própria fiquei há dias sem uma saia graças a um bom homem dos vossos... Não sei nada, é só o que tenho a dizer.» Disse-lhe eu: «Quem é que esteve aqui, quem é que veio cá?» Disse ela: «Ninguém, e eu não saí daqui. O Emelian Iliitch saiu uma vez, mas voltou, está agora ali sentado! Vai lá interrogá-lo a ele.» — «Emélia — disse-lhe eu —, tu, por acaso, por qualquer necessidade, não pegaste nas minhas calças novas, sabes, aquelas que costurámos para o senhor proprietário rural?» — «Não, Astáfi Ivánovitch, eu, quer-se dizer, não peguei nelas.»

Coisa esquisita! Comecei a procurar outra vez, procurei durante muito tempo, e nada! E o Emélia ali sentado, a baloiçar-se. Então, meu caro senhor, sentei-me à frente dele em cima da arca, assim de cócoras, e de repente olhei de lado para ele... Eeh, pensei eu, isto até me queima o coração, até me faz subir o sangue à cara. Então o Emélia, de repente, também olhou para mim. Diz-me então ele:

— Não, Astáfi Ivánovitch, eu, portanto, não... quanto às calças; se calhar acha que sim, que fui eu, mas não peguei nelas.

— Mas então como é que elas podiam desaparecer, Emelian Iliitch?

— Não, Astáfi Ivánovitch — disse ele —, não as vi.

— Mas então, Emelian Iliitch, elas desapareceram sozinhas, assim sem mais nem menos, foram-se embora?

— Talvez se fossem embora sozinhas, Astáfi Ivánovitch.

Depois de ouvir aquilo levantei-me, fui para junto da janela, acendi a candeia e sentei-me a costurar. Estava a refazer o colete de um funcionário que vivia no andar abaixo do nosso. Concentrava-me no trabalho, mas não saía aquela dor no peito, aquele ardor. Ou seja, a coisa seria menos grave se eu queimasse a roupa toda no

fogão. Aí, pelos vistos, o Emélia sentiu que a raiva me apertava o coração. É que a pessoa, meu caro senhor, quando está ligada com o mal, fareja a desgraça ainda de longe, como um pássaro dos céus antes da tempestade.

— Oiça, Astáfi Ivánovitch — começou o Emeliánuchka, e a vozinha dele tremia —, hoje o Antip Prókhoritch, o auxiliar-médico, casou-se com a mulher do cocheiro que morreu há pouco...

Eu, então, deitei-lhe cá um daqueles olhares, pronto, devo ter olhado para ele com muita maldade... O Emélia percebeu. Vi-o a levantar-se, a aproximar-se da cama e a apalpar ao lado dela. E eu à espera... Ele continuou naquilo, mas sempre a falar, sempre a repetir a mesma coisa: «Não estão, não estão em lado nenhum, para onde seria que as velhacas desapareceram!» E eu à espera, para ver no que aquilo ia dar, e vejo o Emélia a rastejar para debaixo da cama. Não aguentei.

— O que é que andas a fazer para aí de rastos, Emelian Iliitch?

— A ver se encontro as calças, Astáfi Ivánovitch. Se calhar caíram para aqui, ou qualquer coisa do género.

— Mas para que é que, meu senhor (comecei a tratá-lo assim por raiva), para que é que, meu senhor, quer ajudar um homem simples e pobre como eu, para quê esfregar os joelhos no chão inutilmente?

— Mas, Astáfi Ivánovitch, não é por mal... Até pode ser que elas apareçam se, por assim dizer, a gente procurar bem.

— Humm... oiça, Emelian Iliitch!

— Diga, Astáfi Ivánovitch.

— Não terias sido tu — disse-lhe eu —, que pura e simplesmente mas roubaste, como ladrão e vigarista que és, em agradecimento do pão que eu te dou? (O que aconteceu, meu senhor, foi que, quando o vi a rastejar de joelhos no chão, a raiva tomou completamente conta de mim.)

— Não, Astáfi Ivánovitch.

E, assim como estava, assim se deixou ficar debaixo da cama, de bruços. Deixou-se ficar muito tempo ali deitado, depois saiu de lá. Olhei para ele quando saiu: estava branco como um lençol.

Levantou-se, sentou-se a meu lado no peitoril, ficou calado uns dez minutos.

— Não — disse ele por fim —, não, Astáfi Ivánovitch... — Então levantou-se de rompante e avançou contra mim, pavoroso como um pecado mortal. — Não, Astáfi Ivánovitch, não peguei nas suas calças, não...

E tremia todo, apontava para o próprio peito com o dedo também a tremer, e a voz dele também tremia de tal forma que eu próprio me intimidei e como que fiquei colado ao peitoril.

— Está bem — disse-lhe eu —, está bem, Emelian Iliitch, como queira, peço desculpa se, estúpido como sou, o acusei injustamente. As calças não importam, que se amolem as calças, não morreremos por falta dessas calças. Graças a Deus temos mãos para trabalhar, não precisamos de roubar... nem de pedir esmola a um estranho e pobre; ganharemos o nosso pão...

Ele olhava para mim, ali parado à minha frente, a ouvir-me. Depois sentou-se e deixou-se ficar assim sentado, sem se mexer, até à noite; já eu me tinha deitado e ele ainda lá estava, espetado no mesmo sítio, sem se mexer. Só de manhã é que vi que ele se tinha deitado no chão, todo enroscado e embrulhado no capote: para se humilhar, não quis deitar-se na cama. O que sucedeu, meu caro senhor, foi que, desde então, ganhei-lhe aversão, tanta aversão que nos primeiros dias até lhe tinha ódio. Era como se o meu próprio filho me roubasse, vá lá digamos, eu sentia-me profundamente ofendido. Ah, Emélia, Emélia!, pensava eu. Pois o Emélia, meu caro senhor, não parou de beber duas semanas de enfiada. Mergulhou de cabeça na bebedeira, perdeu-se na bebedeira. Saía de manhã e voltava à noite, já tarde e, durante duas semanas, não ouvi daquela boca nem uma palavra. O que me parecia era que a amargura o atormentava e ele próprio se queria destruir, dar cabo dele. Por fim, acabou com aquilo, deve ter gastado tudo, e voltou a sentar-se no peitoril. Lembro-me de que estive lá sentado três dias seguidos, sem falar. Um dia vejo que ele está a chorar. Pronto, está ali sentado a chorar, e de que maneira!

Como um chafariz, como se ele próprio não desse conta da maneira como as lágrimas se vertiam dele. É muito penoso, meu caro senhor, ver um adulto, ainda por cima velho como o Emélia, a chorar de tristeza e desgraça.

— O que tens, Emélia? — perguntei-lhe.

Ele desatou a tremer. Tremia... porque era a primeira vez que eu lhe dirigia a palavra desde aquele dia.

— Nada, Astáfi Ivánovitch.

— Por amor de Deus, Emélia, manda aquilo tudo para o diabo. Por que é que te pões assim, feito um mocho? — Tive muita pena dele.

— Por nada, Astáfi Ivánovitch... Quero arranjar trabalho, Astáfi Ivánovitch.

— Qual trabalho, Emelian Iliitch?

— Não sei, um qualquer. Talvez possa entrar para o serviço, como dantes; já fui pedir a Fedossei Ivánitch... Não é correto que eu o tenha ofendido, Astáfi Ivánovitch. Eu, Astáfi Ivánovitch, quando arranjar emprego, pago-lhe tudo, recompenso a sua hospitalidade.

— Deixa lá, Emélia, deixa lá isso; isso já passou, esse pecado já lá vai! Que se amole! Vamos fazer uma vida como antes.

— Não, Astáfi Ivánovitch, o senhor talvez ainda pense... mas olhe que eu não mexi nas calças...

— Pronto, como queiras. Por amor de Deus, Emeliánuchka!

— Não, Astáfi Ivánovitch. Acho que já não posso viver consigo. Desculpe, Astáfi Ivánovitch.

— Deixa lá isso, quem é que te está a ofender, Emelian Iliitch, quem é que te põe no olho da rua? Eu é que não!

— Não, para mim é indecoroso viver assim em sua casa, Astáfi Ivánovitch... É melhor eu ir-me embora...

Pronto, o homem estava ressentido, não parava de repetir sempre a mesma coisa. Olhei para ele: efetivamente levantou-se e deitou o capote pelos ombros.

— Mas para onde pensas que vais, Emelian Iliitch? Tem juízo: o que é que ias fazer? Para onde é que ias?

— Não, adeus, Astáfi Ivánovitch, não me retenha (e voltou a choramingar). Vou-me embora, é melhor. O senhor agora já não é como antes.

— Não sou como antes porquê? Sou o mesmo. Só que tu, Emelian Iliitch, vais ficar perdido como uma criança sem juízo.

— Não, Astáfi Ivánovitch, o senhor, agora, quando sai de casa fecha a arca à chave, eu bem vejo, Astáfi Ivánovitch, e farto-me de chorar... Não, é melhor deixar-me ir, Astáfi Ivánovitch, e perdoe-me se o ofendi nalguma coisa no nosso convívio.

E o que é que acha então que sucedeu, meu caro senhor? Foi-se embora mesmo. Esperei um dia por ele, pensava que ele, à noite, ia voltar... mas não! No outro dia também não voltou, no terceiro também não. Assustei-me, andava aflito, não comia, não bebia, não dormia. Aquele homem tinha-me desarmado por completo. Ao quarto dia procurei-o em todas as tabernas... espreitava, perguntava por ele... nada, o Emeliánuchka tinha desaparecido! «Será que deste cabo da tua vida desgraçada e agora, como um tronco podre, estás deitado numa berma qualquer?», pensava eu. Voltei para casa mais morto do que vivo. Resolvi ir à procura dele também no dia seguinte. E amaldiçoava-me: como era possível que eu deixasse aquele homem estúpido entregue ao seu próprio destino? Mas, no quinto dia, o tal dia santo de festa, ao amanhecer, a minha porta rangeu. E o que foi que eu vi? O Emélia, com a pele azulada, com o cabelo todo cheio de lama, como se tivesse dormido ao relento, magro como uma estilha. Tirou o capote, sentou-se ao meu lado em cima da arca, olhou para mim. Fiquei contente, é claro, mas logo a seguir espetou-se-me uma mágoa na alma ainda maior do que antes. As coisas são assim, meu caro senhor: a mim, se me acontecesse cometer um pecado como ele cometeu, juro-lhe que mais depressa esticaria o pernil como um cão do que voltaria! Ora, o Emélia voltou! Naturalmente que é muito doloroso ver um homem naquela situação. Comecei a acarinhá-lo, a consolá-lo. «Estou contente por teres voltado, Emeliánuchka. Se tivesses chegado um

pouco mais tarde já não me apanhavas, porque eu ia outra vez à tua procura pelas tabernas. Comeste alguma coisa?»

— Comi, Astáfi Ivánovitch.

— Comeste? Isso é mesmo verdade? Olha, há aqui os restos da sopa de ontem, uma sopa de repolho com carne, é substancial; e também cebola com pão. Come, faz bem à saúde.

Servi-lhe a sopa e vi logo que o homem estava com uma fome de três dias, tal era a vontade com que comia. Queria isso dizer que tinha sido a fome que o trouxera a minha casa. Até me comovi a olhar para ele, coitado. Vou à loja dos vinhos, pensei. Trago-lhe vinho, que ele alivie a alma, e acabemos com isto, já basta! Já não te guardo rancor, Emeliánuchka! Trouxe o vinho. Aqui está, Emeliánuchka, vamos beber, hoje é dia de festa. Queres? Não te faz mal.

Estendeu a mão com avidez para o copo, já ia pegar nele, mas susteve-se; depois esperou um pouco, pegou finalmente no copo, levou-o à boca e derramou-se-lhe um pouco de líquido na manga. Ainda chegou a levar o copo à boca, mas acabou por pousá-lo na mesa sem beber.

— Então, Emeliánuchka?

— Não. Eu, Astáfi Ivánovitch, quer-se dizer...

— Não bebes?

— É que, Astáfi Ivánovitch, acho que... não vou beber mais, Astáfi Ivánovitch.

— Como é, Emeliánuchka, resolveste deixar de beber para sempre ou apenas hoje?

Não respondeu. Olhei para ele e vi que inclinava a cabeça e a apoiava na mão.

— O que é que tens, Emeliánuchka, estás doente?

— Pois... é que não estou muito bem, Astáfi Ivánovitch.

Deitei-o na cama. Então é que vi que ele estava mesmo mal, cheio de febre, a testa a arder. Fiquei ao pé dele todo o dia. Ao princípio da noite, piorou. Misturei kvass com óleo e cebola, meti lá para dentro uns bocados de pão, e disse-lhe: come estas migas, a

ver se ficas bem! Abanou a cabeça e disse: «Não, Astáfi Ivánovitch, hoje não almoço.» Incomodei a velha, preparei-lhe um chá, porque não há nada melhor do que o chá. E pensei cá para mim: pois é, o homem está mal! No terceiro dia, de manhã, fui buscar um médico que vivia perto de mim, um conhecido meu já desde os tempos em que eu estava em casa dos senhores Bossomiáguin, o Kostoprávov, uma vez tratou de mim. Chegou o médico, examinou-o. «Ele está mal — disse-me. — Nem valia a pena chamar-me. De resto, podemos dar-lhe uns pós.» Pois bem, não lhe dei pós nenhuns, acho que o médico não estava a falar a sério. Emelian Iliitch chegou ao quinto dia de doença.

Eu, sentado no peitoril com o trabalho nas mãos; ele, ali deitado, a agonizar aos meus olhos. A velha acendia o fogão. Estávamos todos calados. E o meu coração, caro senhor, parecia que se rasgava, como se estivesse a assistir à morte de um filho querido. Eu sabia que o Emélia estava a olhar para mim, ainda de manhã tinha visto o que o homem sofria para me dizer qualquer coisa mas não arranjando coragem para a dizer. Por fim, olhei para ele: vi que, nos olhos que o desgraçado não tirava de mim, havia grande aflição! Mas, quando reparou que eu olhava para ele, baixou logo os olhos.

— Astáfi Ivánovitch!

— O que é, Emeliánuchka?

— Se, por exemplo, levarem o meu capote para a feira da ladra, quanto darão por ele, Astáfi Ivánovitch?

— Pois... Emelian Iliitch — disse-lhe eu —, não sei quanto te dariam por ele. Talvez três rublos, Emelian Iliitch.

Digo eu que, se de facto levássemos o capote para a feira, não nos dariam nada por ele, riam-se-nos na cara por querermos vender uma miséria daquelas. Eu tinha-lhe dito aquilo só para lhe agradar, coitadinho, até porque sabia o simplório que ele era.

— Mas eu pensava, Astáfi Ivánovitch, que eles dariam não só três rublos, mas três rublos de prata; porque é um capote de fazenda,

Astáfi Ivánovitch. Como é que eles podem dar só três rublos se é de fazenda?

— Não sei, Emelian Iliitch — disse-lhe eu. — Se o quiseres vender, acho que tens de começar por pedir logo três rublos por ele.

Calou-se por uns momentos. Depois voltou a chamar-me:

— Astáfi Ivánovitch!

— O que é, Emeliánuchka?

— Venda o capote quando eu morrer, não me enterre com ele. Eu passo bem sem ele no caixão; ora, este capote é valioso, pode ser útil para si.

Então, meu caro senhor, deu-me um tal aperto no coração que nem sei explicar o que senti. Vi que já estava a tomar conta do homem a aflição da agonia.

Ficámos de novo calados. Passou-se mais ou menos uma hora. Olhei outra vez para ele: não deixava de olhar para mim, mas quando os nossos olhos se cruzaram, baixou os dele mais uma vez.

— Não queres água, Emelian Iliitch?

— Dê-me um pouco, sim, Astáfi Ivánovitch.

Dei-lhe água. Bebeu um pouco.

— Obrigado, Astáfi Ivánovitch.

— Queres mais alguma coisa, Emeliánuchka?

— Não, Astáfi Ivánovitch, não preciso de mais nada. Ora bem, é que eu...

— Tu o quê, Emelian Iliitch?

— É uma coisa...

— O quê, Emeliánuchka?

— As calças... é que... fui eu que as levei, Astáfi Ivánovitch...

— Ora — disse eu —, Deus perdoa-te, Emeliánuchka, pobre coitado! Vai em paz para junto de Deus... — E cortou-se-me a respiração, começaram-me a cair as lágrimas dos olhos. Virei-lhe a cara por uns momentos.

— Astáfi Ivánovitch...

Vi que o Emélia me queria dizer qualquer coisa, tentava soerguer-se na cama com esforço, mexia os lábios... De repente ficou muito

vermelho, a olhar para mim... Depois vi que ele, de repente, voltava a ficar muito branco, e desfalecia num instante; lançou a cabeça para trás, suspirou e entregou a alma ao Senhor.

1 *Bekes* (húngaro) é uma espécie de cafetã curto com gola e forrado de pele. (NT)

UMA FESTA COM ÁRVORE DE NATAL E UM CASAMENTO

Dos cadernos de um desconhecido

Há dias assisti a um casamento... mas não! É melhor que vos conte sobre uma festa com árvore de Natal que eu vi. O casamento foi bom, gostei muito, mas a outra festa foi melhor. Não sei porquê, mas, ao assistir ao casamento, lembrei-me da festa da árvore. Aconteceu assim: cinco anos atrás, na véspera do ano novo, fui convidado para um baile infantil. O anfitrião era um homem de negócios muito conhecido, com boas relações na sociedade, batido em intrigas, pelo que era possível supor-se que este baile de crianças fosse um pretexto para os pais se reunirem e falarem de assuntos importantes de maneira desprendida, ocasional, espontânea. Eu era um homem alheio a isso tudo e, não tendo portanto quaisquer assuntos a tratar com ninguém, passei um fim de tarde de forma bastante independente. Havia lá mais um senhor, de condição modesta e sem linhagem nobre, a quem também aconteceu, tal como a mim, assistir à festa da feliz família... A primeira pessoa em quem reparei foi esse homem. Era alto, magro, muito sério, vestido com bastante decoro. Mas era visível que não estava inclinado para as alegrias e para a felicidade da família; quando se afastava para qualquer canto, deixava imediatamente de sorrir e carregava o seu sobrolho espesso e negro. Além do anfitrião, não conhecia mais ninguém presente no baile. Via-se que se aborrecia muito mas que suportava fazer até ao fim, heroicamente, o papel do convidado feliz e cheio de animação. Eu viria a saber mais tarde que se tratava de um senhor da província que tinha um assunto muito sério e complicado para tratar na capital, e que trouxera para o dono da casa uma carta de

recomendação, pelo que este se via obrigado a dar-lhe proteção, mas não *con amore*, tendo-o convidado para o seu baile infantil apenas por delicadeza. Não se jogava às cartas, não lhe ofereceram um charuto, ninguém conversava com ele, tendo os outros convidados reconhecido nele, talvez, o pássaro pela penugem. Por isso o sobredito senhor andava por ali sem saber onde meter as mãos, cofiando por isso as suas suíças durante todo o serão. Umas suíças, aliás, de excelente qualidade. Porém, alisava-as com tanta aplicação que, olhando para ele, nos passava realmente pela cabeça que, nele, no princípio tinham sido criadas as suíças e só depois o homem, para as alisar.

Além desta figura, participando deste modo na felicidade da família do anfitrião, pai de cinco filhos varões bem tratados, gostei de mais um senhor. Mas este era de um género absolutamente diferente. Chamava-se Iulian Mastákovitch. Logo ao primeiro olhar, ficava claro que era o convidado de honra e que as relações dele com o anfitrião eram semelhantes às relações do anfitrião com o senhor que cofiava as suíças. Os donos da casa diziam à personalidade um mar de amabilidades, cuidavam dele, serviam-lhe o vinho, mimavam-no e levavam junto dele os convidados para lhe serem apresentados e nunca o contrário. Reparei que nos olhos do anfitrião cintilaram lágrimas quando Iulian Mastákovitch observou que raramente passara momentos tão agradáveis como naquele serão. Senti uma espécie de medo na presença dessa personalidade, por isso, depois de contemplar com prazer as crianças, saí para uma saleta pequena que estava absolutamente vazia e sentei-me lá, do lado do pavilhão das flores da dona de casa, que ocupava quase metade da sala.

Todas as crianças eram incrivelmente queridas e não queriam, em definitivo, imitar os *grandes*, apesar de toda a persuasão das preceptoras e das mãezinhas. Desnudaram toda a árvore num instante, até ao último rebuçado, e já tinham tido tempo de estragar metade dos brinquedos antes de saberem qual era para quem. Era sobremaneira engraçado um rapazinho de olhos negros e cabelo

encaracolado que insistia em matar-me com a sua espingarda de pau. Mas quem atraía as atenções gerais era a irmã dele, menina dos seus onze anos, encantadora como um Amor, quietinha, pensativa, pálida, com grandes olhos proeminentes. Como as crianças lhe tinham feito uma qualquer ofensa, ela refugiou-se também na saleta onde eu estava sentado e, num cantinho, começou a brincar com a sua boneca. Os convidados apontavam com respeito para um rico concessionário do Estado, pai dela, e havia quem observasse em sussurro que já lhe tinham sido destacados, como dote, trezentos mil rublos. Voltei-me para ver quem estava com tanta curiosidade por este facto, e os meus olhos logo recaíram sobre Iulian Mastákovitch que, de mãos atrás das costas e com a cabeça um pouco de viés, escutava com extraordinária atenção a vaniloquência desses senhores. Depois, não deixei de admirar a sabedoria dos anfitriões no tocante à distribuição das prendas entre as crianças. A menina que já tinha trezentos mil rublos de dote recebeu uma riquíssima boneca. Seguiram-se as outras prendas, inferiores, baixando de nível consoante as categorias de todas essas felizes crianças. Finalmente, a última criança, um rapazinho de dez anos, magrinho, pequeno, sardento e de cabelo ruivo, recebeu apenas um livro de novelas que falavam da grandeza da natureza, das lágrimas de ternura, etc., sem ilustrações e sem sequer monograma. Era o filho da preceptora dos filhos dos anfitriões, uma viúva pobre; o rapaz parecia extremamente intimidado. Vestia um casaquinho de nanquim barato. Depois de ter recebido o seu livro, andou durante muito tempo ao lado dos brinquedos; apetecia-lhe muito brincar com as outras crianças mas não se atrevia; tinha todo o ar de quem já sentia e compreendia a sua situação. Gosto muito de observar as crianças. É curiosíssima a sua primeira manifestação independente do carácter. Reparei que o garoto ruivo ficou de tal maneira fascinado pelos brinquedos ricos das outras crianças e pelas suas brincadeiras, sobretudo pelo teatro, em que lhe apetecia muito ter um papel, que resolveu bajular os outros. Sorria muito para as

outras crianças, lisonjeava-as, chegando ao ponto de oferecer a sua maçã a um miúdo balofo que já tinha um lenço cheio de guloseimas e de carregar com outro às cavalitas, apenas para que não o pusessem de parte. Não obstante, não tardou que um traquinas qualquer lhe administrasse uma sova. O ruivo não se atreveu a chorar. Nisto chegou a preceptora, mãezinha do rapaz, e ordenou-lhe que não estorvasse as brincadeiras das outras crianças. O garoto refugiou-se também na saleta onde já estava a menina. Esta deixou-o brincar com ela, e puseram-se ambos, com entusiasmo, a ataviar a rica boneca.

Eu já estava havia meia hora no pavilhão circundado de heras e quase adormecera, escutando o tagarelar do ruivinho com a beldade dos trezentos mil rublos de dote, todos atarefados com a boneca, quando entrou de repente na sala Iulian Mastákovitch. Aproveitara-se de uma discussão escandalosa entre as crianças para se esgueirar, sorrateiro, da sala grande. Eu já tinha reparado que, uns momentos antes, ele mantivera uma conversa ardorosa com o paizinho da futura noiva rica, que acabara de conhecer, conversa que versava sobre as vantagens de determinado serviço sobre outro. Agora estava pensativo e parecia fazer contas de cabeça.

— Trezentos... trezentos — sussurrava. — Onze... doze... treze, tal, tal. Dezasseis... cinco anos! Digamos, quatro por cento, faz doze... vezes cinco, faz sessenta... e estes sessenta... digamos que, dentro de cinco anos, fazem quatrocentos. Sim! Então... Mas também não pode ser que esse malandro faça só quatro por cento! Talvez oito ou dez por cento. Bom, digamos então quinhentos mil, pelo menos, isso de certeza; e o que sobrar é para os trapos, humm...

Terminando as suas cogitações, assoou o nariz e já ia sair da saleta quando viu de súbito a miúda. Parou. A mim não me via, porque eu estava atrás dos vasos das plantas. O senhor parecia-me emocionadíssimo. Fosse porque os cálculos que fizera tinham surtido os seus efeitos, fosse por qualquer outra coisa, o certo é que

não parava quieto e não se cansava de esfregar as mãos. A sua emoção ia crescendo até *nec plus ultra*², mas depois parou e lançou um olhar resolutivo à futura noiva. Já ia a avançar para ela, mas primeiro olhou à volta. Depois, em bicos de pés, com um ar que parecia culpado, começou a aproximar-se da criança. Esboçou um sorrisinho, inclinou-se e beijou-a na cabeça. A miúda, que não esperava o ataque, soltou um grito assustado.

— O que está a fazer aqui, minha linda menina? — perguntou ele num sussurro, olhando para trás de vez em quando e dando pancadinhas nas bochechas da garota.

— Estamos a brincar...

— Ai é? Com ele? — Iulian Mastákovitch olhou de soslaio para o rapazinho. — Tu, meu caro, vai para a sala — disse ao rapaz.

O rapaz calava-se e olhava para ele com os olhos muito abertos. Iulian Mastákovitch olhou de novo ao seu redor e inclinou-se para a miúda.

— E isso o que é, minha linda menina, é uma bonequinha? — perguntou.

— É uma boneca, pois — respondeu a miúda, de rosto franzido e um pouco tímida.

— Uma boneca... Mas, linda menina, sabe de que é feita a sua boneca?

— Não sei... — sussurrou a rapariga, baixando muito a cabeça.

— De trapinhos, alminha... Era melhor ires para a sala, para junto dos teus companheiros — disse Iulian Mastákovitch ao rapazinho, olhando-o com severidade. A miúda e o rapaz franziram as caras e agarraram-se um ao outro. Não queriam separar-se.

— A menina sabe por que lhe ofereceram esta boneca? — perguntou Iulian Mastákovitch, baixando cada vez mais a voz.

— Não sei.

— Porque a menina foi querida e bem comportada toda a semana.

Então, muito emocionado, Iulian Mastákovitch olhou à volta e, baixando a voz cada vez mais, perguntou-lhe numa voz quase a

apagar-se de emoção e impaciência:

— Diga-me: vai gostar de mim quando eu visitar os seus pais?

Dizendo isto, Iulian Mastákovitch quis beijar mais uma vez a linda menina, mas o ruivinho, vendo que ela estava prestes a chorar, agarrou-lhe nas mãos e choramingou de compaixão. Iulian Mastákovitch enraiveceu-se.

— Fora, fora daqui, embora! — disse ao garoto. — Vai para a sala, vai para lá, onde estão os da tua idade!

— Não, não! O senhor é que deve sair daqui — disse a menina. — Deixe-o, deixe-o em paz! — dizia ela, quase a chorar.

Ouviu-se um barulho qualquer à porta. Iulian Mastákovitch endireitou de imediato o seu corpo majestoso e assustou-se. Mas o ruivinho assustou-se ainda mais do que Iulian Mastákovitch, abandonou a menina e, devagarinho, cosendo-se contra a parede, saiu da sala e foi para a de jantar. Para evitar suspeitas, Iulian Mastákovitch também foi para a sala de jantar. Estava vermelho como um lagostim e, olhando-se no espelho, como se envergonhou de si mesmo. Talvez o desgostasse a sua impaciência e pressa. Ou talvez o tivessem impressionado tanto as suas contas de cabeça, o tivesse aliciado e inspirado tanto que, apesar de ser um homem importante e sério, cedeu à tentação de se comportar como um rapaz leviano e abordar o seu objeto diretamente, apesar de esse objeto apenas dentro de cinco anos, pelo menos, poder ser o seu objeto. Seguiu o respeitável senhor para a sala de jantar e assistiu a um espetáculo estranhíssimo. Iulian Mastákovitch, todo vermelho de desgosto e raiva, continuava a assustar o rapazinho ruivo que, morto de medo, já não sabia onde se havia de meter.

— Lá para fora, sai daqui, o que estás aqui a fazer, seu malandro? Andas a roubar a fruta? Tu roubas a fruta? Sai daqui malandro, fora, moncoso, vai ter com os da tua idade!

O rapaz, assustado, decidiu recorrer a um meio desesperado, isto é, tentou meter-se debaixo da mesa. Então, o seu perseguidor, exaltado até ao último grau, tirou o seu lenço comprido de cambraia e, com ele, pôs-se a enxotar a intimidada criança de debaixo da

mesa. É de notar que Iulian Mastákovitch era um pouquinho gorducho. Era um homem cheiinho, de bochechas vermelhas, rechonchudo, barrigudinho, com coxas gordas, enfim, era bem guarnecido, como se costuma dizer, redondinho como uma noz. Suava, resfolegava e enrubescia terrivelmente. Por fim, tão grande era a sua indignação (ou os seus ciúmes, talvez?) que se encarniçou. Eu ri-me às gargalhadas. Iulian Mastákovitch virou-se e, apesar de toda a sua importância, ficou muito confuso. Então, pela porta oposta, entrou o dono da casa. O garoto saiu de debaixo da mesa e pôs-se a limpar os joelhos e os cotovelos. Iulian Mastákovitch apressou-se a levar ao nariz o lenço que segurava por uma ponta.

O anfitrião olhou com certa perplexidade para nós os três, mas, como homem prático e que encarava a vida do ponto de vista sério, aproveitou a ocasião para ficar a sós com o seu convidado.

— É este rapaz — disse ele, apontando para o ruivinho — por quem eu tive a honra de fazer-lhe o pedido...

— O quê? — disse Iulian Mastákovitch, que ainda não se recompusera por completo.

— É o filho da preceptora dos meus filhos — continuou o anfitrião em tom de súplica. — Ela é uma senhora pobre, viúva de um funcionário honesto; por isso... Iulian Mastákovitch, se possível...

— Ah, não, não — disse apressadamente Iulian Mastákovitch em voz gritada —, não, desculpe, Filipp Alekséevitch, é impossível. Já me informei, não há vagas, e mesmo que houvesse já há dez candidatos para cada vaga que têm muito mais direito do que ele... Lamento, lamento...

— Que pena — disse o anfitrião —, o garoto é modesto, sossegado...

— Eu acho que ele é um grande traquinas — respondeu Iulian Mastákovitch, entortando histericamente a boca. — Vai, rapaz, vai, o que estás aqui a fazer? Vai ter com os da tua idade! — disse, dirigindo-se ao garoto.

Neste ponto, pelos vistos não aguentou e olhou para mim pelo rabo do olho. Eu também não aguentei e ri-me na cara dele. Iulian Mastákovitch virou-me a cara e perguntou de forma bastante audível quem era «este jovem estranho». Começaram os dois a cochichar e saíram da sala. Vi depois que Iulian Mastákovitch, depois de ter ouvido o anfitrião, abanou a cabeça com desconfiança.

Eu, depois de me ter fartado de rir, voltei para a sala grande. Ali, o grande homem, rodeado de pais e mães de família, e também dos anfitriões, estava a explicar qualquer coisa com ardor a uma senhora junto da qual acabara de ser levado. A senhora segurava pela mão a menina da boneca com quem Iulian Mastákovitch tivera aquela cena na saleta. Agora, Iulian Mastákovitch desfazia-se em louvores e admiração relativamente à beleza, aos talentos, à graça e à boa educação da adorável criancinha. Bajulava notoriamente a mãezinha. Esta ouvia-o quase com lágrimas de admiração. Os lábios do pai sorriam. O anfitrião estava contente com as manifestações de alegria geral, já que todos os convidados compartilhavam este espírito alegre, e até os jogos das crianças foram interrompidos para que a conversa não fosse estorvada. O ar estava impregnado de veneração. Ouvei depois a mãezinha da interessante menina, em expressões esmeradas, a pedir a Iulian Mastákovitch que lhe desse a grande honra de oferecer à sua família a preciosa amizade dele, Iulian Mastákovitch; ouvi depois com que sincero entusiasmo Iulian Mastákovitch aceitou o convite e como, depois, os convidados se dispersaram por delicadeza para todos os lados, desfazendo-se em louvores comovidos ao concessionário do Estado, à sua esposa, à menina e, sobretudo, a Iulian Mastákovitch.

— Este senhor é casado? — perguntei quase em voz alta a um dos meus conhecidos que estava mais perto de Iulian Mastákovitch.

Iulian Mastákovitch lançou-me um olhar desconfiado e raivoso.

— Não! — respondeu o meu conhecido, triste até ao fundo da alma por causa das minhas inconvenientes e intencionais palavras...

Ainda há pouco tempo, passava eu junto da igreja de ***, e a multidão ali reunida impressionou-me. Falava-se do casamento que ali decorria. O dia estava cinzento, começava a cair uma água-neve; seguindo a multidão, entrei na igreja e vi o noivo. Era um homenzinho pequeno, redondinho, cheiinho, barrigudinho, todo aperaltado. Corria, azafamava-se, dava ordens. Por fim correu pela multidão o rumor de que já traziam a noiva. Furei através da multidão e vi uma beldade divina em que ainda mal despontava a primeira primavera. Mas a beldade estava triste e pálida, e trazia um olhar distraído; pareceu-me, até, que os olhos dela estavam vermelhos de lágrimas recentes. O rigor clássico de cada traço do seu rosto dava à beleza dela imponência e solenidade, o que não impedia que, através deste rigor e solenidade, através da tristeza, transparecesse a sua primeira imagem de marca, a imagem infantil e inocente; revelava-se nela qualquer coisa de muito ingénuo, ainda imaturo, verde e que parecia suplicar piedade.

Diziam que ainda mal acabara de fazer dezasseis anos. Olhando com atenção para o noivo, reconheci Iulian Mastákovitch, que vira pela última vez havia cinco anos certos... Meu Deus! Furei de volta por entre a multidão, até à saída da igreja. Entre o povo ali reunido dizia-se que a noiva era rica, que tinha quinhentos mil rublos de dote... Mais tanto, tanto e tanto de enxoval...

«O cálculo dele estava correto!», pensei eu, saindo finalmente para a rua.

[2](#) Até aos últimos limites (lat.).

O PEQUENO HERÓI

De umas memórias inéditas

Eu tinha, então, quase onze anos. Em Julho, mandaram-me de visita ao meu parente T...v, à sua aldeia nas cercanias de Moscovo, onde naquele momento estavam reunidos cinquenta convidados ou mais... não me lembro, não os contei. O ambiente era ruidoso e divertido. Parecia uma festa que tinha começado para nunca mais acabar, e que o nosso anfitrião tinha jurado desbaratar o mais depressa possível a sua enorme fortuna; de resto, há pouco tempo ele conseguiu cumprir tal suposição, isto é, esbanjou tudo até à última migalha. A cada momento chegavam novos convidados. Moscovo ficava a dois passos, mesmo à vista, quem se ia embora cedia o seu lugar aos que chegavam, e a festa continuava. Os divertimentos sucediam-se uns aos outros, não tinham fim as novas invenções. Ora se faziam passeios a cavalo pelas redondezas, em grandes grupos; ora passeios à floresta ou pelo rio; ora piqueniques, almoços ao ar livre; ora jantares no grande terraço da casa, com três renques de flores preciosas nos vasos inundando com a sua fragrância o fresco ar noturno, com uma iluminação forte sob a qual as senhoras, quase todas muito lindas, pareciam ainda mais encantadoras com os rostos animados pelas sensações do dia, com os seus olhos brilhantes, com a animação das suas conversas cruzadas, acompanhadas pelos risos sonoros como campainhas; ora havia danças, músicas, cantos; quando o céu estava sombrio, inventavam-se quadros vivos, jogava-se às charadas, aos provérbios, organizavam-se espetáculos amadores. Havia muitos tagarelas, contadores de histórias, brincalhões.

Várias pessoas se destacavam em primeiro plano. É evidente que a má-língua e os mexericos seguiam o seu curso habitual, já que

sem eles o mundo não existiria e milhões de pessoas, sem eles, morreriam de tédio como moscas. Porém, como eu tinha apenas onze anos, não prestava atenção a essas pessoas, distraído que era por outros assuntos, e mesmo que me desse conta era de pouca coisa. Só mais tarde me vi obrigado a lembrar. Apenas o lado brilhante da festa saltava aos meus olhos infantis, e aquela animação geral, o brilho, o barulho — tudo isso que eu nunca tinha visto nem ouvido antes — impressionou-me tanto que nos primeiros dias andava confuso e com a cabeça às voltas.

Mas, repito, trata-se dos meus onze anos e de eu ser tão-só uma criança. Muitas daquelas belas senhoras, ao acariciarem-me, ainda não pensavam em perguntar-me a idade. Porém — coisa estranha! — já se apoderava de mim uma sensação incompreensível; havia já qualquer coisa que me aflorava o coração, qualquer coisa que o meu coração até então desconhecia, ignorava; às vezes fazia-o arder e palpitar como que de susto e, não raro, um vermelho repentino inundava-me as faces. Às vezes tinha vergonha e chegava a ficar ofendido com os meus privilégios infantis. Outras vezes apoderava-se de mim uma espécie de espanto e ia para qualquer lado onde não pudessem ver-me, como se quisesse recuperar o fôlego e recordar uma coisa que até ao momento julgava conhecer muito bem mas que, de repente, esquecera, e sem a qual não podia passar nem aparecer entre as pessoas.

Por último, parecia-me que estava a ocultar qualquer coisa de toda a gente, mas não falava disso a ninguém porque o pequeno homenzinho que eu era se envergonhava até às lágrimas. No meio do turbilhão que me rodeava, não tardei a sentir uma espécie de solidão. Havia mais crianças, mas todas muito mais novas ou muito mais velhas do que eu; de resto, não me interessavam. É claro que não me teria acontecido nada se não estivesse numa situação excepcional. Aos olhos de todas aquelas belas senhoras, eu era ainda uma criatura pequena e indefinida que elas gostavam de acarinhar e com que lhes era possível brincar como com um boneco pequeno. Sobretudo uma delas, uma loira fascinante, com um

cabelo espesso e luxuoso, que eu nunca viria a ver mais nem, pelos vistos, verei, parecia ter jurado não me deixar em paz. A mim envergonhava, e a ela divertia, o riso que ela provocava à nossa volta com as brincadeiras bruscas e caprichosas que fazia comigo e que lhe davam um grande prazer. Entre as colegas do internato chamar-lhe-iam com certeza infantil. Era divinamente bela, e havia na sua beleza qualquer coisa que saltava à vista logo à primeira. E, é claro, em nada se parecia com aquelas pequenas loirinhas envergonhadas, branquinhas como penas e ternas como ratinhos brancos ou filhas de um padre protestante. Era de pequena estatura e um tanto gorducha, mas com finos e delicados traços de rosto, de contornos fascinantes. Havia naquele rosto uma qualquer cintilação de raio (aliás, toda ela era fogo: viva, rápida, leve). Dos seus olhos grandes e abertos pareciam cair faíscas; brilhavam como diamantes, e eu nunca trocava aqueles olhos azuis-claros e faiscantes por quaisquer olhos negros, nem que fossem mais negros que o mais negro dos olhares andaluzes; a sério, a minha loira não era nada pior do que aquela famosa morena cantada pelo célebre e maravilhoso poeta que nos seus excelentes versos jurava por toda a Castela que estava pronto a partir os próprios ossos se lhe permitissem tocar só com a ponta do dedo a mantilha da sua bela. É de acrescentar que a *minha* bela era a mais alegre de todas as belas do mundo, a mais voluntariosa das amigas de rir, ágil como uma criança, apesar de estar casada havia já cinco anos. O riso nunca abandonava a sua boca, fresca como uma rosa matinal que, ao primeiro raio do sol, fazia desabrochar o seu botão vermelho e aromático em que ainda não tinham secado as gotas frias e graúdas de orvalho.

Lembro-me de que no segundo dia após a minha chegada foi organizado um teatro amador. A sala estava repleta e, não me lembro porquê, como cheguei atrasado e não havia um lugar livre, tive de me deliciar de pé com o espetáculo. A peça alegre como que me puxava para a frente e, a pouco e pouco, avancei até às primeiras filas, onde fiquei, apoiado ao espaldar da cadeira onde se

sentava uma senhora. Era precisamente a minha loira, mas nessa altura ainda não nos conhecíamos. Então, sem querer, não tirava os olhos dos ombros dela, divinamente arredondados, sedutores, rechonchudos e brancos como espuma de leite, embora me fosse perfeitamente indiferente olhar para uns ombros femininos ou para a touca com laços cor de fogo que cobriam o cabelo branco de uma senhora idosa da primeira fila. Ao lado da loira estava sentada uma velha solteirona, uma daquelas que, como viria a acontecer-me reparar mais tarde, costumam acomodar-se pertinho das mulheres bonitas e jovens, preferindo aquelas que não gostam de afastar de si os jovens. Ora, não se trata disso: logo que a solteirona reparou nos meus olhares, inclinou-se para a sua vizinha e, com uns risinhos, segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Esta virou-se bruscamente e, lembro-me, os seus olhos de fogo cintilaram para mim na penumbra, e eu, como não estivesse preparado para o embate, estremeci como se me queimasse. A beldade sorriu.

— Está a gostar do espetáculo? — perguntou, fitando-me nos olhos com manha e ironia.

— Estou — respondi, olhando para ela com um espanto que, pelos vistos, lhe agradou.

— Mas por que está de pé? Assim fica cansado; não tem lugar?

— É por isso, não tenho — respondi, passando a comover-me mais com esta sua preocupação comigo do que com os olhos faiscantes da bela, e muito contente, a sério, por ter encontrado finalmente um bom coração a quem podia revelar o meu azar. — Já procurei, as cadeiras estão todas ocupadas — acrescentei, em tom de queixa.

— Anda cá — disse ela com prontidão, tão rápida em todas as suas decisões como em relação a qualquer ideia caprichosa que cintilasse na sua cabeça desvairada —, anda cá e senta-te ao meu colo.

— Ao colo?... — repeti, perplexo.

Disse já que os meus privilégios infantis começavam a ofender-me e a envergonhar-me seriamente. A senhora estava a levar a sua

brincadeira longe demais. Além disso eu, sempre tímido e envergonhado, com as mulheres ainda o era mais, por isso fiquei terrivelmente confuso.

— Sim, ao colo! Por que não queres sentar-te ao meu colo? — insistia ela, rindo-se cada vez mais, já às gargalhadas, sabia-se lá porquê, por fantasia sua ou por ver-me envergonhado. Era disso mesmo que ela precisava.

Corei e olhei em volta, envergonhado, procurando saída para fugir; mas já ela se me antecipava e me pegava na mão, impedindo-me a fuga, e, puxando-me para si, para meu grande espanto logo me apertou dolorosamente a mão nos seus dedinhos quentes e traquinas, e começou a torcer-me os dedos de tal modo que eu fazia grande esforço para não gritar, com caretas pelos vistos muito cómicas. Além disso, fiquei extremamente surpreendido, atrapalhado e até aterrorizado ao saber que existiam senhoras brincalhonas e mazinhas que diziam semelhantes disparates aos rapazes e os beliscavam tão cruelmente, sem qualquer motivo e, ainda por cima, na presença de toda a gente. Por certo que a minha cara refletia todas as minhas perplexidades porque a traquinas se ria na minha cara como uma maluca enquanto continuava a torcer e a beliscar os meus pobres dedos cada vez mais. Exultava com o prazer de ter feito uma asneira infantil, de envergonhar um pobre garoto, de o embaraçar. A minha situação tornava-se desesperada. Em primeiro lugar, ardia de vergonha porque quase toda a gente se tinha voltado para nós, alguns perplexos, outros a rirem por perceberem que a beldade fizera uma asneira. Além disso, tinha vontade de gritar porque ela, precisamente porque eu não gritava, me magoava os dedos com fúria; ora, como um espartano, eu decidi suportar a dor, com medo de provocar um alarido qualquer, não sabendo o que depois me poderia acontecer. Num acesso de desespero, comecei finalmente a lutar e a dar puxões à minha mão para a retirar, mas a tirana era muito mais forte. Por fim, não aguentei e gritei: era isso que ela queria! Largou-me logo e virou-me as costas, como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse

sido ela quem fez aquilo mas outro qualquer, tal qual um aluno da escola que, mal o professor vira costas, faz de imediato uma malandrice qualquer, belisca um rapaz mais pequeno e fraco, ou dá-lhe um piparote, ou um pontapé, ou uma cotovelada, e logo a seguir volta-se, enfia o nariz no livro e põe-se a decorar a lição, deixando o senhor professor, que se atira como um gavião para o centro de algazarra, com um nariz de palmo e meio.

Felizmente para mim, a atenção geral estava nesse momento concentrada na mestria artística do nosso anfitrião que fazia na peça apresentada (uma comédia qualquer de Scribe) o papel principal. Toda a gente aplaudiu; eu, aproveitando-me disso, fugi e meti-me no canto mais longínquo da sala, donde, escondido por trás de uma coluna, olhava aterrorizado para a pérfida beldade, que continuava a rir-se, tapando a boca com o lenço. Durante muito tempo ainda ela se voltava na cadeira e me procurava por todo o lado, com pena, pelos vistos, que a nossa luta tivesse terminado tão depressa e inventando talvez mais alguma partida a pregar.

Assim começou o nosso conhecimento e, desde essa noite, ela não me largou mais. Perseguiu-me com uma desvergonha desmedida, tornou-se a minha opressora, a minha tirana. A comicidade das suas brincadeiras comigo consistia em se declarar loucamente apaixonada por mim e em cobrir-me de vergonha na presença de todos. É evidente que para mim, um rapaz asselvajado, tudo isso era desagradável e penoso até às lágrimas; por várias vezes me vi em situações tão sérias e críticas que me senti disposto a andar à pancada com a minha pérfida admiradora. A minha confusão ingénuo, a minha aflição desesperada apenas pareciam dar mais asas à sua vontade de me perseguir. Ela não conhecia a piedade, e eu não sabia onde esconder-me dela. Os risos que soavam à nossa volta, e que ela sabia tão bem provocar, incentivavam-na para novas partidas. As pessoas, porém, começaram finalmente a achar que ela ia longe demais com as suas brincadeiras. Efetivamente, quando recordo hoje tudo isso, vejo que ela se permitia coisas demais com a criança que eu era.

Mas era assim o feitio dela: uma brincalhona, nada a dizer. Ouvi mais tarde que aquilo era fruto do mimo que lhe dava o seu próprio marido, um homenzinho gorducho, de cara muito vermelha, muito rico e cheio de negócios, pelo menos aparentemente: era muito remexido, sempre atarefado, não parava no mesmo sítio mais de duas horas. Todos os dias tinha de ir a Moscovo, duas vezes nalguns dias, sempre para tratar de qualquer assunto, dizia ele. Era difícil encontrar-se fisionomia mais alegre e bondosa, mas também idónea. Não só amava a mulher até à fraqueza, a ponto de provocar compaixão nos outros, mas venerava-a como a um ídolo.

Não a limitava em nada. A senhora tinha um sem-fim de amigos e amigas. Em primeiro lugar, havia pouca gente que não gostasse dela; em segundo, a cata-vento não era muito exigente na escolha dos amigos, embora no seu carácter houvesse muito mais seriedade do que é possível imaginar-se, julgando pelo que acabei de contar. Entre todas as suas amigas, preferia e gostava mais de uma jovem senhora, sua parente longínqua, que também fazia parte dos convidados. Havia entre elas uma ligação terna e requintada, do género que surge às vezes entre dois caracteres diametralmente opostos, um mais sério, profundo e puro do que o outro que, dotado de muita resignação e do nobre sentimento da autocrítica, lhe obedece com amor, reconhecendo a superioridade do primeiro e transportando com felicidade a amizade do outro no coração. Acontece então este requinte meigo e nobre nas relações entre os dois caracteres; o amor e a condescendência até ao fim, por um lado; o amor e o respeito, pelo outro — um respeito que chega a ser uma espécie de medo, de medo por si aos olhos da pessoa a quem dá tão alto valor, e até o desejo ávido e ciumento de ficar mais íntimo no coração do amigo a cada passo que se dá na vida. As amigas eram da mesma idade, mas eram diferentes em tudo, começando na beleza. *Madame M...* também era muito bonita, mas parecia haver na sua beleza qualquer coisa que a salientava bruscamente no meio da multidão de mulheres bonitas; havia no seu rosto qualquer coisa que atraía imediata e irresistivelmente

todas as simpatias, ou melhor, que despertava uma simpatia nobre e sublime em que a encontrasse. Existem rostos assim, felizes rostos. Ao pé dela, qualquer um se sentia melhor, mais livre, mais quente; entretanto, os seus olhos tristes e grandes, cheios de fogo e força, eram tímidos e inquietos, como que sob a pressão do medo permanente de qualquer coisa hostil e perigosa, e esta estranha timidez, por vezes, envolvia com tanta tristeza os seus traços meigos e serenos, traços que lembravam os rostos límpidos das Madonas italianas, que, olhando para ela, também nos sentíamos tristes, como se fosse a nossa própria mágoa. O seu rosto pálido e magro em que, através da beleza impecável dos traços regulares e puros e da mágoa sombria e oculta, transparecia muitas vezes a imagem inicial da inocência infantil — imagem dos recentes anos de felicidade confiante e ingénuo; este sorriso meigo mas tímido, incerto — no seu todo impressionava e provocava tanta compaixão inconsciente por esta mulher que no coração de cada um nascia, involuntariamente, o sentimento doce e caloroso de lhe querer bem ainda à distância, só de nos aproximarmos dela, mesmo sem a conhecermos. Mas a bela senhora parecia taciturna, fechada, embora não houvesse criatura mais atenciosa e simpática quando alguém precisava de compaixão. Há mulheres que são como irmãs de misericórdia. Diante delas podemos não esconder nada do que dói e faz sofrer a alma. O sofrimento pode procurá-las com esperança e sem medo de incomodar porque não fazemos sequer ideia de quanto amor infinitamente paciente, de quanta compaixão e misericórdia há nalguns corações femininos. Um tesouro enorme de simpatia, de consolação e de esperança é guardado nesses corações puros, tantas vezes também feridos porque o coração que ama muito também se angustia muito; mas a ferida é cuidadosamente escondida dos olhares curiosos, pois a desgraça profunda costuma calar-se e esconder-se. Estas mulheres não se assustam com a profundidade da ferida do outro, nem com o pus nem com o fedor dessa ferida: quem as procura é logo digno delas; elas, de resto, são como se nascessem destinadas para as grandes

obras... *Madame M...* era alta, flexível e esbelta, mas magra demais. Todos os seus movimentos eram de uma certa maneira irregulares, ora vagarosos, fluentes e até imponentes, ora infantilmente precipitados; ao mesmo tempo saía dos seus gestos uma tímida resignação, alguma coisa de trémulo e desprotegido mas que não pede proteção a ninguém.

Disse já que os assédios censuráveis da pérfida loira me envergonhavam, me magoavam e feriam até ao sangue. Entretanto, havia para isso mais uma razão, estranha e estúpida que eu escondia, pela qual tremia como um avarento pelo seu tesouro, e só de pensar nisso, a sós com a minha cabeça transtornada, algures num cantinho secreto e escuro, onde não podia penetrar o olhar irónico e inquisitorial de nenhuma malandrecia de olhos azuis, só de pensar nesse assunto quase sufocava de confusão, vergonha e medo — numa palavra, estava apaixonado, ou antes, disse um disparate: isso era impossível; no entanto, por que seria que, de entre todos os rostos que me rodeavam, apenas um era contemplado pela minha atenção? Por que razão era ela a única que eu gostava de seguir com o olhar, embora naquele tempo eu ainda não tivesse qualquer interesse em seguir as senhoras e travar conhecimento com elas? Isso acontecia principalmente à noite, quando a intempérie obrigava toda a gente a ficar dentro de casa e quando eu, escondido sozinho nalgum canto da sala, olhava distraidamente a toda a volta, sem encontrar qualquer outra maneira de passar o tempo porque era raro alguém, com excepção das minhas perseguidoras, falar comigo; nessas noites aborrecia-me insuportavelmente. Então estudava os rostos, escutava as conversas, conversas de que a maior parte das vezes não percebia nada, e era nessa altura que, só Deus saberia porquê, o olhar sereno, o sorriso meigo e o rosto bonito de *Madame M...* (porque era ela) atraíam a minha atenção fascinada e pronto, nunca mais se apagava aquela minha sensação estranha, indefinida mas incompreensivelmente deliciosa. Muitas vezes eu não conseguia descolar dela, durante horas a fio, o meu olhar; trazia decorados

cada gesto, cada movimento dela, cada vibração da sua voz espessa, argentina mas um pouco abafada, e — coisa estranha! — de todas as minhas observações, juntamente com a impressão tímida e doce, resultou uma estranha curiosidade. Parecia andar em tentativa de desvendar um segredo qualquer...

O mais insuportável para mim eram as zombarias na presença de *Madame M...* No meu entendimento, tais zombarias, assim como as perseguições cômicas, só me humilhavam. E quando a risota geral incidia em mim, participando às vezes nela, involuntariamente, a própria *Madame M...*, eu, desesperado, fora de mim de amargura, libertava-me das minhas tiranas e fugia para o andar de cima, onde, como um selvagem, passava todo o fim de tarde sem me aparecer na sala. Aliás, eu próprio ainda não percebia a minha vergonha nem a minha emoção; vivia todo o processo, no meu íntimo, inconscientemente. Com *Madame M...* nem sequer trocara ainda duas palavras; também, era evidente que nunca me atreveria a isso. Ora, um fim de tarde, depois de um dia perfeitamente insuportável para mim, atrasei-me dos outros durante o passeio e, como estivesse cansadíssimo, resolvi ir para casa atravessando o jardim. Numa alameda deserta vi *Madame M...* sentada num banco. Estava sozinha, como se tivesse escolhido de propósito aquele lugar afastado, e reclinava a cabeça para o peito, amarrotando o lenço nas mãos maquinalmente. Estava tão mergulhada nos seus pensamentos que não me ouviu a aproximar.

Quando reparou em mim levantou-se rapidamente, voltou-me a cara e vi que limpava apressadamente os olhos com o lenço. Estivera a chorar. Limpos os olhos, sorriu-me e foi comigo para casa. Já não me lembro do que falámos; só sei que, a cada momento e pelos mais diversos pretextos, ela me afastava de si: que lhe fosse colher uma flor, que fosse ver quem ia a cavalo na álea ao lado. Mal eu me afastava dela, voltava a levar o lenço aos olhos e a limpar as lágrimas desobedientes que não queriam exaurir-se, lhe enchiam cada vez mais o coração e lhe corriam dos pobres olhos. Eu via que estava a incomodá-la muito, uma vez que

estava sempre a mandar-me fazer coisas, e ela também reparou que eu já percebera isso, mas não conseguia dominar-se, o que me fazia sofrer ainda mais por ela. Desesperadamente enraivecido comigo mesmo, eu amaldiçoava a minha falta de jeito e a minha inépcia, mas não via maneira de, com delicadeza, a deixar sozinha sem lhe mostrar que notara a sua aflição; continuava a seu lado, num espanto triste, cheio de medo, confuso ao extremo, sem descortinar uma palavra para manter a nossa conversa.

Este encontro deixou-me de tal forma abalado que, durante todo aquele fim de tarde, não consegui mais tirar os olhos de *Madame M...*, observando-a disfarçadamente com uma curiosidade ávida. Mas aconteceu que, por duas vezes, me apanhou a olhar para ela e, na segunda vez, sorriu. Foi o seu único sorriso naquela tarde. A tristeza ainda não lhe abandonara o rosto, agora muito pálido. Não parava de falar, em voz baixa, com uma senhora idosa, uma velha má e resmungona de que ninguém gostava por ter o hábito de espiar as pessoas e lançar boatos, mas que, por outro lado, toda a gente temia e se via na obrigação de agradar de todas as maneiras e feitios...

Por volta das dez horas chegou o marido de *Madame M...* Até então eu estivera a observá-la com toda a atenção, sem desviar os olhos dela; agora, com a entrada inesperada do marido, vi que ela estremeceu e o seu rosto ficou ainda mais pálido, branco como o papel. Isso foi tão evidente que os outros também o notaram: ouvi por perto frases de uma conversa que me levaram a conjecturar que *Madame M...* não estava nada bem. Diziam que o marido de *Madame M...* era ciumento como um africano, mas não por amor, antes por amor-próprio. No entanto, ele era um europeu, um homem moderno, gostando mesmo de exhibir com vaidade elementos das ideias novas. Fisicamente era um senhor alto e corpulento, de cabelo preto, suíças talhadas à moda europeia, bochechas rosadas e uma expressão presunçosa na cara, os dentes brancos como açúcar e um porte impecável de *gentleman*. Apelidavam-no de *homem inteligente*. Assim se denomina em determinados círculos

aquele tipo especial de homens que engordaram por conta alheia, que não fazem nem querem fazer absolutamente nada e que, por preguiça e ócio eternos, têm um naco de gordura no lugar do coração. Da boca deles ouvimos constantemente que não têm nada que fazer por causa de sabe-se lá que circunstâncias emaranhadíssimas e hostis que lhes «exaurem o génio» e, por isso, provocam «a pena de olhar para eles». Usam esta frase empolada, é o seu *mot d'ordre*, a sua senha, a frase que estes meus gordos cevados espalham por todo o lado a cada passo, e que já começa a aborrecer como uma tartufice, uma conversa oca. Aliás, alguns destes mandriões que não adregam arranjar ocupação para si — sem nunca a terem procurado, aliás — pretendem precisamente que toda a gente pense que eles não têm um naco de gordura no lugar do coração mas, pelo contrário, qualquer coisa *muito profunda*; mas o quê, exatamente, isso não poderia dizê-lo o melhor dos cirurgiões — por delicadeza, é claro. Estes senhores fazem carreira dirigindo todos os seus instintos para, precisamente, a má-língua grosseira, a censura mais míope e o orgulho mais desmesurado. Como não têm mais nada que fazer senão descobrir e registar os erros e as fraquezas alheios, e os seus bons sentimentos são tantos quantos os de uma ostra, não lhes custa nada, com esses meios de proteção, viver a sua vidinha entre as pessoas de forma bastante prudente. Envaidecem-se muito com isso. Têm quase a certeza, por exemplo, de que a maior parte do mundo lhes deve pagar tributo; que o mundo é como uma ostra, de novo, que encomendam para o caso de lhes apetecer comê-la; que toda a gente, menos eles, é parva; que todo e qualquer um, que não eles, se assemelha a uma esponja ou a uma laranja que espremem quando precisam de sumo; que são senhores de tudo e que toda esta louvável ordem das coisas existe precisamente pelo facto de eles serem tão inteligentes e especiais. No seu orgulho desmedido, não admitem ter defeitos, alguns defeitos. Assemelham-se à raça do trivial vigarista do dia-a-dia, são Tartufos e Falstaffes natos que de tal modo se habituaram à vigarice que acabam por se convencer de que a vida é mesmo

assim, isto é, aldrabar para viver; e passaram tanto tempo a convencer toda a gente de que são honestos que acabam por se convencer também de que o são e de que a sua vigarice é precisamente isso: honestidade. Para um juízo íntimo de si, com consciência, para a nobre autoavaliação, para isso nunca terão capacidade, há coisas para as quais são demasiado gordos. Colocam em primeiro plano, sempre e em tudo, a sua pessoa, que é a sua joia preciosa, o seu Moloch e o seu Baal, o seu ego magnífico. Para eles, toda a natureza, todo o mundo, não é mais do que um espelho maravilhoso onde só o deusinho se reflecte e se admira constantemente, não vendo mais ninguém atrás de si; por isso não é de espantar que veja tudo de uma forma tão monstruosa. Têm uma frase feita de reserva para tudo, uma frase que — cúmulo da sua habilidade — é a frase que está na moda. São eles próprios, inclusive, que contribuem para esta moda, divulgando em todas as encruzilhadas a ideia que farejaram poder vir a ter êxito. São precisamente eles quem possui o faro para descobrir uma frase da moda e se apropriar dela antes dos outros, como se fosse da sua própria autoria. Costumam munir-se das suas frases, sobretudo, para exprimirem a sua profundíssima simpatia pela humanidade, para definirem qual a mais correta e razoável filantropia e, por último, para castigarem implacavelmente o romantismo, ou seja, tudo o que, em cada seu átomo, é mais belo, verdadeiro e valioso do que toda a raça de lesmas a que pertencem esses senhores. Não reconhecem a verdade na sua forma incerta, transitória e não acabada, rejeitam tudo o que ainda não amadureceu, não se estabilizou, tudo o que está ainda a fermentar. O homem cevado vive toda a sua vida alegremente, com tudo feito e servido, nunca fez nada nem sabe como é duro o trabalho, por isso é perigoso tocar com alguma aspereza os seus sentimentos gordos: nunca perdoa isso, guarda rancor e vingá-se com prazer. Resumindo: o meu herói é nem mais nem menos um saco gigantesco, cheio até mais não poder ser, atafalhado de sentenças, de frases da moda e de etiquetas de todos os géneros.

Monsieur M..., além disso, tinha outra, e notória, particularidade: era brincalhão, tagarela e contador de histórias, tendo sempre à sua volta nos salões um círculo de ouvintes. Na noite de que falo conseguiu causar um efeito especial. Como estava de maré, animado, contente por qualquer coisa que lhe acontecera, conseguiu monopolizar a conversa, concentrar em si todas as atenções. Somente *Madame M...* permaneceu como que adoentada, com o rosto tão triste que a mim pareceu que a qualquer momento as lágrimas lhe voltariam a tremer nas pestanas. Tudo isso, como já disse, muito me espantou. Saí de lá com um sentimento de extrema curiosidade, e toda a noite, apesar de antes nunca ter tido pesadelos, sonhei com *Monsieur M...*

No dia seguinte, de manhã cedo, chamaram-me para o ensaio dos quadros vivos, em que eu também tinha um papel. Os quadros vivos, o teatro e, depois, o baile, tudo numa noite, tinham sido marcados para dali a cinco dias, por motivo de uma festa na família: o aniversário da filha mais nova do nosso anfitrião. Para esta festa quase improvisada foram convidados de Moscovo e das vizinhas casas de campo mais umas cem pessoas, pelo que a azáfama, os preparativos e as correrias eram grandes. Os ensaios, ou melhor, a revista dos trajos, foram feitos a uma hora incómoda, de manhã, porque o nosso encenador, o célebre pintor R..., amigo e convidado do nosso anfitrião, que acedera por amizade a criar e a encenar os quadros vivos, e também a ensaiar-nos, estava com pressa de ir à cidade comprar os adereços e o mais que era necessário para a festa, pelo que não havia tempo a perder. Eu participava num quadro juntamente com *Madame M...* Era uma cena da vida medieval e chamava-se «A castelã e o seu pajem».

Senti um indizível embaraço quando me encontrei com *Madame M...* no ensaio. Tive a impressão de que ela lia de imediato nos meus olhos todos os meus pensamentos, as minhas dúvidas e as suposições que na véspera me tinham passado pela cabeça. Além disso, sentia uma espécie de culpa para com ela porque a vira a chorar e a incomodara na sua tristeza, o que a levaria, mesmo

involuntariamente, a olhar-me de soslaio como testemunha desagradável e protagonista inconveniente do seu segredo. Mas, graças a Deus, tudo se passou sem grandes problemas: ninguém fez caso de mim, pura e simplesmente. Ao que parecia, ela não estava para mim nem para o ensaio: distraída, triste e sombriamente pensativa, via-se que a atormentava uma grande preocupação. Acabando de ensaiar o meu papel, corri para mudar de roupa e, uns dez minutos depois, saí para o terraço que dava para o jardim. Quase ao mesmo tempo, saiu da outra *Madame M...* e, ao seu encontro, também o seu presunçoso marido que voltava do jardim: tinha acompanhado até lá um grupo de senhoras, entregando-as, depois, aos cuidados de um *cavalier servant*³. Aquele encontro dos esposos foi, pelos vistos inesperado. *Madame M...*, não sei porquê, embaraçou-se e esboçou um gesto que denotava algum desgosto e impaciência. O marido, que vinha a assobiar despreocupadamente uma ária e a cofiar as suíças com ar de sábio, ao ver a mulher carregou o sobrolho e passou por ela um olhar verdadeiramente inquisitorial (assim o recordei hoje).

— Vai para o jardim? — perguntou ele ao reparar no guarda-sol e num livro que a mulher levava.

— Não, vou até ao bosque — respondeu ela, corando ao de leve.

— Sozinha?

— Com ele... — disse *Madame M...*, apontando para mim. — De manhã passeio sozinha — acrescentou com uma voz irregular, indefinida, a voz de quem mente pela primeira vez na vida.

— Humm... Acabei de levar para lá todo um rancho de senhoras. Juntou-se toda a gente ali, ao pé do pavilhão das flores, para se despedir de N... Ele vai-se embora, a senhora sabe... aconteceu uma desgraça qualquer lá em Odessa... A sua prima (estava a falar da loira) tanto ri como chora, não se percebe. Aliás, ela disse-me que a senhora estava zangada com N... por qualquer razão e que por isso não ia despedir-se dele. Com certeza um disparate dela, não?

— É ela a brincar — respondeu *Madame M...*, descendo a escada do terraço.

— Então, é este o seu *cavalier servant* de todos os dias? — perguntou ainda *Monsieur M...*, torcendo a boca e apontando para mim o lornhão.

— Pajem! — gritei, irritado com o lornhão e o gozo, e, rindo-me na cara dele, saltei três degraus de uma vez...

— Bom passeio! — murmurou *Monsieur M...* e seguiu o seu caminho.

É claro que, mal *Madame M...* me apontara ao marido, me tinha logo aproximado dela com o ar de ter sido convidado por ela havia já uma hora e de ter passeado com ela todos os dias de manhã havia já um mês. Mas não alcançava compreender: por que razão ela se atrapalhara tanto, por que ficara tão confusa e o que teria na cabeça quando resolveu recorrer à sua pequena mentira? Por que não disse simplesmente ao marido que ia sozinha? Agora nem sabia como poderia olhar para ela; a pouco e pouco, porém, surpreendido com o sucedido, comecei a espreitar-lhe ingenuamente para a cara; mas, tal como uma hora atrás, no ensaio, ela não reparava nos meus olhares nem nas minhas perguntas mudas. Havia no seu rosto a mesma preocupação dolorosa, mas ainda mais evidente, mais profunda do que antes, e visível em tudo: na expressão, no ar emocionado, no andar. Ia com pressa, estugava cada vez mais o passo, deitava miradas preocupadas para cada alameda, para cada clareira do bosquezinho, virava a cabeça para o jardim. Eu também estava à espera de qualquer coisa. De repente ouviu-se atrás de nós o bater de cascos de cavalos. Era toda uma cavalgada de amazonas e cavaleiros que acompanhavam o tal N... que tão subitamente abandonava a nossa companhia.

Entre as senhoras estava também a minha loira, a mesma de quem *Monsieur M...* referira as lágrimas. Porém, segundo o seu costume, a loira, cavalgando um excelente baio, ria como uma criança. Ao passar por nós, N... tirou o chapéu, mas não parou nem

disse uma única palavra a *Madame M...* Não tardou a que o grupo desaparecesse da nossa vista. Olhei para *Madame M...* e por pouco não gritei de espanto: estava parada, branca como a cal, com lágrimas graúdas caindo-lhe dos olhos. Os nossos olhares cruzaram-se: *Madame M...* corou de repente, virou-me as costas por um instante, e ainda lhe vi de relance na cara o desgosto e a preocupação. Eu incomodava-a, mais ainda do que no dia anterior, mas onde poderia meter-me?

De súbito, *Madame M...*, como se tivesse uma ideia, abriu o livro que tinha na mão e, corando e tentando não olhar para mim, disse como se acabasse de reparar:

— Ah! É a segunda parte, enganei-me; por favor, não queres ir buscar-me o primeiro volume?

Estava tudo claro: o meu papel acabara e não poderia haver maneira mais direta de ser corrido.

Deitei a correr com o livro dela na mão e não voltei. Nessa manhã, o primeiro volume permaneceu calmamente em cima da mesa...

Entretanto, eu ficara muito desconcertado, batia-me com força o coração, como se tivesse acabado de apanhar um susto. Fazia tudo para não me encontrar por acaso com *Madame M...* Mas olhava com louca curiosidade para a presunçosa figura de *Monsieur M...*, como se agora ele estivesse revestido de qualquer coisa especial. Não compreendo, francamente, o que provocava em mim aquela curiosidade cómica; lembro-me, isso sim, do espanto em que andava depois de tudo o que me calhara ver nessa manhã. O meu dia, porém, apenas começava, e viria a ser, para mim, um dia cheio de aventuras.

Desta vez almoçou-se muito cedo. Estava marcado para a tarde um passeio comum a uma aldeia vizinha onde haveria uma festa popular, por isso precisávamos de tempo para os preparativos. Sonhava com este passeio havia já três dias, na esperança de um mar de divertimentos. Estava reunida no terraço, para tomar café, quase toda a gente. Introduzi-me lá sorratamente, nas costas dos

outros, e escondi-me atrás de três filas de cadeiras. Era fortíssima a minha curiosidade, mas de modo nenhum queria ser visto por *Madame M...* Quis porém o destino colocar-me bem perto da minha loira perseguidora. Acontecera com ela, neste dia, um milagre inimaginável: ficou duas vezes mais bonita. Não sei como nem porquê isto acontece, mas um tal milagre não é assim tão raro entre as mulheres. Na altura tínhamos um convidado novo, um jovem alto e pálido, admirador oficial da nossa loira, recém-chegado de Moscovo para, nem de propósito, substituir o outro que partira, o senhor N..., sobre quem corriam murmúrios de que estava loucamente apaixonado pela nossa beldade. Quanto ao recém-chegado, havia muito que estava com ela nas mesmas relações que Benedito e Beatriz em *Muito Barulho para Nada* de Shakespeare. Em resumo, era um dia em que a nossa bela estava extraordinariamente na berra. O seu tagarelar e o seu brincar eram tão graciosos, tão ingénuos, tão toleravelmente afoitos, a sua presunção de ser admirada por unanimidade era tão amorosa que, de facto, quase todos a veneravam. À sua volta estava sempre um círculo apertado de ouvintes pasmados, fascinados por ela, que nunca esteve tão sedutora. Qualquer palavrinha dela encantava, soava a inédita, e era captada e transmitida aos outros; nenhuma das suas brincadeiras ou afrontezinhas caíam em saco roto. Parecia até que ninguém estava à espera de tanto gosto, tanto brilho e tanto espírito da parte dela, já que todas as suas melhores qualidades eram, no dia-a-dia, obnubiladas pelos seus caprichos voluntariosos, pela insistência em brincadeiras infantis que chegavam a atingir foros de palhaçadas; raras pessoas reparavam nas suas qualidades e, mesmo que reparassem, não acreditavam nelas; assim, o seu extraordinário êxito neste dia foi recebido por um sussurro uníssono de admiração.

De resto, contribuía para este êxito uma circunstância especial e bastante delicada, pelo menos a julgar pelo papel que, ao mesmo tempo, o marido de *Madame M...* desempenhava. A brincalhona resolveu (é de acrescentar: para o prazer geral, ou, pelo menos,

para o prazer de toda a juventude) atacá-lo impiedosamente por muitas e variadas razões, no seu entender bastante importantes, por certo. Travou com ele um verdadeiro tiroteio de brincadeiras, facécias, sarcasmos dos mais avassaladores e ambíguos, pérfidos, bem acabados, daqueles que atingem o alvo mas que não dão azo ao atingido de se agarrar seja ao que for para ripostar e apenas o deixam esgotado nas suas tentativas infrutíferas, levando-o à fúria e ao mais cómico dos desesperos.

Não tenho a certeza, mas parece-me que toda esta afronta da parte dela foi intencional e não improvisada. O arrojado duelo começou ainda durante o almoço. Digo «arrojado» porque *Monsieur M...* não depôs as armas assim tão depressa. Precisou de juntar todo o seu sangue-frio, todo o seu espírito, todo o seu engenho para não sofrer uma derrota total, para não ser reduzido a pó, para não se cobrir completamente de infâmia. O desenrolar do duelo era acompanhado pelos risos ininterruptos e irrefreáveis de todas as testemunhas e dos participantes. Fosse como fosse, esse dia foi, para ele, muito diferente do anterior. Notava-se que *Madame M...* tentava travar a sua imprudente amiga (fê-lo várias vezes) no seu desejo de vestir ao marido ciumento as vestes de palhaço ridículo e, supostamente, por tudo o que me ficou gravado na memória e pelo papel que me coube desempenhar na contenda, apresentá-lo também na função de Barba Azul.

Aconteceu de repente, de forma muito cómica, sem eu esperar e, nem de propósito, quando eu estava à vista de todos, sem suspeitar do perigo e esquecendo as minhas recentes precauções. De repente, fui guindado a primeiro plano e eleito inimigo contumaz e rival natural de *Monsieur M...*, na minha qualidade de louca e desesperadamente apaixonado pela mulher, por obra da minha tirana que jurou, com palavra de honra à mistura e declarando ter provas, que vira no próprio dia, por exemplo, na floresta...

Não teve tempo de acabar porque a interrompi no momento de maior desespero para mim. Este momento tinha sido calculado de forma tão impiedosa, preparado tão traiçoeiramente com vista ao

final, ao desenlace histriónico e encenado de modo tão cómico que uma explosão de riso geral irrefreável saudou esta última afronta da loira. Então, embora eu já tivesse adivinhado que não era a mim que ela destinara o papel mais desagradável, fiquei tão confuso, irritado e assustado que, ofegando de vergonha, com lágrimas de angústia e desespero nos olhos, me enfiar entre duas filas de cadeiras, dei um passo em frente e, dirigindo-me à minha tirana, gritei em voz entrecortada pelo choro e pela indignação:

— Não tem vergonha... em voz alta... na presença de todas as senhoras... dizer essa... essa mentira tão maldosa?! Como uma criança, a senhora... diante de todos os homens... O que é que eles vão dizer?... A senhora... uma adulta... casada!

Mas não acabei: o aplauso foi ensurdecedor. A minha refutação causou um verdadeiro *furore*. O meu gesto ingénuo, as minhas lágrimas e, sobretudo, o facto de eu supostamente ter defendido *Monsieur M...*, tudo isso provocou um riso tão infernal que, mesmo agora, basta-me recordá-lo para me dar grande vontade de rir... Fiquei aturdido, quase enlouqueci de terror e, ardendo como pólvora, tapando a cara com as mãos, ejetei-me para fora, dei uma pancada num lacaio que estava à entrada, derrubando-lhe a bandeja das mãos, e corri para cima, para o meu quarto. Arranquei a chave da porte de fora da fechadura e fechei-me no quarto. E fiz bem, porque estava a ser perseguido. Não tardou um minuto e já a minha porta era assediada por uma chusma das mais lindas senhoras. Ouvia os seus risos sonoros, o metralhar das suas vozes; chilreavam todas ao mesmo tempo como andorinhas. Todas elas, todas, pediam, imploravam que eu lhes abrisse a porta nem que fosse por um instante; juravam que não me fariam mal, apenas me cobririam de beijos. Mas... o que poderia haver de mais pavoroso do que aquela nova ameaça? Eu ardia de vergonha por trás da minha porta, com a cara enfiada nas almofadas, e não abri, nem sequer lhes respondi. Ainda bateram e suplicaram durante muito tempo, mas eu permaneci insensível e surdo como pessoa de onze anos que era.

O que faria agora? Tinha sido tudo descoberto, desvendado, tudo o que eu escondia, que guardava em tão rigoroso segredo... Tombaria sobre mim a vergonha e o opróbrio eternos!... Eu próprio não sabia dar nome ao que tinha sido a causa do meu medo e que tinha preferido manter oculto; o certo era que a descoberta dessa causa do meu medo ainda me fazia tremer como uma folha. Até ao momento eu não sabia: isso era bom ou mau, glorioso ou ignóbil, louvável ou reprovável? Uma coisa eu sabia, no momento da angústia e do tormento que me tinham sido impostos: isso era *ridículo* e *vergonhoso*! Por instinto, sabia ao mesmo tempo que tal sentença era falsa, desumana e grosseira; mas estava derrotado, desfeito; era como se o trabalho da minha consciência se tivesse emaranhado e parado; eu era incapaz de me opor a esta sentença ou de refletir sobre ela como era devido; tinha a mente turvada, apenas sentia que o meu coração tinha sido vergonhosamente ferido, de maneira desumana, e banhava-me em lágrimas de impotência. Estava irritado, ferviam dentro de mim uma indignação e um ódio que nunca antes conhecera porque era a primeira vez na vida que experimentava uma desgraça a sério, um insulto, uma ofensa — e de verdade, sem exageros. Tinha sido brutalmente ofendido na criança que eu era o primeiro sentimento que brotara, ainda indeciso, imaturo; tinha sido precocemente desnudado e profanado em mim o primeiro pudor casto e límpido; tinha sido ridicularizada em mim a primeira, e talvez muito séria, impressão estética. É claro que os zombadores não conheciam nem sentiam muita coisa dos meus tormentos. Incluía-se nesses tormentos uma circunstância que eu receava e ainda não tivera tempo de desvendar. Cheio de angústia e desespero, continuava deitado na cama, escondendo o rosto nas almofadas; ora tinha calor, ora tinha frio. Atormentavam-me duas perguntas: o que tinha visto ou, de uma maneira geral, o que poderia ter visto a maldosa loira na floresta, entre mim e *Madame M...*? A segunda: como, com que olhos e de que maneira poderia eu agora olhar *Madame M...* na cara para não morrer de desespero e vergonha no próprio momento e lugar?

Um barulho invulgar no terreiro despertou-me do meu quase desfalecimento. Levantei-me, fui à janela. O terreiro estava atulhado de carruagens, de cavalos de sela e de criados em azáfama. Pelos vistos, toda a gente se preparava para partir; uns convidados já montavam os cavalos, outros já estavam acomodados nas carruagens... Foi então que me lembrei da viagem à aldeia, e foi-se-me infiltrando no coração uma inquietude; procurei com os olhos o meu pónei, mas não estava lá — logo, tinham-se esquecido de mim. Não aguentei e corri tão veloz quanto pude pelas escadas abaixo, sem pensar já nos encontros desagradáveis e no meu recente opróbrio...

Esperava-me uma notícia terrível: não havia cavalo de sela para mim, nem lugar em qualquer carruagem, estava tudo distribuído e ocupado, eu tinha de ceder o meu lugar a alguém.

Abalado com esta nova desgraça, parei na escada de entrada e fiquei a olhar com tristeza para a longa fila de coches, cabriolés, caleches, em que não sobrava o mais pequeno cantinho para mim, e para as amazonas aperaltadas em cima dos cavalos impacientes executando as suas danças.

Um dos cavaleiros, por qualquer razão, demorava a aparecer. Toda a gente estava só à espera dele para partir. À entrada estava o cavalo do retardatário, mordendo o freio e escarvando a terra com as patas, estremecendo e corcoveando a cada instante. Dois estribeiros seguravam-no pelas rédeas e toda a gente se mantinha a uma distância respeitosa do animal.

Na verdade, aconteceu um azar que me impedia de ir com os outros. Além de terem chegado muitos convidados novos a quem foram destinados os lugares e as montadas, dois cavalos de sela adoeceram: um deles era o meu pónei. De resto, não fui o único prejudicado: também não havia montada para o jovem convidado de rosto pálido (que já mencionei) que tinha acabado de chegar. Para resolver o problema, o nosso anfitrião foi obrigado a recorrer a uma medida excepcional: propor ao jovem um garanhão furioso, não domado, e, para ficar de consciência limpa, avisou que era

impossível montá-lo e que o cavalo até estava à venda por causa do seu caráter selvagem, no caso de encontrar comprador, é claro. O convidado acedeu, dizendo que sabia montar bem e que queria tanto ir à festa que montaria fosse o que fosse. O anfitrião calou-se, mas, agora, parece-me que na altura lhe vi um sorriso ambíguo e manhoso a aflorar-lhe os lábios. Enquanto se esperava pelo retardatário que se gabara da sua arte equestre, o nosso anfitrião não montou o seu cavalo e esfregava as mãos com impaciência; volta e meia olhava para a porta. Os dois estribeiros que seguravam o indomado e quase arfavam de orgulho, tomados decerto pela mesma sensação do amo, exibiam-se ao público ao lado de um cavalo pronto a matar alguém a qualquer momento. Qualquer coisa parecida com o sorriso do amo se refletia nos olhos dos estribeiros, esbugalhados da espera e dirigidos para a porta donde deveria sair o destemido convidado. O próprio cavalo dava o ar de quem estava em conspiração com o seu senhor e os estribeiros: orgulhoso e altivo, deliciando-se com as dúzias de olhares curiosos em cima dele e vangloriando-se da sua reputação criminoso, tal qual um estróina incorrigível que se orgulha das suas devassidões. Parecia desafiar o primeiro atrevido que ousasse atentar contra a sua independência.

Esse atrevido, finalmente, saiu. Envergonhado por ter feito esperar os outros e calçando apressadamente as luvas, desceu os degraus de entrada e só levantou os olhos quando estendeu a mão para se agarrar à crina do cavalo impaciente, mas logo o espantou o empinango furioso do bicho e o grito uníssono de aviso que todo o público soltou. O jovem recuou e, perplexo, olhou para o selvagem que tremia todo, rouquejava de raiva, movia os olhos ensanguentados e curveteava a cada instante, como se quisesse levantar voo e levar consigo os dois estribeiros. O jovem ficou por um momento perplexo; depois, ligeiramente corado, ergueu os olhos e passou o olhar em volta pelas senhoras assustadas.

— O cavalo é excelente! — disse como que de si para si. — E, a julgar pelo que vejo, deve ser muito agradável montá-lo, mas... mas

sabe? Não o vou montar — concluiu, dirigindo-se ao nosso anfitrião com um sorriso largo e ingénuo que ficava muito bem à sua cara bondosa e inteligente.

— Mesmo assim, considero-o um excelente cavaleiro, juro — respondeu o proprietário do cavalo invencível, todo contente e apertando a mão do convidado com ardor e, até, com gratidão — precisamente porque o senhor, ao primeiro olhar, percebeu logo com que fera estava a lidar — acrescentou com dignidade. — Não sei se vai acreditar, mas eu, que fui hussardo durante vinte e três anos, tive o prazer de bater com os costados no chão por três vezes, tantas quantas montei este... parasita. *Tancredo*, meu amigo, estas pessoas aqui não te convêm; o teu cavaleiro, pelos vistos, é algum Iliá Múromets que está agora sem se mexer na aldeia de Karatchárovo e espera que te caiam os dentes⁴. Muito bem, levai-o! Que não fique aqui a assustar mais as pessoas! Nem valia a pena tê-lo trazido! — concluiu, esfregando as mãos com satisfação.

É de mencionar que *Tancredo* não lhe dava qualquer proveito, comia o seu pão como parasita; além disso, o antigo hussardo destruíra a sua reputação de hábil comprador de cavalos por que pagara uma fortuna pelo parasita inútil, ou seja, pagou muito apenas pela beleza do animal... Mesmo assim o senhor estava contentíssimo porque o *Tancredo* não perdera a dignidade, desencorajando mais um cavaleiro e ganhando assim mais uns inúteis louros.

— O quê, o senhor não vai? — gritou a loira que precisava obrigatoriamente que, dessa vez, o seu *cavalier servant* estivesse junto dela. — Será que se acobardou?

— Francamente, sim! — respondeu o jovem.

— Está a falar a sério?

— Oiça, quer realmente que eu parta o pescoço?

— Então monte no meu, rápido! Não tenha medo, ele é manso. Fazemos a troca num instante e não atrasamos ninguém. Vou tentar montar o seu, não pode ser que o *Tancredo* seja sempre tão mal-educado.

Dito e feito! A doidivanas apeou-se de um salto e acabou de falar já à nossa frente.

— Conhece mal o *Tancredo* se acha que ele admite que lhe ponha a sua sela inútil! E eu também não permito que a senhora parta o pescoço; seria uma pena, francamente! — disse o nosso anfitrião em tom ríspido, sublinhando até a sua habitual, estudada e afetada rispidez e mesmo grosseria, o que ele achava que lhe dava o ar bonacheirão de antigo militar que deveria agradar sobremaneira às senhoras. Era uma das suas fantasias, a mania preferida que todos lhe conhecíamos.

— E tu, choramingas, não queres experimentar? Já que queres tanto ir à festa — disse a valente amazona, ao reparar em mim, e, com ar provocador, apontou com a cabeça para *Tancredo*; apenas o fez, na verdade, para não sair dali ingloriamente depois de se ter apeado em vão, e para não me deixar sem uma alfinetada, uma vez que tive a culpa de lhe cair debaixo de olho.

— Tu, com certeza, não és como... bom, para quê adiantar mais? És um famoso herói e envergonhas-te da cobardia; sobretudo porque estão a olhar para si, lindo pajem — acrescentou, olhando de relance para *Madame M...* que estava na carruagem mais próxima da entrada.

O ódio e o sentimento de vingança inundavam-me o coração quando a bela amazona se aproximara de nós com a intenção de montar o *Tancredo*... Mas com este desafio da doidivanas é indizível o que senti. Perdi as estribeiras quando captei o olhar que ela lançou a *Madame M...* Como um relâmpago, passou-me pela cabeça uma ideia... foi só um instante, menos do que um instante, uma explosão de pólvora, ou talvez transbordasse a minha taça e todo o meu espírito ressuscitado se indignasse, e tanto que tive vontade de derrubar de uma vez todos os meus inimigos e, na presença de todos, vingar-me deles por tudo o que me tinham feito e mostrar-lhes o homem que eu era realmente; ou, talvez por qualquer milagre, nesse instante alguém me tenha dado uma lição de história medieval, de que ainda não sabia nada, e na minha

cabeça estonteada tivessem relanceado torneios, paladinos, heróis, belas damas, a glória dos vencedores; ouviram-se as trombetas dos arautos, o tilintar das espadas, os gritos e os aplausos da multidão, e, no meio de todos esses gritos, o grito tímido de um coração assustado que, mais do que a vitória e a glória, deleita a alma orgulhosa — não sei, francamente, se todo aquele absurdo surgiu realmente na minha cabeça ou se foi antes uma premonição daqueloutro absurdo ainda futuro e inevitável, mas o certo é que ouvi soar a minha hora. O meu coração estremeceu, deu um pulo, e já não me lembro como descí de um salto a escada e parei ao lado de *Tancredo*.

— Acha que tenho medo, é? — gritei ousada e orgulhosamente, desvairado, exaltado, sufocando de emoção e tão vermelho que as lágrimas me vieram aos olhos. — Vai ver! — E, agarrando-me à crina do *Tancredo*, meti o pé no estribo antes que tivessem tempo de me deter; no mesmo instante o *Tancredo* empinou-se, lançou a cabeça para trás, num puxão libertou-se das mãos dos estribeiros pasmados e voou como um furacão; as pessoas apenas gritaram.

Só Deus sabe como eu consegui lançar a outra perna sobre as costas do cavalo que corria a toda a brida; não percebo também como não perdi as rédeas. *Tancredo* transpôs o portão gradeado, virou bruscamente à direita e galopou ao longo da cerca, sem ver o caminho. Só nesse instante ouvi atrás de mim um grito de cinquenta vozes, e esse grito ecoou no meu coração desfalecido com tanta alegria e orgulho que nunca esquecerei aquele momento louco da minha infância. O sangue subiu-me à cabeça, fez calar o medo, afogou-o. Perdi o sentido da realidade. De facto, agora que me lembro disso, vejo nesse momento qualquer coisa de verdadeiramente cavaleiresco.

De resto, a minha façanha cavaleiresca, felizmente, acabou num instantinho, senão o cavaleiro passaria um mau bocado. Mesmo assim não sei como me salvei. Sabia montar, tinham-me ensinado. Mas o meu pónei parecia mais uma ovelha do que um cavalo de sela. É evidente que cairia do alto do *Tancredo* se este tivesse tido

tempo de me arremessar; mas, tendo galopado uns cinquenta passos, o *Tancredo* assustou-se de repente com uma grande pedra que estava à beira do caminho e voltou bruscamente para trás. Virou sem parar e com tanta brusquidão que até hoje não percebi como me aguentei na sela e não voei como uma bola a três braças de distância e não parti todos os membros, e também como o *Tancredo*, na sua viragem, não luxou as patas. Arrepiou então caminho até ao portão, abanando a cabeça de um lado para o outro, como que ébrio de fúria, levantando as patas desordenadamente, sacudindo-me a cada pulo e fazendo-me deslizar do seu lombo, como se levasse às costas um tigre a ferrar-lhe os dentes e a cravar-lhe as garras na carne. Mais um instante e eu cairia; aliás, estava a cair, mas já vários cavaleiros corriam para me salvar. Dois deles barraram o caminho no campo; dois outros aproximaram-se tanto do *Tancredo* que por pouco não me esmagavam as pernas, apertando-o de ambos os lados com os flancos dos seus cavalos, segurando as rédeas do *Tancredo*. Segundos depois estávamos junto à entrada.

Tiraram-me de cima do cavalo, pálido, quase sem fôlego. Eu tremia como uma erva ao vento, como tremia o *Tancredo*, parado, de patas fincadas no chão, puxando para trás com todo o corpo, soltando gravemente a respiração fogosa das narinas vermelhas, fumegantes, como que paralisado pelo insulto e pela raiva que o atrevimento impune de uma criança lhe infligira. À minha volta ouviam-se gritos de pânico e espanto.

Nesse instante o meu olhar vago cruzou-se com o de *Madame M...*, preocupada, pálida e — não posso esquecer-lo — o meu rosto inundou-se de vermelho, ardeu como fogo; não sei bem o que era aquilo mas, confuso e assustado com a minha própria sensação, baixei timidamente os olhos. Mas o meu olhar fora captado, fora-me roubado. Todos os olhos se viraram para *Madame M...* que, apanhada desprevenida, corou por sua vez como uma criança presa de um qualquer sentimento involuntário e ingénuo e tentou disfarçar desajeitadamente, com um riso forçado...

Sem dúvida que aquilo, visto de fora, era muito cómico; um episódio inesperado e simples, porém, salvou-me dos risos do público, dando um colorido especial a toda a aventura. A culpada de toda aquela azáfama, até ao momento minha inimiga irreconciliável, a minha bela tirana, precipitou-se para mim para me abraçar e beijar. Ela nem quisera acreditar nos seus próprios olhos quando eu ousara aceitar o seu desafio e me atrevera a apanhar a luva que ela me atirara depois de ter lançado um olhar a *Madame M...* Por pouco não morrera de medo e de remorsos por mim quando eu voava montado no *Tancredo*; mas, depois de tudo ter acabado e de ela ter captado o meu olhar a *Madame M...*, depois de ter visto a minha confusão corada; quando atribuiu àquele instante — graças ao pendor romântico da sua cabecinha leviana — um significado novo, secreto, inexprimível; depois disso tudo, ficou tão admirada com o meu «cavaleirismo» que se atirou a mim e me apertou contra o seu peito, comovida, orgulhosa por mim e feliz. Levantou a sua carita ingénua e séria em que cintilavam duas lágrimas cristalinas, passou o olhar a toda a volta, e disse numa voz séria e solene, que ninguém ainda lhe ouvira, apontando para mim: «Mais c'est très sérieux, messieurs, ne riez pas!»⁵, sem reparar que todos à sua roda estavam encantados e admirados com o puro enlevo dela. Todo aquele seu impulso rápido e espontâneo, aquela carita séria, aquela ingenuidade, aquelas lágrimas cordiais e até então inacreditáveis que lhe marejavam os olhos sempre risonhos, tudo isso era tão inesperado nela que as pessoas ficaram espedradas, como que hipnotizadas com o seu olhar e a sua palavra, o seu gesto apressado e fogoso. Era como se ninguém conseguisse desviar os olhos com medo de perder aquele momento raro no seu rosto inspirado. O próprio anfitrião corou como uma papoila, e viriam a afirmar que o ouviram depois confessar que ele, «para sua vergonha», esteve apaixonado quase um minuto pela sua bela convidada. É evidente que, depois disso tudo, eu passei a cavaleiro e herói.

— Delorges! Toggenburg⁶! — soavam as vozes.

Ouviram-se aplausos.

— Bravo, nova geração! — acrescentou o nosso anfitrião.

— Ele tem de ir, tem de ir connosco sem falta! — gritou a beldade. — Nós arranjamos, temos de arranjar lugar para ele. Senta-se ao meu lado, ao meu colo... não, isso não, foi um lapso!... — emendou ela, a rir-se, incapaz de conter o riso ao recordar o nosso primeiro encontro. Sempre a rir-se, afagava a minha mão, acariciando-me para que eu não me ofendesse.

— Tem de ir! Sem falta! — apoiaram-na várias vozes. — Tem de ir, conquistou o seu lugar.

E tudo se resolveu num instantinho. Aquela mesma solteirona com quem eu travara conhecimento juntamente com a loira foi logo assediada por todos os jovens que lhe pediam para ficar em casa e me ceder o lugar; e foi obrigada a cedê-lo, para seu grande desgosto, sorrindo e, ao mesmo tempo, resmungando para si mesma de raiva. A sua protetora, minha ex-inimiga e recente amiga, a quem a solteirona se agarrava sempre, já galopava no seu cavalo ágil, rindo como uma criança, e gritava que tinha inveja dela, que se pudesse era ela própria quem ficaria em casa com prazer porque ia cair uma chuvada de todo o tamanho que ameaçava encharcar toda a gente.

Foi como se as suas palavras provocassem a chuva. Uma hora depois desabou o aguaceiro, o nosso passeio foi um fiasco. Fomos obrigados a esperar várias horas, recolhidos nas isbás dos camponeses, e voltámos a casa já depois das nove horas, por um tempo húmido, desagradável. Quanto a mim, comecei a sentir-me ligeiramente febril. No momento de entrarmos nas carruagens e partirmos, *Madame M...* aproximou-se de mim e surpreendeu-se por eu ter apenas um casaquinho leve vestido e o pescoço aberto. Disse-lhe que não tivera tempo de pegar na minha capa. Ela pregou-me um alfinete no colarinho da camisa, tirou do seu pescoço um lenço de gaza vermelha e atou-me ao pescoço, para que eu não resfriasse a garganta. Estava tão apressada, *Madame M...*, que nem tive tempo de lhe agradecer.

Quando chegámos a casa fui encontrá-la na sala de estar pequena na companhia da loira e do jovem de cara pálida que naquele dia ganhara a fama de bom cavaleiro por ter medo de montar o *Tancredo*. Aproximei-me dela para lhe agradecer e lhe devolver o lenço. Mas, findas todas aquelas aventuras, eu sentia de novo como que vergonha de qualquer coisa; o que eu queria era sair dali o mais depressa possível e ir para cima, para a paz e sossego do meu quarto, refletir em tudo. Abarrotava de sensações. Ao entregar o lenço, como era de prever, corei.

— Posso apostar que lhe apetecia ficar com este lenço — disse o jovem, rindo-se —, vê-se-lhe nos olhos que está com pena de se despedir deste lenço.

— Exatamente, nem mais! — apoiou-o a loira. — Apre! Ah!... — já começava ela com visível desgosto e abanando a cabeça; mas parou a tempo, ao reparar no olhar sério de *Madame M...* que não queria levar a brincadeira muito longe.

Afastei-me apressadamente.

— Irra, como tu és! — disse-me a brincalhona ao apanhar-me noutra sala e pegando-me amigavelmente nas mãos. — Se querias ficar com o lenço, podias simplesmente não lho devolver. Dizias que te esqueceste dele em qualquer lado, e estava o assunto resolvido. Apre, como tu és! Nem isso soubeste fazer! És tão cómico!

E deu-me com o dedo uma pancadinha leve no queixo; e, como eu fiquei vermelho como um lagostim, riu-se.

— Agora sou uma amiga tua, não sou? Acabou a nossa inimizade? Sim ou não?

Ri-me e apertei-lhe em silêncio os dedinhos.

— Ainda bem, então!... Por que estás tão pálido e a tremer? Tens arrepios de frio?

— Não me sinto bem.

— Ah, coitado! É das impressões fortes! Sabes o que é melhor para ti? Vai dormir, não esperes pelo jantar, isso até amanhã passa-te. Vamos.

Levou-me para cima, parecia que os seus cuidados não teriam fim. Deixou-me sozinho para eu me despir, correu para baixo, ela própria me trouxe chá, já eu estava deitado. E também um cobertor quente. Aqueles cuidados espantaram-me e comoveram-me, ou talvez fosse essa a minha predisposição depois da viagem, do dia de emoções, e também porque tinha febre; quando me despedi dela, abracei-a com força e calor, como à minha melhor amiga, e então todas as emoções me afluíram de chofre ao coração amolecido. Quase chorava quando me apertei contra o peito dela. Pois, e parece que a minha dodivanas também ficou comovida.

— És muito bondoso — sussurrou ela, pousando em mim os seus olhos serenos. — Por favor, não fiques zangado comigo, está bem? Não te vais zangar comigo?

Em resumo, tornámo-nos os mais ternos e fiéis amigos.

Era bastante cedo quando acordei, mas a luz forte do sol já inundava o quarto. Saltei da cama, perfeitamente curado e cheio de ânimo, como se não tivesse tido febre na véspera. Era indizível a minha alegria. Lembrei-me do dia anterior e senti que trocaria a felicidade de toda a minha vida se pudesse voltar a abraçar naquele momento a minha nova amiga, a nossa beldade loira; mas ainda era cedo, toda a gente dormia. Vesti-me à pressa, desci para o jardim e, de lá, fui para o pequeno bosque. Ia por onde a mata era mais espessa, onde o odor resinoso das árvores era mais forte, onde os raios de sol penetravam com maior alegria, contente por conseguir atravessar aqui e ali a espessura brumosa da folhagem. Era uma manhã maravilhosa.

A pouco e pouco fui-me embrenhando cada vez mais longe, até que, finalmente, saí no outro extremo do bosque, na margem do rio Moskvá. Corria a uns duzentos passos de onde estava, no sopé da colina. Na margem oposta estavam a segar o feno. Fiquei a olhar demoradamente para as filas de gadanhas aguçadas que se inundavam todas de reflexos luminosos a cada movimento do segador, voltando logo a desaparecer, como pequenas cobras de fogo a esconderem-se; via o feno cortado rente a amontoar-se na

terra em montículos espessos e frescos, a saltar para os lados e a dispor-se em filas nos regos compridos e direitos. Não me lembro de quanto tempo passei naquela contemplação até que, de repente, caí em mim ao ouvir barulho de cascos impacientes e do resfolegar de cavalo na mata, a uns vinte passos de mim, num caminho formado pelo desbaste de árvores, perto da estrada que seguia até à casa senhorial. Não sei se ouvi o cavalo logo após ter chegado com o seu cavaleiro, ou se o barulho já afluía havia muito o meu ouvido que não queria dar-lhe atenção para não me distrair da minha contemplação sonhadora. Cheio de curiosidade, entrei no bosque e, depois de alguns passos, comecei a ouvir vozes, rápidas e baixas. Aproximei-me mais um pouco, arredei com cuidado os últimos ramos dos últimos arbustos que ladeavam uma clareira e, logo a seguir, recuei com espanto: relanceara-me nos olhos o vestido branco que eu conhecia tão bem, e, como uma música, ecoou no meu coração uma voz feminina, baixinha. Era *Madame M...* Estava ao lado de um cavaleiro que, sem se apejar, falava apressadamente com ela; para meu pasmo, reconheci N..., o jovem senhor cuja despedida, já na manhã do dia anterior, tanto tinha mexido com *Monsieur M...* Tinha-se mesmo dito, na véspera, que o senhor N... partia para muito longe, para o Sul da Rússia; foi por isso que me surpreendeu tanto vê-lo de novo, e a sós com *Madame M...*

Ela estava numa emoção e numa veemência como nunca a vira, com as lágrimas a brilharem-lhe nas faces. O jovem pegava-lhe na mão e, inclinando-se, beijava-lha. Apanhei já o momento da despedida. Pareciam ter pressa. Por fim, ele tirou do bolso um envelope lacrado, entregou-o a *Madame M...*, abraçou-a com um braço, sem se apejar, e beijou-a longamente. Logo a seguir chicoteou o cavalo e meteu-se a galope, passando mesmo a meu lado, rápido como uma flecha. *Madame M...* seguiu-o com os olhos durante uns segundos e, depois, triste e pensativa, dirigiu-se para casa. Deu uns passos pelo estradão mas, como se caísse em si, afastou rapidamente os ramos dos arbustos e foi pelo meio do bosque.

Eu fui atrás dela, perturbado e espantado com o que vira. O meu coração batia com força, como se tivesse apanhado um susto. Caminhava hirto, com a cabeça turvada, confuso, distraído; do que mais me lembro era da tristeza que, sem saber porquê, me acometera. De vez em quando via através da folhagem o seu vestido branco. Seguia atrás dela maquinalmente, sem a perder de vista, mas com cuidado para que ela não me visse. Por fim, saiu para a vereda que ia dar ao jardim. Esperei meio minuto e saí também; mas qual não foi o meu espanto quando vi caído na areia vermelha da vereda o envelope lacrado que reconheci de imediato: era o que tinha sido entregue a *Madame M...* dez minutos atrás.

Levantei-o do chão: era um sobrescrito branco sem nada escrito; era pequeno mas cheio e pesado, como se tivesse dentro três ou mais folhas de papel de carta.

O que significava aquele envelope? Era nele que residia, com certeza, a explicação de todo o mistério. Talvez dentro dele estivesse a explicação do que N... não tivera tempo de dizer durante o curto e apressado encontro entre os dois. Nem sequer se apeara... Tinha pressa, ou então tinha medo de mudar de ideias na hora da despedida... sabe-se lá...

Sem entrar na vereda, atirei com o envelope para um lugar mais aberto, não tirando os olhos dele à espera que *Madame M...* desse pela sua falta e voltasse para o recuperar. Esperei cerca de quatro minutos e, como ela não voltasse, não me contive, voltei a apanhar o envelope e corri atrás de *Madame M...* Apanhei-a já no jardim, na alameda grande; ela ia para casa em passo rápido, mas pensativa, de olhos postos no chão. Eu estava indeciso. Aproximo-me, devolvo-lhe o envelope? Isso significava confessar que sabia tudo, que tinha visto tudo. Logo que eu abrisse a boca ficaria desmascarado. E como poderia depois olhar para ela? E ela para mim?... Eu continuava a esperar que ela desse pela falta do envelope e voltasse atrás pelo mesmo caminho. Então poderia atirar o envelope para a vereda sem ser visto e ela encontrá-lo-ia. Mas não! Já estávamos perto de casa; as pessoas já a tinham visto...

Nem de propósito, nessa manhã quase toda a gente se levantara muito cedo, já que na véspera, como o passeio falhasse, tinha sido logo planeado outro, de que eu ainda não sabia. Estavam pois todos à espera do passeio, tomando o pequeno-almoço no terraço. Esperei dez minutos, para não aparecer na companhia de *Madame M...* e, dando uma volta pelo jardim, saí do outro lado da casa e entrei mais tarde do que ela. *Madame M...* andava de um lado para o outro pelo terraço, pálida e preocupada, com os braços cruzados sobre o peito e — via-se bem — esforçando-se por reprimir uma qualquer angústia torturante, insuportável, que se lhe refletia nitidamente nos olhos, no andar, nos gestos. Por vezes descia a escada e dava uns passos por entre os canteiros, na direção do jardim. Os seus olhos procuravam qualquer coisa com uma impaciência ávida e imprudente na areia das veredas e no chão do terraço. Não havia dúvida: dera pela falta e pensava que deixara cair o envelope algures por ali, perto de casa — sim, era de certeza o que ela pensava!

Uma agora, outra depois, as pessoas foram-se apercebendo da sua palidez e inquietação. Choveram as perguntas sobre a sua saúde, as irritantes expressões de compaixão; ela tinha de responder em tom de brincadeira, rir-se, parecer animada. De vez em quando olhava para o marido que estava de pé no extremo do terraço, conversando com duas senhoras, e então tomaram conta da pobre coitada o mesmo tremor e a mesma confusão que eu vira na primeira noite em que o marido chegara. Metendo a mão no bolso e segurando com força o envelope que lá estava, afastado dos outros, eu suplicava ao destino que fizesse com que *Madame M...* me prestasse atenção. Queria animá-la, acalmá-la, nem que fosse com o olhar; dizer-lhe alguma coisa sorrateiramente. Mas quando ela olhou para mim por acaso, estremeci e baixei os olhos.

Via que ela passava por um tormento e não me enganava. Até hoje não conheço de que segredo se tratava, não sei nada além do que vi com os meus próprios olhos e acabei agora de contar. Talvez aquela relação não fosse nada do que se afigurava à primeira vista.

Talvez aquele beijo fosse um beijo de despedida, talvez a única e fraca recompensa que recebeu pelo seu sacrifício feito em prol do sossego e da honra dela. N... ia-se embora, para sempre, talvez nunca mais a visse. Por fim, a carta que eu tinha nas mãos... quem sabe o que ela continha? Quem somos nós para julgar, quem poderia acusá-la? Sem dúvida, porém, que a revelação do segredo seria um golpe assestado na vida dela, um terror. Lembro-me do seu rosto naquele momento: era impossível um sofrimento maior. Sentir, saber, ter a certeza, esperar como quem espera a execução que dentro de um quarto de hora, de um minuto, tudo seria descoberto, o envelope seria encontrado por alguém, apanhado do chão; não tinha destinatário, poderia ser logo aberto, e então... o que aconteceria? Que castigo poderia ser mais pavoroso do que aquele que a esperava? Ela circulava no meio dos seus futuros juízes. Dali a um minuto, aquelas caras sorridentes e bajuladoras seriam severas e implacáveis. Iria ver o gozo, a raiva e o desprezo gélido naqueles rostos, e depois seria a noite, sem vislumbres de futuro na sua vida... Bom, naquela altura eu não compreendia tudo aquilo da forma como o penso agora. Era capaz apenas de pressentir, de adivinhar e de sofrer do fundo do coração por um perigo de que nem sequer tinha plena consciência. Porém, fosse qual fosse o segredo dela, com aqueles momentos de tristeza de que eu fui testemunha muita coisa terá sido redimida, se, é claro, havia alguma coisa para redimir.

Mas, eis que se ouve o alegre clamor da partida; todos se animaram, se azafamaram; por todos os cantos conversas e risos. Dois minutos depois o terraço estava vazio. *Madame M...* recusou-se a ir, confessando finalmente que estava adoentada. Todos partiram enfim, graças a Deus; toda a gente estava com tanta pressa que não houve tempo para a incomodarem com condolências, perguntas, conselhos. Poucos ficaram em casa. O marido, à partida, disse-lhe algumas palavras; ela respondeu-lhe que não se preocupasse, que ficaria boa ainda no próprio dia, que nem precisava de se deitar, que ia dar uma volta pelo jardim,

sozinha... comigo... Então olhou para mim. Não podia haver sorte maior! Corei de alegria. Um minuto depois já estávamos a passear.

Ela percorreu em sentido contrário as mesmas alamedas, veredas e sendas que tomara quando voltara do bosque para casa, e, recordando instintivamente o seu caminho, olhando fixamente em frente, sem tirar os olhos do chão, procurava, procurava, sem falar comigo, talvez esquecida de que eu a acompanhava.

Quando chegámos ao sítio onde eu apanhara a carta (no fim da vereda), *Madame M...*, de repente, parou e, com uma voz fraca, esmorecida de angústia, disse que se sentia pior e que queria voltar para casa. Porém, quando chegámos ao gradeamento do jardim, voltou a parar e pôs-se a refletir durante um minuto; um sorriso de desespero surgiu-lhe nos lábios e, fraca, extenuada, pronta para tudo e resignada com tudo, voltou em silêncio pelo mesmo caminho, esquecendo-se dessa vez de me avisar...

Eu estava meio morto de tristeza e não sabia o que fazer.

Fomos, ou melhor, levei-a ao lugar donde eu ouvira uma hora atrás o barulho do cavalo e a conversa entre eles. Perto, junto de um ulmeiro frondoso, havia um banco talhado numa rocha enorme, à volta do qual serpenteava a hera e crescia o jasmim dos campos e a roseira brava. (Todo aquele bosque estava cheio de pontezinhas, pavilhões, grutas e outras surpresas semelhantes.) *Madame M...* sentou-se no banco, olhando sem ver para a divina paisagem à nossa frente. Um momento depois abriu o livro e cravou nele o olhar, sem o folhear, sem o ler, quase sem consciência do que estava a fazer. Já eram nove e meia. O sol ia mais alto e navegava luxuosamente por cima das nossas cabeças pelo céu azul, profundo, e parecia fundir-se no seu próprio fogo. Os segadores, longe, já trabalhavam: era quase impossível enxergá-los da nossa margem. Atrás deles, as filas de feno tombado estendiam-se interminavelmente e, de vez em quando, a brisa preguiçosa trazia até nós os vapores aromáticos da erva segada. A toda a roda tocava a orquestra incansável daqueles que «não semeiam nem ceifam» mas são livres como o ar que cortam com as suas asas

ágeis. Parecia naquele momento que cada flor, cada ervinha, fumegando aromas sacrificiais, dizia ao seu Criador: «Pai! Sou beatífica e feliz!...»

Olhei para a pobre mulher que, no meio daquela vida alegre, era a única que parecia morta: das suas pestanas pendiam, imóveis, duas lágrimas grandes, espremidas do coração com uma dor aguda. Estava em meu poder reanimar e dar felicidade àquele pobre coração esmorecido, e apenas não sabia como abordar o problema, como dar o primeiro passo. Eu sofria. Cem vezes estive prestes a aproximar-me dela, e de cada vez um qualquer sentimento impeditivo me paralisava, e de cada vez o meu rosto ardia como fogo.

De repente, acendeu-se uma ideia na minha cabeça. Encontrara o meio, como que ressuscitava.

— Quer que lhe arranje um ramo de flores? — disse eu num tom de voz tão feliz que *Madame M...* levantou de repente a cabeça e olhou para mim com atenção.

— Está bem — disse por fim, numa voz fraca, sorrindo ao de leve; logo depois voltou a baixar a cabeça para o livro.

— Senão, daqui a pouco vêm também segar para aqui e deixa de haver flores! — gritei, partindo alegremente para a minha expedição.

Colhi rapidamente flores para fazer um ramo, simples e pobre. Teria vergonha de o levar para o quarto; mas como era alegre o bater do meu coração quando o fazia e atava! Ao pé do banco, parti alguns ramos de jasmim e de roseira brava. Sabia que havia perto um campo de centeio quase maduro. Corri lá para arranjar centáureas azuis. Misturei-as com espigas compridas de centeio, tendo escolhido as mais compridas e grossas. Também encontrei por lá perto um lugarzinho cheio de orelhas-de-rato, e o meu ramo começou a ganhar forma. Mais longe, no prado, encontrei campânulas azuis e cravos do campo, e, para arranjar nenúfares amarelos, fui ao rio. Por fim, quando já estava de volta e entrei por um momento no bosque para arrancar umas folhas palmiformes e verdes-vivas de ácer, para com elas compor o meu ramo, descobri

por acaso uma família inteira de amores-perfeitos, salpicados de orvalho brilhante e escondidos na erva espessa e vicejante, que me foram felizmente denunciados pela fragrância. O ramo estava pronto. Atei-o com um entrançado de ervas finas e compridas, e, com cuidado, meti a carta dentro do ramo, cobrindo-a com flores mas de modo a que fosse fácil descobri-la à mínima atenção que dessem ao meu ramo.

Levei-o a *Madame M...*

Pelo caminho, pareceu-me que a carta estava demasiado à vista; cobri-a mais. Quando estava mais perto, enfiei-a dentro das flores e, quando estava quase a chegar, empurrei-a para tão fundo que já não se via nada. Ardia uma fogueira nas minhas bochechas. Apetecia-me tapar a cara com as mãos e fugir, mas *Madame M...* olhou para as minhas flores como se já se tivesse esquecido de que eu tinha ido colhê-las. Maquinalmente, quase sem olhar, estendeu a mão e pegou na minha prenda, mas logo a pousou em cima do banco, como se tivesse sido para isso que lhe fora oferecida, e voltou a baixar os olhos para o livro. Parecia amodorrada. Aquele falhanço dava-me vontade de chorar. «Ao menos o ramo fica ao lado dela — pensava eu —, mas queira Deus que ela não se esqueça dele!» Deitei-me na erva perto dela, meti o braço direito debaixo da cabeça e fechei os olhos, fingindo-me cheio de sono. Entretanto, não tirava os olhos dela e esperava...

Assim se passaram uns dez minutos; parecia-me que ela ficava cada vez mais pálida... De repente, o bendito acaso veio dar-me uma ajuda.

Era uma grande abelha dourada que o bom vento trouxera para minha felicidade. A abelha primeiro zuniu à volta da minha cabeça, depois foi ter com *Madame M...* Esta enxotou-a com a mão uma vez, outra vez, mas não levava a melhor à impertinência da abelha. Por fim, *Madame M...* pegou no meu ramo e abanou-o à sua frente. O envelope voou do meio das flores e caiu diretamente no livro aberto. Estremeci. Durante algum tempo *Madame M...* ficou a olhar, muda de pasmo, ora para a carta, ora para o ramo que tinha nas

mãos, e parecia não acreditar nos seus próprios olhos... De repente fez-se vermelha como o fogo e olhou para mim. Fechei logo os olhos, como se estivesse a dormir; por nada deste mundo a olharia agora nos olhos. O meu coração batia e esmorecia como um passarinho caído nas mãos de um garoto do campo. Não me lembro de quanto tempo fiquei deitado com os olhos fechados: dois, três minutos. Por fim, usei abri-los. *Madame M...* lia avidamente a carta e, pelas suas faces ardentes, pelo seu olhar húmido e brilhante, pelo seu rosto desanuviado e treme de alegria, percebi que aquela carta lhe trouxera a felicidade e que toda a sua amargura se dispersara como fumo. Um sentimento ao mesmo tempo delicioso e martirizado apegou-se ao meu coração, já me era difícil fingir...

Nunca me esquecerei daquele momento!

De repente, ainda longe de nós, ouviram-se vozes:

— *Madame M...!* Nathalie! Nathalie!

Madame M... não respondeu, mas levantou-se muito depressa do banco, aproximou-se e inclinou-se por cima de mim. Eu sentia o olhar dela na minha cara. Tremeram-me as pestanas, mas aguentei e não abri os olhos. Tentava fazer uma respiração regular e tranquila, mas o meu coração, com as suas palpitações desordenadas, estrangulava-me. A respiração quente de *Madame M...* queimava-me as faces; inclinou-se muito perto, como se estivesse a estudar a minha cara. Por fim, caíram lágrimas e um beijo na minha mão, a mão que eu tinha sobre o peito. Ela beijou-a duas vezes.

— Nathalie, Nathalie, onde estás? — ouviu-se muito perto de nós.

— Já vou! — disse *Madame M...* com a sua voz profunda, argentina mas abafada e trémula de lágrimas, e tão baixinho que só eu pude ouvi-la. — Já vou!

Neste momento o coração traiu-me, finalmente, e pareceu mandar todo o seu sangue para a minha cara. No mesmo instante, um beijo rápido e quente queimou-me os lábios. Soltei um gritinho, abri os olhos, mas nisto caiu sobre eles o lenço vermelho de gaza: como se ela quisesse proteger-me do sol. Um momento depois, ela

desapareceu. Ouvi apenas o restolhar dos seus passos a afastarem-se muito depressa. Estava sozinho.

Tirei o lenço de cima da cara e beijei-o, aturdido de felicidade; durante alguns minutos portei-me como um louco!... Incapaz de recuperar o fôlego, apoiando-me com os cotovelos no chão de erva, olhava com fixidez para a minha frente, sem consciência de nada, olhava para as colinas cobertas de campos multicores, para o rio que serpenteava contornando-as e, ao longe, até onde alcançava a vista, para onde o rio corria no meio de novas colinas e aldeias que, manchas pequenas, mal se distinguiam no horizonte completamente inundado de luz; e olhava para as florestas azuis, quase indistintas, que pareciam fumegar no extremo do céu incandescido... e uma calma deliciosa, como que trazida pelo sopro do silêncio solene da paisagem, venceu a pouco e pouco o meu coração perturbado. Senti-me aliviado, já respirava livremente... Mas, surda e deliciosamente, toda a minha alma enlanguescia, como se tivesse a percepção de alguma coisa nova, como se tivesse um pressentimento. O meu coração assustado adivinhava, tímida e alegremente, palpitando de espera, qualquer coisa desconhecida... De repente o meu peito tremeu, doeu como se apunhalado, e lágrimas doces jorraram-me dos olhos. Tapei a cara com as mãos e, trémulo como uma erva, entreguei-me todo à revelação da minha consciência, à descoberta do meu coração, à primeira e ainda vaga percepção da minha natureza... Acabava naquele momento a minha primeira infância...

Quando, duas horas depois, voltei para casa, já lá não encontrei *Madame M...*; partira com o marido para Moscovo, por qualquer razão inesperada. Nunca mais a vi.

[3](#) [...] cavaleiro acompanhante (fr.)

[4](#) Iliá Múromets — herói de histórias épicas tradicionais russas; paralisado numa cama até aos seus trinta e três anos, tornou-se depois, graças a um milagre,

incrivelmente forte; o cavalo deste herói, em conformidade, era também fortíssimo. (NT)

[5](#) «Mas isto é muito sério, meus senhores, não riam!» (fr.).

[6](#) Trata-se do cavaleiro Delorges da poesia «A Luva» de Friedrich Schiller; o cavaleiro Toggenburg é o herói de uma balada do mesmo autor. (NT)

NÉTOTCHKA NEZVÁNOVA

1

Não me lembro do meu pai. Eu era uma menina de dois anos quando ele morreu. A minha mãe voltou a casar-se. Embora fosse por amor, este segundo casamento trouxe-lhe muita desgraça. O meu padrasto era músico. Tinha uma vida notável: era o mais estranho e fantástico dos homens que conheci. Foi um homem que se reflectiu com tanta, tanta força nas primeiras impressões da minha infância que elas influíram em todo o resto da minha vida. Antes de mais, para que a minha narração seja compreensível, traço aqui a biografia dele. Tudo o que vou contar soube-o mais tarde, da boca do famoso violinista B... que foi companheiro e amigo muito chegado do meu padrasto na sua juventude.

O nome do meu padrasto era Efímov. Nasceu numa aldeia que era propriedade de um senhor muito rico, e era filho de um pobre músico que, depois de longas andanças, foi parar à herdade deste senhor e se empregou como músico na sua orquestra doméstica. Vivia luxuosamente, o tal fidalgo, e do que gostava acima de tudo na vida, com verdadeira paixão, era da música. Contava-se que nunca saía da aldeia, nem para ir a Moscovo, e que uma ocasião tomou a decisão repentina de ir ao estrangeiro, a umas termas quaisquer, e só por umas semanas, unicamente porque lera nos jornais que um certo violinista ia dar três concertos nessas termas. A orquestra que este senhor mantinha em sua casa era razoável, e quase todos os seus rendimentos lhe eram destinados. O meu padrasto era clarinetista na referida orquestra. Tinha vinte e dois anos quando conheceu uma pessoa muito estranha. No mesmo distrito vivia um conde rico que se arruinaria com a manutenção do seu teatro doméstico. Este conde despediu o maestro da sua orquestra, um italiano, por mau comportamento. Diga-se que o maestro era efetivamente um homem ruim. Quando foi despedido, rebaixou-se

de todo, passando a frequentar as tabernas aldeãs onde se embebedava; às vezes pedia esmola, e já ninguém em toda a província consentia em dar-lhe trabalho. Pois foi com este homem que o meu padraсто travou amizade. A sua amizade era inexplicável e estranha já que não provocou no meu padraсто, por imitação, qualquer mudança na sua conduta, a ponto de o próprio fidalgo, que a princípio queria proibir-lhe aquela amizade com o italiano, acabar por fechar os olhos. Um dia o maestro morreu de repente. Uns camponeses encontraram-no uma manhã num fosso ao lado da barragem. Instruído o processo, concluiu-se que morrera de apoplexia. Os haveres do falecido estavam guardados em casa do meu padraсто que, logo a seguir, apresentou provas de que tinha pleno direito a tais haveres: o falecido deixara um bilhete, escrito pelo seu próprio punho, em que instituía Efímov seu herdeiro em caso de morte. A herança consistia numa casaca preta que o falecido guardava cuidadosamente porque nunca perdera a esperança de arranjar emprego, e num violino, à primeira vista bastante vulgar. Ninguém contestou a herança. Porém, algum tempo depois, foi falar com o patrão do meu padraсто o primeiro violino da orquestra do conde, portador de uma carta do dito conde. Na carta, o conde pedia e tentava convencer Efímov para que lhe vendesse o violino herdado do italiano já que desejava muito adquiri-lo para a sua orquestra. Oferecia três mil rublos pelo instrumento e acrescentava que já, por várias vezes, mandara chamar Egor Efímov para fazer negócio com ele pessoalmente mas que este se recusava com persistência. O conde escrevia em conclusão que o preço que oferecia pelo violino era justo, que não propunha de modo algum um preço baixo e que, na teimosia de Efímov, via a desconfiança, insultuosa para ele, conde, de que quisesse aproveitar-se da ingenuidade e da ignorância de Efímov, pelo que instava a que este fosse chamado à razão.

O senhor mandou chamar de imediato o meu padraсто.

— Por que não queres vender o violino? — perguntou-lhe. — Não precisas dele. Estão a oferecer-te três mil rublos, é um preço justo, e

és um insensato se pensas que te dão mais por ele. O conde não te quer enganar.

Efímov respondeu que, por sua própria vontade, nunca iria ter com o conde, e que só o faria se a vontade do senhor a isso o obrigasse; que não venderia o violino ao conde e, quanto a tirarem-lho à força, também só por vontade do senhor.

É evidente que, com esta resposta, Efímov tocou a corda mais sensível do carácter do senhor. É que este dizia sempre, com orgulho, que sabia tratar dos seus músicos porque estes eram, do primeiro ao último, verdadeiros artistas e que, graças a eles, a sua orquestra não só era melhor do que a do conde mas ainda nada pior do que a da capital.

— Está bem! — respondeu o senhor. — Informarei o conde de que não queres vender o violino porque não, porque tens todo o direito de o vender ou não, entendes? Mas, agora, eu próprio te pergunto: para que queres o violino? O teu instrumento é o clarinete, embora sejas um fraco clarinetista. Cede-me o violino, a mim. Dou-te os três mil. (Quem podia saber, naquela altura, que o instrumento era muito valioso?)

Efímov sorriu.

— Não, meu senhor, não lho vendo — respondeu —, mas, é claro, se for da sua vontade...

— Mas será que eu te reprimo, será que eu te obrigo? — gritou-lhe o fidalgo, já fora de si, até porque a conversa decorria na presença do músico do conde que, por esta cena, podia tirar conclusões muito más sobre a maneira como eram tratados os músicos desta orquestra. — Sai daqui, ingrato! Que eu não te ponha mais a vista em cima! Sem mim, aonde é que tu ias com o teu clarinete que nem sequer sabes tocar? Vives em minha casa, não te falta nada, alimentação, roupa, ordenado; vives como um nobre, és artista, mas não compreendes isso nem o sentes. Então sai daqui, não me irrites com a tua presença!

O senhor fazia isto a qualquer um com quem se irritava, mandava-o afastar-se de si, apenas porque temia a sua própria

fogosidade; na verdade, por nada deste mundo trataria com severidade exagerada um «artista», como ele chamava aos seus músicos.

A venda, portanto, não aconteceu, e parecia que o caso ia ficar-se por ali quando, um mês depois, o violinista do conde intentou inesperadamente uma ação terrível: por sua própria iniciativa, apresentou uma denúncia contra o meu padraço, em que declarava que Efímov era culpado da morte do italiano, que o matara por motivo de cobiça: apoderar-se da valiosa herança. Pretendia provar que o testamento tinha sido escrito por coação e prometia apresentar testemunhas da sua acusação.

Nem os pedidos, nem as tentativas de persuasão por parte do conde e do senhor, que tudo faziam para defender o meu padraço, conseguiram abalar o denunciante na sua intenção. Bem lhe diziam que o exame ao corpo do falecido maestro tinha sido feito com toda a correção pela medicina legal, que estava a ir contra factos óbvios, talvez movido pela raiva pessoal e pelo desgosto de não ter ficado com o instrumento precioso que queriam comprar para ele. Mas o músico teimava, jurava por Deus que tinha razão, que tinha provas de que a apoplexia não fora provocada pela bebedeira e sim por envenenamento, e exigia uma nova instrução do processo. Como, ao primeiro impacte, os seus argumentos pareceram sérios, foi, evidentemente, reaberto o processo de instrução. Efímov foi detido e encerrado na prisão da cidade. Deu-se início a um caso que deu que falar em toda a província. O processo de instrução foi rapidamente concluído pelo desmascaramento do violinista por denúncia falsa. Foi condenado ao justo castigo, mas insistiu até ao fim que tinha razão. Acabou por confessar que não tinha quaisquer provas, que forjara ele próprio as que tinha apresentado, que agira por suposição, por conjectura, mas que, mesmo assim, depois de feita a instrução e provada formalmente a inocência de Efímov, continuava com a plena convicção de que o causador da morte do desgraçado maestro tinha sido Efímov, talvez não com veneno, mas de outra forma qualquer. Pois bem, o homem não teve tempo de

cumprir a pena: deu-lhe uma inflamação súbita do cérebro, enlouqueceu e morreu no hospital da prisão.

Durante todo o processo, o senhor portou-se da mais generosa maneira. Cuidava do meu padraço como se fosse um filho seu. Visitou-o vezes sem conta na prisão, consolando-o, dando-lhe dinheiro, levando-lhe charutos caros pois soubera que Efímov gostava de fumar, e quando o meu padraço foi ilibado deu uma festa para que convidou toda a orquestra. Encarava o caso de Efímov como um problema que atingia toda a orquestra porque dava um valor à conduta dos seus músicos, se não maior, pelo menos igual aos seus talentos. Um ano se passou e, de súbito, correu por toda a província o rumor de que um célebre músico francês estava de passagem pela cidade sede provincial e tinha a intenção de dar uns concertos. De imediato, o fidalgo começou a tentar de todos os modos convidá-lo a actuar em sua casa. Conseguiu: o francês prometeu ir. Já estava tudo preparado para o receber, já todos os convites tinham sido distribuídos pelo distrito, e eis que, de repente, tudo foi por água abaixo.

Uma manhã informaram o fidalgo de que Efímov tinha desaparecido. Toca de o procurarem por todo o lado, mas nem sombra dele. A orquestra ficou numa situação difícil: faltava o clarinete, e então, três dias depois do desaparecimento de Efímov, o fidalgo recebeu uma carta do francês em que este rejeitava com altivez o convite, acrescentando — por meio de insinuações, evidentemente — que, de futuro, teria muito cuidado com os contactos que estabelecesse com os fidalgos que possuíam a sua própria orquestra, que era antiestético ver um verdadeiro talento dirigido por uma pessoa que não lhe sabia dar valor e, por fim, que o exemplo de Efímov, um verdadeiro artista e o melhor violinista que ele encontrara na Rússia, era a melhor prova da justeza das suas palavras.

Lendo esta carta, o senhor ficou profundamente espantado e magoado. Como era possível? Efímov, aquele mesmo Efímov que ele tratava tão bem, de quem era benfeitor, aquele Efímov caluniara-

o tão desavergonhada e implacavelmente aos olhos de um artista europeu, de um homem cuja opinião era tão valiosa! Havia na carta, porém, um aspecto que não fazia sentido: dizia que Efímov era um artista de verdadeiro talento, um bom violinista, mas que não tinham dado valor ao seu talento, obrigando-o a tocar outro instrumento. Tudo isto provocou um tal pasmo ao fidalgo que se preparou para ir de imediato à cidade encontrar-se com o francês; mas, de repente, recebeu um bilhete do conde em que este lhe pedia que fosse vê-lo com urgência porque, escrevia, estava a par de tudo, o *virtuose* estrangeiro estava em sua casa com Efímov, e ele, conde, mal soubera do descaramento e as calúnias de Efímov, mandara logo prendê-lo; agora, escrevia, a presença do fidalgo era necessária porque as acusações de Efímov o abrangiam também a ele, conde; o caso era muito grave e necessitava esclarecimento o mais depressa possível.

O senhor foi sem demora a casa do conde, apresentou-se lá ao francês e pôs em pratos limpos toda a história do meu padrasto, acrescentando que não imaginava em Efímov um talento assim tão grande, que Efímov, pelo contrário, até era um elemento bastante fraco da sua orquestra, como clarinetista, e que era a primeira vez que ouvia dizer que o músico que o abandonara era violinista. Disse também que Efímov era um homem livre, usufruía sempre de plena liberdade para se despedir se estivesse de facto a ser oprimido. O francês ficou surpreendido. Chamaram Efímov, e era difícil reconhecê-lo: tinha uma atitude presunçosa, respondia com sarcasmo e insistia ser verdade tudo o que tivera tempo de dizer ao francês. Tudo isso irritou sobremaneira o conde que tratou o meu padrasto de canalha, caluniador e merecedor do mais vergonhoso dos castigos.

— Que vossa nobreza não se preocupe, já o conheço há bastante tempo e bem — respondeu o meu padrasto. — Por sua culpa, por pouco não fui condenado como criminoso. Sei muito bem quem instigou Aleksei Nikíforitch, que na altura era seu músico, a denunciar-me.

O conde ficou fora de si quando ouviu esta terrível acusação. Mal conseguia dominar-se; entretanto, um funcionário que estava na sala (tinha ido a casa do conde tratar de um assunto) declarou que não podia deixar tudo aquilo sem consequências, que a grosseria insultuosa de Efímov continha uma acusação malévola e injusta, uma calúnia, pelo que pedia respeitosamente autorização para prender Efímov de imediato, ali mesmo em casa do conde. Também o francês se mostrou indignado e disse não compreender uma ingratidão tão negra. Então, o meu padraço declarou com arrebatamento que, para ele, era melhor o castigo, o tribunal e de novo a instrução judicial do que a vida que tinha levado até agora ao participar na orquestra doméstica do senhor fidalgo sem possibilidade de a abandonar por ser extremamente pobre; e, com estas palavras, saiu escoltado pelos homens que o prenderam. Fecharam-no num quarto do fundo da casa e ameaçaram-no de o mandarem já no dia seguinte para a cidade.

Por volta da meia-noite, alguém abriu a porta do quarto do preso. Entrou o fidalgo, de roupão e pantufas, com uma lanterna na mão. Não conseguia adormecer, uma preocupação torturante obrigava-o, a uma hora destas, a sair da cama. Efímov também não dormia e olhou, surpreendido, para o visitante que, profundamente emocionado, pousou a lanterna e se sentou na cadeira.

— Egor — disse-lhe —, por que me ofendeste?

Efímov não respondia. O senhor repetiu a pergunta, e nas suas palavras ressoava um sentimento forte, uma grande angústia.

— Só Deus sabe por que o ofendi, meu senhor! — respondeu finalmente o meu padraço, abanando a mão. — Foi o Diabo que me tentou! Eu próprio não sei o que me empurra a fazer isto tudo! O destino não quer que eu continue a viver em sua casa, não quer... Foi o próprio Diabo que se agarrou a mim!

— Egor! — continuou o fidalgo. — Volta, eu esqueço tudo, perdoo-te tudo. Ouve: serás o meu primeiro músico, pago-te mais do que aos outros...

— Não, meu senhor, não, não insista; sou incapaz de continuar consigo! Digo-lhe que é o Diabo que me anda a tentar. Se ficasse, ainda um dia lhe pegava fogo à casa; tenho ataques desses e, às vezes, uma angústia tão grande que era melhor nunca ter nascido! Agora cheguei a um ponto que já nem consigo controlar-me; será melhor que me largue da mão, meu senhor. E tudo desde que aquele diabo começou a confraternizar comigo.

— Quem? — perguntou o senhor.

— Aquele que morreu como um cão, renegado pelo mundo, aquele, o italiano.

— Foi ele quem te ensinou a tocar, Egórchka⁷?

— Foi! Ensinou-me muita coisa, para minha desgraça. Teria sido melhor que nunca o tivesse visto na vida.

— Ele também era mestre em violino, Egórchka?

— Não, ele até tocava mal, mas ensinava bem. Aprendi sozinho, ele só me explicava... e teria sido melhor que me secasse a mão do que semelhante aprendizagem. Agora eu próprio já não sei o que quero. Pergunte-me: «Egorka! O que queres? Posso dar-te tudo o que quiseres.» Pois é, meu senhor, nem assim lhe darei uma palavra de resposta, porque não sei o que quero. Não, é melhor largar-me, meu senhor, digo-lhe mais uma vez. Senão ainda faço alguma só para me mandarem para longe daqui!

— Egor! — disse o fidalgo depois de uma curta pausa. — Eu não te deixo assim. Se não queres trabalhar para mim, vai-te embora, és um homem livre, não te posso prender a mim; mas agora não me vou embora assim. Egor, toca, toca qualquer coisa para mim no violino! Não to ordeno, vê lá se compreendes, não te obrigo, peço-te, suplico-te: toca para mim, Egórchka, por amor de Deus, toca o mesmo que tocaste para o francês! Alivia a alma! És teimoso, eu também sou; também tenho as minhas manias, Egórchka! Sinto-te, então sente também como eu. Não me interessa viver se não tocares para mim, de livre vontade, o que tocaste para o francês.

— Está bem, seja! — disse Efímov. — Fiz a promessa, meu senhor, de não tocar para si, precisamente para si, mas agora o

meu coração abrandou. Toco para si, a primeira e última vez, e não me ouvirá mais, meu senhor, nunca e em lado algum, nem que me ofereça mil rublos.

Pegou no violino e pôs-se a tocar as suas variações de canções russas. B... viria a dizer mais tarde que aquelas variações eram a primeira e a melhor composição dele para violino, e que nunca mais tocaria nada tão bem e com tanta inspiração. O fidalgo, que de uma maneira geral não conseguia escutar música sem emoção, chorava sem se poder conter. Quando a música acabou, levantou-se da cadeira, pegou em trezentos rublos, deu-os ao meu padrasto e disse:

— Agora vai, Egor. Autorizo que saias daqui, trato de tudo com o conde; mas ouve: não te encontres mais comigo. Tens pela frente um caminho largo, mas se nos cruzarmos algum dia nesse caminho, não será bom para os dois. Adeus!... Espera! Mais um conselho que te dou, só um: não bebas, estuda, estuda sempre; não te enchas de presunção! Digo-te isto como to diria o teu próprio pai. Ouve, repito: estuda e não bebas, porque se te meteres nisso por desgosto (e desgostos haverá muitos!), está tudo perdido, tudo acabado, e pode acontecer-te o mesmo que àquele italiano: esticares o pernil nalgum fosso. Agora, adeus!... Espera, um beijo!

Trocaram beijos, e o meu padrasto saiu em liberdade.

Mal ficou livre, entrou em estado de pândega e, logo na cidade mais próxima, esbanjou os seus trezentos rublos acamaradando com uma súcia imunda e vil de estróinas, acabando por ficar sozinho, na miséria e sem a ajuda de ninguém; acabou por se empregar na orquestra miserável de um teatro itinerante provinciano, como primeiro, e talvez único, violino. Nada disso coincidia com as suas intenções iniciais, que eram: ir o mais rapidamente possível para Petersburgo, estudar, arranjar uma boa colocação e formar-se como verdadeiro artista. Ora, a vida dele na pequena orquestra não deu certo. O meu padrasto não tardou a zangar-se com o empresário do teatro itinerante e despediu-se. Então, desanimou por completo, chegando mesmo a tomar uma

medida de desespero, que lhe feria profundamente o orgulho: escreveu àquele fidalgo que o leitor já conhece, a contar a sua situação e a pedir-lhe dinheiro. A carta estava escrita num tom bastante independente; não obteve resposta. Efímov escreveu então uma segunda carta, já com expressões em que se humilhava, designando o fidalgo por seu benfeitor e por um verdadeiro apreciador da arte, voltando a pedir-lhe ajuda. Por fim, chegou uma resposta. O senhor mandava-lhe cem rublos e, em meia dúzia de linhas escritas pela mão do seu criado grave, pedia-lhe que, de futuro, Efímov o poupasse a quaisquer pedidos. Quando recebeu este dinheiro, a primeira intenção do meu padraсто foi ir de imediato para Petersburgo mas, pagas as dívidas, restava-lhe tão pouco dinheiro que a viagem se tornava impensável. Mais uma vez se deixou ficar na província, voltou a arranjar colocação numa orquestra provinciana, voltou a não se adaptar, e assim, saltando de um lugar para outro, sempre com a eterna ideia na cabeça de ir para Petersburgo em breve, passou seis anos na província. Por fim, o terror apossou-se dele. Notou, com desespero, que o seu talento se degradava, oprimido por uma vida sempre desordenada e miserável, e um belo dia abandonou o seu empresário, pegou no violino e foi para Petersburgo, fazendo o caminho quase a mendigar. Em Petersburgo, alojou-se algures numas águas-furtadas, sendo então que pela primeira vez encontrou B... que acabara de chegar da Alemanha e também queria fazer carreira. Depressa se tornaram amigos, e B... ainda hoje recorda essa amizade com profundo sentimento. Eram ambos jovens, tinham ambos as mesmas esperanças e os mesmos objetivos. Porém, B... era ainda muito jovem, ainda não conhecera a miséria nem as provações; além disso, como era acima de tudo alemão, perseguia os seus objetivos teimosa e sistematicamente, com a plena consciência dos limites das suas forças, quase com um cálculo preciso das hipóteses do que conseguiria; quanto ao seu amigo Efímov, já tinha trinta anos e, obrigado durante sete anos a vaguear, pela fatia de pão, pelos teatros provincianos e pelas orquestras domésticas dos proprietários

rurais, já estava cansado da vida, já perdera a paciência e as suas iniciais forças saudáveis. O seu esteio tinha sido apenas uma ideia constante e imutável: ver-se livre, finalmente, da sua péssima situação, juntar dinheiro e ir para Petersburgo. Mas era uma ideia obscura, imprecisa; era um clamor interno obsessivo que, com a passagem dos anos, perdera a clareza original aos olhos do próprio Eféimov, por isso, quando por fim chegou a Petersburgo, já quase agia inconscientemente, pelo hábito eterno e antigo de desejar esta viagem e de cismar nela, quase sem saber o que iria fazer na capital. O seu entusiasmo era de certo modo espasmódico, bilioso, por ímpetos, como se quisesse enganar a si mesmo com tal entusiasmo e convencer-se de que ainda não estavam esgotados nele o primeiro ardor, a primeira força e a primeira inspiração. Esta exaltação permanente espantou o frio e metódico B...; ficou deslumbrado, via no meu padrao um futuro grande génio da música. Nem podia imaginar de outro modo o futuro do seu companheiro. Mas não tardou muito a que B... abrisse os olhos e compreendesse claramente o que era o seu amigo. Acabou por ver com toda a nitidez que toda aquela impulsividade, febre e impaciência mais não eram do que o desespero inconsciente da lembrança do talento perdido; que, afinal de contas, talvez esse talento, desde o início, não fosse tão grande como isso; que havia ali demasiado deslumbramento, uma vã presunção, um contentamento consigo mesmo desde o princípio, fantasias permanentes, sonhos de genialidade. «Porém — contava B... —, não deixava de me surpreender com a estranha natureza do meu companheiro. Desenvolvia-se nele, a meus olhos, uma luta desesperada e febril entre o esforço convulso da sua vontade e a sua impotência interior. O desgraçado, durante sete anos, de tal modo se satisfiz apenas com os sonhos da sua futura fama que nem sequer reparou que perdera as bases iniciais da nossa arte, a própria técnica básica da arte. Entretanto, na sua imaginação desconcertada, criavam-se a cada instante planos gigantescos de futuro. Não só queria ser um dos maiores génios, um dos maiores

violinistas do mundo; não só se considerava já esse génio: para cúmulo, queria tornar-se compositor sem saber nada de contraponto. Porém, o que mais me espantava — continuou B... — era o facto de este homem, com toda a sua impotência, com os seus conhecimentos miseráveis da técnica da arte, ter uma compreensão instintiva da música tão profunda e clara. Sentia e compreendia a música, no seu fundo, de modo tão forte que não era de admirar que se perdesse na consciência de si mesmo e se tomasse, em vez do crítico profundo e instintivo da arte, por um sacerdote da arte, um génio. De vez em quando conseguia dizer-me, na sua linguagem rude e simples, à revelia de quaisquer termos científicos, coisas tão profundas que eu ficava aturdido e não conseguia compreender como era que ele intuía aquilo sem nunca ter lido nada, sem nunca ter estudado; sou grande devedor dele — acrescentou B... —, dele e dos conselhos que me deu para o meu próprio aperfeiçoamento. Quanto ao meu próprio destino, eu não tinha preocupações. Também eu gostava apaixonadamente da minha arte, embora soubesse desde o início da minha carreira que seria, no sentido literal, um operário braçal da arte, que não tinha capacidades para ir mais além do que isso; no entanto, orgulho-me de não ter enterrado, como um servo preguiçoso, o talento que a natureza me deu, mas, pelo contrário, o ter cultivado e centuplicado, e se as pessoas me louvam pela nitidez da minha execução, se admiram a perfeição da minha técnica, isso deve-se ao trabalho constante e persistente, à consciência clara das minhas forças, à humildade voluntária e ao ódio à arrogância, à presunção e à preguiça que essa presunção provoca.»

B..., por sua vez, tentou dar conselhos ao seu companheiro a quem, a princípio, se submetia, mas os conselhos apenas o irritavam. As suas relações esfriaram. Depressa B... começou a notar que o seu amigo, cada vez com maior frequência, ficava dominado pela apatia, pelo tédio e pela angústia, que os seus ímpetos de entusiasmo se tornavam cada vez mais raros, e que tudo nele caminhava para uma depressão sombria e louca. Por fim,

Efímov já punha de lado o violino, já passava semanas a fio sem pegar nele. Já se lhe entevia pela frente a queda total, e o desgraçado não tardou a mergulhar em todos os vícios. Aconteceu aquilo de que o advertira o senhor proprietário rural: entrou num estado de embriaguez desenfreada. B... olhava-o com terror; os seus conselhos não davam qualquer resultado, além de que B... até já tinha medo de abrir a boca à frente dele. A pouco e pouco, Efímov chegou ao cinismo extremo: não se envergonhava de viver à conta de B..., comportando-se mesmo como se tivesse todo o direito de o fazer. Entretanto, os recursos esgotavam-se; B... desenvencilhava-se com grandes dificuldades dando aulas de música, ou tocando nas festas dos comerciantes, dos alemães, dos funcionários pobres que, pouco que fosse, lhe pagavam. Efímov parecia não querer saber da pobreza do seu companheiro: tratava-o com rudeza e, semanas a fio, não se dignava dirigir-lhe a palavra. Uma ocasião, B..., com brandura, disse-lhe que não seria mau que Efímov não descurasse o seu violino para não desaprender de o tocar: Efímov enraiveceu-se e disse que agora, de propósito, é que não pegaria mais no violino, como se alguém estivesse a implorar-lhe de joelhos que pegasse. Noutra ocasião, B... precisou de um acompanhante para tocar numa festa e convidou Efímov. Esta proposta enfureceu Efímov. Declarou, exasperado, que não era violinista de rua e não se aviltaria como B... humilhando a nobre arte ao divertir com ela os artesãos ignóbeis que não perceberiam nada da sua música e do seu talento. A isto, B... nada respondeu, mas Efímov, na ausência do companheiro, que tinha ido trabalhar, pôs-se a pensar naquele convite e meteu-se-lhe na cabeça que aquilo não tinha passado de uma insinuação de que vivia às sopas de B..., uma tentativa de lhe dar a entender que ele devia também ganhar dinheiro. Quando B... voltou, Efímov censurou-lhe a baixeza do que fizera e anunciou que não ficaria com ele nem mais um minuto. Efetivamente, desapareceu durante dois dias, mas ao terceiro voltou, como se nada fosse, e continuou a viver como antes.

Apenas a afeição antiga e a amizade, além da compaixão que B... sentia pelo homem perdido, impediam que acabasse com aquele convívio monstruoso e se despedisse para sempre do amigo. Por fim, despediram-se. Na altura, a sorte sorriu a B...: conseguiu a proteção de uma pessoa influente e deu um concerto brilhante. Como já era um excelente artista, em breve a sua fama crescente lhe proporcionou um lugar na orquestra de um teatro de ópera, onde não tardou a conseguir um êxito bem merecido. À despedida, deu dinheiro a Efímov e, em lágrimas, implorou-lhe que voltasse ao bom caminho. Ainda hoje, B... não consegue lembrar-se de Efímov sem um sentimento especial. A amizade com Efímov foi uma das suas mais marcantes impressões de juventude. Iniciaram juntos a carreira, afeiçãoaram-se cordialmente um ao outro, e quanto mais grosseiros e bruscos eram os defeitos de Efímov mais B... se dedicava ao amigo. B... compreendia-o, via-o como que à transparência, previa como ia acabar tudo aquilo. À despedida, abraçaram-se e choraram. Efímov, por entre lágrimas e soluços, disse que era um homem acabado, um desgraçado, que sabia isso havia muito, mas que só agora vislumbrara claramente a sua perdição.

— Não tenho talento! — disse em conclusão, pálido de morte.

B... ficou muito comovido.

— Ouve, Egor Petróvitch — disse-lhe —, o que estás a fazer contigo? Com esse teu desespero, só estás a dar cabo de ti; não tens paciência nem coragem. Agora, num ataque de aflição, dizes que não tens talento. Não é verdade! Tens talento, acredita em mim. Tens talento. Vejo-o logo pela tua capacidade de sentires e compreenderes a arte. Posso provar-to também com toda a vida que tens levado. Contaste-me a tua vida passada. Já naquele tempo te dominava, inconscientemente, o mesmo desespero. O teu primeiro mestre, aquele homem estranho de que me falaste, despertou pela primeira vez em ti o amor pela arte e adivinhou o teu talento. Pois bem, naquela altura sentiste-o da mesma maneira forte e séria com que estás a senti-lo agora. Mas não sabias o que estava

a acontecer-te. Não te sentias bem em casa daquele proprietário rural e não sabias o que querias. O teu mestre morreu cedo demais. Apenas te deixou aspirações vagas e não te explicou como tu és. Sentias que precisavas de outro caminho qualquer, mais largo, que te tinham sido destinados outros objetivos na vida, mas não percebias como isso iria passar-se, e na tua aflição ganhaste ódio a tudo o que te rodeava naqueles tempos. Os teus seis anos de pobreza e de miséria não passaram em vão: estudavas, pensavas, tomavas consciência de ti próprio e das tuas forças, até atingires a compreensão da arte e da tua vocação. Meu amigo, é preciso ter paciência e coragem. Espera-te um destino mais invejável do que o meu: és cem vezes mais artista do que eu; mas que Deus te dê nem que seja a décima parte da minha paciência. Estuda e não bebas, como dizia o teu bondoso senhor, mas sobretudo começa desde o princípio, *ab ovo*. O que te atormenta? A pobreza, a miséria? Mas são a pobreza e a miséria que formam o artista. São inseparáveis do começo. Ainda ninguém precisa de ti nem quer saber de ti; é assim que as coisas se passam neste mundo, vais ver que será ainda pior quando souberem o talento que tens. A inveja, a ignomínia mesquinha e, sobretudo, a estupidez, ainda te vão oprimir mais do que a miséria. O talento precisa de apoio, precisa de ser compreendido, mas vais ver as caras dos que te rodearem quando conseguires nem que seja uma pequena parte do teu objetivo. Vão menosprezar e olhar com desdém para o que tiveres conseguido com um trabalho sério, com provações, fome, noites sem sono. Não te vão animar, não te vão dar consolo esses teus futuros companheiros; não te vão indicar o que tens de bom e de verdadeiro, mas vão agarrar-se, com uma alegria maldosa, aos teus mais pequenos erros, vão salientar precisamente o que tens de mais fraco, os teus erros, e, sob a aparência da frieza e do desprezo por ti, vão festejar cada erro teu (como se houvesse alguém que não cometa erros!). Ora, tu és arrogante, és orgulhoso a despropósito, capaz de insultares o amor-próprio de um medíocre, e isso será o teu fim: ficarás sozinho contra muitos; eles vão martirizar-te com as

suas alfinetadas. Eu próprio já começo a passar por isso. Anima-te, agora. Não és desesperadamente pobre, podes sobreviver, não desprezes o trabalho para ganhares o pão, corta lenha, como eu cortei nas festinhas dos pobres artesãos. Mas és impaciente, tens a doença da impaciência, falta-te a simplicidade, preferes ser manhoso, pensas demais, dás excesso de trabalho à tua cabeça; és atrevido nas palavras e cobarde quando tens de pegar no arco. Tens muito amor-próprio e pouca coragem. Ganha coragem, espera, estuda, e, se não acreditas nas tuas forças, segue os teus impulsos: tens ardor, tens sentimento. É possível atingires o objetivo; e se não conseguires atingi-lo, mesmo assim continua: em qualquer caso, não perdes nada porque o prémio é grande demais! Nisso, meu amigo, o nosso «seguir os impulsos» é uma grande coisa!

Efímov ouvia o seu velho amigo com grande sentimento. À medida que este falava, a palidez abandonava as faces de Efímov, que se coloriam; os olhos luziam-lhe no fogo insólito da coragem e da esperança. Porém, depressa esta nobre coragem se transformou em presunção, depois no atrevimento habitual e, por fim, quando B... estava a terminar a sua exortação, Efímov já o ouvia com um ouvido impaciente e distraído. No entanto, apertou com calor a mão de B..., agradeceu-lhe e, rápido nas suas passagens da profunda auto-humilhação e angústia para a altivez e o atrevimento mais extremos, declarou, convencido, que o amigo não devia preocupar-se com o seu destino, que sabia organizá-lo, que esperava também arranjar em breve um protetor, que daria um concerto e, então, ganharia de uma vez fama e dinheiro. B... encolheu os ombros mas não quis contradizer o seu antigo companheiro e lá se despediram, embora, evidentemente, por pouco tempo. Efímov desbaratou de imediato o dinheiro que B... lhe dera e apareceu à procura de mais; depois, mais uma vez, depois outra, e outra ainda, apareceu dez vezes, até que B... perdeu a paciência e já não o recebia, mandando dizer que não estava em casa. Acabou por perdê-lo de vista.

Passaram-se alguns anos. Um dia, voltava B... para casa depois de um ensaio, numa viela, à entrada de uma taberna suja, esbarrou

contra um homem mal vestido e bêbado que o chamou pelo nome. Era Efímov. Mudara muito, tinha uma cor amarelada, a cara opada; via-se que a vida desregrada o marcara com o seu ferro indelével. B... gostou muito de o ver e, sem tempo ainda de ter trocado duas palavras com Efímov, foi arrastado por ele para a taberna. Ali, numa saleta dos fundos, pequena e enegrecida pelo fumo, observou de perto o seu antigo companheiro. O que vestia era quase farrapos, tinha as botas rotas; o peitilho coçado da sua camisa estava manchado de vinho. O cabelo começava-lhe a encanecer e a cair.

— O que é feito de ti? Onde estás agora? — perguntou B...

Efímov atrapalhou-se, de início até ficou tímido, respondia de uma maneira desconexa e entrecortada, chegando B... ao ponto de pensar que tinha ali um louco à sua frente. Por fim, Efímov confessou que não estava em condições de falar, que precisava de beber antes alguma vodca e que na taberna havia muito que não lhe fiavam. Dizendo isto, corou, embora tentasse disfarçar com um gesto ousado; mas esse gesto saiu-lhe uma coisa descarada, fingida, cheia de afetação, e o bondoso B..., vendo que os seus receios se confirmavam por completo, encheu-se de compaixão à vista do aspecto lastimável de Efímov. Mandou que lhes trouxessem vodca. Efímov ficou com a cara tão transtornada de gratidão e tão confusa que, com as lágrimas nos olhos, parecia pronto a beijar as mãos do seu benfeitor. Almoçaram e, no decorrer da refeição, B... ficou a saber, espantadíssimo, que o desgraçado se casara. Mas ficou ainda mais pasmado quando soube que a mulher de Efímov era a fonte de toda a sua desgraça e que o casamento destruía todo o seu talento.

— Como assim? — perguntou B...

— Há já dois anos que não pego no violino, meu amigo — respondeu Efímov. — Campónia, uma cozinheira, inculta, uma grosseirona. Que se amole!... Só andamos à bulha, mais nada.

— Se é assim, para que te casaste?

— Não tinha que comer. Conhecia-a; ela tinha dinheiro, uns mil rublos; então, sem pensar duas vezes, casei-me. Ela é que se

apaixonou por mim. Atirou-se-me para os braços. Ninguém lhe pediu! O dinheiro gastou-se, derretido em vodka e... que talento pode haver agora? Está tudo perdido!

B... notou que Efímov como que estava deseioso de se justificar.

— Abandonei tudo, tudo — acrescentou. Afirmou também que, nos últimos tempos, atingira quase a perfeição a tocar violino, e que, se ele quisesse, B..., embora fosse um dos melhores violinistas da cidade, não lhe chegaria aos calcanhares.

— Então, de que estás à espera? — disse B..., surpreendido. — Por que não procuras emprego?

— Não vale a pena! — disse Efímov, abanando a mão. — Algum de vós ia compreender alguma coisa? O que é que vós sabeis? Não sabeis patavina, nada de nada! Sabeis uma dançazita, um bailado medíocre, só isso. Nunca vistes nem ouvistes bons violinistas. Não quero ter nada a ver convosco, ficai-vos lá na vossa!

Efímov voltou a abanar a mão e cambaleou na cadeira porque estava já bastante bêbado. Depois convidou B... para sua casa. B... recusou, mas apontou a morada dele e prometeu visitá-lo no dia seguinte. Efímov, que já matara a fome, olhava agora com ironia para o seu antigo companheiro e tentava, por todas as formas, espicaçá-lo. Quando saíam, pegou na peliça cara de B... e chegou-lha como um subalterno a um superior. Quando passavam pela primeira sala, parou e apresentou B... aos criados da taberna e aos clientes como o primeiro e único violino em toda a capital. Em resumo, estava a ser extremamente porco nesse momento.

Apesar disso, B... foi buscá-lo na manhã seguinte, nas águas-furtadas onde vivíamos em extrema pobreza, todos no mesmo quarto. Na altura eu tinha quatro anos, e fazia já dois anos que a minha mãezinha se casara com Efímov. A minha mãe era uma mulher infeliz. Antes era preceptora, com excelente formação, bonita; como era pobre, casou-se com um funcionário já velho, o meu pai. Viveram juntos apenas um ano. Quando o meu pai morreu inesperadamente e a sua pequena herança foi partilhada entre os herdeiros, a minha mãe ficou sozinha comigo, com a sua parte da

herança, uma quantia miserável em dinheiro. Com uma criança pequena, era difícil voltar a ir servir como preceptora. Foi nessa altura que, por puro acaso, se encontrou com Efímov e, é verdade, apaixonou-se por ele. A minha mãe era entusiasta, sonhadora, via em Efímov um génio, acreditava nas suas palavras altivas sobre um futuro brilhante; na sua imaginação, era lisonjeiro aquele destino de guia e apoio de um homem genial, e casou-se com ele. Logo no primeiro mês desmoronaram-se todos os sonhos e esperanças dela, e abriu-se-lhe diante dos olhos apenas a miserável realidade. Efímov, que talvez se tivesse efetivamente casado porque a minha mãe tinha aqueles mil rublos, mal o dinheiro se acabou baixou os braços de desalento e, como se estivesse contente com o pretexto, começou a dizer a toda a gente que o casamento lhe arruinara o talento, que não conseguia trabalhar num quarto abafado, na presença da família faminta, que naquelas condições nunca poderia criar canções e músicas, e, finalmente, que era aquela a sua triste e desgraçada sina. Ele próprio parecia acreditar nas suas queixas e aquela nova desculpa agradava-lhe. Aquele homem desgraçado, de talento perdido, procurava sempre, com intenção, uma qualquer situação exterior a ele para poder incriminar toda a gente dos seus azares e desgraças. Não podia aceitar a terrível ideia de que, havia já muito, estava morto para a arte. Lutava convulsivamente, como se estivesse sob um pesadelo doentio, contra aquela terrível suposição, e por fim, quando a realidade levava a melhor, quando por momentos os olhos se lhe abriam, sentia um pavor que o levava à beira da loucura. Não podia desenganar-se com facilidade de uma coisa que durante tanto tempo foi para ele toda a essência da sua vida e, até ao último momento, convenceu-se de que não estava ainda tudo perdido. Nas horas de dúvida, entregava-se à bebedeira, e era esta bebedeira, com o seu monstruoso delírio, que lhe escorraçava a angústia. Por fim, talvez nem ele próprio soubesse quão necessária se tornou a mulher para ele naquele tempo. A mulher era uma justificação viva, chegando o meu padrasto ao ponto de quase enlouquecer com a ideia de que, logo que

enterrasse a mulher *que o levou à perdição*, começaria tudo a andar bem. A minha pobre mãezinha não o compreendia. Como uma verdadeira sonhadora, não aguentou sequer o primeiro passo na realidade hostil: tornou-se desabrida, cáustica, só ralhava, volta e meia zangava-se com o marido, que tinha um prazer especial em fazê-la sofrer, e não parava de o mandar trabalhar. Mas a ideia deslumbrada, obsessiva do meu padraсто, o seu capricho louco, tornavam-no insensível, quase desumano. Limitava-se a rir e dizia que não pegaria no violino até à morte dela, sim, e disse-lhe isto na cara, com uma frontalidade cruel. A mãezinha, apesar de o amar loucamente, até à morte, não aguentou esta vida. Andava sempre doente, em sofrimento, vivia tormentos sem fim, carregava sozinha a cruz de ter de alimentar a família. Começou a cozinhar para fora e abriu um refeitório em casa. Mas o marido roubava-lhe o dinheiro todo e, em vez dos almoços, muitas vezes via-se obrigada a devolver a loiça vazia aos clientes. Quando B... nos visitou, a minha mãe estava a lavar a roupa e a tingir os vestidos velhos. Era com este seu trabalho que, mais ou menos, sobrevivíamos nas nossas águas-furtadas.

A miséria da nossa família pasmou B...

— Ouve, é mentira tudo o que dizes — disse ele ao meu padraсто. — Onde está aqui o talento reprimido? Ela alimenta-te, e tu, o que fazes?

— Nada! — respondeu o meu padraсто.

B..., porém, não conhecia todas as desgraças da mãezinha. Efímov, além de tudo isso, levava lá para casa chusmas de desordeiros e estróinas, e as coisas que eles faziam!

B... tentou, durante muito tempo, convencer o seu antigo amigo; por fim, disse-lhe que, se não se emendasse, não lhe daria qualquer ajuda; disse-lhe sem rodeios que não lhe daria dinheiro porque ele o gastaria logo em bebida; depois, pediu-lhe que tocasse alguma coisa no violino para ver o que se podia fazer por ele. Quando o meu padraсто foi buscar o violino, B... tentou, à socapa, dar dinheiro à minha mãe, mas ela recusou. Era a primeira vez que lhe davam

uma esmola! B... deu-me então o dinheiro, e a desgraçada mulher desatou a chorar. O meu padrasto trouxe o violino, mas primeiro pediu vodca, dizendo que sem isso não podia tocar. Foram buscar vodca. Ele bebeu e animou-se.

— Vou tocar qualquer coisa minha, por amizade — disse ele a B... e tirou, de debaixo da cómoda, um caderno grosso e cheio de pó.

— Tudo isto é de minha autoria — disse ele, apontando para o caderno. — Vais ver! Isto, meu amigo, não é nada como os vossos bailadozitos!

B..., em silêncio, folheou um pouco o caderno; depois abriu a partitura que trouxera consigo e, pondo de lado as composições de Efímov, pediu-lhe que tocasse qualquer coisa das que trouxera.

O meu padrasto ficou um pouco ofendido; mas, com medo de perder o novo protetor, cumpriu a ordem de B... Este viu então que o seu antigo companheiro tinha na verdade ensaiado muito e feito progressos durante o período em que estiveram sem se ver, apesar de Efímov ter dito que nunca mais pegara no violino desde que se casara. Era incrível a alegria da minha pobre mãe. Olhava para o marido e voltava a ter orgulho nele. Quanto a B..., sinceramente agradado, decidiu arranjar um emprego ao meu padrasto. Naquela altura já tinha muitos conhecimentos e começou a pedir pelo pobre amigo, a recomendá-lo, obrigando-o previamente a dar a sua palavra de honra de que se portaria bem. Para começar, vestiu-o bem, do seu bolso, e apresentou-o a algumas pessoas conhecidas de quem dependia a colocação de Efímov. Quanto a Efímov, só era fanfarrão em palavras e, na verdade, encarava com alegria a proposta do seu velho amigo. B... viria a contar que até se envergonhava da bajulice e da veneração humilhante com que o meu padrasto o tratava, com medo de perder a sua simpatia e tentando ganhar-lhe os favores. Efímov, percebendo que queriam pô-lo no bom caminho, até deixou de beber. Por fim, arranjaram-lhe um lugar na orquestra do teatro. Passou bem a prova porque, num mês de trabalho e aplicação, recuperou toda a capacidade que

perdera durante um ano e meio de ócio; prometeu que, de futuro, também continuaria a estudar e a ser zeloso e pontual nas suas novas obrigações. A situação da nossa família, porém, não melhorou. O meu padraсто não dava um copeque à mãezinha do seu ordenado, gastava tudo com ele e nas bebedeiras com a chusma dos seus novos companheiros. De preferência, travava amizade com o pessoal auxiliar do teatro, com coristas, figurantes, enfim, com gente que podia liderar, e evitava as pessoas verdadeiramente talentosas. Conseguí inculcar nessa gente um respeito especial por si próprio, contando-lhes desde o princípio a história de que era um homem a quem não reconheciam o grande talento, um talento que, aliás, a sua mulher se encarregava de destruir; por fim, disse-lhes abertamente que o maestro da orquestra não percebia nada de música. Troçava de todos os artistas da orquestra, das peças escolhidas para encenação e dos próprios autores das óperas levadas à cena. Depois, começou a apregoar uma qualquer nova teoria musical; em resumo, toda a orquestra ficou farta dele, das suas zangas com os colegas, com o maestro, da sua má educação para com os chefes; depressa ganhou a reputação de ser o mais incómodo, caprichoso e, ao mesmo tempo, o mais insignificante dos homens, levando as coisas a um ponto tal que se tornou insuportável para todos.

De facto, era estranhíssimo ver um homem tão insignificante, um executante tão fraco e inútil, um músico tão negligente com aquelas grandes pretensões, aquela fanfarronice, aquela arrogância e aquele tom ríspido.

Por fim, o meu padraсто zangou-se com B..., inventou sobre ele um boato abominável, uma calúnia nojenta que pôs a correr como se fosse uma verdade incontestável. Foi expulso da orquestra depois de meio ano de serviço desordenado pela negligência no cumprimento das obrigações e por embriaguez. Mas não abandonou logo aquele meio. Viram-no pouco tempo depois, vestido com os seus andrajos antigos porque a roupa decente já tinha sido vendida ou empenhada. Começou a visitar os seus antigos colegas,

sem se importar que estivessem ou não agradados com as suas visitas, continuou a propalar mexericos, a tagarelar disparates, a queixar-se da vida, a convidar toda a gente a ir ver a facínora da sua mulher. É claro que encontrava audiência, pessoas que tinham prazer em, depois de embebedarem o companheiro expulso, o incitarem aos disparates. Além disso, falava sempre com sarcasmo e inteligência, e condimentava o seu discurso com aquela bília corrosiva e aquelas afrontas cínicas que agradavam a certo género de ouvintes. Tomavam-no por uma espécie de bobo maluco a quem, por não terem mais nada que fazer, gostavam de provocar para aquelas conversas. Gostavam de o irritar falando na presença dele de algum novo violinista em digressão. Quando tal ouvia, Efímov intimidava-se, transtornava-se-lhe a cara, começava a informar-se sobre quem era o novo talento, ficava logo cheio de ciúmes dele. Parece que foi a partir deste tempo que começou a desabrochar nele a sua verdadeira e sistemática loucura: a ideia obsessiva de ser o melhor violinista que havia, pelo menos em Petersburgo, mas perseguido pelo destino, ofendido, não compreendido por culpa das intrigas e, logo, desconhecido. Esta última faceta até lhe agradava, porque há caracteres que gostam de se considerar ofendidos e oprimidos, e de se queixar disso em alta voz ou, então, consolar-se em silêncio venerando a sua grandeza não reconhecida. Conhecia todos os violinistas de Petersburgo e, no seu entender, não havia entre eles quem lhe chegasse aos calcanhares. Os entendidos e os diletantes, para obrigarem o homenzinho desgraçado e extravagante a falar, gostavam de referir na sua presença este ou aquele violinista famoso e de talento. Gostavam de lhe espicaçar a raiva, dos seus remoques cáusticos, gostavam das coisas justas e inteligentes que ele dizia quando criticava a maneira de tocar dos seus pseudorivais. Muitas vezes não o compreendiam, mas de uma coisa tinham a certeza: não havia no mundo quem soubesse caricaturar tão bem, de forma tão hábil e poderosa, as modernas celebridades musicais. Os próprios artistas de quem ele troçava tinham mesmo algum medo dele porque conheciam o poder do seu

sarcasmo, e, nos casos em que Efímov arrasava os outros, chegavam a admitir a justeza das suas críticas e da sua opinião. Habitaram-se a vê-lo nos corredores e nos bastidores dos teatros. Os empregados deixavam-no passar sem lhe porem obstáculos, como a pessoa imprescindível, e Efímov tornou-se um Tersites⁸ caseiro. Levou dois ou três anos nesta vida; finalmente, ficaram fartos dele mesmo neste seu último papel. Seguiu-se o seu escorraçamento formal e, nos últimos dois anos da sua vida, o meu padrasto desapareceu sem deixar rasto, não sendo visto em lado nenhum. Aliás, B... encontrou-o duas vezes, e num preparo tão miserável que a compaixão voltou a levar a melhor sobre a repugnância. Chamou-o pelo nome, mas o meu padrasto ofendeu-se, fez de conta que não tinha ouvido, enfiou o seu velho e deformado chapéu para os olhos e passou-lhe ao lado. Viu-o outra vez, na manhã de uma grande festa; anunciaram a B... que o seu antigo companheiro Efímov viera desejar-lhe as boas-festas. B... foi ter com ele. Efímov estava bêbado, começou a fazer umas vénias muito profundas, quase até ao chão, mexendo os lábios, balbuciando qualquer coisa, sem querer entrar nas salas. O significado deste seu procedimento era: não é para nós, gente medíocre, ter amizade com magnatas como o senhor; para nós, gente miúda, basta a zona dos lacaios para dar as boas-festas; fazemos uma vénia e vamos já embora. Resumindo, era mais uma coisa dele, suja, estúpida, nojenta. Desde então passou-se muito tempo sem que B... soubesse dele, até ao momento da catástrofe em que culminou toda aquela vida triste, doentia e ébria. O desfecho foi terrível. Esta catástrofe tem uma ligação com toda a minha vida, e não só com as suas primeiras impressões. Aconteceu da maneira seguinte... Antes, porém, tenho de explicar o que foi a minha infância e o que representou para mim este homem que, de forma tão dolorosa, se reflectiu nas minhas primeiras sensações da vida e que foi a causa da morte da minha pobre mãezinha.

Tenho uma memória muito tardia de mim, apenas desde os oito anos. Não sei como não me marcou o que me aconteceu antes disso, não me ficou nada para agora recordar. Porém, a partir dos meus oito anos e meio, lembro-me de tudo com clareza, dia após dia, ininterruptamente, como se tudo tivesse acontecido apenas ontem. Na verdade, posso, como que em sonho, lembrar-me também de algumas coisas anteriores: uma lamparina sempre acesa num canto escuro, junto ao ícone antigo; como um cavalo me atropelou na rua, tendo eu ficado de cama três meses, como me viriam a contar mais tarde; como, neste tempo, estando acamada, acordei ao lado da minha mãezinha, que dormia na mesma cama que eu, e me assustei com o meu sonho doentio, com o silêncio da noite e com o arranhar dos ratos num canto, e como tremi de medo toda a noite, escondida debaixo do cobertor mas sem me atrever a acordar a mãezinha, donde concluo agora que tinha mais medo dela do que de qualquer outra coisa. Porém, a partir do momento em que comecei a ter consciência de mim, desenvolvi-me rapidamente, de um salto, e muitas impressões nada infantis tornaram-se então acessíveis de todo. Tudo se esclarecia, tudo se tornava compreensível para mim muito depressa. O tempo de que tenho a primeira memória deixou-me uma imagem brusca e triste; depois, esta imagem foi-se repetindo e crescendo todos os dias; lançou uma mancha escura e estranha sobre todo o período da minha vida que passei com os meus pais e, por isso, sobre toda a minha infância.

Parece-me agora que acordei de repente de um sono profundo (embora, como é evidente, naquele tempo isso não fosse para mim tão assombroso). Vi-me num quarto grande de teto baixo, imundo, de ar abafadiço. As paredes eram de uma cor cinzenta suja; a um canto havia um enorme fogão russo; as janelas davam para a rua, ou melhor, para o telhado do prédio oposto, e eram tão baixinhas e extensas que lembravam fendas. Os peitoris eram tão altos que, lembro-me, tinha de puxar uma cadeira ou um banco para, a custo, subir até à janela, pois gostava de me sentar no peitoril quando não estava ninguém em casa. Do nosso quarto abria-se uma vista para

metade da cidade: vivíamos mesmo sob o telhado de um prédio enorme de sete andares. Toda a nossa mobília consistia nos restos de um divã de oleado, coberto de pó, em frangalhos; uma mesa branca e simples, duas cadeiras, a cama da minha mãe, um pequeno armário num canto, uma cómoda cambada e um biombo rasgado de papel.

Lembro-me do crepúsculo; estava tudo em desordem, espalhado pelo quarto: escovas, trapos, a nossa loiça de madeira, uma garrafa partida e outras coisas. Lembro-me da mãezinha que, por qualquer razão, estava muito emocionada e chorava. O meu padrasto estava sentado a um canto, com a sua sobrecasaca rasgada de sempre. Dava uma resposta qualquer à minha mãe, em tom de ironia, o que a irritou ainda mais e a levou a atirar para o chão mais escovas e loiça. Eu desatei a chorar, a gritar, atirei-me aos braços de ambos. Estava muito assustada, abracei-me com força ao paizinho para o proteger. Só Deus sabia por que razão me convenci de que a mãezinha não tinha razão naquela zanga com ele, que a culpa não era dele; queria pedir perdão por ele, sofrer qualquer castigo por ele. Tinha muito medo da minha mãe e supunha que os outros também lhe tinham medo. A minha mãe, a princípio, ficou espantada, depois agarrou-me pela mão e arrastou-me para trás do biombo. Magoei a mão ao bater contra a cama, mas o meu susto era maior do que a dor, pelo que nem franzi a cara. Lembro-me ainda de a minha mãe começar a dizer qualquer coisa com amargura e ardor ao paizinho, apontando para mim (nesta história vou sempre chamar-lhe pai porque só muito mais tarde viria a saber que ele não era o meu verdadeiro pai). Toda esta cena continuou durante umas duas horas, e eu, tremendo de expectativa, tentava com todas as minhas forças adivinhar qual iria ser o desfecho. Finalmente, a discussão acalmou-se, a mãezinha saiu para qualquer lado. De repente, o paizinho chamou-me, beijou-me, acariciou-me a cabeça, sentou-me ao seu colo, e eu, com deleite, apertei-me ao peito dele com força. Foi, talvez, o seu primeiro carinho paternal, e talvez tenha sido por isso que comecei a lembrar-me de tudo com tanta nitidez a partir desse

momento. Reparei também que, por ter defendido o paizinho, ganhara as suas graças; e foi então que, penso que pela primeira vez, me espantou a ideia de que ele sofria com muita amargura por causa da minha mãe. Esta ideia não me largou mais desde então e indignava-me cada vez mais.

Foi desde então que nasceu em mim um grande amor por aquele pai, mas era um amor estranho, como se não tivesse nada de infantil. Diria antes que era um sentimento de compaixão, um sentimento *maternal*, se não fosse um tanto ridícula esta definição de amor por parte de uma criança. O meu pai parecia-me sempre tão miserável, tão sofredoramente perseguido, tão oprimido e martirizado que, para mim, seria terrível e nada natural não o amar loucamente, não o consolar, não o acarinhar, não cuidar dele com todas as minhas forças. E ainda hoje não compreendo como pode ter passado pela cabeça que o meu pai era um grande sofredor, o homem mais desgraçado do mundo! Quem me pode ter incutido esta ideia? De que maneira eu, uma criança, podia perceber fosse o que fosse dos seus malogros pessoais? Mas compreendia-os, embora interpretasse e recompusesse tudo à minha maneira na imaginação; no entanto, ainda hoje continuo a não compreender como se formou na minha mente essa impressão. Talvez a mãezinha fosse rigorosa demais para comigo, e eu me tivesse afeiçoado ao meu pai por ver nele uma criatura que sofria juntamente comigo.

Já falei do meu primeiro acordar do sono infantil, do meu primeiro movimento na vida. Foi como se o meu coração fosse atingido desde o primeiro instante e logo o meu desenvolvimento arrancasse com uma rapidez inconcebível e extenuante. Já não podia satisfazer-me apenas com as sensações vindas do exterior. Comecei a pensar, a raciocinar, a observar; mas as minhas observações eram tão prematuras, era tudo tão pouco natural que a minha imaginação, inevitavelmente, reconstituía tudo à sua maneira, assim me catapultando de repente para um mundo especial. Tudo à minha volta começou a tomar os contornos daquele conto de fadas

que o meu pai me contava muitas vezes e que eu, naquele tempo, não podia deixar de tomar pela pura das verdades. Nasceram em mim noções estranhas. Ganhei a firme certeza — não sei como isso aconteceu — de que vivia numa família esquisita e de que os meus pais não eram iguais às outras pessoas que me calhava ver naquela altura. «Por que é que as outras pessoas — pensava eu — não são nada parecidas com os meus pais, nem no aspecto exterior? Por que via riso nas caras dos outros e logo me espantava por ver que no nosso cantinho nunca havia risos, nunca ninguém estava alegre?» Que força, que razão me levava, a mim, criança de nove anos, a dar tanta atenção e a escutar com tanta aplicação cada palavra das pessoas que me acontecia encontrar nas nossas escadas, ou na rua quando, à noite, cobrindo os meus farrapinhos com o casaco velho da minha mãe, eu ia à venda comprar uns cobres de açúcar, de chá, de pão. Compreendi, e já não me lembro como, que no nosso canto havia uma eterna e insuportável desgraça. Dava cabo da cabeça a tentar perceber por que era assim, e não sei quem me ajudou a desvendar tudo isso à minha maneira, ou seja, acusando a minha mãe, reconhecendo que a tirana do meu pai era ela, e volto a repetir: não compreendo como pode ter-se formado na minha imaginação uma ideia tão monstruosa. E, na mesma medida em que me afeiçoei ao meu pai, ganhei ódio à minha mãe. Ainda hoje me atormenta dolorosa e amargamente a recordação de tudo isso. E, mais ainda do que isto, aqui vai mais uma coisa que contribuiu para que eu me aproximasse do meu pai. Um dia, já passava das nove, a minha mãe mandou-me à venda buscar fermento; o meu pai não estava em casa. De regresso, caí na rua e derramei tudo o que trazia na tigela. A primeira coisa em que pensei foi como a minha mãe ia ficar zangada. Entretanto, sentia uma dor terrível no braço esquerdo e não conseguia levantar-me. Os transeuntes paravam à minha volta; uma velha começou a levantar-me, um garoto passou a correr e bateu-me com uma chave na cabeça. Por fim lá me puseram de pé, apanhei os cacos da tigela partida e, mal podendo mexer as pernas,

fui a cambaleiar para casa. De repente, vi o paizinho. Estava no meio da multidão, em frente de uma casa rica, defronte da nossa. Era uma casa de pessoas ricas e estava magnificamente iluminada; à entrada havia muitas carruagens dos convidados, das janelas jorravam para a rua os sons da música. Agarrei-me à aba da sobrecasaca do paizinho, mostrei-lhe a tigela partida e, a chorar, disse-lhe que tinha medo de voltar para a mãezinha. Não sei porquê, tinha a certeza de que ele me defenderia. Mas por que tinha essa certeza, quem me tinha sugerido, quem me tinha ensinado que ele gostava mais de mim do que a mãezinha? Por que me aproximei dele sem medo? Ele pegou-me na mão, pôs-se a consolar-me, depois disse que queria mostrar-me uma coisa e pegou-me ao colo. Eu não conseguia ver nada porque o meu pai me agarrara pelo braço e doía muito; mas não gritei, com medo de o entristecer. Ele, por várias vezes, perguntou-me se eu estava a ver alguma coisa. Eu fazia o maior esforço para lhe responder e lhe agradecer, e dizia-lhe que via cortinas vermelhas. Ora, quando ele me levou para o outro lado da rua, para mais perto da casa, não sei por que comecei a chorar, a abraçá-lo e a pedir-lhe que me levasse depressa para cima, à mãezinha. Lembro-me de que aqueles carinhos do meu pai eram muito dolorosos para mim, que eu não conseguia suportar que, por um lado, uma das pessoas que eu queria tanto amar também me acarinhava e amava, e, por outro lado, de outra dessas pessoas eu tinha medo a ponto de não querer ir para junto dela. A mãezinha, porém, quase não se zangou comigo e mandou-me dormir. Lembro-me de que a dor no braço foi aumentando e que já estava com febre. No entanto, estava especialmente feliz por tudo ter acabado em bem e, durante toda a noite, sonhei com a casa vizinha das cortinas vermelhas.

Então, quando acordei no dia seguinte, o meu primeiro pensamento, a minha primeira preocupação foi para a casa com as cortinas vermelhas. Mal a mãezinha saiu de casa, subi para o peitoril da janela e pus-me a olhar para lá. Havia muito que aquela casa espantava a minha curiosidade infantil. Gostava de olhar para

ela sobretudo ao princípio da noite, quando na rua se acendiam as luzes e quando as cortinas de um vermelho-púrpura, atrás das vidraças inteiriças da casa fortemente iluminada, começavam a arder com um brilho especial, sanguíneo. Chegavam quase sempre à entrada carruagens ricas puxadas por cavalos orgulhosos, belos, e tudo atraía a minha curiosidade: os gritos, a azáfama à entrada, os lampiões multicores dos coches, as mulheres ataviadas que vinham neles. Tudo isso, na minha imaginação de criança, tomava o aspecto de qualquer coisa realenga e fantástica, milagrosa. Ora, depois de ter estado com o meu pai junto da casa rica, esta tornou-se para mim duas vezes mais maravilhosa e digna de curiosidade. Na minha espantada imaginação, começaram a nascer noções e suposições estranhas. Agora, à distância, não me admiro que, vivendo com pessoas tão estranhas como os meus pais, eu própria me tivesse tornado uma criança estranha, fantástica. Pasmava-me sobremaneira o contraste entre os caracteres dos dois. Surpreendia-me, por exemplo, que a mãezinha estivesse constantemente preocupada com a nossa casa pobre, que atirasse sempre à cara do meu pai que apenas ela, sozinha, trabalhava para todos, e eu, involuntariamente, fazia-me a pergunta: por que era que o paizinho nunca ajudava, por que vivia em nossa casa como um estranho? Algumas palavras da minha mãe sugeriam-me a resposta, e foi com uma certa surpresa que descobri que o meu pai era artista (guardei esta palavra na memória), que o meu pai era um homem de talento, e logo a minha imaginação criou a noção de que o artista era um homem especial que em nada se assemelhava aos outros. Talvez a conduta do meu pai me levasse a pensar assim; talvez tivesse ouvido alguma coisa a este respeito que depois se me varreu da memória; em qualquer caso, foi para mim estranhamente compreensível o sentido das palavras que, um dia, o meu pai, com um sentimento especial, disse na minha presença. Disse ele que «chegaria o tempo em que também ele não viveria na miséria, em que seria um senhor e um homem rico, e que, quando a mãezinha morresse, ele finalmente ressuscitaria». Lembro-me de que estas

palavras, a princípio, me assustaram muito. Não aguentei ficar no quarto, fugi para o nosso átrio frio e ali, apoiando os cotovelos no peitoril da janela e tapando a cara com as mãos, desfiz-me em lágrimas. Mais tarde, porém, quando pensava nisto (a cada instante), depois de me ter habituado ao desejo terrível do meu pai, a fantasia veio de súbito em minha ajuda, até porque não podia atormentar-me todo o tempo com o indefinido, necessitava arranjar sem falta uma suposição qualquer. Então acabei por concluir — não sei qual foi o ponto de partida para isso — que, quando a mãezinha morresse, o meu pai deixaria aquele enfadonho apartamento e me levaria com ele para qualquer lado. Para onde? Isso nunca o consegui imaginar. Lembro-me apenas de que, na minha fantasia, recorria a tudo o que fosse brilhante, luxuoso e magnífico para adornar o sítio para onde iríamos juntos (decidira que iríamos obrigatoriamente juntos), de tudo isso eu me apropriava nos meus sonhos. Imaginava que nos tornaríamos ricos de repente; eu não iria mais às compras à venda, uma tarefa penosa para mim porque, mal saía de casa, logo me ofendiam as crianças da casa vizinha, e eu tinha muito medo disso, sobretudo quando levava leite ou óleo, sabendo que, se os derramasse, seria severamente castigada; depois, decidi no meu sonho que o meu paizinho mandaria fazer de imediato roupas boas e que nos instalaríamos numa casa excelente; então, aquela casa rica com as cortinas vermelhas e o encontro com o meu paizinho junto dela acudiam-me à imaginação. E logo me veio a ideia de que nos mudaríamos precisamente para aquela casa e que viveríamos lá numa eterna festa, numa eterna bem-aventurança. Desde então, olhava da janela, com uma curiosidade tensa, para aquela casa de prodígio, recordava a chegada dos convidados tão bem vestidos como eu nunca vira; imaginava ouvir a música suave que saía das janelas; perscrutava as sombras das pessoas que relanceavam por trás das cortinas e tentava adivinhar o que se fazia lá dentro, e imaginava sempre que lá dentro era o paraíso e uma eterna festa. Criei ódio pela nossa casa pobre, pelos farrapos que vestia, e quando, uma ocasião, a minha mãe me gritou

que descesse do peitoril para onde tinha subido, como de costume, logo me passou pela cabeça que ela não queria que eu olhasse precisamente para aquela casa, que nem pensasse nela, que não queria que fôssemos felizes e que, daquela vez, queria impedi-lo... Durante todo o fim de tarde eu olhei com atenção e desconfiança para a minha mãe.

Como pode ter nascido em mim uma sanha tão grande contra uma criatura eternamente sofredora como a minha mãe? Só agora compreendo a sua vida de mártir e não posso recordar aquela mulher sofredora sem uma dor no coração. Mesmo naquele tempo, na época obscura da minha estranha infância, na época do desenvolvimento pouco natural do meu início de vida, tinha muitas vezes um aperto de dor e piedade no coração: e invadia-me a alma uma inquietação, um embaraço, uma dúvida. Já naquela altura a consciência se revoltava em mim, e muitas vezes, com dor e sofrimento, sentia como era injusta para com a mãezinha. Mas evitávamo-nos uma à outra, não me lembro de alguma vez ter ido junto dela com carinho. Agora, as recordações mais insignificantes ferem-me e abalam-me a alma. Lembro-me de que um dia (é claro que o que vou contar é insignificante, mesquinho, grosseiro, mas são precisamente estas recordações as que mais me dilaceram e as que me deixaram marcas mais torturantes na memória), um dia, portanto, quando o meu pai não estava em casa, a mãezinha queria mandar-me à venda comprar chá e açúcar. Mas não parava de matutar, nunca mais se resolvia, contava os cobses em voz alta: uma quantia miserável. Acho que já fazia contas havia meia hora e nunca mais parava de contar. Além disso, havia momentos em que ela caía numa espécie de needade, creio que por mágoa. Lembro-me como se fosse hoje: murmurava qualquer coisa, fazia contas baixinho, compassadamente, como se as palavras lhe saíssem sem querer; tinha as faces e os lábios pálidos, as mãos a tremer, abanava constantemente a cabeça enquanto cismava.

— Não, não é preciso — disse ela, olhando para mim —, vou-me deitar, é melhor. Então, queres dormir, Nétotchka?

Eu calava-me; então, levantou-me a cabeça e olhou para mim com tanta meiguice, com tanto carinho na cara desanuviada e iluminada por um sorriso de mãe que o meu coração esmoreceu e bateu com força. Além disso, chamou-me Nétotchka, o que significava que naquele momento me amava muito. Foi ela própria quem, do meu nome, Anna, fez este diminutivo, Nétotchka, e quando me chamava assim isso queria dizer que lhe apetecia acarinhar-me. Fiquei comovida; queria abraçá-la, apertar-me contra ela e chorar com ela. E ela não parava de me acariciar a cabeça — talvez já maquinalmente, esquecida do que estava a fazer — repetindo sempre: «Minha pequenina, Anneta, Nétotchka!» As lágrimas queriam jorrar-me dos olhos, mas eu resistia, continha o choro. Mesmo sofrendo, eu teimava em não lhe mostrar o meu sentimento. Não, aquilo não podia ser um ódio natural em mim. A minha mãe não podia causar-me tanta hostilidade apenas por me tratar com rigor. Não! O que me estragou foi o meu amor fantástico e exclusivo pelo meu pai. Às vezes acordava de noite no canto, na minha esteira curta, debaixo do cobertor frio, e tinha sempre medo de qualquer coisa. Sonolenta, recordava que, havia ainda pouco tempo, dormia com a mãezinha e tinha menos medo quando acordava de noite; bastava apertar-me contra ela, cerrar os olhos e abraçá-la com força para adormecer logo. Sentia que, sorrateiramente, não podia deixar de a amar. Viria a descobrir, mais tarde, que muitas crianças são por vezes monstruosamente insensíveis e, quando chegam a gostar de uma pessoa, amam essa pessoa em exclusivo. Assim foi comigo.

Às vezes reinava no nosso canto um silêncio de morte semanas a fio. O meu pai e a minha mãe cansavam-se de discutir, e eu vivia entre eles como sempre, sempre calada, sempre a pensar, sempre angustiada e a tentar chegar a algum lado nos meus sonhos. Observando-os, compreendi perfeitamente as relações entre eles: compreendi a sua profunda e eterna hostilidade, compreendi toda a desgraça e alucinação da desconcertada vida que se instalara no nosso canto; é evidente que o compreendi sem relação de causa e

efeito, ou seja, na medida da minha capacidade de compreensão. Por vezes, nos longos princípios de noite inverniais, metida num canto, observava-os com avidez durante horas, perscrutava o rosto do meu pai e tentava adivinhar o que ele pensava, o que o preocupava tanto. Depois, era a minha mãe que me espantava e assustava. Ela andava horas a fio pelo quarto, sem parar, às vezes também de noite quando lhe vinha a insónia de que sofria, sussurrando para si mesma, como se estivesse sozinha no quarto, ora abrindo os braços, ora cruzando-os no peito, ora torcendo as mãos numa angústia terrível, sem fim. Às vezes corriam-lhe as lágrimas pela cara, lágrimas que talvez nem ela compreendesse porque, de vez em quando, como que caía num torpor de esquecimento. Tinha uma doença muito grave que menosprezava.

Lembro-me de que se tornava cada vez mais penoso para mim suportar a minha solidão e o meu silêncio que não me atrevia a quebrar. Havia já um ano que tinha consciência de viver de aspirações inéditas e indefinidas que me surgiam rápidas como relâmpagos, sempre a pensar e a sonhar com isso. Tornava-me selvagem como uma criatura das florestas. O meu pai foi o primeiro a reparar em mim, chamou-me, perguntou-me por que estava sempre a olhar para ele tão fixamente. Não me lembro do que lhe respondi; lembro-me de que ficou pensativo e, por fim, disse-me que arranjará uma cartilha e me ensinaria a ler. Eu esperei com impaciência por essa cartilha e sonhei toda a noite com ela, percebendo apenas vagamente que coisa era essa da cartilha. No dia seguinte, o meu pai começou efetivamente a ensinar-me. Quando, ao fim de poucas palavras, percebi o que se pretendia de mim, aprendi tudo num instante, sabendo que assim agradaria ao meu pai. Foi o período mais feliz da minha vida daquele tempo. Quando o meu pai gabava a minha esperteza, me acariciava a cabeça e me beijava, eu chorava de enleio. A pouco e pouco, o meu pai começou a gostar de mim; eu já ousava meter conversa com ele, e chegávamos a falar horas a fio, incansavelmente, embora muitas vezes eu não compreendesse uma palavra do que ele me

dizia. Mas tinha uma espécie de medo dele, tinha medo de que pensasse que eu me aborrecia com ele, por isso, com todas as minhas forças, tentava mostrar-lhe que compreendia tudo. Ficar sentado comigo, à noite, acabou por se tornar um hábito dele. Mal ele voltava para casa ao escurecer, eu, de cartilha na mão, ia ter com ele. Sentava-me à sua frente no banco e, depois da lição, lia-me um livro qualquer. Eu não percebia nada mas ria-me sem parar, pensando que assim lhe dava um grande prazer. Na verdade, eu divertia-o, para ele era uma alegria ver-me rir. Foi por esse tempo que, depois da lição, ele me contou um conto de fadas. Era a primeira vez que ouvia a história. Ali sentada, ouvindo-o como que enfeitiçada, eu ardia de impaciência seguindo o enredo, transportada para as terras desconhecidas de que ele falava; no fim da história estava absolutamente fascinada. Não porque a história me impressionasse assim tanto, não, mas tomava aquilo tudo por verdade e, logo, dava largas à minha rica fantasia e misturava o inventado com o real. E logo me vinha também à imaginação a casa das cortinas vermelhas; e logo, sabia lá por que meandros, também o meu pai, além de narrador, se tornava personagem da história, e também a mãezinha que nos impedia, aos dois, de irmos para onde queríamos ir; por último, ou antes, acima de tudo, eu própria, com os meus sonhos estranhos, com a minha cabeça fantástica cheia de espíritos loucos, impossíveis, eu própria misturava aquilo tudo de tal maneira na imaginação que a minha cabeça não tardou a transformar-se num caos monstruoso e, durante algum tempo, perdi todo o tino, todo o sentido da realidade, do verdadeiro, só Deus sabendo em que mundo eu vivia. Naquele tempo eu andava louca de impaciência para falar com o meu pai sobre o que nos esperava no futuro, sobre o que ele próprio esperava e para onde me levaria quando abandonássemos finalmente as nossas águas-furtadas. Por minha parte, tinha a certeza de que tudo isso estava para muito breve, mas não sabia como e em que forma aconteceria; não sabia e, quebrando a cabeça à volta do problema, só me atormentava. Por vezes — normalmente à noite — parecia-me que, a qualquer

momento, o paizinho me piscaria o olho e, sorrateiro, me chamaria ao átrio; de passagem, às escondidas da minha mãe, eu pegaria na minha cartilha e também no nosso quadro, uma litografia imprestável que, desde tempos imemoriais, estava pendurada sem moldura na parede e que eu decidi que levaríamos obrigatoriamente, e fugiríamos para qualquer lado em segredo, e nunca mais voltaríamos à casa da mãezinha. Um dia, não estando a mãezinha em casa, escolhi um momento em que o meu pai estava muito bem-disposto (o que lhe acontecia quando bebia um copito), aproximei-me dele e encetei uma conversa que depois pudesse desviar para o meu tema predileto. Consegui fazê-lo rir e, abraçando-o com força, com o coração a bater, assustada como se me preparasse para falar de qualquer coisa misteriosa e horrenda, comecei, sem nexo e atrapalhando-me a cada passo, a perguntar-lhe: para onde iríamos, e quando, e o que levaríamos connosco, e como viveríamos e, finalmente, se iríamos viver na casa das cortinas vermelhas.

— Casa? Cortinas vermelhas? O que é isso? O que estás para aí a disparatar, sua parvinha?

Então eu, ainda mais assustada, comecei a explicar-lhe que, quando a mãezinha morresse, não viveríamos mais nas águas-furtadas, que ele me levaria para qualquer lado, que seríamos os dois ricos e felizes e, por fim, disse-lhe que tinha sido ele a prometer-me isso tudo. Ao dizer-lho, eu tinha de facto a certeza absoluta de que ele me falara disso, pelo menos assim me parecia.

— Morrer? A mãe? Quando a mãe morrer? — repetia ele, olhando com espanto para mim, carregando o seu sobrolho espesso e grisalho, com o rosto alterado. — O que estás para aí a dizer, coitada, parva...

Então, começou a descompor-me, que eu era uma criança estúpida, que não percebia nada... e mais coisas de que não me lembro, só sei que estava muito desconcertado.

Não percebi uma palavra das suas reprimendas, não percebi como era doloroso para ele que eu tivesse escutado aquelas

palavras que ele dissera à mãezinha num momento de raiva e tristeza profunda, e que as tivesse gravado na memória e andasse a pensar nelas havia muito. Fosse ele o que fosse naquele tempo, por mais doentia que fosse a sua arbitrariedade, era natural que tudo aquilo o impressionasse. Eu, embora não compreendesse por que estava tão zangado, senti uma amargura e uma tristeza terríveis; chorei; era tão importante aquilo que nos esperava, pensava, que eu, criança estúpida, não tinha o direito de falar nem de pensar nisso. Além do mais, embora a princípio não o compreendesse, senti por instinto obscuro que tinha ofendido a minha mãe. Apoderou-se de mim o medo, o pavor, a dúvida entrou-me na alma. O meu pai, então, vendo que eu chorava e sofria, começou a consolar-me, limpou-me as lágrimas com a manga e disse que eu não chorasse mais. Durante algum tempo ficámos calados; ele estava muito sério, parecia refletir nalguma coisa; depois voltou a falar comigo, mas o que ele dizia, por mais que me esforçasse, era totalmente incompreensível para mim. Por algumas palavras do seu discurso que guardo na memória até hoje, deduzo que ele me explicava quem era, que grande artista ele era, que grande homem de talento, e que ninguém o compreendia. Lembro-me ainda de ele me ter perguntado se eu tinha percebido, ao que eu, evidentemente, disse que sim; lembro-me de ele me ter obrigado a responder mais uma vez à pergunta: ele era um homem de talento? E eu respondi: sim, de talento — o que o fez sorrir levemente, talvez porque, afinal, achasse cómico ter falado comigo de uma coisa séria para ele. A nossa conversa foi interrompida pela chegada de Karl Fiódoritch, e eu ri-me, já perfeitamente animada, quando o paizinho, apontando para ele, me disse:

— Ora, o Karl Fiódoritch não tem um tostão de talento.

Este Karl Fiódoritch era uma curiosíssima pessoa. Naquela altura da minha vida eu via tão pouca gente que não podia esquecer este homem. Lembro-me dele como se fosse ontem: era alemão, nado e criado, de apelido Meyer, e tinha chegado à Rússia com o grande desejo de entrar no elenco do bailado de Petersburgo. Mas era um

bailarino tão fraco que nem sequer lhe davam papéis no corpo de baile, utilizando-o apenas como figurante nas cenas de massas. Fazia vários papéis mudos no séquito de Fortinbras, ou então era um daqueles vinte cavaleiros de Verona que, todos os vinte, levantam ao mesmo tempo os punhais de cartão e gritam: «Morrámos pelo nosso rei!» No entanto, de certeza que não havia no mundo ator que fosse tão abnegado nos seus papéis como Karl Fiódoritch. A mais terrível desgraça da sua vida era não conseguir entrar no bailado. Considerava a arte do bailado superior a qualquer outra e, à sua maneira, afeiçoara-se-lhe tanto como o paizinho ao violino. Ficaram amigos quando ainda trabalhavam ambos no teatro e, desde então, o ex-figurante não mais abandonou o meu pai. Encontravam-se com frequência e juntos choravam os seus destinos cruéis e a desgraça de não serem reconhecidos. O alemão era o homem mais sensível e terno do mundo, e alimentava pelo meu pai a mais calorosa e desinteressada amizade; o paizinho, porém, não sentia qualquer afeição especial por Karl Fiódoritch e apenas o suportava por falta de outro qualquer. Além disso, o meu pai, com a sua altivez exclusivista, era incapaz de compreender que a arte do bailado também era uma arte, pelo que ofendia o alemão até às lágrimas. Conhecendo o ponto fraco do alemão, trazia-o sempre à baila e ria-se do desgraçado do Karl Fiódoritch quando este se exaltava e, fora de si, tentava provar o contrário. Mais tarde ouvi falar muito deste Karl Fiódoritch por parte de B... que lhe chamava o palhaço de Nuremberga. B... falou-me muito da amizade do alemão com o meu pai: os dois encontravam-se muitas vezes, emborcavam uns copos juntos, choravam juntos os seus destinos e a desgraça de não serem reconhecidos. Lembro-me desses encontros e de também eu, olhando para os dois excêntricos, me pôr também a choramingar sem saber porquê. Isso acontecia quando a mãezinha não estava em casa: o alemão tinha-lhe um medo de morte e, então, ficava sempre no átrio à espera que alguém saísse de casa para lhe perguntar se a mãezinha estava; quando lhe diziam que sim, que ela estava em casa, descia

imediatamente as escadas a correr. Trazia sempre uns versos alemães quaisquer, inflamava-se a lê-los em voz alta e, depois, declamava-os num russo macarrónico para que nós os compreendêssemos. Isso divertia muito o paizinho, e eu ria-me até às lágrimas. Mas um dia arranjam uma obra russa que os excitava muitíssimo e passaram a lê-la sempre que se encontravam. Lembro-me de que era um drama em verso de um célebre escritor russo. Decorei tão bem os primeiros versos da obra que mais tarde, transcorridos já alguns anos, o livro veio parar-me às mãos por acaso e reconheci-o sem dificuldade. Tratava este drama dos infortúnios de um grande artista, um tal Genaro ou Giacobbo que, numa página, gritava: «Não sou reconhecido!», e na outra: «Sou reconhecido!»; ou: «Não tenho talento!», e, algumas linhas depois: «Tenho talento!» E tudo acabava mal. Este drama era sem dúvida uma obra muito vulgar, mas eis o milagre: surtia um efeito trágico e ingénuo nos dois leitores que viam no herói principal muitas parecenças com eles. Lembro-me de que Karl Fiódoritch, por vezes, se inflamava de tal maneira que saltava do lugar, corria para o canto oposto do quarto e pedia com insistência, encarecidamente, com as lágrimas nos olhos, que o paizinho e eu (a quem tratava por «mademoiselle») fôssemos, ali mesmo e de imediato, os árbitros entre ele, por um lado, e o destino e o público por outro. Nisto punha-se a dançar e, executando vários *pas*, gritava-nos que lhe dissêssemos de imediato o que ele era — artista ou não? — e se alguma vez era possível dizer o contrário, ou seja, que ele não tinha talento. O paizinho ficava logo muito divertido e piscava-me o olho à socapa, como que a avisar-me para ver como ele ia gozar com muita graça o alemão. Eu ficava com muita vontade de me rir, mas o paizinho fazia-me um gesto ameaçador e eu, sufocada de riso, continha-me. Ainda hoje, só de me lembrar, não posso deixar de me rir. Vejo o pobre do Karl Fiódoritch como se fosse hoje. Era de estatura minúscula, muito fininho, de cabelo já grisalho, com um nariz aquilino, vermelho e sujo do rapé, e, apesar de umas pernas monstruosamente tortas, parecia fazer gala delas e usava calças

justas. Quando, depois do último salto, ele estacava na posição final, estendia para nós as mãos e sorria como sorriem no palco os bailarinos no fim do *pas*, o meu paizinho, durante alguns instantes, guardava silêncio, como se não atrevesse a emitir o seu juízo, e, de propósito, deixava que aquela posição do bailarino não reconhecido se prolongasse, o que o fazia oscilar de um lado para o outro num só pé, esforçando-se por manter o equilíbrio. Finalmente, o paizinho, com uma careta muito séria, olhava para mim, como a convidar-me a ser uma testemunha imparcial do seu parecer, e, ao mesmo tempo, pousavam em mim os olhos tímidos e suplicantes do bailarino.

— Não, Karl Fiódoritch, não consegues! — dizia por fim o paizinho, fingindo que lhe era desagradável exprimir a amarga verdade. Então, Karl Fiódoritch arrancava do peito um verdadeiro gemido; mas animava-se num instante, pedia de novo a atenção com gestos rápidos, assegurava que acabara de dançar seguindo o sistema errado e implorava que o observássemos mais uma vez. Depois voltava a correr para o outro canto e, às vezes, saltava com tanta aplicação que se magoava batendo com a cabeça no teto, aguentando porém a dor como um espartano, heroicamente, e de novo estacava na posição de saída, de novo, com um sorriso, estendia as mãos trémulas para nós e de novo nos pedia a sentença do seu destino. Mas o paizinho era implacável e voltava a responder soturnamente:

— Não, Karl Fiódoritch, é o teu destino: não consegues!

Neste ponto eu já não aguentava mais e desatava a rir, e o paizinho secundava-me. Karl Fiódoritch, finalmente, apercebia-se do gozo e, com as lágrimas nos olhos em profundo, embora cómico, sentimento (que mais tarde me faria sofrer por este desgraçado), dizia ao paizinho:

— És *amico pérfito*!

Depois pegava no chapéu e fugia dali para fora, jurando por tudo no mundo que nunca mais poria os pés em nossa casa. As suas zangas não eram duradouras: alguns dias depois voltava, de novo

se lia o famoso drama, de novo se vertiam lágrimas, de novo o ingénuo Karl Fiódoritch nos pedia que fôssemos árbitros entre ele, por um lado, e o destino e o público por outro, mas que, desta vez, o fizéssemos a sério, sem nos rirmos dele, como devia ser entre verdadeiros amigos.

Um dia a mãezinha mandou-me à venda buscar qualquer coisa, e já eu estava de volta a casa, trazendo com todo o cuidado a pequena moeda de prata que me tinham dado de troco, quando, ao subir as escadas, me encontrei com o meu pai que saía. Ri-me para ele, porque não conseguia conter os meus sentimentos quando o via, e ele, inclinando-se para me beijar, reparou na moedinha de prata que eu tinha na mão... Esqueci-me de dizer que estava tão habituada às expressões do seu rosto que, à primeira vista, adivinhava num instante qualquer desejo dele. Quando ele estava triste eu morria de angústia, e a maior parte das vezes, e da pior maneira, que ele se entristecia era quando não tinha dinheiro para beber nem uma gota de vinho, de que criara o hábito. Naquele momento, porém, quando nos encontrámos na escada, pareceu-me que se passava com ele qualquer coisa diferente. Os seus olhos estavam turvos e vagos; num primeiro momento não me prestou qualquer atenção mas, logo que viu na minha mão a moeda brilhante, corou de repente, depois empalideceu, estendeu a mão para me tirar o dinheiro; mas, depois, retirou bruscamente a mão. Debatia-se por certo numa luta íntima. Por fim, parecendo ter vencido a si mesmo, mandou-me subir, desceu alguns degraus, mas, de repente parou e chamou-me.

Estava muito confuso.

— Ouve, Nétotchka — disse ele —, dá cá esse dinheiro que eu depois trago-to. Então, não o dás ao papá? És uma boa menina, não és, Nétotchka?

Eu já pressentia aquilo. Mas, no primeiro instante, o pensamento de como a minha mãe ia ficar zangada, a timidez e, mais do isso tudo, uma vergonha instintiva por mim e pelo meu pai, impediram que eu lhe desse o dinheiro. Ele notou-o logo e apressou-se a dizer:

— Afinal, não, não é preciso!...

— Não, não, toma lá, papá, eu digo que o perdi, que as crianças vizinhas mo tiraram.

— Está bem, está bem, eu já sabia que eras uma miúda esperta — disse ele, sorrindo com os lábios trementes e sem esconder o seu contentamento quando sentiu a moeda na mão. — És uma boa menina, és o meu anjinho! Deixa beijar-te a mãozinha!

Pegou-me na mão e quis beijá-la, mas eu retirei-a muito depressa. Apoderou-se de mim a compaixão, atormentava-me a vergonha. Corri pelas escadas acima cheia de medo, largando o meu pai sem me despedir dele. Quando entrei no quarto, as minhas bochechas ardiam e o meu coração batia com muita força e com uma sensação que eu nunca tivera antes. No entanto, disse com ousadia à minha mãe que tinha deixado cair o dinheiro na neve e que não conseguira encontrá-lo. Esperava, no mínimo, apanhar uma sova, mas isso não aconteceu. A minha mãe, a princípio, ficou na verdade fora de si com o desgosto, porque éramos terrivelmente pobres. Gritou-me, mas logo a seguir, como se caísse em si, deixou de me repreender, tendo observado apenas que eu era uma miúda descuidada e, pelos vistos, gostava bem pouco dela já que era tão desatenta às suas coisas. Esta observação entristeceu-me mais do que uma sova. Mas a minha mãe já me conhecia, já notara a minha sensibilidade que, muitas vezes, chegava até à irritação doentia, por isso quis magoar-me com reprimendas amargas sobre a minha falta de amor para me obrigar a ser mais cuidadosa no futuro.

Ao crepúsculo, à hora a que deveria chegar o paizinho, eu estava à espera dele no átrio, como de costume. Mas desta vez estava muito confusa. Os meus sentimentos revolviam-se com qualquer coisa que me dilacerava doentamente a consciência. Por fim, o meu pai apareceu, e eu fiquei muito contente com a chegada dele, como se pensasse que isso me aliviaria. Ele já estava bebido mas, quando me viu, tomou de imediato um ar misterioso e confuso, e, levando-me para um canto e deitando miradas tímidas para a nossa porta, tirou do bolso um pão de mel que comprara e, em sussurro,

pôs-se-me a dizer que eu nunca mais me atrevesse a tirar o dinheiro à mãezinha, que isso era vergonhoso, uma coisa muito feia; que acontecera dessa vez porque o pai precisava muito de dinheiro, mas que depois ele o devolveria e eu poderia dizer que o tinha encontrado; ora, tirar dinheiro à mãe era uma vergonha, e eu que nem pensasse em voltar a fazer isso, e que, se me portasse bem, ele me compraria sempre pães de mel; acrescentou até que eu devia ter pena da mãe, que a mãe era muito doente e pobre, que trabalhava sozinha para nós todos. Eu ouvia-o cheia de medo, toda a tremer, com as lágrimas nos olhos. Estava tão impressionada que não conseguia dizer uma palavra nem mexer-me. Por fim, ele entrou no quarto e disse-me para não chorar nem dizer nada à mãezinha. Reparei que também ele estava terrivelmente confuso. Durante o resto da tarde, apavorada, nem me atrevia pela primeira vez a olhar para o meu pai nem a aproximar-me dele. Também ele, pelos vistos, evitava que os nossos olhares se cruzassem. A mãezinha, como era costume, andava de um lado para o outro no quarto a falar sozinha e como que em delírio. Sentira-se pior, tinha-lhe dado uma espécie de ataque. Eu, do sofrimento interior, estava com febre. Quando chegou a noite, não conseguia adormecer. Depois atormentaram-me os meus sonhos doentios. Por fim, já não podia mais e comecei a chorar amargamente. Os meus soluços acordaram a mãezinha; chamou-me pelo nome, perguntou o que eu tinha. Não respondi, chorei ainda mais. Então, a minha mãe acendeu a vela, aproximou-se de mim e pôs-se a consolar-me, pensando que eu me tinha assustado com qualquer sonho mau. «Ah, rapariga parvinha! — disse ela. — Tão grande, e ainda choras quando sonhas com alguma coisa. Pronto, não chores!...» E beijou-me, disse para eu ir dormir com ela. Mas eu não queria, não ousava abraçá-la nem dormir com ela. Torturavam-me sentimentos inimagináveis. Tinha vontade de lhe contar tudo. Por pouco não comecei a falar, mas lembrei-me do paizinho e da proibição dele, calei-me. «Minha pobrezinha, minha Nétotchka! — disse a mãezinha, deitando-me na cama e agasalhando-me com o seu casaco velho, vendo que os

arrepios febris me faziam tremer. — Se calhar vais ser uma doente como eu!» E olhou para mim com tanta tristeza que eu não aguentei aquele olhar, apertei os olhos com força e virei-me para o outro lado. Não me lembro como adormeci mas, durante muito tempo ainda, ouvi a mãezinha a consolar-me, a querer que eu dormisse. Eu nunca tinha passado ainda por um sofrimento tão forte. O meu coração apertava-se de dor. De manhã sentia-me melhor. Pus-me a falar com o paizinho, sem tocar no que acontecera na véspera, porque sentia que isso seria bom para ele. Animou-se imediatamente, já que antes disso olhava para mim de sobrolho carregado. Agora, animado pelo meu ar alegre, parecia quase uma criança contente. Quando, pouco depois, a mãezinha saiu para a rua, ele não se conteve e beijou-me tanto que eu fiquei numa exaltação histérica, a rir e a chorar ao mesmo tempo. Por fim, ele disse que ia mostrar-me uma coisa boa que teria muito prazer em ver, porque eu era uma menina muito esperta e muito boazinha. Desabotoou o colete, tirou uma chave que tinha pendurada ao pescoço num cordão preto. Depois, lançando-me uns olhares enigmáticos, como se quisesse ler-me nos olhos todo o prazer que ele achava que eu devia sentir, abriu a arca e tirou de lá, com toda a cautela, uma caixa preta com uma forma tão estranha como eu nunca vira até então. Pegou na caixa com uma espécie de timidez e transfigurou-se: desapareceu-lhe o riso da cara, ficou muito solene. Abriu finalmente a misteriosa caixa com a chave e tirou de dentro uma coisa como eu nunca tinha visto, um objeto de uma forma muito esquisita. Pegou nele com cuidado e veneração e disse que era o violino, o instrumento dele. Depois falou, falou, demoradamente, numa voz baixinha e solene; eu não percebia do que ele falava, apenas guardei na memória uma frase que já conhecia: que ele era artista, que tinha talento... Que ainda um dia ele havia de tocar violino e seríamos ricos e alcançaríamos uma felicidade qualquer. As lágrimas banhavam-lhe os olhos, corriam-lhe pela cara. Aquilo tudo enterneceu-me muito. Por fim, ele beijou o violino e deixou que eu o beijasse também. Vendo que eu estava

com vontade de examinar o violino de perto, levou-me até à cama da mãezinha e passou-me o violino para as mãos; mas vi que estava todo a tremer, parecia ter medo de que eu lho estragasse. Peguei no violino, toquei nas cordas que emitiram um som fraco.

— É música! — disse eu, olhando para o paizinho.

— Sim, sim, é música! — repetiu ele, esfregando as mãos. — És uma menina esperta, uma menina bondosa! — Porém, apesar dos louvores e do enlevo, eu via que o meu pai temia pelo violino, e fiquei também com medo. Apressei-me a devolver-lho. Com as mesmas precauções, voltou a guardá-lo na caixa, fechou-a à chave e meteu-a na arca; então, acariciando-me o cabelo, o paizinho prometeu que me mostraria o violino sempre que eu fosse esperta, boa e obediente como estava a ser naquele momento. Assim, o violino desanuviou a nossa amargura. Apenas à noite, quando já se ia embora, o paizinho me sussurrou que não me esquecesse do que me tinha dito no dia anterior.

Era assim que eu crescia no nosso canto, e a pouco e pouco crescia também, até chegar a uma irritação doentia, o meu amor pelo paizinho — não, é melhor dizer paixão, pois não conheço palavra que seja forte o bastante para exprimir toda a plenitude do meu sentimento irrefreável e torturante para mim — chegou a transformar-se numa irritação doentia. O meu único prazer consistia em pensar nele e sonhar com ele; a minha única vontade era fazer tudo o que o pudesse fazer minimamente feliz e contente. Tantas vezes esperei nas escadas que ele chegasse, toda azul de frio, apenas para saber da sua chegada e olhar para ele o mais depressa possível. Ficava louca de felicidade quando ele me acariciava um pouco que fosse. No entanto, aquela minha frieza para com a mãezinha afligia-me terrivelmente; havia momentos em que eu morria de angústia e compaixão ao olhar para ela. Na eterna hostilidade entre eles, eu não podia ficar indiferente, e, como tinha de escolher entre um e outro, como tinha de tomar o partido de um deles, tomei o partido daquele homem meio louco, e tudo, unicamente, porque aos meus olhos ele aparecia tão miserável e

humilhado, e porque, desde o princípio, impressionou de modo tão incompreensível a minha fantasia. Quem pode saber? Talvez me tenha afeiçoado a ele porque era um homem esquisito, até pelo aspecto exterior, e não era tão sério e sombrio como a mãezinha, porque era quase louco, porque se manifestavam nele com muita frequência uma traquinice e uns modos infantis e, finalmente, porque eu tinha menos medo dele, e até menos respeito, do que da minha mãe. Ele era mais da minha igualha, por assim dizer. A pouco e pouco fui mesmo começando a sentir que eu lhe era superior, que o podia subordinar a mim, que já lhe era necessária. No meu íntimo orgulhava-me disso, rejubilava e, como tinha a consciência de lhe ser necessária, até coqueteava com ele. De facto, aquela minha estranha afeição assemelhava-se um pouco a um romance... Um romance de vida curta, aliás: pouco tempo depois perdi ambos os pais. O desenlace das suas vidas foi uma catástrofe terrível que se gravou na minha memória de forma indelével e dolorosa. Tudo aconteceu como se segue.

3

Naqueles dias toda a cidade de Petersburgo andava emocionada com uma notícia impressionante. Espalhara-se o rumor da chegada, em digressão, do famoso S...tz. Tudo o que em Petersburgo se ligava com a música andava numa azáfama. Cantores, artistas, poetas, pintores, melómanos e mesmo não melómanos que afirmavam com modéstia orgulhosa que não entendiam uma nota de música, precipitaram-se com ávido entusiasmo à procura de bilhetes. Na sala não caberia nem a décima parte dos entusiastas que tinham a possibilidade de pagar vinte e cinco rublos pela entrada; porém, o nome europeu de S...tz, a sua velhice coroada de louros, a imperecível frescura do seu talento, os rumores de que, ultimamente, era já raro ele pegar no arco para deleitar o público, as afirmações de que era a sua última digressão pela Europa, que depois disso deixaria de dar concertos, produziram o seu efeito. Em resumo, a comoção era plena e profunda.

Disse já que a chegada de cada novo violinista, de cada celebridade de maior ou menor fama causava no meu padrasto o mais desagradável dos efeitos. Era dos primeiros a ir ouvir o artista em digressão, para se inteirar o mais depressa possível do nível da sua arte. Os louvores ao artista que ouvia à sua volta chegavam a pô-lo doente, e só se acalmava quando encontrava defeitos na execução do violinista e espalhava a sua opinião cáustica sobre ele onde lhe fosse possível. O pobre louco achava que no mundo havia apenas um talento, apenas um artista: ele próprio, evidentemente. No entanto, a notícia da chegada de S...tz, génio da música, causou-lhe uma impressão extraordinária. É de notar que, nos últimos dez anos, Petersburgo não tinha ouvido qualquer talento famoso, mesmo de um nível mais modesto do que o de S...tz; portanto, o meu pai não fazia ideia de como tocavam os melhores artistas da Europa.

Contaram-me que, aos primeiros rumores da chegada de S...tz, o meu pai começara de novo a ser visto nos bastidores do teatro. Disseram-me também que ele, emocionadíssimo, fizera perguntas inquietas sobre S...tz e o tão aguardado concerto. Havia muito que não o viam nos bastidores, pelo que o seu aparecimento causou um certo efeito. Alguém o quis provocar e lhe disse em tom de acinte: «Agora, Egor Petróvitch, não é uma música de bailado que vai ouvir, mas uma música que lhe vai fazer perder o gosto pela vida!» Dizem que o meu padrasto empalideceu ao ouvir tal zombaria e que respondeu com um sorriso histérico: «Vamos lá ver; às vezes são mais as vozes... É que o S...tz só tem actuado em Paris, e os franceses é que têm gritado por ele, mas já se sabe o que são os franceses!», etc. Soaram à sua volta as gargalhadas; o coitado ofendeu-se mas conteve-se e acrescentou que ele, aliás, não se pronunciava, que logo se via, que só faltavam dois dias para serem desvendados todos os enigmas.

Conta B... que, na mesma tarde, pouco antes do escurecer, se encontrou com o príncipe Kh..., conhecido diletante, homem que compreendia a arte em profundidade e a adorava. Caminhavam

pela rua, conversando sobre o artista recém-chegado, quando de súbito, num cruzamento, B... viu o meu pai parado defronte de uma loja, olhando fixamente para o cartaz, colocado no peitoril da montra, que anunciava com letras enormes o concerto de S...tz.

— Está a ver aquele homem? — perguntou B..., apontando para o meu pai.

— Quem é? — perguntou o príncipe.

— O príncipe já ouviu falar dele. É o tal Efímov de quem já lhe falei várias vezes e a quem o príncipe até já deu a sua proteção uma vez.

— Ah, é muito curioso! — disse o príncipe. — Sim, o senhor tem-me dito tanta coisa dele. Ouvi dizer que é bastante interessante. Gostava de falar com ele.

— Não vale a pena — respondeu B... —, e também é penoso falar com ele. Não sei o que pensa o príncipe, mas o homem a mim faz doer o coração. A vida dele é uma tragédia terrível, monstruosa. Tenho um sentimento profundo por este homem e, por mais baixo que seja o seu caráter, não morreu em mim uma certa simpatia por ele. Diz o príncipe que o homem deve ser curioso. É verdade, mas causa uma sensação demasiado penosa. Em primeiro lugar, é louco; em segundo lugar, é um louco responsável por três crimes, porque, além da sua vida, deu cabo de mais duas: a da mulher e a da filha. Eu conheço-o: se tivesse consciência do seu crime, morreria num instante. Mas o horror consiste precisamente em que, há já oito anos, ele tem *quase* a certeza do seu crime mas, ao longo destes oito anos, continua a lutar com a sua consciência, tentando não se confessar culpado por completo.

— O senhor diz que ele é pobre? — perguntou o príncipe.

— É pobre, mas a pobreza para ele é quase uma felicidade, porque lhe serve de desculpa. É que assim pode afirmar a toda a gente que é tão-só a pobreza que lhe põe entraves e que, se fosse rico, se dispusesse de tempo e não estivesse oprimido pela necessidade, as pessoas logo veriam o grande artista que ele é. Casou-se com a estranha esperança de que os mil rublos que a

mulher tinha o ajudariam a erguer-se do chão. Procedeu como um fantasiador, como um poeta; aliás, toda a sua vida tem procedido assim. Sabe o que ele tem dito sempre, durante estes oito anos? Diz que a culpada da sua desgraça é a mulher, que a mulher é um empecilho para ele. Baixou os braços, não quer trabalhar. Mas, se lhe tirassem a mulher, ele seria o homem mais desgraçado do mundo. Há vários anos que não pega no violino... Sabe porquê? Porque, de cada vez que pega no arco, vê-se obrigado a confessar a si mesmo que não é artista nenhum, que não é nada. Ora, enquanto o arco fica guardado, o homem tem pelo menos a longínqua esperança de que isso não é verdade. É um sonhador; sonha que, de um momento para o outro, por um qualquer milagre, se tornará o homem mais famoso do mundo. A sua divisa é: *aut Caesar, aut nihil* ⁹, como se fosse possível tornar-se César assim de repente, num instante. A ânsia dele é a fama. Mas quando este sentimento se torna a única e principal força motriz de um artista este já não é artista, já perdeu o seu principal instinto artístico, isto é, o amor pela arte enquanto arte, e não pela fama. Ora, o S...tz é o contrário: quando pega no arco, para ele deixa de haver seja o que for além da música. Para ele, o mais importante depois do arco é o dinheiro, e a fama, ao que parece, vem em terceiro lugar. Nunca se preocupou muito com a fama. O príncipe sabe o que é que este desgraçado tem agora na cabeça? — acrescentou B..., apontando para Efímov. — A preocupação mais ridícula, miserável e mesquinha que há no mundo: se ele é superior ao S...tz ou se o S...tz é superior a ele. E mais nada, porque continua convencido de que é o músico número um do mundo. Se o convencessem de que ele não era artista, pode ter a certeza de que morreria como se fosse atingido por um raio, porque para ele é pavoroso ter de abandonar a ideia obsessiva a que sacrificou toda a sua vida, uma ideia que, aliás, tem um fundamento profundo, porque a vocação dele, a princípio, era autêntica.

— É curioso saber como vai ser quando ele ouvir o S...tz — observou o príncipe.

— Pois — disse B... pensativamente. — Mas não, vai encontrar de imediato uma escapatória; a sua loucura é mais forte do que a verdade, vai inventar logo uma justificação qualquer.

— Acha? — disse o príncipe.

Estavam a aproximar-se do meu pai. O meu pai quis escapar-se, passar despercebido, mas B... fê-lo parar e começou a falar com ele. B... perguntou-lhe se iria ouvir o S...tz. O meu pai respondeu com indiferença que não sabia, que tinha um assunto para tratar mais importante que os concertos e os *virtuoses* estrangeiros, mas que logo se veria: se encontrasse uma hora livre, iria lá, por que não? Lançou um olhar rápido e inquieto a B... e ao príncipe e sorriu com desconfiança; depois levou a mão ao chapéu, acenou com a cabeça e foi-se embora, alegando que estava com pressa.

Entretanto, eu já sabia desde a véspera que o meu pai andava preocupado. Não sabia o que o atormentava, concretamente, mas bem via que a sua aflição era pavorosa; a própria mãezinha reparou nisso. Na altura estava muito doente e mal podia mexer as pernas. O meu pai estava sempre a sair e a entrar em casa, de minuto a minuto. De manhã apareceram três ou quatro visitantes, antigos colegas dele, o que me espantou muito, já que, desde que o paizinho rompera com o teatro, nunca apareciam lá em casa pessoas de fora, ou quase nunca, com excepção de Karl Fiódoritch. Por fim, a correr, muito ofegante, apareceu Karl Fiódoritch com um cartaz. Eu estava à escuta e à espreita, atentamente, e tudo aquilo me preocupava, como se fosse a culpada de toda aquela inquietação que lia no rosto do meu pai. Queria muito perceber o que eles diziam e foi então que, pela primeira vez, ouvi o nome de S...tz. Depois percebi que eram necessários pelo menos quinze rublos para ver o tal S...tz. Lembro-me também de que o meu pai não se conteve e, abanando as mãos, disse que conhecia bem esses milagres estrangeiros, esses talentos inéditos, e também esse S...tz, e que eram todos judeus que vinham sugar o dinheiro russo, porque os russos acreditavam com facilidade em todos os disparates, e ainda mais naquilo que os franceses berravam. Eu já

conhecia e compreendia a frase «não há talento». Os visitantes começaram a rir-se e não tardaram a ir-se embora, deixando o paizinho mal-humorado. Compreendi que, por qualquer razão, ele estava zangado com esse tal S...tz e, para lhe agradar e lhe dissipar a angústia, aproximei-me da mesa, peguei no cartaz e, em voz alta, li o nome de S...tz. Depois, rindo-me e olhando para o paizinho que estava sentado, disse: «Deve ser como Karl Fiódoritch: também não consegue nada.» O meu pai estremeceu, como assustado, arrancou-me o cartaz das mãos, bateu com os pés no chão, depois pegou no chapéu e saiu do quarto; mas voltou logo, chamou-me ao átrio, beijou-me e, com inquietação, com um medo escondido, começou a dizer-me que eu era uma menina esperta, uma menina boazinha, que eu de certeza não o queria entristecer, que ele esperava de mim um grande favor, mas não me disse exatamente qual favor. Era uma tortura para mim ouvi-lo: percebia que as palavras e os carinhos dele não eram sinceros, e isso abalava-me. Comecei a ficar dolorosamente preocupada com ele.

No dia seguinte, ao almoço — era já na véspera do concerto —, o paizinho tinha um ar mortificado. Estava muito estranho, lançava-nos olhares, ora a mim, ora à mãezinha. Começou mesmo a falar com a mãezinha, e eu espantei-me — espantei-me porque ele quase nunca falava com ela. Depois do almoço, a vários pretextos, dava-me a cada instante muita atenção carinhosa, chamava-me ao átrio e, olhando à volta, como se tivesse medo de ser apanhado, acariciava-me a cabeça, beijava-me, punha-se a dizer que eu era uma menina muito boazinha e obediente, que de certeza amava o papá e faria tudo o que o papá me pedisse. Tudo isso me levou até uma angústia insuportável. Por fim, quando pela décima vez me chamou às escadas, tudo se esclareceu. Com um ar triste, extenuado, olhando com inquietação à sua volta, perguntou-me se eu sabia onde a mãezinha guardava aqueles vinte e cinco rublos que trouxera no dia anterior, de manhã. Fiquei paralisada de medo ao ouvir aquela pergunta. Naquele instante, porém, alguém fez barulho na escada, e o paizinho, assustado, largou-me e fugiu para

a rua. Voltou ao fim da tarde, confuso, triste, preocupado, sentou-se em silêncio na cadeira e pôs-se a olhar para mim com estranha timidez. Eu estava cheia de medo, evitava os olhares dele. A mãezinha, que passara todo o dia deitada na cama, chamou-me e deu-me uns cobses para eu ir comprar chá e açúcar à venda. Em nossa casa raramente se tomava chá; a mãezinha permitia-se tomar uma chávena — era já um grande luxo para a nossa miséria — apenas quando se sentia mais doente e com febre. Peguei no dinheiro, saí para o átrio e deitei a correr, como se tivesse medo de ser retida. Mas aconteceu precisamente o que eu temia: o paizinho apanhou-me na rua e obrigou-me a voltar às escadas.

— Nétotchka — começou ele com a voz a tremer —, alminha! Ouve: dá-me esse dinheiro, que eu, amanhã mesmo...

— Paizinho, paizinho! — gritei, pondo-me de joelhos e suplicando. — Paizinho, não posso! Não se pode! A mãe precisa de tomar chá... Não se pode tirar o dinheiro à mãe, não se pode mesmo! Noutra vez eu tiro...

— Então, não queres? Não queres? — sussurrava-me num tom premente. — Já não gostas de mim? Está bem! Então deixo-te sozinha. Fica com a mãe, e eu vou-me embora e não te levo comigo. Estás a ouvir, sua má? Estás a ouvir?

— Paizinho! — gritei eu, aterrorizada. — Toma o dinheiro, toma! O que vou fazer agora? — dizia eu, torcendo as mãos e agarrando-me às abas da sua sobrecasaca. — A mãezinha vai chorar, a mãezinha vai ralhar comigo outra vez!

Ele, pelos visto, não esperava a minha resistência, mas ficou com o dinheiro; por fim, incapaz de suportar as minhas lamentações e as minhas lágrimas, deixou-me nas escadas e correu para baixo. Eu comecei a subir, mas à nossa porta faltaram-me as forças; não me atrevia a entrar, não podia; tinha o coração abalado, revoltado. Tapei a cara com as mãos e precipitei-me para o peitoril da janela, como naquele dia em que ouvi pela primeira vez o meu pai a desejar a morte da minha mãe. Fiquei como que esquecida de mim, toda hirta, aos estremeções quando ouvia o mínimo rumor nas escadas. Por

fim ouvi que alguém subia depressa os degraus. Era ele, reconheci-lhe o andar.

— Estás aqui? — perguntou num sussurro.

Atirei-me a ele.

— Toma! — gritou, metendo-me o dinheiro na mão. — Toma, devolvo-to! Já não sou o teu pai, ouviste? Já não quero ser mais o teu pai! Se gostas mais da mãe, vai para ela! Não quero saber mais de ti! — Dito isto, repeliu-me e correu pelas escadas abaixo. Precipitei-me atrás dele, a chorar.

— Paizinho! Meu paizinho bom! Eu sou obediente! — gritava eu. — Gosto mais de ti do que da mãe! Toma o dinheiro, toma!

Mas ele não me ouvia, desapareceu. Fiquei toda a tarde prostrada e a tremer com febre. Lembro-me de a minha mãe ter dito qualquer coisa, me chamar; eu, como que inconsciente, não via nem ouvia nada. Por fim, tudo descambou num ataque de histeria: desatei a chorar, a gritar; a mãezinha assustou-se, não sabia o que fazer. Levou-me para a sua cama, eu abracei-me ao pescoço dela; qualquer pequena coisa me assustava e me fazia estremecer a cada instante, e já não me lembro como adormeci. Assim se passou toda a noite. De manhã, muito tarde, quando acordei, a mãezinha já não estava em casa, era a hora em que ela ia tratar dos seus trabalhos. O paizinho tinha uma visita, ambos falavam muito alto. Custou-me a aguentar que o visitante saísse e, quando eu e o meu pai ficámos sozinhos, atirei-me ao pescoço dele, a chorar e a pedir que me perdoasse pelo que acontecera na véspera.

— E vais ser uma menina inteligente como antes? — perguntou-me ele severamente.

— Sim, paizinho, vou! — respondi-lhe. — Eu digo-te onde a mãe tem o dinheiro. Está naquela gaveta, na caixinha, ainda ontem lá estava.

— Estava lá ontem? Onde? — gritou ele, estremecendo, e levantou-se da cadeira. — Onde está?

— Está fechada, paizinho! — disse eu. — Espera, à tarde, quando a mãe me mandar trocá-lo... porque já não há dinheiro

trocado.

— Preciso de quinze rublos, Nétotchka! Ouviste? Apenas quinze rublos! Arranja-mos hoje; amanhã mesmo devolvo-tos. E eu vou já comprar-te rebuçados, avelãs... compro-te também uma boneca... e amanhã também... todos os dias vou trazer-te coisas, guloseimas, se fores uma menina sensata!

— Não é preciso, paizinho, não é preciso! Não quero guloseimas; não vou comê-las, não as aceito! — gritei, desfazendo-me em choro, porque, naquele momento, era como se o meu coração se rasgasse: sentia naquele momento que ele não tinha pena de mim e não me amava porque julgava que eu o ajudava por causa das guloseimas e não via como eu gostava dele. Naquele momento, eu, uma criança, via-o como que à transparência e sentia já que tinha sido ferida para sempre com a consciência deste sentimento, que já não podia amá-lo, que perdera o meu antigo paizinho. Ora, ele estava como que enleado nas minhas promessas; via que eu estava a favor dele, pronta a fazer tudo por ele, e Deus é testemunha de quanto me custava este «tudo» naquele momento. Compreendia o quanto significava para a minha mãe aquele dinheiro; sabia que ela poderia adoecer de desgosto se ficasse sem ele, e o remorso já gritava dolorosamente na minha alma. Mas ele não via nada disso; considerava-me uma bebé de três anos, quando eu já compreendia tudo. O enlevo do meu pai não tinha limites: beijava-me, pedia-me que eu não chorasse, prometia-me que partiríamos para qualquer lado no próprio dia, para longe da mãezinha — jogando, pelos vistos, com aquela minha fantasia de sempre — e, por fim, tirando do bolso o cartaz, tentou convencer-me de que aquele homem que ele ia ver essa noite era seu inimigo mortal, mas que os seus inimigos não lhe levariam a melhor. Ele próprio é que parecia uma criança quando falava comigo dos seus inimigos. Porém, ao notar que eu não sorria como antes quando ele falava comigo, que o ouvia em silêncio, pegou no chapéu e saiu do quarto porque tinha pressa; antes de sair voltou a beijar-me e acenou-me com a cabeça,

sorrindo, como se duvidasse de mim e quisesse assegurar-se de que eu não mudaria de ideias.

Disse já que ele andava como que num estado de loucura, e isso notava-se já na véspera. Precisava de dinheiro para um concerto que decidiria todo o seu destino, como se pressentisse que estava naquele concerto a solução de tudo, e vivia num tal desvario que, na véspera, quis tirar-me aqueles cobres como se fosse possível comprar o bilhete com eles. Durante o almoço, revelou ainda mais o seu estado bizarro: não parava quieto, não tocava na comida, levantava-se a todo o momento e voltava a sentar-se, como se estivesse sempre a mudar de ideias; ora pegava no chapéu, como se quisesse sair, ora ficava estranhamente distraído, sempre a sussurrar para si mesmo, ora me lançava olhares, me piscava o olho, me fazia sinais, a ferver de impaciência para conseguir o dinheiro, como que zangado comigo por eu ainda não o ter tirado à mãezinha. Até a minha mãe reparou naqueles modos estranhos e olhava para ele com espanto. E eu ali, como uma condenada à morte. Acabado o almoço, meti-me num canto, a tremer como se estivesse febril, contando os minutos até chegar a hora em que a mãezinha me mandasse às compras. Nunca na vida passara por momentos de tanta tortura; ficarão para sempre na minha memória. O que eu não senti nesses instantes! A nossa consciência vive mais em certos momentos do que em anos inteiros. Sentia que ia fazer uma coisa má; o meu pusilânime pai estimulara os meus bons instintos quando, depois de me ter obrigado pela primeira vez a cometer o mal, caíra em si e me explicara que aquilo era uma má ação. Não compreenderia ele que era muito difícil enganar uma criatura ávida de consciencializar as suas sensações e que já sentira o que era o bem e o mal? Eu até compreendia como era extrema aquela necessidade que o levava a ousar incentivar-me, mais uma vez, a cometer um crime, a sacrificar a minha desgraçada e indefesa infância, arriscando, mais uma vez, abalar a minha moral instável. Então, metida no canto, eu refletia: por que me tinha ele prometido recompensas por uma coisa que eu já decidira fazer de

minha livre vontade? Novas sensações, novas aspirações, que antes desconhecia, novas perguntas se levantavam em catadupa no meu íntimo e me amarguravam. Depois pensava de súbito na mãezinha, imaginava a sua mágoa quando perdesse o último dinheiro que ganhara com o seu trabalho. Finalmente, a minha mãe largou o trabalho que estava a fazer com grande esforço e chamou-me. Estremeci, aproximei-me dela. Tirou o dinheiro da cómoda e, dando-mo, disse: «Vai, Nétotchka; só que, por amor de Deus, eles que não te enganem nas contas como da outra vez, e não percas o dinheiro.» Olhei com súplica para o meu pai, mas ele acenava com a cabeça, sorria a incentivar-me e esfregava as mãos com impaciência. O relógio bateu as seis horas (ora, o concerto começava às sete). Também ele sofreu muito durante esta espera.

Parei na escada à espera dele. O meu pai estava tão emocionado e impaciente que, sem qualquer precaução, correu imediatamente atrás de mim. Dei-lhe o dinheiro; estava escuro nas escadas, eu não podia ver a cara dele, mas senti que tremia todo ao pegar no dinheiro. Como que petrificada, eu não me mexia do lugar; voltei a mim quando ele se pôs a mandar-me ir para cima, buscar-lhe o chapéu, porque ele não queria entrar em casa.

— Papá! Então... não vais comigo? — titubeei, pensando na minha última esperança: que ele me defendesse.

— Não... vai sozinha... está bem? Espera, espera! — gritou, ficando de repente alarmado. — Espera, eu já te trago presentes, vai só buscar o meu chapéu.

Foi como se uma mão gelada me apertasse o coração. Soltei um grito, repeli-o e corri pelas escadas acima. Quando entrei no quarto tinha um ar transtornado e, se dissesse à mãezinha que tinha perdido o dinheiro, ela acreditava de certeza. Mas era incapaz de dizer fosse o que fosse naquele momento. Num espasmo de desespero, atirei-me de través para cima da cama da minha mãe e tapei a cara com as mãos. Um minuto depois a porta rangeu timidamente e entrou o paizinho. Procurava o chapéu.

— O dinheiro? — gritou de repente a minha mãe, adivinhando de repente que tinha acabado de acontecer qualquer coisa de anormal. — Onde está o dinheiro? Diz! Diz! — Tirou-me de cima da cama e pôs-me no chão do quarto.

Eu calava-me, de olhos no chão; quase não percebia o que se passava comigo, o que me estavam a fazer.

— Onde está o dinheiro? — voltou ela a gritar, largando-me e voltando-se de rompante para o paizinho que se agarrava ao chapéu. — Onde está o dinheiro? — repetiu. — Ah, ela deu-to, a ti? Ímpio! És o meu carrasco! O meu assassino! E leva-la à perdição, também a ela? Uma criança! Uma criança! Mas não! Não sais daqui!

Correu para a porta, fechou-a e guardou a chave.

— Diz lá! Confessa! — disse-me numa voz que a emoção tornava quase inaudível. — Confessa tudo! Fala, diz imediatamente... ou... nem sei o que te faço!

Agarrou-me nas mãos e torceu-mas, sempre a interrogar-me. Estava frenética. Naquele momento jurei calar-me e não dizer nada contra o paizinho, e deitei-lhe pela última vez um olhar tímido... Bastava um olhar dele, uma palavra, uma coisa qualquer que eu esperava, e por que suplicava mentalmente, e ficaria feliz apesar de todos aqueles sofrimentos e torturas... Mas, meu Deus! Com um gesto insensível, ameaçador, ele mandava-me calar, como se, naquele momento, eu pudesse ter medo de qualquer ameaça, fosse de quem fosse. Um espasmo apertou-me a garganta, entrecortou-se-me a respiração e caí sem sentidos no chão... Repetiu-se-me o ataque de nervos que tivera no dia anterior.

Voltei a mim quando, bruscamente, bateram à porta do nosso apartamento. A mãezinha abriu e vi um homem de libré que, entrando no quarto e passando um olhar espantado por nós todos, perguntou pelo músico Efímov. O meu padrasto apresentou-se. Então o lacaios entregou-lhe uma carta e disse que vinha da parte de B... que, naquele momento, estava em casa do príncipe. No sobrescrito estava um convite para o concerto de S...tz.

O aparecimento do laçao de rica libré que mencionava o nome do príncipe, seu amo, que o mandava a casa do pobre músico Efímov, causou por um instante uma impressão forte na mãezinha. No início da minha narração, falei do caráter desta pobre mulher e disse que ela ainda gostava do paizinho. Apesar dos oito anos de angústia e de sofrimento constantes, o coração dela não mudara: ainda era capaz de o amar! Sabe-se lá, talvez tivesse visto naquele instante uma mudança súbita no destino dele. Até uma sombra de esperança tinha influência nela. Quem sabe? Talvez, de certo modo, tenha sido também contagiada pela inabalável convicção do seu marido desvairado! Sim, era impossível que a presunção dele não tivesse qualquer influência nela, mulher fraca; por isso, aquela atenção do príncipe levou-a a imaginar mil planos para o seu marido. Num instante, ficou de novo pronta para se voltar para ele, para lhe perdoar toda a desgraça da sua vida, apesar até do seu último crime — o sacrifício da sua filha única —, e, num impulso de entusiasmo inflamado, no impulso da nova esperança, aceitou aquele crime como uma simples falta, uma fraqueza provocada pela miséria, pela vida suja e pela situação desesperada. Tudo nela era entusiasmo e, naquele momento, estava pronta a perdoar e a ter uma compaixão infinita pelo marido, um homem acabado.

O meu pai apressou-se; aquela atenção do príncipe e de B... também o tinha pasmado. Dirigiu-se à mãezinha, sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido e ela saiu do quarto. Dois minutos depois ela voltava com dinheiro trocado, e o paizinho deu um rublo de prata ao mensageiro que saiu com uma vénia educada. Entretanto, a mãezinha foi buscar o ferro de engomar, tirou do armário o melhor peitilho do marido e começou a passá-lo a ferro. Com as suas próprias mãos, pôs ao pescoço do marido uma gravata de cambraia branca e fez-lhe o nó, uma gravata que estava guardada desde tempos imemoriais no seu guarda-roupa juntamente com a casaca preta, embora já muito gasta, feita ainda no tempo da sua colocação no teatro. Quando acabou de se vestir, o pai pegou no chapéu mas, à saída, pediu um copo de água; estava pálido e deixou-se cair, sem

forças, na cadeira. Fui eu quem lhe serviu a água; talvez um sentimento hostil se tivesse infiltrado de novo no coração da mãezinha e lhe tivesse resfriado o primeiro entusiasmo.

O paizinho saiu, ficámos sozinhas. Meti-me num canto e, durante muito tempo, fiquei a olhar em silêncio para a minha mãe. Nunca antes lhe vira uma tal emoção: tremiam-lhe os lábios, as suas faces pálidas como que se incendiaram, de vez em quando estremecia com todos os membros. Por fim, começou a desafogar a angústia com queixas, lamentações e um choro abafado.

— Sou eu, sou eu, desgraçada, quem tem culpa de tudo! — dizia ela para si mesma. — O que será dela, o que será dela quando eu morrer? — continuou, parando no meio do quarto quando esta ideia, como um raio, a atingiu. — Nétotchka! Minha pequenina! Coitadinha! Desgraçada! — dizia ela, pegando-me nas mãos e abraçando-me convulsamente. — Quem vai tratar de ti, se até eu não posso educar-te e cuidar de ti enquanto estou viva? Oh, tu não me compreendes! Vais lembrar-te do que eu te estou a dizer, Nétotchka? Vais recordá-lo depois?

— Vou, eu vou recordá-lo, mãezinha! — dizia eu, juntando as mãos num gesto de súplica.

Ela não me largou dos braços durante muito tempo, o pensamento de que iria separar-se de mim fazia-a tremer. Eu tinha o coração despedaçado.

— Mãezinha! Mamã! — disse eu, soluçando. — Por que... por que não gostas do papá? — E as lágrimas não me deixaram continuar.

Arrancou-se-lhe um gemido do peito. Depois, presa de uma nova e terrível angústia, começou a andar pelo quarto.

— Coitada, minha pobrezinha! Nem reparei como ela cresceu! Percebe tudo, tudo! Que choque, que exemplo! — E voltou a torcer as mãos de desespero.

Depois aproximou-se de mim e, com um amor louco, pôs-se a beijar-me, a beijar-me as mãos, a banhá-las de lágrimas, a implorar o meu perdão... Nunca vi sofrimento tamanho... Depois ficou como

que extenuada e caiu em prostração. Assim passou uma hora. Depois levantou-se, cansada, e disse-me para ir dormir. Fui para o meu canto, enrolei-me no cobertor mas não conseguia adormecer. Ela atormentava-me, o meu pai também. Esperava com impaciência o regresso dele. Enchia-me de pavor só de pensar nele. Meia hora depois, a mãezinha pegou na vela e aproximou-se, para ver se eu tinha adormecido. Para a acalmar, fechei os olhos e fingi que dormia. Depois, a minha mãe foi devagarinho ao armário, abriu-o e encheu um copo de vinho. Bebeu-o e deitou-se, deixando a vela acesa em cima da mesa e a porta aberta, como fazia sempre nos dias em que o paizinho chegava tarde.

Eu estava em modorra, mas o sono não vinha fechar-me os olhos por completo. Mal os fechava, acordava de imediato, visões terríveis faziam-me estremecer. A minha angústia crescia cada vez mais. Apetecia-me gritar, mas o grito esmorecia-me no peito. Por fim, já a noite ia alta, ouvi a porta a abrir-se. Não me lembro quanto tempo se passou mas, quando abri os olhos, vi o paizinho. Pareceu-me lívido. Estava sentado numa cadeira, ao pé da porta, parecia pensativo. No quarto reinava um silêncio de morte. A vela de sebo derretida alumiava tristemente a nossa habitação.

Fiquei muito tempo a olhar para o meu pai, mas ele não se mexia do lugar; sempre imóvel na mesma posição, cabisbaixo, de mãos em cima dos joelhos espasmodicamente apertadas. Quis chamá-lo várias vezes, mas não fui capaz. Continuava como que petrificada. Por fim, o meu pai voltou a si, ergueu a cabeça e levantou-se da cadeira. Durante alguns minutos ficou parado no meio do quarto, como se hesitasse em fazer qualquer coisa; depois aproximou-se de repente da cama da minha mãe e, certificando-se de que ela estava a dormir, foi à arca onde guardava o violino. Abriu a arca, tirou o estojo preto e pô-lo em cima da mesa; voltou a olhar ao redor; o seu olhar era turvo e fugidio, um olhar como nunca lhe vira.

Bruscamente, pegou no violino, largou-o, foi à porta, fechou-a à chave. Depois, reparando no armário aberto, aproximou-se dele devagarinho, viu o copo e o vinho, encheu o copo, bebeu. Voltou a

pegar no violino, voltou a largá-lo, aproximou-se da cama da mãezinha. Hirta de medo, eu esperava pelo que ia acontecer.

Ficou muito tempo, demasiado, à escuta, depois tirou bruscamente o cobertor de cima da cara da minha mãe e pôs-se a apalpá-lo. Estremeci. Inclinou-se mais uma vez, quase encostou a cara à dela; quando levantou o tronco, passou-lhe pela cara muito branca uma espécie de sorriso. Devagar, com cuidado, tapou com o cobertor a minha mãe... a cabeça, as pernas... e começou a tremer de uma maneira que eu nunca lhe tinha visto: tive medo pela mãezinha, pelo seu sono profundo, e perscrutava com inquietação a linha imóvel, os contornos angulosos do seu corpo sob o cobertor... Como um relâmpago, cintilou-me na cabeça uma ideia pavorosa.

Findos todos aqueles preparativos, ele voltou ao armário e bebeu o resto do vinho. Tremia todo quando se aproximou da mesa. Aquela palidez extrema tornava-o irreconhecível. Voltou a pegar no violino. Eu já tinha visto o violino, já sabia o que era, mas naquele momento estava à espera de qualquer coisa terrível, horrenda, prodigiosa... e, aos primeiros sons do instrumento, pus-me a tremer. O paizinho começou a tocar. Mas com interrupções constantes: parava a cada momento, como se estivesse a lembrar-se de alguma coisa; por fim, com um ar desfeito, sofredor, largou o arco e pousou um olhar estranho na cama. Havia qualquer coisa naquela cama que o inquietava. Voltou lá... Eu não perdia um movimento do meu pai e, abatida pelo meu sentimento horrendo, não tirava os olhos dele.

De repente pôs-se a apalpar qualquer coisa com as mãos, e de novo me queimou como um raio o mesmo pensamento assustador. Passou-me pela cabeça: por que teria a mãezinha um sono tão profundo? Por que não acordou quando ele lhe apalpava a cara com as mãos? Vi, então, que ele estava a juntar tudo o que conseguia encontrar da nossa roupa: pegou no casaco da mãezinha, na sobrecasaca velha dele, no roupão, até no meu vestido que eu tirara para dormir, e tapou por completo a minha mãe, ocultou-a debaixo

daquele braçado de trapos; ela continuava imóvel, nem um braço, nem uma perna mexia.

Estava mergulhada num sono tão profundo!

O meu pai, terminado o seu afã, como que suspirou de alívio, como se já não houvesse mais nada a incomodá-lo, embora parecesse que ainda o preocupava qualquer coisa. Mudou a vela de lugar e, para não olhar para a cama, pôs-se virado para a porta. Por fim, pegou no violino e, num gesto de desespero, como que começou a serrar nele com o arco... Outra vez a música.

Mas não era música... Lembro-me de tudo nitidamente, do princípio ao fim, do espanto que tudo me causou. Não, não era a música que mais tarde eu viria a conhecer. Não eram os sons de um violino, era como se uma voz pavorosa ribombasse pela primeira vez na nossa casa escura. Talvez naquele momento as minhas sensações fossem doentias, desfiguradas, ou os meus sentimentos fossem abalados por tudo o que eu testemunhara e abertos às impressões mais terríveis, mais desesperadamente dolorosas, mas o certo é que eu tenho a absoluta convicção de que ouvia gemidos, gritos humanos, choro; jorrava daqueles sons o desespero e, quando estrondeou o acorde final era como se congregasse tudo: o que há de terrível no choro, de doloroso no sofrimento e de amargo na angústia... não aguentei mais... pus-me a tremer, jorraram-me as lágrimas dos olhos, e eu, precipitando-me para o meu pai com um grito desesperado, abracei-o. Ele soltou um grito e baixou o violino.

Por uns momentos ficou calmo, como que perdido em devaneios. Depois os olhos dele começaram a saltitar de um ponto para outro, a virar-se para todos os lados; parecia procurar qualquer coisa, agarrou-se de repente ao violino, levantou-o por cima da minha cabeça... mais um instante e era capaz de me matar.

— Paizinho! — gritei. — Paizinho!

Ao som do meu grito, tremeu como uma folha ao vento e recuou dois passos.

— Ah, ainda cá estás! Ainda não acabou tudo! Ainda faltas tu! — gritou, levantando-me ao ar pelos ombros.

— Paizinho! — voltei a gritar —, não me assustes, por amor de Deus! Tenho medo!

O meu choro impressionou-o. Pousou-me devagar no chão e ficou um minuto a olhar para mim em silêncio, como se estivesse a tentar lembrar-se de alguma coisa. Depois, como se fosse atingido por qualquer ideia horrenda que o transtornasse, as lágrimas jorraram-lhe dos olhos turvos; inclinou-se para mim e pôs-se a estudar a minha cara com atenção.

— Paizinho! — disse-lhe eu, morta de medo. — Não olhes assim, paizinho! Vamos embora daqui! Vamos depressa! Vamos fugir!

— Sim, fugir, fugir! Já é tempo! Vamos, Nétotchka! Depressa, depressa! — E, como se percebesse finalmente o que tinha de fazer, começou a atarefar-se. Olhava à volta, apressado, e, vendo no chão um lenço da mãezinha, apanhou-o e meteu-o no bolso; depois encontrou uma touca: também a apanhou e guardou, como se se preparasse para uma longa viagem, levando consigo tudo o necessário.

Enfieei rapidamente o vestido e, também muito depressa, comecei a juntar tudo o que me parecia necessário para a viagem

— Está tudo, está tudo? — perguntava o meu pai. — Está tudo pronto? Rápido, rápido!

Fiz uma trouxa à pressa, pus um lenço na cabeça, e já estávamos a sair quando me lembrei de repente que era preciso levarmos também o quadro que estava na parede. O paizinho concordou de imediato. Estava agora calmo, falava num sussurro, apenas dizia que tínhamos de ir depressa. O quadro estava muito alto, arrastámos uma cadeira, pusemos um banco em cima da cadeira e, depois de muitos esforços, lá tirámos o quadro. Então tudo ficou pronto para a nossa viagem. O meu pai pegou-me na mão e fomos; de repente, parou. Durante muito tempo esfregou a testa, como a tentar lembrar-se de alguma coisa que faltava. Por fim, pareceu lembrar-se, procurou as chaves, encontrou-as (estavam debaixo da almofada da mãezinha) e pôs-se

freneticamente a vasculhar dentro da cómoda. Voltou com o dinheiro que encontrara na gaveta.

— Toma, toma lá, guarda — sussurrou-me —, não o percas!

Primeiro deu-me o dinheiro para a mão, depois voltou a pegar nele e meteu-mo no peito. Lembro-me de ter estremecido com o contacto da prata no meu corpo, e foi como se apenas nesse momento percebesse o que era o dinheiro. Estávamos prontos para sair, mas ele voltou a deter-me.

— Nétotchka! — disse-me, como se estivesse a pensar com esforço. — Minha filha, esqueci-me... era o quê?... O que mais é preciso?... Não me lembro... Ah, já sei, lembrei-me!... Anda cá, Nétotchka!

Levou-me para o canto onde estava o ícone e mandou-me ajoelhar.

— Reza, filha, reza! Ficas melhor!... Sim, é verdade, ficas melhor — sussurrava, apontando para o ícone e olhando-me com estranheza. — Reza, reza! — dizia numa voz suplicante.

Pus-me de joelhos, juntei as mãos e, cheia do desespero e do medo que se tinham apossado de mim por completo, prostrei-me no chão e fiquei assim alguns minutos, como morta. Punha na oração todo o meu sentimento, todo o meu pensamento, mas o medo sobrepunha-se a tudo. Esgotada pela angústia, soergui-me. Já não queria ir com ele, tinha medo dele, queria ficar. Por fim, o que me atormentava arrancou-se-me do peito.

— Papá — disse eu, banhada em lágrimas —, e a mamã?... O que se passa com ela? Onde está? Onde está a minha mamã?...

Não pude continuar, chorava.

Ele olhava para mim também com as lágrimas nos olhos. Pegou-me na mão, levou-me até à cama, espalhou a roupa toda e puxou o cobertor. Meu Deus! Estava morta, já fria e azulada. Creio que perdi os sentidos, caí em cima dela, abracei-me a ela. O meu pai pôs-me de joelhos.

— Faz-lhe a reverência, filha! — disse ele. — Despede-te dela...

Fiz-lhe a reverência. O meu pai também se inclinou diante dela... Estava branco como o papel, os lábios dele mexiam, murmuravam qualquer coisa.

— Não fui eu, Nétotchka, *não fui eu* — dizia-me ele, apontando com a mão trêmula para o corpo. — Estás a ouvir? *Não fui eu, a culpa não é minha*. Lembra-te disso, Nétotchka!

— Papá, vamos — murmurei, cheia de medo. — Está na hora!

— Sim, está na hora, há muito que está na hora! — disse ele, agarrando-me com força na mão e apressando-se a sair do quarto. — Agora, a caminho! Graças a Deus, graças a Deus que já acabou tudo!

Descemos as escadas, o guarda-portão sonolento abriu-nos a cancela, olhando-nos com desconfiança, e o paizinho, como se estivesse com medo de que lhe fizessem perguntas, foi o primeiro a sair, quase a correr, e só com grande esforço o acompanhei. Fomos até ao fim da nossa rua e saímos para a marginal do canal. A neve caíra toda a noite, cobria as pedras da calçada, e agora continuava a nevar em flocos miúdos. Estava frio, e eu, gelada até aos ossos, corria atrás do paizinho, agarrava-me às abas da sua casaca. Ele levava o violino e parava a cada instante para o ajeitar debaixo do braço.

Havia já um quarto de hora que caminhávamos; por fim, ele virou para o canal, pelo declive do passeio, e sentou-se no último poial. A dois passos de nós havia um buraco no gelo. Não se via vivalma a toda a volta. Meu Deus! Lembro-me como se fosse hoje do medo que se apossara de mim! Cumpria-se, finalmente, o que eu sonhara durante um ano inteiro. Tínhamos saído da nossa pobre casa... Mas seria aquilo que eu esperava, seria aquilo que eu sonhava, que a minha fantasia infantil criou quando imaginava a felicidade do homem que eu amava de forma tão pouco infantil? O que mais me atormentava naquele instante era pensar na mãezinha. «Por que a abandonámos — pensava eu —, por que a deixámos sozinha? Porque deixámos o corpo dela como quem deixa um objeto inútil?» Sim, lembro-me de que era isso que mais me martirizava.

— Paizinho! — comecei a falar, incapaz de suportar por mais tempo a minha preocupação dolorosa. — Paizinho!

— O que queres? — perguntou severamente.

— Por que deixámos lá a mãe, paizinho? Por que a abandonámos? — disse eu e chorei. — Paizinho, vamos voltar para casa, vamos chamar alguém para tratar dela.

— Sim, sim! — gritou ele de repente, agitado, soerguendo-se, como se lhe tivesse passado pela cabeça uma ideia nova que resolvia todas as suas dúvidas. — É verdade, Nétotchka, assim não pode ser, é preciso ir ter com a mamã, ela tem frio lá. Vai, Nétotchka, vai lá, não está escuro, há lá uma vela; não tenhas medo, chama alguém para ficar com ela e, depois, volta ao pé de mim; vai sozinha, eu espero aqui... Não me vou embora.

Fui logo, mas, mal subi para o passeio, senti uma picada no coração... Virei-me e vi que ele já se ia embora, fugia de mim, abandonava-me precisamente num momento destes! Gritei com todas as minhas forças e, terrivelmente assustada, corri atrás dele. Sufocava, ele corria cada vez mais depressa... já estava a perdê-lo de vista. Apanhei do chão o chapéu que ele perdera na fuga, continuei a correr. Perdia o fôlego, as minhas pernas fraquejavam. Sentia que me estava a acontecer uma coisa monstruosa: parecia-me um sonho e, por momentos, tive aquela sensação que temos nos sonhos quando, fugindo de alguém, os pés não nos obedecem, os perseguidores se aproximam cada vez mais e nós caímos sem sentidos. Uma sensação torturante despedaçava-me: tinha pena dele, doía-me o coração imaginando-o a correr sem capote e sem chapéu, a fugir de mim, a sua filha adorada... Queria alcançá-lo, só para o beijar mais uma vez, para lhe dizer que não tivesse medo de mim, para o acalmar, para lhe assegurar que não iria atrás dele se ele não quisesse, que voltaria sozinha para junto da mãe. Vi, por fim, que ele tinha cortado para uma rua. Quando lá cheguei, meti também por essa rua e ainda o vi à minha frente... Então, as forças abandonaram-me: comecei a chorar, a gritar. Lembro-me de que,

sempre a correr, esbarrei contra dois transeuntes que pararam no passeio, olhando para nós com espanto.

— Paizinho! Paizinho! — gritei pela última vez, mas escorreguei e caí junto ao portão de uma casa. Senti que o sangue me corria na cara. Desmaiei.

Acordei numa cama quente e macia, e vi junto de mim caras meigas e simpáticas que receberam com alegria a minha volta à vida. Vi uma velhota com os óculos encavalitados no nariz, um senhor alto que olhava para mim com profunda compaixão; também uma bela e jovem senhora, e um velho de cabelo branco que me segurava o pulso e olhava para o relógio. Acordei para uma nova vida. Um dos transeuntes que eu encontrara durante a fuga era o príncipe Kh..., e o portão junto do qual caí era o da casa dele. Quando, depois de muitas inculcas, souberam quem eu era, o príncipe, o mesmo que tinha mandado ao meu pai o bilhete para o concerto de S...tz, espantado com tão estranha coincidência, decidiu que eu ficaria em casa dele e seria educada juntamente com os seus filhos. Continuaram a investigar para descobrirem o que acontecera ao meu pai e vieram a saber que ele fora detido por alguém, já fora de portas, num estado de loucura furiosa. Levaram-no para o hospital onde faleceu dois dias depois.

Morreu porque a morte era para ele uma necessidade, o desfecho natural para a sua vida. Tinha de morrer quando o único esteiro da sua vida ruísse de uma vez, se dissipasse como uma miragem, como um sonho vazio e imaterial. Morreu quando viu desaparecer a sua última esperança, quando tudo aquilo em que se apoiava e com que andou a enganar-se a vida inteira se materializou diante dele e lhe entrou na consciência. A verdade ofuscou-o com o seu brilho insuportável e a mentira tornou-se mentira também para ele. Na sua última hora, um génio maravilhoso contou-lhe tudo sobre ele e ditou-lhe a sentença final. Com o último som que voou do violino do genial S...tz abriu-se diante dele todo o segredo da arte, e o génio, eternamente jovem, poderoso e autêntico, esmagou-o com a sua verdade. Tudo o que, nos seus

tormentos misteriosos e indefinidos, o oprimia durante toda a vida, tudo o que até então o martirizava apenas em sonhos, de forma imperceptível, que por vezes o fazia fugir, aterrorizado, protegendo-se com a mentira de toda a sua vida, tudo o que ele pressentia mas tinha medo de saber, tudo isso, de uma vez, subitamente, lhe brilhou em frente dos olhos, se abriu perante os seus olhos que, até esse instante, se recusavam com teimosia a reconhecer onde estava a luz e onde estava a escuridão. Ora, a verdade era insuportável para os seus olhos que, pela primeira vez, se abriram e depararam com o que se passava, com o que era o presente e o que seria o futuro. Isso ofuscou-lhe a mente e queimou-lha. Caiu sobre ele como um raio implacável. Cumpriu-se de repente o que ele, com um tremor moroso, esperou durante toda a vida. O machado pendeu-lhe sobre a cabeça durante toda a vida e ele, num sofrimento insuportável, esperou toda a vida o golpe do machado e, finalmente, o golpe foi assestado! E foi mortal. Ele queria fugir do juízo de si mesmo, mas não tinha para onde fugir: esvaiu-se a última esperança, perdeu-se a última desculpa. A criatura cuja vida o oprimia, a criatura que não o deixava viver, a criatura cuja morte ele esperava para renascer — segundo a sua fé deslumbrada — pois bem, essa criatura morreu. E ele ficou sozinho, nada mais o constrangia, estava finalmente livre! E pela última vez, num desespero convulso, quis julgar-se, julgar-se implacável e severamente, como um juiz imparcial e desinteressado; mas o seu arco impotente apenas conseguiu reproduzir, num eco muito fraco, a última frase musical do génio... Nesse instante, a loucura que estava de emboscada à sua espera havia dez anos atingiu-o irremediavelmente.

4

Eu convalescia devagar; quando finalmente me levantei, a minha cabeça ainda pairava como que num torpor e, durante muito tempo, não tinha consciência do que me acontecera. Havia momentos, lembro-me, em que me parecia sonhar e, na verdade, o que eu desejava era que tudo o que se passara fosse um sonho! Quando

adormecia à noite esperava que, ao acordar, me visse de repente no nosso pobre quarto, com a minha mãe e o meu pai... Finalmente, a situação, a pouco e pouco, tornou-se clara para mim, até perceber que ficara absolutamente sozinha e a viver numa casa de pessoas estranhas. Senti então, pela primeira vez, que era órfã.

A princípio observava com um ávido interesse todas as coisas novas que subitamente me rodeavam, e tudo me parecia estranho, extravagante, e tudo me embaraçava: as caras novas, os hábitos novos, as salas da velha casa do príncipe. Vejo, como se fosse hoje, as salas grandes, ricas, de tetos altos, mas todas tão sombrias, tão soturnas que, lembro-me, tinha um verdadeiro medo de me perder ao atravessar as mais compridas. A minha doença ainda persistia, as minhas penosas e sombrias sensações coadunavam-se perfeitamente com o ambiente daqueles aposentos soturnos e solenes. Além disso, sentia crescer no meu coração pequenino uma angústia pouco clara e inédita para mim. Perplexa, parava diante de algum quadro, de um espelho, de uma lareira com ornamentos esmerados, de uma estátua que, como de propósito, se escondia num nicho profundo para, de lá, melhor me espiar e assustar; parava e logo me esquecia por que parara, do que queria, do que começara a pensar; e quando caía em mim dominava-me o medo pânico e o meu coração punha-se a bater, a bater.

Entre as pessoas que de quando em quando me visitavam quando estava acamada, além do velho doutor, o que mais me impressionava era a cara de um senhor de idade já bastante avançada, muito sério mas também muito bondoso, que olhava para mim com profunda compaixão. Afeiçoei-me àquela cara mais do que às de todos os outros. Apetecia-me muito falar com ele, mas tinha medo: ele tinha sempre um ar tristonho, falava pouco, com frases curtas, nos lábios dele nunca aparecia um sorriso. Pois bem, era ele o próprio príncipe Kh..., que me encontrara e me dera abrigo. Quando comecei a convalescer, as visitas dele tornaram-se cada vez mais raras. Por fim, numa dessas raras visitas, deu-me confeitos, um livro infantil com ilustrações, beijou-me, benzeu-me e

pediu para eu ser mais animada. Para me consolar, acrescentou que dentro em pouco eu teria uma amiguinha, uma miúda como eu: a sua filha Kátia que, de momento, estava em Moscovo. Depois, apontando para mim, falou com uma francesa idosa, a preceptora dos filhos dele, e com a criada que tratava de mim; depois saiu e, desde então, não o vi durante três semanas. O príncipe vivia em sua casa de uma maneira muito solitária. A maior parte da casa era ocupada por sua esposa, a princesa; esta também não via muito o príncipe, às vezes durante semanas inteiras. Mais tarde, reparei que todos os familiares falavam pouco dele, como se ele não estivesse lá em casa. Toda a gente lhe tinha respeito, e via-se que até gostavam dele, mas todos o olhavam como a um excêntrico. Dava a ideia de que ele próprio se apercebia de que era um homem estranho, muito diferente dos outros, e por isso tentava aparecer no meio das pessoas o menos possível... Na devida altura terei de falar deste homem, muito e pormenorizadamente.

Uma manhã vestiram-me roupa branca limpa e fina, puseram-me um vestido preto com *pleureuses*¹⁰ brancas (para que olhei com uma perplexidade triste), pentearam-me e levaram-me para o andar de baixo, para os aposentos da princesa. Entrei e estaquei, como que petrificada: nunca na vida tinha visto um tal esplendor e uma tal riqueza. Mas foi uma reação momentânea; senti que ficava muito branca quando ouvi a voz da princesa a mandar que me levassem junto dela. Já quando me vestiam eu pensava que estavam a preparar-me algum martírio, embora só Deus saiba por que se me meteu tal ideia na cabeça. De uma maneira geral, eu encarava a minha nova vida com uma estranha desconfiança por tudo o que me rodeava. No entanto, a princesa tratou-me com grande simpatia e beijou-me. Comecei a olhar para ela com menos medo. Era a mesma bela senhora que eu vira ao recuperar os sentidos. Mesmo assim, tremia toda quando lhe beijei a mão e nunca mais conseguia juntar forças para lhe responder às perguntas. Mandou-me sentar ao pé dela, num banquinho baixo. Parece que tinham preparado de antemão aquele lugar para mim. Via-se que a princesa não queria

mais nada do que afeiçoar-se a mim com toda a alma, acarinhar-me e substituir a minha mãe. Mas eu não percebia o meu novo papel de favorita e, por isso, creio que não me valorizei muito aos olhos dela. Deram-me um bonito livro com ilustrações para eu me entreter, a princesa pôs-se a escrever uma carta; de vez em quando largava a pena e falava comigo, mas eu atrapalhava-me tanto, ficava tão confusa que não dizia nada de jeito. Em resumo, embora a minha história fosse extraordinária e o destino desempenhasse nela o maior papel, embora os seus caminhos fossem, por assim dizer, misteriosos, embora houvesse nela os ingredientes interessantes, inexplicáveis e mesmo fantásticos, eu própria, a despeito de toda essa situação melodramática, mostrava-me uma criança vulgar, embrutecida, intimidada e até parvinha. A princesa não gostou sobretudo desta última característica e, ao que parece, fartou-se rapidamente de mim, facto de que me sinto a única culpada, evidentemente. Depois das duas horas começaram a chegar as visitas, e a princesa tornou-se de repente mais atenta e carinhosa para comigo. Às perguntas das visitas relativas à minha pessoa, ela respondia que era uma história curiosíssima, e depois começava a contá-la em francês. Durante o seu relato, as pessoas olhavam para mim, abanavam as cabeças, soltavam exclamações. Um jovem senhor apontou-me o lornhão, um velhinho perfumado quis beijar-me; ora, eu empalidecia, corava, sempre de olhos baixos, com medo de me mexer, toda a tremer. Doía-me o coração. Transferia-me para o passado, para as nossas águas-furtadas, recordava o meu pai, as nossas tardes longas e taciturnas, a mãezinha... e quando me lembrava da minha mãe as lágrimas subiam-me aos olhos, apertava-se-me a garganta, queria fugir, desaparecer, ficar sozinha... Depois, mal as visitas saíram, a princesa tornou-se visivelmente mais severa. Olhava para mim de uma forma mais sombria, era mais sacudida a falar-me, e assustavam-me, acima de tudo, os seus olhos negros e penetrantes fixos em mim, às vezes quinze minutos seguidos, e os seus lábios finos muito cerrados. À noite, levaram-me para cima. Adormeci num estado febril, acordei

de noite, angustiada, tive sonhos doentios; de manhã recomeçou a mesma história, voltei a ser levada para junto da princesa. Por fim, acho que a princesa acabou por se aborrecer de contar aos convidados as minhas aventuras, assim como os convidados se fartaram de lastimar a minha vida. Além disso, eu era uma criança tão vulgar, «sem qualquer ingenuidade», como se exprimiu a princesa numa conversa com uma senhora idosa que lhe perguntou: «Será que a princesa não se aborrece com ela?» Até que chegou o dia em que me levaram e nunca mais me fizeram voltar. Assim acabou o meu favoritismo. De resto, era-me consentido andar por onde me apetecesse. Aliás, eu não conseguia ficar parada muito tempo no mesmo sítio por causa da minha angústia profunda e doentia, por isso ficava muito contente por ir para longe de todos, para as grandes salas de baixo. Lembro-me de que até me apetecia muito falar com as pessoas da casa, mas tinha tanto medo de lhes desagradar que preferia estar sozinha. O meu passatempo preferido era meter-me nos cantos mais escondidos, ocultar-me atrás dos móveis e, ali, começar de imediato a recordar e a pensar no que me acontecera. Porém, uma coisa estranha se passava comigo: parecia ter esquecido todo o final da minha história com os meus pais e toda essa tragédia terrível. Só umas cenas, só uns factos me passavam de relance pela cabeça. Na verdade, lembrava-me de tudo: daquela noite, do violino, do paizinho, lembrava-me de como lhe arranjei o dinheiro; mas era como se não conseguisse consciencializar, tornar claro tudo aquilo... No decorrer das minhas recordações, apenas tinha um aperto mais forte no coração e um calafrio me percorria o corpo quando chegava à parte em que eu rezava ao lado da mãezinha morta; então tremia, gritava, custava-me respirar, doía-me tanto o peito e palpitava-me tanto o coração que saía de rompante do meu esconderijo. Aliás, menti no que se refere ao deixarem-me sozinha e à vontade: não, vigiavam-me atenta e incansavelmente, cumprindo assim com rigor a ordem do príncipe de me deixarem em plena liberdade e de não me porem entraves a nada, mas sem me perderem de vista por um instante. Reparei que, de vez em quando,

alguém da família ou da criadagem ia espreitar para a sala onde eu estava e saía sem dizer nada. Aquela atenção surpreendia-me e preocupava-me um pouco. Não conseguia perceber para que o faziam. Parecia-me sempre que estavam a guardar-me para qualquer coisa, para depois fazerem comigo sabia-se lá o quê. Lembro-me de que eu procurava ir sempre cada vez mais longe nas minhas expedições para, em caso de necessidade, saber onde podia esconder-me. Uma vez fui parar à escadaria de gala. Era de mármore, larga, coberta por uma passadeira, ladeada de flores e de vasos maravilhosos. Em cada patamar estavam sentados, em silêncio, dois homens altos, de trajos multicores, luvas e gravatas branquíssimas. Perplexa, fiquei a olhar para eles, sem saber o que eles estavam a fazer ali sentados, sem falarem, de braços cruzados, a olharem uns para os outros.

Gostava cada vez mais daqueles meus passeios solitários. Além disso, havia mais um motivo que me fazia fugir do andar de cima: era em cima que vivia a velha tia do príncipe, quase sem sair do quarto nem de casa. A rispidez daquela velha gravou-se-me na memória. Era quase a pessoa mais importante da casa. Toda a gente observava uma etiqueta solene para com ela, e a própria princesa, apesar de todo o seu orgulho e arbitrariedade, tinha de subir ao andar de cima duas vezes por semana, em dias determinados, para fazer uma visita pessoal à tia. Normalmente, ia lá de manhã; encetava uma conversa seca, muitas vezes interrompida por silêncios solenes, durante a qual a velhinha ora sussurrava as suas rezas, ora passava as contas do rosário. A visita só terminava por desejo da própria titi que se levantava do lugar, beijava a princesa nos lábios, dando assim por finda a entrevista. Dantes a princesa era obrigada a visitar a parente todos os dias; mais tarde, por desejo da velha, a obrigação foi atenuada e a princesa apenas comparecia duas vezes e, nos restantes cinco dias da semana, mandava alguém perguntar pela saúde da tia. No geral, a vida da velha princesa era quase monástica. Era solteira e, aos trinta e cinco anos, entrara para um convento, onde passara perto

de dezassete, mas sem nunca tomar hábito; depois saiu do convento e foi para Moscovo por dois motivos: para viver em casa da sua irmã, a condessa L..., viúva, e com um estado de saúde que piorava de ano para ano; e para fazer as pazes com a outra irmã, a também solteira princesa Kh..., com quem estava zangada havia mais de vinte anos. Mas as velhas, pelo que se diz, não passaram um só dia em concórdia e por mil vezes tencionaram separar-se, mas não podiam fazê-lo porque chegaram à conclusão de que uma delas fazia sempre falta às outras duas como prevenção do aborrecimento e dos ataques de senilidade. Apesar da pouca graça da vida delas e do tédio solene que reinava no seu palacete moscovita, toda a cidade se sentia na obrigação de visitar as três eremitas. Viam nelas as guardiãs de todos os legados e tradições aristocráticas e uma crónica viva das linhagens boiardas. A condessa deixou muitas recordações maravilhosas, era uma excelente senhora. Quem vinha de Petersburgo, a primeira visita que fazia era a elas. Quem fosse recebido em casa delas, seria recebido em todo o lado. Quando a condessa morreu, as duas irmãs sobreviventes separaram-se: a mais velha, princesa Kh..., ficou em Moscovo, herdeira que foi da sua parte da fortuna da condessa que morrera sem deixar filhos; a mais nova, a antiga noviça, mudou-se para casa do seu sobrinho, o príncipe Kh..., em Petersburgo. Entretanto, os dois filhos do príncipe, Kátia e Aleksandr, ficaram em Moscovo com a avó para a consolarem e distraírem na sua solidão. A princesa, que amava loucamente os seus filhos, não se atreveu porém a objetar quando se separou deles por todo o tempo do luto oficial. Esqueci-me de dizer que o luto ainda continuava em casa do príncipe quando eu fui para lá; a breve prazo, porém, o luto expiraria.

A velha princesa apenas se vestia de preto, usando sempre um vestido de simples tecido de lã, às pregas miúdas, com os colarinhos brancos engomados; os colarinhos davam-lhe o ar de uma velha do asilo. Não largava o rosário, assistia com solenidade à missa da manhã, observava a abstinência todos os dias, recebia as

visitas de várias personalidades eclesiásticas e de gente de vida sisuda, lia os livros sagrados e, no geral, levava um modo de vida do mais monástico que há. O silêncio, em cima, era terrível; nem pensar em fazer ranger uma porta: a velhinha tinha o ouvido de uma rapariga de quinze anos, e mandava logo alguém saber a causa de qualquer pancadinha, do mais simples rangido. Toda a gente falava em surdina, toda a gente andava em bicos de pés, e a pobre da francesa, também uma velhinha, acabou por ser obrigada a desistir do seu calçado preferido: sapatos de salto. Os tacões foram banidos. Duas semanas depois do meu aparecimento lá em casa, a velha princesa mandou alguém indagar: quem era eu, como era, como tinha ido parar lá a casa, etc. Deram uma satisfação imediata e respeitosa ao seu desejo. Logo a seguir, foi enviado à francesa um segundo mensageiro com a pergunta: por que razão a princesa ainda não me tinha visto? Logo se levantou grande azáfama: pentearam-me, lavaram-me a cara e as mãos, que já sem isso estavam limpas, ensinaram-me a aproximar-me, a fazer vénias, a ter um ar mais simpático e alegre, a falar — enfim, extenuaram-me. Depois, já da nossa parte, foi mandada uma mensageira com a proposta: não desejaria sua alteza ver a órfã? A resposta foi negativa, tendo porém sido marcada uma audiência para o dia seguinte, depois da missa da manhã. Não dormi toda a noite, e viriam a contar-me mais tarde que eu delirava e que o meu delírio era: aproximava-me da princesa e pedia-lhe perdão. Finalmente, deu-se a minha apresentação. Vi uma velhota pequenina e magra sentada numa poltrona enorme. Acenou-me com a cabeça e pôs os óculos para me ver melhor. Lembro-me de uma coisa: ela não gostou nada de mim. Observou que eu era perfeitamente selvagem, que não sabia fazer a reverência nem o beija-mão. Começou o interrogatório e eu mal respondia; quando as perguntas chegaram aos meus pais, chorei. À velhinha desagradaram muito as minhas emoções, mas lá me consolou e mandou-me depositar as minhas esperanças em Deus; depois perguntou quando foi que eu tinha ido à igreja pela última vez, e, como a minha educação tinha sido tão

negligenciada que eu mal compreendi o sentido da pergunta, a princesa ficou aterrorizada. Foi convocada a esposa do príncipe e foi logo ali aconselhado e decidido que eu iria à igreja já no próximo domingo. Até então, a princesa velha rezaria por mim, mas mandou que me levassem porque, como ela disse, eu lhe causara uma impressão muito penosa. Não era de estranhar, era natural. Ficou clara uma coisa: eu, definitivamente, não lhe agradei, até porque no mesmo dia mandaram dizer que eu fazia muito barulho a brincar, que era ouvida por toda a casa, embora na verdade passasse todo o dia sem me mexer. Era natural que a senhora tivesse essa impressão. No dia seguinte, foi feita a mesma observação. Por azar, aconteceu-me deixar cair uma chávena que se partiu. A francesa e todas as criadas ficaram aflitas e, no mesmo instante, mandaram-me para o quarto mais afastado, para onde elas foram também, presas de um profundo pavor.

Não sei como tudo acabou. Era por isso que eu gostava de me refugiar no andar de baixo e vaguear sozinha pelas salas enormes, sabendo que ali não incomodava ninguém.

Lembro-me de que um dia estava sentada sozinha numa sala de baixo. Tapei a cara com as mãos e, baixando a cabeça, fiquei assim não sei quantas horas. Pensava, pensava, a minha mente imatura era incapaz de resolver a minha angústia, a minha alma sentia uma amargura e uma dor cada vez maiores. De repente, soou por cima de mim uma voz baixinha:

— O que tens, pobre menina?

Ergui a cabeça, era o príncipe, com uma cara onde se via a pena, a compaixão; devo ter olhado para ele com um ar tão desgraçado que os seus grandes olhos azuis se marejaram de lágrimas.

— Pobre órfã! — disse ele, acariciando-me a cabeça.

— Não, não, órfã não! Não! — disse eu, arrancando-se-me um gemido do peito, e tudo se revoltou na minha alma. Levantei-me, agarrei-me à mão dele e, beijando-a e molhando-a de lágrimas, repeti numa súplica:

— Não, órfã não! Não!

— O que tens, filha, o que tens, minha querida, minha pobre Nétotchka?

— Onde está a mamã? Onde está a minha mamã? — gritei, chorando alto, incapaz de continuar a esconder a minha mágoa e caindo de joelhos diante dele, sem forças. — Onde está a minha mamã? Alminha, diga-me onde é que ela está!

— Desculpa, filha!... Ah, coitadinha, lembrei-lhe... O que eu fui fazer! Vamos, vem comigo, Nétotchka, vem.

Pegou-me na mão e levou-me rapidamente consigo. Via-se que estava abalado até ao fundo da alma. Chegámos a uma sala que eu ainda nunca tinha visto.

Era uma capela. As lamparinas, naquela meia obscuridade, lançavam uma luz brilhante sobre as molduras douradas, com pedras preciosas, dos ícones. Por trás do ouro das molduras olhavam as imagens escuras dos santos. Ali, tudo era tão diferente das outras salas, tão misterioso e sombrio que eu fiquei impressionada e tive um aperto de medo no coração. Além disso, estava numa disposição muito doentia. O príncipe quis que eu me pusesse de joelhos diante da imagem da mãe de Deus e ajoelhou-se também ao meu lado...

— Reza, minha filha, reza; vamos rezar juntos! — disse ele numa voz baixinha mas impulsiva.

Mas eu era incapaz de rezar, estava impressionada, mesmo assustada; lembrei-me das palavras do meu pai naquela última noite, junto do corpo da minha mãe, e tive um ataque de nervos. Caí de cama, doente, e neste segundo período da minha doença por pouco não morri. Foi assim:

Uma manhã, soou-me aos ouvidos um nome familiar. Ouvei o nome de S...tz. Alguém pronunciara o nome ao pé da minha cama. Estremeci, as recordações afluíram-me à cabeça, desatei a lembrar-me, a sonhar e a sofrer, entrei num verdadeiro delírio onde permaneci não sei quantas horas. Acordei muito tarde, envolta na escuridão do quarto: a lâmpada da cabeceira tinha-se apagado, e a criada que costumava ficar comigo não estava no quarto. De

repente ouvi sons longínquos de música. Os sons ora cessavam, ora se ouviam cada vez melhor, como se estivessem a aproximar-se. Não me lembro que sentimento se apoderou de mim, que intenção nasceu de súbito na minha cabeça doente. Levantei-me da cama e — não sei como arranjei forças — vesti apressadamente a minha roupa de luto e, às apalpadelas, dirigi-me para a porta do quarto. Não encontrei ninguém na sala contígua, nem na outra a seguir. Saí para o corredor. Os sons tornavam-se cada vez mais audíveis. A meio do corredor havia uma escada que dava para baixo, era por ali que eu descia sempre para as salas grandes. A escada estava toda iluminada; em baixo andavam as pessoas; escondi-me num canto para que não me vissem e, logo que me foi possível, descí para o segundo corredor. Ribombava a música numa sala contígua, vinha de lá barulho, vozes, como se se tivessem juntado ali milhares de pessoas. Numa das portas que dava do corredor para a sala pendia um enorme reposteiro duplo de veludo escarlate. Levantei-o e meti-me entre os dois panos do reposteiro. O meu coração batia com tanta força que eu mal me aguentava nas pernas. No entanto, alguns minutos depois, ultrapassando a minha comoção, ousei finalmente arredar um pouco, de um lado, o segundo reposteiro... Meu Deus! Aquela enorme e sombria sala onde eu tinha sempre tanto medo de entrar, brilhava agora com milhares de luzes. Pareceu-me que um mar de luz me inundou, e os meus olhos, habituados à escuridão, ficaram cegos de luz num primeiro momento. Soprou-me para a cara um ar aromático, como um vento tépido. Um sem-fim de pessoas passeavam-se na sala, todas as caras pareciam alegres. As senhoras tinham vestidos claros e ricos; por todo o lado eu via olhares brilhantes de prazer. Petrifiquei-me ali como que enfeitiçada. Parecia-me que já tinha visto aquilo tudo antes, nalgum sítio, num sonho... Lembrei-me do crepúsculo, das nossas águas-furtadas, da janelinha alta e, em baixo, muito funda, a rua com os lampiões brilhantes, as janelas da casa do outro lado da rua com as cortinas vermelhas, as carruagens acumuladas à entrada, o bater dos cascos e os relinchos dos

cavalos orgulhosos, os gritos, o barulho, as sombras nas janelas e a música longínqua, abafada... «Então é aqui, aqui é que é o tal paraíso! — passou-me pela cabeça. — Era então para este sítio que eu queria vir com o meu pobre pai... Portanto, não era apenas uma miragem!... Sim, já vi tudo isto antes, nos meus devaneios, nos meus sonhos!» A fantasia, atçada pela doença, incendiou-se na minha cabeça e jorraram-me dos olhos lágrimas de um enlevo inexplicável. Procurava com os olhos o meu pai: «Ele tem de estar aqui, tem de estar aqui», pensava eu, e o meu coração batia, esperando... a minha respiração entrecortava-se. Mas a música acabou, correu pela sala um rumor, um sussurro. Eu perscrutava avidamente os rostos que relanceavam diante dos meus olhos, tentava encontrar alguma cara conhecida. De repente, uma onda de emoção correu pela sala. Vi no estrado um velho alto e magro. Com um sorriso no seu rosto pálido, com o violino na mão, inclinava-se angulosamente e fazia vénias para todos os lados. Caiu um profundo silêncio, como se todas aquelas pessoas retivessem a respiração. Todos os olhos estavam pousados no velho, estava toda a gente à espera. O velho tocou nas cordas com o arco. Começou a música, e eu comecei a sentir um aperto no coração. Numa angústia incessante, retendo o fôlego, eu escutava aqueles sons; qualquer coisa familiar soava aos meus ouvidos, como se já tivesse ouvido aquilo nalgum lado; havia um pressentimento naqueles sons, o pressentimento de qualquer coisa terrível, pavorosa, prestes a rebentar no meu coração. Agora o violino soava mais alto; os sons tornavam-se céleres e penetrantes. Ouviu-se como que um berro desesperado, depois um choro lamentoso, como uma súplica inútil dirigida a toda aquela multidão, depois um gemido que esmoreceu no silêncio desesperado. Qualquer coisa cada vez mais familiar tocava o meu coração. Mas o coração recusava-se a acreditar. Cerrei os dentes para não gemer de dor e agarrei-me ao reposteiro para não cair... De vez em quando fechava os olhos e, de repente, abria-os, à espera de que aquilo fosse um sonho e eu acordasse naquele momento terrível, familiar, e estava a sonhar com aquela

última noite em que ouvi aqueles mesmos sons. Abri os olhos, queria saber, olhei ansiosamente para a multidão — não, eram outras pessoas, outros rostos... Pareceu-me que todos, tal como eu, estavam à espera de qualquer coisa, que todos sofriam uma profunda angústia; parecia que toda a gente queria gritar que aqueles gemidos e berros terríveis se calassem, deixassem de despedaçar-lhes as almas, mas os gemidos e os berros derramavam-se cada vez mais tristes, lastimosos, infinitos. De repente soou o último grito longo e pavoroso, e tudo estremeceu dentro de mim... Não havia dúvida! Era aquele mesmo, o mesmo grito! Reconheci-o, já o ouvira e, tal como naquela noite, o grito perfurou-me a alma. «Pai, pai! — relanceou na minha cabeça. — Ele está aqui, é ele, está a chamar-me, é o violino dele!» Da multidão saiu quase um gemido, depois foi a explosão de aplausos na sala. Do peito jorrou-me um choro desesperado, estridente. Não aguentei, abri o reposteiro e precipitei-me para a sala.

— Papá, papá, és tu! Onde estás? — gritei, desvairada.

Não sei como cheguei até ao velho alto: as pessoas abriam-me caminho, afastavam-se. Atirei-me a ele com um grito de sofrimento, pensei que abraçava o meu pai... Vi de repente que duas mãos compridas e ossudas me apanharam e me ergueram ao ar. Os olhos negros de alguém fitaram-me e, ao que parecia, queriam queimar-me com o seu fogo. Eu olhava para o velho. «Não! Não é o meu pai, é o assassino dele!», cintilou-me na mente. Apoderou-se de mim uma espécie de frenesi, pareceu-me de repente que por cima de mim se ouviam as gargalhadas dele, que essas gargalhadas ecoavam, se multiplicavam num grito comum. Caí desmaiada.

5

Era o segundo e último período da minha doença.

Quando voltei a abrir os olhos, vi um rosto infantil inclinado para mim, a cara de uma menina da minha idade, e o meu primeiro movimento foi o de estender as mãos para ela. Ao primeiro olhar que pousei nela, toda a minha alma se encheu de felicidade, de um

doce pressentimento. Imaginem a carita ideal, encantadora, de uma beleza extraordinária, brilhante, daquelas que nos impressionam à primeira vista, que nos deixam numa confusão deliciosa, a tremer de admiração, de que damos graças por existir, por o nosso olhar a ter encontrado, por passar ao pé de nós. Era a filha do príncipe, Kátia, que acabara de chegar de Moscovo. Ao ver o meu gesto, sorriu, e os meus nervos fracos tremeram de admiração.

A princezinha chamou o pai que estava a dois passos a falar com o doutor.

— Graças a Deus, graças a Deus! — disse o príncipe, pegando-me na mão, e na cara dele luziu um sentimento sincero. — Estou muito, muito contente — continuou, falando muito depressa, contra o seu hábito. — É Kátia, a minha filha, apresento-ta... agora tens uma amiga. Põe-te boa depressa, Nétotchka. Sua má, assustaste-me a sério!...

A minha recuperação foi muito rápida. Poucos dias passados já andava a pé. Todos os dias de manhã a Kátia ia para a cabeceira da minha cama, sempre a sorrir e a rir. Eu esperava-a como quem espera a felicidade, gostaria muito de a beijar! Mas a traquinas ficava comigo apenas alguns minutos, não sabia parar quieta. Para ela, mexer-se, correr, saltar, fazer um barulho doido eram necessidades imprescindíveis. Assim, logo da primeira vez, disse que era um tédio para ela ficar sentada ao pé de mim e que, por isso, ia aparecer raras vezes e só porque tinha pena de mim, que não havia nada a fazer, era preciso visitar a doente, mas que, quando eu melhorasse, tudo seria muito melhor. E todas as manhãs, a primeira coisa que dizia era:

— Então, já estás boa?

Mas como eu estava ainda magra e pálida, e o sorriso que me despontava na cara triste era tímido, a princesinha carregava o sobrolho, abanava a cabeça e batia com o pé no chão com desgosto.

— Eu não te disse ontem que ficasses boa? Porquê? Não te dão de comer?

— Dão, mas pouco — respondia eu timidamente, porque já começava a acanhar-me diante dela. Queria muito ganhar-lhe a simpatia, por isso tinha medo por cada palavra que lhe dizia, por cada gesto que fazia à frente dela. As suas visitas fascinavam-me cada vez mais. Não parava de lhe olhar para a cara e, quando ela saía, eu continuava a olhar para o lugar onde ela tinha estado. Comecei a sonhar com ela. Ora, quando não estava a dormir e quando ela não estava comigo, inventava conversas com ela, imaginava-me amiga dela, fazia traquinices com ela, chorava com ela quando nos ralhavam por causa de alguma asneira que fizemos; numa palavra, sonhava com ela como uma apaixonada. O que eu mais queria era ficar boa e engordar o mais depressa possível, como ela me aconselhava.

Quando, de manhã, Kátia irrompia no meu quarto a gritar: «Ainda não estás boa? Parece que ainda estás na mesma magra!», eu assustava-me como se fosse culpada. Mas era a sério que Kátia se espantava por eu não conseguir ficar boa num dia; começou mesmo a zangar-se de verdade.

— Queres que te traga bolo? — disse-me uma ocasião. — Come, com isso engordas rapidamente.

— Traz — respondi, contentíssima por ir vê-la mais uma vez no mesmo dia.

Depois de perguntar pela minha saúde, a princesinha sentava-se normalmente na cadeira, à minha frente e começava a estudar-me com os seus olhos negros. Desde o dia em que me conheceu que me examinava assim, da cabeça aos pés, com o mais ingénuo dos espantos. Mas a conversa entre nós não fluía. Eu acanhava-me à frente de Kátia e, sobretudo, com as suas investidas bruscas, embora estivesse morta de desejo por falar com ela.

— Por que estás calada? — recomeçou Kátia depois de uma pausa.

— O que faz o teu papá? — perguntei eu, contente por existir esta frase com que se pode sempre iniciar uma conversa.

— Nada. O papá está bem. Hoje bebi duas chávenas de chá em vez de uma. E tu, quantas?

— Uma.

De novo o silêncio.

— Hoje, o *Falstaff* queria morder-me.

— É um cão?

— Sim, é um cão. Não o viste?

— Vi.

— Então por que perguntaste?

E, como eu não sabia o que responder, a princesinha voltou a olhar-me com espanto.

— Ficas contente quando falo contigo?

— Sim, muito contente, vem mais vezes.

— Disseram-me que tu ias gostar que eu te visitasse, mas vê lá se te levantas o mais depressa possível; hoje trago-te bolo... Por que é que estás sempre calada?

— Não sei.

— Estás sempre a pensar, é?

— Sim, penso muito.

— Pois a mim dizem que falo muito e penso pouco. Falar é mau?

— Não. Gosto quando falas.

— Humm, vou perguntar a *Madame Léotard*, ela sabe tudo. Mas pensas em quê?

— Penso em ti — respondi, depois de um silêncio.

— E isso agrada-te?

— Agrada.

— Portanto, gostas de mim?

— Gosto.

— Mas eu ainda não gosto de ti. És tão magra! Fica à espera, que eu trago-te o bolo. Adeus!

E a princesinha, dando-me um beijo quase a correr, saiu do quarto.

Depois do almoço tive de facto o meu bolo. Ela irrompeu como uma maluca, rindo de alegria por ter, afinal, conseguido trazer-me a

guloseima proibida.

— Come mais, come bem, é o meu bolo, não o comi. Adeus! — E desapareceu num ápice.

Noutra ocasião, entrou pelo meu quarto dentro também numa hora que não era habitual, depois do almoço; parecia que um furacão lhe desgrenhara os caracóis negros, as faces ardiam-lhe, os olhos brilhavam-lhe; via-se que já corria e saltava havia uma ou duas horas.

— Sabes jogar aos volantes? — gritou, ofegante, com muita pressa de correr para qualquer lado.

— Não — respondi, lamentando muito não poder dizer que sim.

— Irra, como tu és! Não faz mal, quando ficares boa eu ensino-te. É só. Estou a jogar agora com *Madame Léotard*. Adeus, estão à minha espera.

Levantei-me finalmente da cama, embora ainda estivesse fraca. A minha ideia principal era não me separar mais de Kátia. Qualquer coisa me atraía irresistivelmente para ela. Não me fartava de a admirar, o que a surpreendia. A minha atração por ela era tão forte, eu dedicava-me com tanto ardor ao meu novo sentimento que ela não podia não reparar nisso, e a princípio tudo isso lhe pareceu de uma estranheza nunca vista. Lembro-me de que, uma vez, quando brincávamos, não aguentei, atirei-me ao pescoço dela e comecei a beijá-la. Kátia libertou-se dos meus braços, agarrou-me nas mãos e, carregando o sobrolho, como se tivesse ficado ofendida, perguntou:

— O que é isso? Para que são estes beijos?

Fiquei confusa, senti-me culpada, estremeci ao ouvir a sua pergunta brusca e não respondi. A princesinha encolheu os ombros, em sinal de perplexidade (um gesto que se tornara um hábito nela), apertou os lábios cheios com um ar muito sério, parou de brincar e sentou-se no divã, num canto, e ficou a observar-me demoradamente, reflectindo em qualquer coisa, como se quisesse resolver um problema novo que lhe surgira na mente. Também era um hábito dela quando se confrontava com coisas complicadas. Por

meu lado, tardei em habituar-me àquelas manifestações bruscas do seu caráter.

Nos primeiros tempos, eu deitava as culpas para cima de mim própria, pensando que, de facto, havia muita coisa estranha em mim. Embora fosse verdade, atormentava-me uma questão: por que não podia ficar amiga de Kátia logo desde o princípio, por que não podia conquistar a sua simpatia para sempre? Os meus fracassos doíam-me, estava pronta a chorar a cada palavra ríspida de Kátia, a cada olhar desconfiado que ela me deitasse. A minha amargura crescia cada vez mais depressa, porque com Kátia tudo era rápido. Passados alguns dias notei que lhe era antipática e que ela começava a ter repulsa por mim. Naquela miúda, tudo acontecia rápida e bruscamente, poderia mesmo dizer-se grosseiramente, não fora haver uma graça autêntica e nobre nos seus movimentos vertiginosos como um raio mas frontais e ingenuamente sinceros. Tudo começou com as dúvidas dela, e depois com o desprezo aberto, por eu não saber brincar a nada. A princesinha gostava de brincar, de correr, era forte, ágil, hábil; eu era o contrário. Estava ainda fraca depois da doença, parada, pensativa; a brincadeira não me animava; em resumo, carecia claramente de capacidades para agradar a Kátia. Além disso, era insuportável para mim sentir que estavam descontentes comigo: ficava logo triste, perdia o ânimo, sem forças para redimir a minha falta e virar a meu favor a impressão desfavorável que causava; enfim, ficava definitivamente perdida. Kátia era incapaz de perceber essas coisas. De início, eu até a assustava; depois de ter passado uma hora a ensinar-me a jogar aos volantes, punha-se a observar-me com um ar espantado, como era seu hábito. Ora, como eu ficava imediatamente triste e tinha a lágrima fácil, ela, depois de refletir sobre o meu caso e não chegando a conclusão nenhuma, nem quanto a mim nem quanto às suas reflexões, deixava-me em paz e ia brincar sozinha, e não me convidava nem falava mais comigo durante dias inteiros. O desprezo dela não só me espantava, custava-me muito a suportar. Aquela minha nova solidão estava a tornar-se quase mais penosa

do que a antiga, e voltei a entristecer, a mergulhar em cisma, de novo os meus negros pensamentos me envolveram o coração.

Madame Léotard, que nos vigiava, acabou por reparar nesta mudança nas nossas relações. E, como viu em primeiro lugar a minha solidão forçada e se preocupou com isso, dirigiu-se à princezinha, ralhando-lhe por não saber conviver comigo. Kátia carregou o sobrolho, encolheu os ombros e disse que não tinha nada que fazer comigo, que eu não sabia brincar, que eu apenas estava sempre a pensar em qualquer coisa e que seria melhor ela esperar que chegasse de Moscovo o seu irmão Sacha: então seria mais divertido para eles os dois.

Madame Léotard não se satisfez com a resposta e observou-lhe que ela me deixava sozinha sem ter em conta que eu ainda estava doente; que eu não podia ser tão divertida nem tão ágil como Kátia, e ainda bem, porque Kátia era traquina demais, que fizera isto e aquilo, que ainda dois dias antes quase fora mordida pelo buldogue, enfim, *Madame* Léotard admoestou-a implacavelmente; por fim, disse a Kátia para que viesse ter comigo e fizesse as pazes imediatamente.

Kátia ouviu *Madame* Léotard com grande atenção, como se realmente encontrasse algo de novo e justo nos argumentos dela. Largou o arco que fazia rolar pela sala e aproximou-se de mim; olhou para mim com um ar muito sério e perguntou:

— É verdade que quer brincar?

— Não — respondi eu, temendo por mim e por Kátia por causa do ralhete que lhe dera *Madame* Léotard.

— Então o que quer?

— Ficar aqui sentada; para mim é difícil correr; mas não se zangue comigo, Kátia, gosto muito de si.

— Então vou brincar sozinha — respondeu Kátia em voz baixa e pausada, descobrindo, como que surpreendida, que afinal não tinha culpa da situação. — Até logo, então, não me vou zangar consigo.

— Até logo — respondi, soerguendo-me e estendendo-lhe a mão.

— Se calhar quer que nos beijemos? — perguntou ela depois de ter pensado um pouco, recordando pelos vistos a nossa recente conversa e com o intuito de me agradar, para despachar aquele problema comigo o mais depressa possível.

— Se quiser — respondi eu com uma tímida esperança.

Kátia aproximou-se de mim e, muito séria, sem sorrir, deu-me um beijo. Assim, tendo feito tudo o que lhe exigiam para dar prazer à pobre rapariga, ou até mais, fugiu de mim alegre e contente; não tardou que de novo se ouvissem por todas as salas os seus gritos e os seus risos, até que, cansada, recuperando o fôlego a custo, se atirou para cima de um divã para descansar e juntar novas forças. Durante toda a tarde, deitou-me olhares desconfiados: eu devia parecer-lhe muito estranha e bizarra. Via-se que tinha alguma coisa de que queria falar comigo, que tinha qualquer dúvida quanto a mim para esclarecer; mas, não sei porquê, não disse nada. Normalmente, de manhã, Kátia tinha aulas. *Madame* Léotard ensinava-lhe francês. As aulas consistiam na aprendizagem da gramática e na leitura de *La Fontaine*. Não lhe podiam ensinar muito porque era difícil mantê-la sentada, quieta e concentrada durante duas horas por dia. Tinha consentido em ter aulas, a pedido do pai e por ordem da mãe, e cumpria conscienciosamente o seu papel, até porque tinha dado a sua palavra de honra. Tinha capacidades excelentes, compreendia tudo num instante. Porém, mesmo neste aspecto, tinha algumas particularidades estranhas: quando não compreendia alguma coisa, gostava de pensar nisso sozinha e detestava pedir que lhe explicassem, parecia ter vergonha disso. Contava-se que, por vezes, passava dias a fio a dar voltas à cabeça sobre um qualquer problema, e ficava muito zangada quando não conseguia resolvê-lo sozinha, e apenas em última instância, já esgotada, ia ter com *Madame* Léotard para lhe pedir ajuda. Aliás, em todos os seus procedimentos se revelava esta característica. Pensava muito, embora, à primeira vista, não desse essa impressão. Ao mesmo tempo, era demasiado ingénua para a sua idade: acontecia-lhe, por vezes, fazer perguntas muito estúpidas,

por exemplo; noutras vezes, pelo contrário, as suas respostas manifestavam uma finura e uma inteligência muito perspicazes.

Como eu, afinal, também devia começar a estudar, *Madame Léotard* fez uma avaliação dos meus conhecimentos e, considerando que eu lia muito bem mas escrevia muito mal, concluiu que era urgente e necessário ensinar-me a língua francesa.

Não me recusei e, numa bela manhã, sentei-me ao lado de Kátia à mesa de estudo. Aconteceu que, precisamente nesse dia, Kátia estava muito distraída e como que lorpa, a ponto de *Madame Léotard* nem a reconhecer. Ora, eu, numa única aula, aprendi quase todo o alfabeto francês, porque queria muito agradar a *Madame Léotard* com a minha aplicação. No fim da aula, *Madame Léotard* ficou definitivamente zangada com Kátia.

— Olhe para ela — disse-lhe, apontando para mim —, uma criança doente, que estuda pela primeira vez na vida, mas fez dez vezes mais do que a menina. A menina não tem vergonha?

— Sabe mais do que eu? — perguntou Kátia, pasmada. — Mas ela está ainda a decorar o alfabeto!

— A menina quanto tempo demorou a aprender o alfabeto?

— Três aulas.

— Ela demorou apenas uma. Portanto, aprende três vezes mais depressa e vai ultrapassá-la rapidamente. Não é verdade?

Kátia pensou um pouco e, de repente, corou como fogo, ciente de que a observação de *Madame Léotard* era justa. Corar, arder de vergonha era a reação dela a quase todos os seus malogros, talvez por desgosto, ou então, quando era apanhada a fazer asneiras, por orgulho, ou seja, quase sempre. Dessa vez chegaram a vir-lhe as lágrimas aos olhos e lançou-me um olhar que parecia querer queimar-me viva. Percebi de imediato porquê. Ela, coitada, era de um orgulho e de um amor-próprio extremos. Quando saímos da sala de *Madame Léotard*, tentei falar com ela para lhe dissipar o mais depressa possível o desgosto e lhe mostrar que não tinha culpa do que a francesa dissera, mas Kátia não me respondeu, como se não me ouvisse.

Uma hora depois entrou na sala onde eu estava com um livro, sempre a pensar em Kátia, assustada com a possibilidade de ela deixar de falar comigo outra vez. Kátia olhou para mim de soslaio, sentou-se como de costume no divã e, durante meia hora, não descravou os olhos de mim. Por fim, não aguentei e olhei para ela com um ar interrogativo.

— Sabe dançar? — perguntou Kátia.

— Não, não sei.

— Eu sei.

Silêncio.

— Sabe tocar piano?

— Também não.

— E eu sei. É muito difícil de aprender.

Fiquei calada.

— *Madame Léotard* diz que você é mais inteligente do que eu.

— *Madame Léotard* ficou zangada consigo — disse eu.

— O papá também estará zangado?

— Não sei — respondi.

De novo o silêncio; a princezinha, impaciente, batia no chão com o pequenino pé.

— Então, vai rir-se de mim porque compreende tudo melhor do que eu? — perguntou finalmente, não aguentando mais o seu desgosto.

— Oh, não, não! — gritei e saltei do lugar, com grande vontade de a abraçar.

— Não tem vergonha de pensar dessa maneira e de lhe fazer essas perguntas, princesa? — ouviu-se de repente a voz de *Madame Léotard* que, havia já cinco minutos, nos observava e escutava a nossa conversa. — Tenha vergonha! Tem inveja da pobre criança e gaba-se diante dela de saber dançar e tocar piano. Que vergonha! Vou contar tudo ao príncipe.

As faces da princezinha acenderam-se como o fogo.

— É um mau sentimento. Ofendeu-a com as suas perguntas. Os pais dela eram pobres e não podiam pagar aos preceptores; ela

estudava sozinha porque tem um bom coração, é bondosa. A menina devia amá-la, mas em vez disso faz tudo para se zangar com ela. Tenha vergonha! Ela é uma órfã. Não tem ninguém. Só faltava a menina gabar-se de que é princesa e ela não. Agora, deixo a menina sozinha. Pense no que eu lhe digo e corrija-se.

A princezinha pensou dois dias inteiros! Durante dois dias não se ouviram os seus risos e gritos. Acordei de noite e ouvi que ela, mesmo a dormir, continuava a conversar com *Madame Léotard*. Chegou mesmo a emagrecer um pouco nestes dois dias, e a cor nas suas faces claras perdeu algum do seu viço. Por fim, ao terceiro dia, encontrámo-nos em baixo, nas salas grandes. A princezinha voltava do quarto de sua mãe e, quando me viu, parou e sentou-se à minha frente. Eu fiquei à espera, cheia de medo do que ia acontecer, toda a tremer.

— Nétotchka, por que me repreenderam por sua causa? — perguntou ela finalmente.

— Não foi por minha causa, Kátenka — apressei-me a justificar-me.

— *Madame Léotard* diz que a ofendi.

— Não, Kátenka, não me ofendeu.

A princezinha encolheu os ombros, mostrando-se perplexa.

— Então por que está sempre a chorar? — perguntou depois de uma pausa.

— Se a menina não gosta disso, não choro mais — disse eu por entre lágrimas.

Voltou a encolher os ombros.

— Antes também estava sempre a chorar?

Não respondi.

— Por que vive em nossa casa? — perguntou de chofre a princezinha.

Olhei para ela com espanto e foi como se um pico me picasse o coração.

— Porque sou órfã — respondi finalmente, recuperando o ânimo.

— Teve pai e mãe?

- Tive.
- Como era, eles não gostavam de si?
- Gostavam... sim — respondi com esforço.
- Eram pobres?
- Eram.
- Muito pobres?
- Sim.
- Não lhe ensinavam nada?
- Ensinaram-me a ler.
- Tinha brinquedos?
- Não.
- Tinha bolo?
- Não.
- Quantas salas tinha a vossa casa?
- Um quarto.
- Só um?
- Só um.
- Tinham criados?
- Não, não tínhamos.
- Então, quem vos fazia o serviço?
- Eu própria ia às compras.

As perguntas da princezinha avivavam cada vez mais a ferida no meu coração. As recordações, a minha solidão, o espanto da princezinha — tudo isso me feria, era uma ofensa para o meu coração a sangrar. Eu tremia de comoção, as lágrimas sufocavam-me.

- Portanto, está contente por viver em nossa casa?
- Não respondi.
- Tinha roupa boa?
 - Não.
 - Era má?
 - Era.
 - Vi o seu vestido, mostraram-mo.

— Por que me faz estas perguntas? — disse eu, presa de um sentimento novo que me fazia tremer, um sentimento que me era desconhecido; levantei-me. — Por que me faz estas perguntas? — disse eu, vermelha de indignação. — Por que goza comigo?

A princezinha corou e também se levantou, mas ultrapassou num instante a sua emoção.

— Não... não estou a gozar — respondeu. — Só queria saber se é verdade que os seus pais eram pobres.

— Por que me faz perguntas sobre os meus pais? — disse, chorando da dor que me enchia a alma. — Por que me faz perguntas sobre eles dessa maneira? Eles fizeram-lhe algum mal, Kátia?

Kátia estava confusa e não sabia o que responder. Nisto, entrou o príncipe.

— O que tens, Nétotchka? — perguntou ao olhar para mim e ao ver-me lavada em lágrimas. — O que se passa contigo? — continuou, lançando um olhar para Kátia, vermelha como uma papoila. — De que estavam a falar? Por que se zangaram? Nétotchka, por que se zangaram?

Mas eu não conseguia responder. Agarrei na mão do príncipe, beijei-a e molhei-a de lágrimas.

— Kátia, não me mintas. O que se passou aqui?

Kátia não sabia mentir.

— Eu disse que vi o vestido feio dela, o vestido que ela usava quando ainda vivia com o pai e a mãe.

— Quem to mostrou? Quem se atreveu?

— Vi-o sozinha — respondeu Kátia, resoluta.

— Está bem! Eu sei que és assim, que nunca acusarias ninguém. Mas o que aconteceu depois?

— Ela chorou e disse: por que goza com o meu pai e a minha mãe?

— Quer isso dizer que gozaste com eles?

Embora Kátia, na verdade, não tivesse troçado deles, tinha pelos vistos essa intenção, uma intenção que eu, logo no primeiro

momento, senti. Agora não respondia nada, isto é, aceitava a sua culpa.

— Pede-lhe imediatamente desculpa — disse o príncipe, apontando para mim.

A princezinha estava pálida como um lençol e não se mexia.

— Então? — disse o príncipe.

— Não peço — disse finalmente Kátia, a meia voz, com um ar resoluto.

— Kátia!

— Não, não peço, não quero! — gritou de repente, com os olhos a chispar e batendo com o pé no chão. — Não quero pedir desculpa, papá. Não gosto dela. Não quero viver com ela... Não tenho culpa que ela passe todo o dia a chorar. Não quero, não quero!

— Vem comigo — disse o príncipe, pegou-lhe na mão e levou-a para o seu gabinete. — Nétotchka, vai para cima.

Eu queria atirar-me ao pescoço do príncipe, interceder por Kátia, mas o príncipe repetiu severamente a sua ordem, e eu fui para cima, gelada de medo. Quando entrei no nosso quarto, atirei-me para cima do divã e tapei a cabeça com as mãos. Contava os minutos, esperava por Kátia com impaciência, queria rojar-me aos pés dela. Por fim ela voltou, passou por mim sem me dizer palavra e sentou-se no canto. Tinha os olhos vermelhos e as bochechas inchadas de chorar. Não me atrevia a fazer o que tencionava havia pouco. Olhava para ela cheia de medo, e o medo impedia-me de me mexer.

Eu punha todas as minhas forças a acusar-me, a tentar provar a mim própria que a culpa era toda minha. Mil vezes quis aproximar-me de Kátia, mil vezes desisti pois não sabia como ela me receberia. Assim se passou um dia, outro dia. Na tarde do dia seguinte, Kátia animou-se e pôs-se a fazer rolar o seu arco pelas salas, mas rapidamente largou esta brincadeira e foi sentar-se sozinha num canto. Antes de ir para a cama, virou-se de súbito para mim, deu dois passos na minha direção, abriu a boca para falar,

mas não falou, virou-me as costas e deitou-se. Passou-se mais um dia, e *Madame* Léotard, perplexa, começou finalmente a fazer perguntas a Kátia: o que tinha ela? Não estaria doente? Por que andava tão calada? Kária respondeu qualquer coisa, pegou no volante para brincar, mas, mal *Madame* Léotard virou costas, Kátia enrubesceu e desatou a chorar. Saiu a correr da sala para que eu não visse. Por fim, tudo se resolveu: ao cabo de três dias, entrou no meu quarto, depois do almoço, e aproximou-se timidamente de mim.

— O papá mandou-me pedir-lhe desculpa — disse ela. — Perdoa-me?

Agarrei-lhe logo nas mãos e, ofegante de emoção, disse:

— Sim! Sim!

— O papá mandou-me dar-lhe um beijo... dá-me um beijo?

Em resposta, comecei timidamente a beijar-lhe as mãos, molhando-as de lágrimas. Olhando para Kátia, notei nela um estado invulgar. Mexia ligeiramente os lábios, tremia-lhe o queixo, tinha os olhos húmidos; mas rapidamente ultrapassou a emoção e, por um instante, despontou-lhe um sorriso na cara.

— Vou dizer ao papá que a beijei e que lhe pedi desculpa — disse ela baixinho, como se reflectisse consigo própria. — Há já três dias que não o vejo; não me autorizava a entrar no gabinete antes de ter feito isso — acrescentou depois de uma pausa.

Dito isto, desceu a escada, tímida e pensativamente, como se não tivesse a certeza de como o pai a receberia.

Uma hora depois, porém, já se ouviam em cima os gritos, o barulho, os risos, os latidos do *Falstaff*, qualquer coisa a partir-se, livros a caírem, o arco a rolar e a saltitar por todas as salas, em resumo, fiquei a saber que Kátia fizera as pazes com o pai, e o meu coração palpitou de alegria.

Mas não se aproximava de mim, era visível que evitava falar comigo. Em compensação, eu tinha a honra de lhe incitar uma grande curiosidade. Cada vez com mais frequência, sentava-se à minha frente para lhe ser mais cómodo observar-me. As suas investigações relativamente à minha pessoa eram agora mais

ingênuas; em resumo, era uma menina mimada e voluntariosa, a quem toda a gente lá em casa trazia nas palminhas como a um tesouro, que não conseguia perceber a razão por que me encontrava várias vezes no seu caminho embora não lhe apetecesse nada encontrar-me. Mas era o seu magnífico e bondoso coraçãozinho que encontrava sempre o bom caminho por puro instinto. O pai, a quem ela adorava, tinha a maior influência nela. A mãe amava-a loucamente mas era muito severa com ela, e Kátia assimilou a sua teimosia, firmeza de caráter e orgulho, mas aguentava todos os caprichos da mãe, que chegavam até à tirania moral. A princesa tinha noções bizarras do que era a educação, e a educação de Kátia era uma combinação de estranhos contrastes: um mimo insensato e uma severidade implacável. O que era permitido num dia era bruscamente proibido, sem motivo, no dia seguinte, e na alma da criança o sentimento da justiça era espezinhado... Mas esta história fica para depois... Noto apenas que a criança já sabia muito bem definir as suas relações com o pai e com a mãe. Com o pai era aberta, sincera, não lhe escondia nada. Com a mãe, pelo contrário, era fechada, desconfiada e obediente sem contestação. Não lhe obedecia, porém, por convicção sincera, mas porque seguia um sistema obrigatório. Mais adiante explico isto melhor. Aliás, direi que, para grande mérito da minha Kátia, ela acabou por compreender a mãe e, ao obedecer-lhe, tinha já a plena consciência do amor infinito de sua mãe por ela, um amor que por vezes chegava ao frenesi doentio, tendo a princezinha tomado em conta, generosamente, esta última circunstância. Infelizmente, a consciência disto pouco viria a ajudar, no futuro, a sua cabecinha fogosa!

Entretanto, eu quase não percebia o que me estava a acontecer. Tudo em mim era uma emoção nova e inexplicável, e não exagero se disser que sofria com este sentimento novo. Em resumo — e perdoe-se-me o termo — eu estava apaixonada pela minha Kátia. Sim, era amor, um verdadeiro amor, um amor de lágrimas e alegrias, um amor louco. O que me atraía para ela? Por que nasceu em mim

um tal amor? Foi um amor à primeira vista, quando todos os meus sentimentos foram deliciosamente impressionados pela imagem de uma criança linda como um anjo. Tudo nela era maravilhoso; nenhum dos seus defeitos nasceu com ela — eram todos adquiridos, todos em conflito com ela. Tudo nela revelava um princípio bom que, temporariamente, tomava uma forma falsa; por isso tudo em Kátia, partindo dessa luta, brilhava de boa esperança, tudo predizia um futuro maravilhoso. Todos olhavam fascinados para ela, todos a amavam, não era apenas eu. Quando às vezes nos levavam ao passeio, por volta das três da tarde, os transeuntes, mal punham os olhos nela, paravam pasmados e, muitas vezes, soavam atrás da ditosa criança exclamações de admiração. Nasceu para a felicidade, tinha de nascer para a felicidade — era a primeira sensação de quem a via pela primeira vez. Talvez tenha sido tocado em mim, pela primeira vez, o sentimento estético, o sentimento do belo, e talvez esta primeira manifestação de beleza em mim fosse a causa do meu amor.

O principal defeito da princezinha, ou melhor, o princípio essencial do seu caráter (que tinha a irrefreável aspiração de se tornar natural e que, naturalmente, se encontrava sempre num estado de desequilíbrio, num estado de luta), era o orgulho. Um orgulho que ia até às ninharias ingênuas, e que chegava até um amor-próprio tal que, quando a contradiziam, fosse em que assunto fosse, não se ofendia nem se zangava: surpreendia-se. Kátia não compreendia que pudesse haver alguma coisa contrária aos seus desejos. Porém, no seu coração, o espírito de justiça levava sempre a melhor. Quando se convencida de que não tinha razão, submetia-se à sentença sem protestar e com firmeza. E se, até ao momento, ela não era fiel a si mesma nas suas relações comigo, explico-o apenas por uma incompreensível antipatia para comigo que, durante algum tempo, perturbou a harmonia de todo o seu ser; no fundo, era uma coisa natural: ela era demasiado impetuosa em todas as suas paixões, e apenas a experiência concreta a dirigia, sempre, pelo caminho certo. Os resultados de todas as suas iniciativas eram

belos e verdadeiros, mas eram obtidos a custo de intermináveis desvios e erros.

Kátia satisfez muito rapidamente a sua necessidade de me observar e, por fim, resolveu deixar-me em paz. Fazia de conta que eu não existia; não me dirigia uma palavra, mesmo necessária; fui afastada das suas brincadeiras, e não à força, mas de uma maneira tão hábil que era como se eu própria assim o quisesse. As aulas continuavam no seu curso normal, mas, mesmo que gabassem a minha esperteza e quietude, isso já não ofendia o seu amor-próprio, embora este fosse tão sensível que até o nosso buldogue, *sir John Falstaff*, o podia ofender. *Falstaff* era fleumático e senhor de grande sangue-frio mas raivoso como um tigre quando o irritavam, a ponto de negar o poder do dono. Mais uma característica: não gostava de ninguém, absolutamente, mas a sua pior e mais natural inimiga era sem dúvida a velha princesa... De resto, esta história será contada mais adiante. Ora, o amor-próprio de Kátia incitava-a a vencer a antipatia de *Falstaff*; não lhe agradava que houvesse alguém em casa, animal que fosse, que não reconhecesse a sua autoridade e força, que não se inclinasse perante ela e não a amasse. Então, a princezinha resolveu atacar *Falstaff*. Tinha de mandar em todos, tinha de reinar: como poderia então o *Falstaff* evitar o seu destino? Mas o inflexível buldogue não se rendia.

Um dia, depois do almoço, estando nós ambas em baixo, na sala grande, o buldogue deitou-se no meio da sala gozando com delícia o *keif* de depois do almoço. Pois foi precisamente neste momento que a princezinha se lembrou de conquistar o poder sobre ele. Largou a brincadeira em que estava e, em bicos de pés, chamando *Falstaff* pelos nomes mais ternos e os gestos mais carinhosos, começou a aproximar-se dele devagarinho. Mas *Falstaff*, ainda de longe, arreganhou-lhe as presas terríveis; a princezinha parou. A intenção dela era aproximar-se de *Falstaff* e fazer-lhe festas, o que ele não permitia a ninguém a não ser à mãe de Kátia, já que era o favorito dela; depois, quis obrigá-lo a ir atrás dela: uma façanha difícil e de grande perigo, já que ao *Falstaff* nada custaria arrancar-

lhe a mão ou despedaçá-la se achasse necessário. Era forte como um urso, e eu, de longe, seguia com medo e preocupação a tentativa de Kátia. Mas era difícil dissuadi-la, para ela nem os dentes que *Falstaff* mostrava indelicadamente eram meio suficiente de dissuasão. Convencida de que era impossível aproximar-se diretamente do buldogue, a princezinha, perplexa, começou a andar às voltas do seu adversário. *Falstaff* não se mexia. Kátia deu mais uma volta, reduzindo-lhe sensivelmente o diâmetro, depois mais uma, mas quando chegou à área que *Falstaff* considerou o limite de ultrapassagem proibida, o cão voltou a arreganhar os dentes. A princezinha bateu com o pé no chão, afastou-se, muito desagradada e pensativa, e sentou-se no divã.

Dez minutos depois já inventava novo meio de sedução: saiu da sala e voltou com roscas e bolinhos, isto é, mudou de armas. Mas *Falstaff* continuava indiferente, pelos vistos porque não tinha fome. Nem sequer olhou para um pedaço de rosca que ela lhe atirou; ora, quando a princezinha voltou a entrar na área proibida, que *Falstaff* considerava a fronteira do seu território, seguiu-se um protesto da parte deste, desta feita mais severo do que o anterior: *Falstaff* levantou a cabeça, arreganhou os dentes, rosnou baixinho e fez um ligeiro movimento, como se ameaçasse atacar. A princezinha corou de raiva, atirou com os bolos para o chão e voltou a sentar-se.

Estava danada, o pé dela batia no tapete, tinha as bochechas vermelhas como fogo, os olhos com lágrimas de desgosto. Olhou para mim por acaso — e o sangue subiu-lhe à cabeça. Saltou do lugar e, decidida, avançou direita ao terrível cão.

Apanhado de surpresa, o pasmo de *Falstaff* foi tal que a manobra surtiu efeito. *Falstaff* deixou que o inimigo atravessasse a fronteira e foi apenas à distância de dois passos que saudou a imprudente Kátia com o seu rosnido sinistro. Kátia parou por um instante, mas apenas por um instante, e deu um passo resolutivo em frente. Fiquei petrificada de medo. Nunca vira a princezinha tão exaltada; a vitória e o triunfo brilhavam-lhe nos olhos. Dava um retrato maravilhoso. Aguentou corajosamente o olhar ameaçador do buldogue enfurecido

e não tremeu à vista das suas terríveis presas; o cão soergueu-se. Do peito felpudo arrancou um rugido pavoroso; mais um instante e ia despedaçá-la. Mas a princezinha, com ar orgulhoso, pôs-lhe as mãozinhas nas costas e afagou-lhas três vezes, triunfante. Por um instante, o buldogue ficou indeciso, e este foi o mais terrível dos instantes. O cão, de chofre, levantou-se pesadamente, espreguiçou-se e, tomando pelos vistos em consideração que não valia a pena meter-se com crianças, saiu calmamente da sala. A princezinha, vitoriosa, pôs os pés no lugar conquistado e lançou-me um olhar inexprimível, um olhar satisfeito, de enlevo pela vitória. Eu, entretanto, estava branca de cal; Kátia reparou nisso e sorriu. Mas logo, porém, uma palidez mortal cobriu também as faces dela. Mal conseguiu chegar ao divã e tombou em cima dele quase desmaiada.

A minha afeição por ela já não conhecia limites. Desde esse dia, em que tive tanto medo por ela, deixei de poder controlar os meus sentimentos. Aflita de angústia, mil vezes tive a vontade de me atirar ao seu pescoço, mas o medo paralisava-me, petrificava-me. Lembro-me que fazia tudo para não a ver, para que ela não reparasse na minha emoção, mas quando ela entrava por acaso na sala onde eu me escondia, eu estremecia, o meu coração punha-se a palpitar de tal maneira que me dava vertigens. Parece-me que a minha traquinas reparou nisso e, durante dois dias, andava como que confusa. Porém, não tardou a habituar-se à situação. Assim passei um mês inteiro, num sofrimento silencioso. Os meus sentimentos possuem uma inexplicável extensibilidade, se me é permitida a expressão: a minha natureza é paciente até ao último limite, pelo que uma explosão, uma súbita manifestação dos meus sentimentos apenas acontece em casos extremos. É de referir que durante esse tempo todo eu e a Kátia não trocámos mais do que cinco palavras; contudo, a pouco e pouco, comecei a reparar, por sinais imperceptíveis, que tudo isso não era porque ela me tivesse esquecido ou eu lhe fosse indiferente, mas sim pela sua decisão intencional de criar um afastamento, de me impor determinados limites. Entretanto, eu já não dormia de noite, e, de dia, não

conseguia esconder o meu embaraço nem de *Madame* Léotard. O meu amor por Kátia atingia as raias das manias. Um dia surripiei-lhe um lenço, outra ocasião uma fita com que ela entrançava o cabelo, e, durante as noites, banhada em lágrimas, beijava aqueles objetos. A princípio, a indiferença de Kátia ofendia-me, atormentava-me; depois instalou-se-me na alma uma grande confusão e não conseguia dar-me conta das minhas sensações. Foi assim que estes sentimentos novos começaram, a pouco e pouco, a desalojar as minhas recordações antigas, o meu passado triste, que começaram a perder a sua força doentia e a ser substituídos pela vida nova que crescia dentro de mim.

Lembro-me de que às vezes acordava a meio da noite, levantava-me e aproximava-me em bicos de pés da princezinha. Ficava horas a fio a vê-la dormir à luz fraca da lâmpada de cabeceira; às vezes sentava-me na cama dela, inclinava-me sobre o seu rosto, e a sua respiração quente soprava para mim. Muito devagarinho, a tremer de medo, beijava-lhe as mãos, os ombros, o cabelo, o pé, quando estava de fora do cobertor. A pouco e pouco comecei a reparar (porque havia já um mês que não desviava os olhos dela) que Kátia se ia tornando mais pensativa a cada dia que passava; o seu caráter começou a tornar-se menos equilibrado: às vezes passava-se o dia sem se ouvir o barulho dela, outras vezes era uma coisa inédita a barulheira que fazia. Tornou-se irritadiça, exigente, corava e zangava-se com frequência, chegava a cometer pequenas crueldades comigo: ora se recusava a almoçar a meu lado, a sentar-se ao pé de mim, como se eu lhe causasse repulsa; ora ia para junto da mãe e ficava lá todo o dia, sabendo talvez que eu me mirrava de saudades por ela; ora se punha a olhar para mim horas a fio, a ponto de eu, de tão embaraçada, já não saber onde me meter, corava, empalidecia, sem no entanto me atrever a sair da sala. Kátia já por duas vezes se queixara de que sentia febre, quando nunca estivera doente antes. Por fim, numa bela manhã, surgiu uma ordem especial: por desejo insistente da princezinha, esta passava a instalar-se no andar de baixo, nos aposentos da mãezinha,

mãezinha que, aliás, por pouco não morreu de susto quando Kátia se lhe queixou de que tinha febre. É de referir que a princesa estava muito descontente comigo, atribuindo todas as mudanças que notava em Kátia à minha pessoa, à influência do meu caráter soturno, segundo a sua expressão, no caráter da filha. Já nos teria separado havia muito, mas ia adiando a decisão, sabendo que teria de aguentar uma discussão a sério com o príncipe que, embora lhe cedesse em tudo, se mostrava muitas vezes muitíssimo teimoso. Ela conhecia muito bem o marido.

A mudança da princezinha para o andar de baixo deixou-me abismada, passei uma semana inteira numa tensão dolorosa. Sofria de saudades, dava voltas e voltas à cabeça a tentar descobrir os motivos da repugnância de Kátia por mim. A tristeza rasgava-me a alma, e no meu coração ofendido começou a erguer-se o sentimento da justiça e da indignação. De súbito nascia em mim um certo orgulho, e quando eu e Kátia nos encontrávamos à hora do passeio, eu olhava-a com um ar tão independente e sério, tão diferente do que tinha antes, que isso a impressionou. É claro que essas minhas mudanças de comportamento apenas aconteciam por impulsos, depois o coração voltava a doer-me com uma força cada vez maior e eu tornava-me ainda mais fraca, mais pusilânime do que antes. Finalmente, uma bela manhã, a princezinha voltou para cima, deixando-me indizivelmente perplexa, embaraçada e feliz. Primeiro, com um riso louco, atirou-se ao pescoço de *Madame Léotard* e disse que voltava para os nossos aposentos, depois também a mim acenou com a cabeça e logo, arranjando uma autorização para não estudar nesse dia, entregou-se durante todo o dia às suas brincadeiras e correrias. Nunca a tinha visto tão animada e alegre. Ao fim da tarde, porém, aquietou-se, ficou pensativa, de novo uma tristeza qualquer lhe ensombrava a carinha encantadora. Quando, à noite, a princesa apareceu para a ver, reparei que Kátia fazia esforços pouco naturais para parecer animada. Quando a mãe se foi e ela ficou sozinha, desatou de repente a chorar. Fiquei espantada. A princezinha reparou no meu

olhar e saiu. Em resumo, amadurecia nela uma crise inesperada. A mãe consultou os médicos, todos os dias chamava à sua presença *Madame Léotard* e fazia-lhe as mais minuciosas perguntas sobre Kátia; deu ordens para que se vigiasse cada movimento dela. Só eu pressentia a verdade, e o meu coração batia com uma nova esperança.

Resumindo, o pequeno romance aproximava-se do seu desenlace. No terceiro dia após o regresso de Kátia ao andar de cima, notei que ela, durante toda a manhã, olhava para mim com uns olhos tão maravilhosos, me deitava uns olhares tão longos... Senti esses olhares várias vezes, e de cada vez corávamos ambas e baixávamos as cabeças, como se tivéssemos vergonha uma da outra. A princezinha acabou por se rir e afastou-se de mim. O relógio batia as três horas, começaram a vestir-nos para o passeio. De repente, Kátia aproximou-se de mim.

— Os seus atacadores desataram-se — disse. — Deixe, que eu aperto-lhos.

Já me inclinava para o fazer eu própria, vermelha como uma ginja só porque Kátia falara comigo.

— Deixa! — disse ela com impaciência, rindo-se. Inclinou-se, puxou à força o meu pé, pô-lo no joelho e atou os atacadores. Eu, deliciosamente assustada, ofegava e não sabia o que fazer. Depois de atar os atacadores, endireitou-se e pôs-se a observar-me dos pés à cabeça.

— Também tens a gola aberta — disse, tocando com o dedo no meu pescoço nu. — Deixa, que eu ponho-te o cachecol.

Não me opus. Kátia desatou o meu lenço e voltou a atá-lo como achou melhor.

— Senão ainda apanhas tosse — disse ela, sorrindo, manhosa, com um brilho nos olhinhos negros e húmidos.

Eu estava pasmada, não sabia o que me estava a acontecer e o que tinha acontecido a Kátia. Graças a Deus que o nosso passeio não foi longo, porque acho que não aguentaria e me poria aos beijos a ela na rua. No entanto, quando subíamos as escadas, consegui

beijá-la à socapa no ombro. Ela reparou nisso, estremeceu, mas não disse nada. À noite, ataviaram-na e levaram-na para baixo. A mãe dela tinha convidados. Nessa noite, foi tremenda a azáfama lá em casa.

Kátia teve um ataque de nervos. A princesa estava desvairada de susto. Foi chamado o doutor, que não sabia o que dizer. Foram alegadas as doenças infantis, evidentemente, os problemas da idade, mas eu pensava outra coisa. De manhã veio ter connosco uma Kátia corada, alegre, de ar sadio como sempre, mas com uns caprichos e umas fantasias de que nunca dera mostras antes.

Em primeiro lugar, durante toda a manhã, deu-lhe para contradizer *Madame Léotard*. Depois, inesperadamente, quis ir ver a velha princesa. Contra o seu hábito, a velhinha, que detestava a sobrinha, estava sempre em conflito com ela e nem a queria ver, dessa vez aceitou recebê-la. A princípio correu tudo muito bem, e passaram a primeira hora em concórdia. A manhosa Kátia lembrou-se de lhe pedir desculpa por todas as asneiras que fizera, pelas brincadeiras barulhentas e pela gritaria, enfim, por ter desrespeitado sempre o sossego da velha. A velha princesa, com as lágrimas nos olhos, perdoou-lhe solenemente. Mas a traquinas foi longe demais. Passou-lhe pela cabeça contar-lhe ainda que traquinices tinha em projeto para o futuro. Kátia fingia-se resignada, acanhada, plenamente arrependida; numa palavra, a velha beata estava enlevada, e a sua vitória sobre Kátia — tesouro e ídolo de toda a casa, que sabia fazer cumprir, inclusivamente à mãe, todos os seus caprichos — lisonjeava muito o amor-próprio da velha.

Entretanto, a traquinas confessou que tinha a intenção de, em primeiro lugar, colar um cartão de visita ao vestido da velha princesa; depois, de meter o *Falstaff* debaixo da cama dela; depois, de lhe estragar os óculos e de levar todos os seus livros e substituí-los pelos romances franceses da mãe; depois, arranjar bichas de estalo e espalhá-las pelo chão; depois, enfiar-lhe no bolso um baralho de cartas, etc., etc. Enfim, cada asneira pior do que a outra. A velha perdia as estribeiras, empalidecia e corava de raiva; por fim,

Kátia não aguentou mais, desatou às gargalhadas e fugiu da tia. A velha mandou de imediato chamar a princesa mãe. Levantou-se um grande alarido, a princesa, banhada em lágrimas implorou durante duas horas à parente que perdoasse a Kátia e, como estava doente, permitisse que não fosse castigada. A velha, a princípio, nem queria ouvir; anunciou que abandonaria aquela casa já no dia seguinte, e só abrandou quando a princesa prometeu que haveria castigo da filha mas ficaria adiado até que ela convalescesse, satisfazendo assim a justa indignação da idosa princesa. Mesmo assim, Kátia teve de suportar uma severa admoestação. Levaram-na para baixo, para os aposentos da mãe.

A traquinas, porém, conseguiu fugir de lá depois do almoço. Encontrei-me com ela quando descia as escadas. Kátia abriu uma porta e chamou *Falstaff*. Adivinhei logo que ela planeava uma terrível vingança. Eis o que aconteceu.

A velha princesa não tinha inimigo mais implacável do que *Falstaff*. *Falstaff* não pedia carinhos a ninguém, não gostava de ninguém, era altivo, orgulhoso e ambicioso ao extremo. Não gostava de ninguém mas, pelos vistos, exigia de toda a gente o merecido respeito. E todos, efetivamente, tinham respeito por ele, um respeito misturado com o inevitável medo, é evidente. Num belo momento, com a instalação em casa da velha princesa, tudo mudou — *Falstaff* foi terrivelmente ofendido, ou seja: foi-lhe proibido formalmente o acesso aos aposentos de cima.

A princípio, *Falstaff* ficou fora de si com tal insulto e, durante uma semana, não parou de arranhar com as patas a porta no alto da escada que dava do andar de cima para o de baixo; mas não tardou a adivinhar a causa do seu exílio, e, logo no primeiro domingo em que a velha princesa saiu para ir à igreja, *Falstaff*, aos ganidos e latidos, atacou a pobre velha. A grande custo a salvaram da vingança do cão ofendido, expulso por ordem da velha princesa que declarara abertamente não o poder ver. Desde então, o andar de cima ficou rigorosamente proibido a *Falstaff* e, de cada vez que a velha princesa descia, deportavam-no para a sala mais longínqua.

Recaía assim sobre os criados a mais rigorosa responsabilidade. O vingativo animal, porém, arranhou maneira de, por três vezes, irromper no andar de cima. Mal conseguia transpor a porta, corria através da enfiada de salas até ao quarto de dormir da velha princesa. Nada tinha a força de o deter. Felizmente, a porta da velha estava sempre fechada, e *Falstaff* limitava-se a uivar pavorosamente diante da porta até que chegassem os criados e o enxotassem para baixo. A velha, durante as visitas do indomável buldogue, gritava como se já estivesse a ser devorada e, de cada vez, ficava gravemente doente de medo. Fez vários ultimatos à dona da casa, chegando, inclusive, a ousar dizer: «ou eu ou *Falstaff*, um de nós tem de sair de casa»; mas a mãe de Kátia não aceitou separar-se de *Falstaff*.

A princesa gostava de pouca gente, e, logo a seguir aos filhos, a coisa mais adorada que para ela havia no mundo era o *Falstaff*. Eis a causa de tal adoração: um dia, seis anos atrás, o príncipe voltou do passeio com um cachorro sujo, doente, com um aspecto miserável, mas que no entanto era um buldogue de pura raça. O príncipe salvara-o da morte. A criatura adotada mostrava-se malcriada e bruta, por isso, por insistência da princesa, foi levada para as traseiras da casa e presa por uma corda. O príncipe não foi contra. Dois anos mais tarde, quando toda a família estava na casa de campo, o pequeno Sacha, irmão mais novo de Kátia, caiu no Nevá. A princesa gritou, o seu primeiro impulso foi atirar-se à água atrás do filho. Salvaram-na com muito esforço de uma morte certa. Entretanto, a corrente rápida arrastava a criança, de que só se via a roupa à tona de água. Desamarraram rapidamente um barco, mas tornava-se evidente que só por milagre salvariam a criança. De repente, o gigantesco buldogue atirou-se à água e, cortando o caminho ao rapaz que se afogava, filou-o e, triunfante, nadou para a margem arrastando-o consigo. A princesa atirou-se aos beijos ao cão molhado e sujo. Porém, o *Falstaff*, que naquela altura tinha o nome prosaico e extremamente plebeu de *Frixa*, detestava carinhos fossem de quem fossem e, em resposta aos abraços e beijos da

princesa, ferrou-lhe com força os dentes no ombro. A princesa viria a sofrer durante toda a vida daquela dentada, mas a sua gratidão não conhecia limites. O *Falstaff* foi levado para os aposentos dos donos, foi lavado, foi-lhe oferecida uma coleira de prata (um trabalho esmerado). Instalou-se no gabinete da princesa, sobre um excelente tapete de pele de urso, e não passou muito tempo até a princesa lhe poder fazer festas sem recear ser logo castigada. Quando a princesa soube que o seu favorito se chamava *Frixa*, ficou horrorizada, e logo se começou a escolher um nome para o cão, de preferência da história antiga. Porém, os nomes de Heitor, Cérbero e quejandos estavam banalizados demais; era necessário encontrar um nome decente para o favorito da casa. Finalmente, o príncipe, tomando em consideração a voracidade fenomenal de *Frixa*, sugeriu para o buldogue o nome de *Falstaff*. O nome foi aprovado com entusiasmo e ficou para sempre. *Falstaff* portava-se bem: como um autêntico inglês, era taciturno, sombrio e nunca era o primeiro a atirar-se a ninguém, exigindo apenas que contornassem respeitadamente o lugar dele em cima da pele do urso e, de uma maneira geral, que não lhe faltassem ao respeito. Às vezes dominava-o uma espécie de *spleen*, e nesses momentos *Falstaff* lembrava-se com amargura que o seu inimigo, o irreconciliável inimigo que atentara contra os seus direitos, ainda não tinha sido castigado. Então, subia as escadas à socapa e, como encontrasse a porta sempre fechada, deitava-se algures por perto, escondia-se num canto e aguardava perfidamente que alguém se descuidasse e deixasse a porta aberta. O vingativo animal chegava a fazer esperas de três dias. A ordem, porém, era rigorosa: vigiar a porta; portanto, havia já dois meses que *Falstaff* não aparecia em cima.

— *Falstaff, Falstaff!* — chamava carinhosamente a princezinha, abrindo a porta e convidando o buldogue para as escadas.

Falstaff, percebendo que lhe abriam a porta, já se preparava para transpor o seu Rubicão. O convite da princezinha, porém, pareceu-lhe tão inverosímil que, durante algum tempo, se recusou a acreditar nos seus próprios ouvidos. Era manhoso como um gato e, para

fingir que não reparara na porta descuidadamente aberta, aproximou-se da janela, pôs as patas potentes no peitoril e começou a observar o prédio da frente — em resumo, portava-se como uma pessoa estranha que, durante um passeio, parava para admirar a bela arquitetura do prédio vizinho. Entretanto, o seu coração batia com força, deliciado com a perspectiva que se lhe abria. Qual não foi o seu espanto, alegria e frenesi de felicidade quando lhe escancararam à frente do nariz a porta e — mais ainda — o chamaram, o convidaram, lhe imploraram que entrasse e satisfizesse de imediato a sua necessidade de vingança! Ganiu de alegria, arreganhou os dentes e, assustador, triunfante, entrou como uma flecha.

Levava um tal impulso que uma cadeira com que esbarrou pelo caminho voou a uma braça de distância e virou-se. *Falstaff* voava como uma bala de canhão. *Madame Léotard* soltou um grito de pavor, mas *Falstaff* já atingia a porta proibida, empurrava-a com as duas patas e, não conseguindo abri-la, uivava com desespero. Em resposta, soou o grito terrível da velha princesa. Acorreram de todos os lados legiões de inimigos, toda a casa invadiu o andar de cima, e *Falstaff*, o feroz *Falstaff*, com açaimo habilmente metido no focinho, as quatro patas amarradas, voltou sem glória do campo de batalha, arrastado por um laço para o andar de baixo.

Foi mandado um mensageiro à princesa.

Desta vez, a princesa não estava disposta a perdoar; mas quem devia ser castigado? Descobriu-o à primeira, num instante: o olhar dela caiu em Kátia... Era verdade: Kátia estava pálida, a tremer de medo. Só agora compreendia, a pobre, as consequências da sua traquinice. Como as suspeitas poderiam recair sobre os criados, sobre inocentes, Kátia estava disposta a confessar toda a verdade.

— Foste tu? — perguntou-lhe a mãe em voz severa.

Vi a palidez mortal de Kátia e, dando um passo em frente, disse em voz firme:

— Fui eu quem deixou entrar o *Falstaff*... sem querer... — acrescentei, porque toda a minha coragem desapareceu sob o olhar

ameaçador da princesa.

— *Madame* Léotard, dê-lhe um castigo exemplar! — disse a princesa e saiu da sala.

Olhei para Kátia; ela estava aturdida, os braços pendiam-lhe sem forças, o rosto branco fitava o chão.

O único castigo aplicado aos filhos do príncipe era o aprisionamento numa sala vazia. Ficar duas horas numa sala vazia não custava nada. Porém, quando a criança era lá metida à força, contra a sua vontade, e lhe impunham a privação da liberdade, o castigo tornava-se bastante duro. Normalmente, Kátia ou o irmão ficavam de castigo duas horas. Para mim, a pena foi de quatro horas, tendo em conta a monstruosidade do meu crime. Cheia de felicidade, entrei na minha prisão. Estava a pensar na princezinha. Sabia que tinha vencido. Entretanto, em vez de quatro horas, estive presa até às quatro da manhã. Eis como isso aconteceu.

Decorridas duas horas sobre o início do meu castigo, *Madame* Léotard soube que chegara de Moscovo a sua filha, que adoecera e queria ver a mãe. *Madame* Léotard foi-se embora e esqueceu-se de mim. Quanto à criada que nos servia, pensou pelos vistos que já me tinham deixado sair. Kátia foi chamada aos aposentos da mãe e obrigada a ficar lá até às onze da noite. Quando voltou, ficou muito surpreendida por não me encontrar na cama. A criada despiu-a, deitou-a, mas a princezinha tinha as suas razões para não perguntar por mim. Deitou-se e ficou à minha espera, com a certeza de que, como o meu castigo tinha sido de quatro horas, a ama-seca não tardaria a trazer-me. Mas também Nástia se esqueceu de mim, até porque eu despia-me sempre sozinha. Foi assim que fiquei a dormir na prisão.

Às quatro da manhã ouvi baterem à minha porta. Eu estava a dormir no chão, acordei assustada e gritei, mas logo reconheci a voz de Kátia, a mais alta de todas, depois a voz de *Madame* Léotard, e também a voz assustada de Nástia, e a da despenseira. Por fim abriram a porta, e *Madame* Léotard, com as lágrimas nos olhos, abraçou-me e pediu-me desculpa por se ter esquecido de mim.

Atirei-me ao pescoço dela a chorar. Estava cheia de frio, doíam-me os ossos todos por ter adormecido no chão duro. Procurei Kátia com os olhos, mas já ela tinha fugido para o nosso quarto, saltado para a cama e, quando entrei, já dormia ou fingia dormir. Quando estava à minha espera no princípio da noite, também adormecera e só acordara às quatro da manhã. Então armou um alarido terrível, acordou *Madame Léotard*, a ama-seca, todas as criadas, e assim me libertaram.

De manhã já toda a casa sabia da minha aventura; a própria princesa disse que me tinham tratado com uma severidade exagerada. Quanto ao príncipe, foi nesse dia que o vi zangado pela primeira vez. Subiu aos nossos aposentos às dez da manhã, muito emocionado.

— Por amor de Deus! — disse ele a *Madame Léotard*. — A senhora não viu o que fez? Como tratou a pobre criança? Isto é uma barbaridade, a pura barbaridade dos citas! Uma criança doente, fraca, sonhadora, uma miúda assustada, fantasista, e metem-na num quarto escuro durante toda a noite! Foi muito perigoso para ela! Será que a senhora não conhece a história dela? É uma barbaridade, é desumano, está a ouvir, minha senhora? Como pode dar-se um castigo assim? Quem inventou, quem pode ter inventado este castigo?

A pobre *Madame Léotard*, com as lágrimas nos olhos, embaraçada, disse que se esquecera de mim porque chegara a filha dela, mas que, quanto ao castigo em si, era útil se não durasse muito tempo e que o próprio Jean-Jacques Rousseau tinha dito qualquer coisa nesse sentido.

— O Jean-Jacques Rousseau! Minha senhora, Jean-Jacques Rousseau não devia dizer uma coisa dessas, não tinha autoridade para isso, o Jean-Jacques Rousseau não tinha o direito de falar de educação. O Jean-Jacques Rousseau rejeitou os seus próprios filhos, minha senhora, o Jean-Jacques Rousseau era má pessoa, minha senhora!

— Jean-Jacques Rousseau! Jean-Jacques Rousseau má pessoa! Príncipe! Príncipe! O que está a dizer?

E *Madame* Léotard ficou vermelha de indignação.

Madame Léotard era uma mulher maravilhosa e, antes de mais, não era mulher para se ofender; mas se tocassem em alguém de quem ela gostava, se incomodassem as sombras clássicas de Corneille, de Racine, se insultassem Voltaire, se chamassem a Jean-Jacques Rousseau má pessoa, bárbaro — Deus nos livre! As lágrimas marejavam logo os olhos de *Madame* Léotard; a velha senhora tremia de emoção.

— O príncipe está a ultrapassar as marcas! — disse ela em conclusão, fora de si.

O príncipe caiu em si e pediu desculpa, depois aproximou-se de mim, beijou-me com profundo sentimento, benzeu-me e saiu.

— *Pauvre prince!* — disse *Madame* Léotard, por sua vez comovida. Depois sentámo-nos à mesa de estudo.

A princesinha estava muito distraída durante a aula. Antes do almoço aproximou-se de mim e, toda a arder, risonha, agarrou-me pelos ombros e disse muito depressa, como se alguma coisa a envergonhasse:

— Então? Fartaste-te de ficar presa por mim, não foi? Depois de almoço vamos brincar para a sala grande.

Alguém passou perto, e a princezinha virou-me as costas muito depressa.

Depois de comermos, caía já o crepúsculo, descemos para a sala grande de mãos dadas. A princezinha estava profundamente emocionada, ofegante. Eu estava feliz como nunca.

— Queres jogar à bola? — disse Kátia. — Põe-te aqui!

Pôs-me num canto da sala mas, em vez de se afastar e me atirar a bola, parou a três passos, olhou para mim, corou e tombou no divã, tapando o rosto com as mãos. Fiz um movimento na direção dela; Kátia pensou que eu queria ir-me embora.

— Não te vás embora, Nétotchka, fica comigo — disse. — Isto já passa.

De repente saltou do divã e, com as faces a arderem, banhada em lágrimas, atirou-se-me ao pescoço. Tinha a cara húmida, os lábios inchados como ginjas, os caracóis desgrenhados. Como louca, beijava-me o rosto, olhos, lábios, o pescoço, as mãos; chorava como num ataque de histeria; apertei-me a ela com força, e abraçámo-nos com felicidade e alegria, como amigas, como se abraçam os namorados depois de uma longa separação. O coração de Kátia batia com tanta força que eu ouvia cada batida.

Nisto, ouviu-se uma voz, vinda de outra sala. Chamavam Kátia para que fosse à mãe.

— Ah, Nétotchka! Até já, até à noite! Agora vai para cima, espera lá por mim.

Beijou-me uma última vez, com força, em silêncio, e acorreu ao chamamento de Nástia. Corri para cima, sentindo-me ressuscitada, atirei-me para cima do divã, escondi a cabeça nas almofadas e, de enleio, chorei. O meu coração batia como se quisesse rebentar-me o peito. Não me lembro como sobrevivi até à noite. Por fim, o relógio bateu as onze, deitei-me. A princezinha só voltou à meia-noite. Sorriu-me de longe mas não disse nada. Nástia começou a despi-la, mas devagar, como se o fizesse de propósito.

— Depressa, Nástia, depressa! — murmurava Kátia.

— A princesa subiu as escadas a correr, não foi? Bate-lhe tanto o coração!... — disse Nástia.

— Ah, Nástia, meu Deus, que aborrecida! Rápido, rápido! — E a princezinha, de impaciência, batia com o pé.

— Ui, que coraçãozinho! — disse Nástia, beijando o pé que estava a descalçar.

Acabou, finalmente, a princezinha deitou-se, Nástia saiu do quarto. Mal ela saiu, Kátia saltou da cama e atirou-se a mim. Soltei um grito.

— Vamos, deita-te comigo! — disse ela, levantando-me da cama. Um instante depois já eu estava na cama dela; abraçámo-nos, apertámo-nos uma contra a outra. A princezinha beijava-me como louca.

— Sabes que eu lembro-me como tu me beijavas de noite! — disse ela, corando muito.

Eu soluçava.

— Nétotchka! — sussurrou Kátia, também a chorar. — Meu anjinho, gosto de ti há muito, muito tempo! Sabes desde quando?

— Desde quando?

— Desde que o papá me mandou pedir-te desculpa, quando defendeste o teu pai, Nétotchka... Minha orfãzinha! — cantarolou, voltando a cobrir-me de beijos. Ria e chorava ao mesmo tempo.

— Ah, Kátia!

— O quê? O quê?

— Por que é que nós... tanto tempo... tanto tempo... — Não acabei. Abraçámo-nos e, por uns três minutos, não dissemos nada.

— Ouve, o que pensavas de mim? — perguntou a princezinha.

— Ah, pensava tanto, Kátia! Pensava sempre, dia e noite.

— E falavas de mim a dormir, eu ouvi.

— Não me digas!

— E choravas muitas vezes.

— Vês? Por que eras tão orgulhosa?

— Era estúpida, Nétotchka. Tenho essas manias, não se pode fazer nada. Guardava-te rancor.

— Porquê?

— Porque sou má. Primeiro, porque tu és melhor do que eu; depois, porque o papá gostava mais de ti. O papá é muito bondoso, Nétotchka, não é?

— Ah, pois é! — disse eu com a lágrima no olho, lembrando-me do príncipe.

— É boa pessoa — disse Kátia, muito séria. — Mas o que hei de fazer com ele? É sempre assim... Bom, depois, quando te pedi desculpa, por pouco não chorava, por isso fiquei outra vez zangada.

— Mas eu vi, reparei que estavas quase a chorar.

— Cala-te, parvinha, chorona és tu! — gritou Kátia, tapando-me a boca com a mão. — Ouve, eu queria muito gostar de ti, mas depois, de repente, apetecia-me odiar-te, e odiava-te tanto, tanto!...

— Mas porquê?

— Estava furiosa contigo. Não sei porquê! Mas depois percebi que não podias viver sem mim e pensei: vou dar cabo dela!

— Ah, Kátia!

— Alminha! — disse Kátia, beijando-me a mão. — E depois não queria falar contigo, nunca! Lembras-te como eu fiz festinhas ao *Falstaff*?

— És tão destemida!

— Ooh, tive tanto medo — disse a princezinha. — Sabes por que me meti com ele?

— Porquê?

— Porque tu estavas a olhar. Quando vi que estavas a olhar... ah! Seja o que Deus quiser, pensei, e fui. Assustei-te, não foi? Tiveste medo por mim?

— Oh, que medo!

— Eu percebi. Que alívio para mim quando ele se foi embora! Meu Deus, que medo eu tive quando ele já se tinha ido embora, esse monstro!

E a princezinha desatou num riso nervoso; depois soergueu de repente a cabeça esquentada e pôs-se a olhar com fixidez para mim. Nas suas pestanas compridas tremiam lágrimas como pérolas.

— O que é que tu tens de especial, por que é que gostei de ti? Toda pálida, um cabelo loirito, uma parvinha, uma chorona, os olhinhos azuis, minha orfãzinha!!!

E Kátia voltou a inclinar-se e a beijar-me vezes sem fim. As lágrimas dela caíam nas minhas bochechas. Estava profundamente enternecida.

— Como eu gostava de ti, mas pensava: não, não! Não lhe digo! A minha teimosia! De que é que eu tinha medo, por que tinha vergonha de ti? Olha que bem estamos agora!

— Kátia! Que dor! — disse eu, num impulso de excitação. — Dói-me a alma!

— Sim, Nétotchka! Ouve ainda... ah, pois, quem te chamava Nétotchka?

— A minha mãe!

— Contas-me tudo sobre a tua mamã?

— Conto, conto tudo — disse eu com entusiasmo.

— Mas onde foi que meteste os meus dois lenços, aqueles com rendas? E para que me tiraste a fita? Ah, sua desavergonhada! Olha que eu sabia.

Ri e corei até às lágrimas.

— Não, pensava eu, que sofra, que espere. Mas às vezes pensava: não gosto nada dela, detesto-a. Mas tu eras sempre tão meiga, minha ovelhinha! E o medo que eu tinha que tu pensasses que eu era parva! És muito esperta, Nétotchka, não és? Diz lá!

— O que estás tu a dizer, Kátia? — respondi, quase ofendida.

— Não, és esperta — disse Kátia, com firmeza, um ar sério. — Sei que és. Pois é, uma vez, de manhã, levantei-me e gostei muito de ti, gostei incrivelmente de ti! Tinha sonhado contigo toda a noite. Pensei: peço para mudar para os aposentos da mãe, vou viver para lá. Não quero gostar dela, não quero! Mas na noite seguinte, quando estava a adormecer, pensei: oxalá ela venha, como ontem... E tu apareceste! Ah, e eu a fingir que dormia!... Que desavergonhadas nós somos, Nétotchka!

— Mas por que não querias gostar de mim?

— Porque... Mas o que é que eu estou para aqui a dizer? Sempre gostei de ti! Mas também te detestava, e pensava: vou beijá-la e beliscá-la até à morte. Toma, parvinha!

E a princezinha beliscou-me.

— Lembras-te de como eu te atei os atacadores?

— Lembro.

— Lembras-te... ficaste contente? Olhei para ti: que querida, vou-lhe apertar os atacadores, o que é que ela vai pensar? E senti-me tão bem! Juro que queria beijar-te... mas não beijei. E, também, dava-me tanta vontade de rir! Durante o passeio só me apetecia rir. Não podia olhar para ti que me ria logo. E fiquei contentíssima quando foste para a prisão por mim.

Ao quarto vazio chamava-se «prisão».

— E tiveste medo?

— Um medo terrível!

— Não fiquei contente por teres dito que eras tu a culpada, mas porque ficaste de castigo por mim! Pensei: agora está a chorar, e eu gosto tanto dela... amanhã vou dar-lhe tantos beijos, tantos, tantos! Mas olha que não tive pena de ti, juro que não, embora tivesse chorado um bocadinho.

— Eu é que não chorei, nadinha, pelo contrário, até estava contente!

— Não choraste? Má! — gritou a princezinha, dando-me um beijo.

— Kátia, Kátia! Meu Deus, que bonita tu és!

— Sou, não sou? Agora, podes fazer o que quiseres comigo! Tiraniza-me, belisca-me! Por favor, belisca-me! Vá lá, alminha!

— Traquinas!

— Que mais?

— Parvinha...

— Mais?

— Dá-me um beijo.

Beijávamo-nos, chorávamos, ríamo-nos. Incharam-nos os lábios.

— Nétotchka! Primeiro, vais sempre dormir comigo na cama. Gostas de dar beijos? Então vamos dar beijos. Segundo, não quero que sejas tão triste. Por que andavas aborrecida? Contas-me, sim?

— Conto tudo; mas agora já não me aborreço, estou feliz!

— Vais ver, ainda hás de ter umas bochechas rosadas como as minhas! Ah, que a manhã chegue depressa! Tens sono, Nétotchka?

— Não.

— Então vamos falar.

Tagarelámos ainda mais duas horas. Do que nós não falámos! Em primeiro lugar, a princezinha contou-me toda a sua situação actual e todos os seus planos para o futuro. Fiquei a saber que ela gostava mais do pai do que de toda a gente, quase mais do que de mim. Depois concluímos ambas que *Madame* Léotard era uma senhora maravilhosa e nada severa. A seguir planeámos o que

faríamos no dia seguinte e dois dias depois, e, de uma maneira geral, planeávamos a nossa vida para quase vinte anos. Kátia resolveu que iríamos viver assim: no primeiro dia, ela mandava em mim e eu fazia tudo o que ela dissesse; no dia seguinte, era ao contrário: eu é que mandava e ela obedecia sem discussão; depois íamos mandar uma na outra a meias; e se uma de nós não obedecesse, haveria uma zanga entre nós, mas só a fazer de conta, porque faríamos as pazes rapidamente. Numa palavra, esperávamos uma infinita felicidade. Por fim, cansada de tagarelar, começaram a fechar-se-me os olhos. Kátia ria-se de mim, chamava-me dorminhoca, mas foi a primeira a adormecer. De manhã acordámos ao mesmo tempo, trocámos beijos à pressa, porque as criadas já estavam quase a entrar no nosso quarto, e eu tive tempo de voltar para a minha cama.

Durante o dia estávamos tão felizes que não sabíamos o que mais fazer uma à outra. Escondíamos-nos, fugíamos de toda a gente, não queríamos que nos vissem olhos estranhos. Por fim, comecei a contar-lhe a minha história. Kátia ficou abalada, até chorou.

— Má, que má tu és! Por que não me disseste isso tudo antes? Ia gostar tanto de ti! Os rapazes batiam-te muito na rua?

— Batiam. Tinha tanto medo deles!

— Uh, velhacos! Sabes, Nétotchka, uma vez vi um rapaz a bater noutro na rua. Amanhã, às escondidas, vou tirar o chicote do *Falstaff* e, se encontrar um deles, dou-lhe uma sova!

Os olhinhos dela brilhavam de indignação.

Assustávamo-nos quando alguém entrava. Tínhamos medo de ser apanhadas a beijar-nos. É que, nesse dia, beijámo-nos pelo menos cem vezes. Assim passou o dia e o dia seguinte. Eu sufocava de felicidade, temia morrer de exaltação. Mas a nossa felicidade não durou muito.

Uma das obrigações de *Madame Léotard* era informar a mãe da princezinha de cada movimento que esta fizesse. Então, observou-nos durante três dias e, ao cabo desses três dias, já tinha muito para contar. Foi ter com a princesa e informou-a de tudo o que via:

que andávamos ambas numa espécie de frenesi, que havia três dias que não nos separávamos, que nos beijávamos a cada instante, que ríamos, que chorávamos, que desatávamos às gargalhadas como doidas, que tagarelávamos sem parar, quando dantes nada disso acontecia, e ela, *Madame Léotard*, não sabia a que atribuir tal coisa, mas parecia-lhe que a princezinha estava a passar por uma crise doentia e, na opinião dela, *Madame Léotard*, seria melhor que nos víssemos menos.

— Há muito que penso nisso — respondeu a princesa. — Sempre desconfiei que esta órfã estranha nos ia arranjar problemas. O que me contaram dela, da sua vida passada, é um verdadeiro horror! É evidente que tem influência sobre Kátia. A senhora diz que Kátia gosta muito dela?

— Até à loucura.

A princesa corou de desgosto. Já tinha ciúmes de mim.

— Isto é pouco natural — disse ela. — Dantes eram como estranhas uma para a outra, e eu, francamente, estava contente com isso. Por mais novinha que seja esta órfã, não se pode garantir nada. Está a entender? Bebeu a educação que tem com o leite da mãe, incluindo os hábitos e, talvez, as regras morais. Não compreendo o que o príncipe vê nela! Já propus mil vezes mandá-la para um internato.

Madame Léotard tentou defender-me, mas a princesa decidiu separar-nos. Mandaram buscar Kátia e, em baixo, anunciaram-lhe que não me veria até ao próximo domingo, ou seja, durante uma semana.

Vim a saber disso apenas à noite e fiquei horrorizada; pensava em Kátia, e parecia-me que ela não aguentaria a nossa separação. Fora de mim de saudades e angústia, adoeci na mesma noite; de manhã visitou-me o príncipe e sussurrou-me que tivesse esperança. O príncipe fez todos os esforços, mas em vão: a princesa não cedia. A pouco e pouco comecei a entrar em desespero, de amargura nem podia respirar.

No terceiro dia, de manhã, Nástia trouxe-me um bilhete de Kátia. A lápis, nuns rabiscos horríveis, Kátia escrevia o seguinte:

«Gosto muito de ti, estou com a *maman* e penso sempre na maneira de fugir para ir ter contigo. E fujo mesmo — por isso não choro. Escreve-me a dizer como gostas de mim. Abracei-te toda a noite em sonho e sofri muito, Nétotchka. Mando-te confeitos. Até breve.»

Respondi-lhe da mesma maneira. Passei o dia a chorar sobre o bilhete de Kátia. *Madame* Léotard cansou-me com os seus carinhos. À noite soube que ela tinha ido falar com o príncipe e lhe dissera que eu adoeceria uma terceira vez se não me encontrasse com Kátia e que ela se arrependia de ter contado aquilo à princesa. Perguntei a Nástia: como estava Kátia? Nástia respondeu que Kátia não chorava mas estava terrivelmente pálida.

De manhã, Nástia sussurrou-me:

— Vá ao gabinete de sua alteza. Desça a escada da direita.

Tive um pressentimento animador. Sufocando, corri para baixo e abri a porta do gabinete. Ela não estava lá. De repente, senti-me abraçada por trás e Kátia deu-me um beijo caloroso. Rimos, chorámos... Logo Kátia se arrancou dos meus braços, trepou como um esquilo para os ombros do pai, desequilibrou-se e caiu para cima do divã. O príncipe caiu também. A princezinha chorava de emoção.

— Papá, és tão bom, papá!

— Duas traquinas! O que vos aconteceu? Que amizade é esta? Que amor é este?

— Cala-te, papá, não sabes nada.

E de novo nos atirámos ao pescoço uma da outra.

Examinei-a de perto. Em três dias emagrecera muito. Tinham-lhe fugido as cores do rosto, no lugar delas era a palidez. Chorei de compaixão.

Nástia bateu à porta. Era o sinal de que andavam à procura de Kátia. Ficou branca de morte.

— Não se apoquentem, filhas. Vamos encontrar-nos todos os dias. Adeus, Nosso Senhor vos guarde! — disse o príncipe.

Estava comovido de olhar para nós. Mas o plano dele falhou. À noite chegou de Moscovo a notícia de que o pequeno Sacha adoecera subitamente e estava à beira da morte. A princesa decidiu partir logo no dia seguinte. Aconteceu tudo tão depressa que eu não soube de nada até ao momento da despedida. Foi o próprio príncipe quem insistiu em deixar que eu e Kátia nos despedíssemos, e foi-lhe difícil convencer a princesa. A princezinha estava despedaçada de amargura. Corri para baixo como uma louca e abracei-a. O coche já estava à espera à entrada. Kátia deu um grito e caiu desmaiada. Precipitei-me para ela e beijei-a. A princesa pôs-se a tratar dela. Kátia recuperou os sentidos e abraçou-me mais uma vez.

— Adeus, Nétotchka! — disse-me ela, rindo-se de repente, com uma expressão indescritível. — Não te preocupes comigo; isto não é nada, não estou doente e volto dentro de um mês. Então, ficaremos sempre juntas.

— Chega — disse calmamente a princesa —, vamos!

Mas a princezinha voltou mais uma vez. Apertou-me num abraço convulso.

— Minha vida! — sussurrou-me. — Até breve!

Beijámo-nos pela última vez, e a princesa desapareceu: por muito, muito tempo. Oito anos se passaram até ao nosso reencontro!

Foi de propósito que contei com tantos pormenores este episódio da minha infância sobre o primeiro aparecimento de Kátia na minha vida. No entanto, as nossas histórias são inseparáveis. O romance dela é o meu romance. Como se estivesse predestinado cruzar-se o meu caminho com o dela e o dela com o meu. Também não fui capaz de me negar o prazer de, mais uma vez, me transportar pela recordação à minha infância... A partir de agora, a minha narração será mais rápida. De súbito, a minha vida mergulhou numa acalmia, e eu como que só voltei a acordar quando tinha dezasseis anos...

Antes, porém, algumas palavras ainda sobre como decorreu a minha vida quando a família do príncipe partiu para Moscovo.

Ficámos sozinhas, eu e *Madame Léotard*.

Transcorridas duas semanas, chegou um mensageiro informando que o regresso a Petersburgo ficava adiado por prazo indefinido. Como *Madame Léotard*, por motivos familiares, não podia ir para Moscovo, os seus serviços na família findaram, tendo-se mudado para casa da filha mais velha da princesa, Aleksandra Mikháilovna.

Ainda não falei desta Aleksandra Mikháilovna; de resto, naquela altura apenas a vi uma vez. Era filha do primeiro casamento da princesa. A origem e o parentesco da princesa eram obscuros; o primeiro marido era um concessionário do Estado. Quando a princesa casou em segundas núpcias, não sabia o que fazer com a primogénita. Esta não podia contar com um casamento brilhante, até porque o seu dote era bastante modesto; por fim — quatro anos antes — conseguiram casá-la com um alto funcionário, homem rico. Assim entrou Aleksandra Mikháilovna numa sociedade nova para si. A princesa visitava-a duas vezes por ano; o príncipe, padrasto dela, visitava-a todas as semanas, levando consigo Kátia. Porém, nos últimos tempos, a princesa não gostava que Kátia visitasse a meia irmã; por isso, o príncipe levava-a às escondidas. Os caracteres das duas eram de um perfeito contraste, mas Kátia adorava a sua meia irmã. Aleksandra Mikháilovna era uma senhora de vinte e dois anos, meiga, terna, cheia de amor; parecia que lhe ensombravam severamente os belos traços uma tristeza escondida e uma secreta dor de coração. A severidade não condizia com os traços angélicos e claros do seu rosto, tal como o luto não condiz com uma criança. Era impossível não se sentir simpatia por ela logo ao primeiro olhar. Quando a vi pela primeira vez, estava pálida e, segundo diziam, com propensão para a tísica. Levava uma vida muito solitária, não lhe agradava dar serões em sua casa, nem fazer visitas: parecia uma freira. Nesse tempo não tinha filhos. Lembro-me de como ela chegou de visita a *Madame Léotard*, se aproximou de mim e me beijou com profundo sentimento. Acompanhava-a um senhor magro,

bastante idoso. Os olhos dele encheram-se de lágrimas quando me viu. Era B..., o violinista. Aleksandra Mikháilovna abraçou-me e perguntou-me se eu queria viver em casa dela e ser sua filha. Olhei-lhe para a cara, reconheci nela a irmã da minha Kátia e abracei-a com uma dor no coração que me oprimiu o peito... como se alguém me dissesse de novo: «Pobre órfã!» Então, Aleksandra Mikháilovna mostrou-me uma carta do príncipe. Nessa carta havia algumas linhas que me eram destinadas, e eu li-as com soluços contidos. O príncipe abençoava-me, desejava-me uma vida longa e feliz e pedia-me que eu amasse a outra filha dele. Kátia acrescentara algumas palavras: dizia que não se separaria de sua mãe!

Naquela tarde entrei pois noutra família, noutra casa, para viver com outra gente, arrancando mais uma vez do meu coração tudo a que me afeiçoara, tudo o que me era querido. Estava esgotada, extenuada de angústia... Começou uma nova história.

6

A minha nova vida corria agora tão calma e imperturbável como se estivesse entre os eremitas... Vivi em casa dos meus educadores mais de oito anos e, durante todo esse tempo, lembro-me de ter havido lá em casa pouquíssimos almoços ou serões com convidados, fossem parentes, amigos ou conhecidos. Apenas duas ou três pessoas eram visitas esporádicas da casa: o músico B..., que era amigo da família, e as pessoas que visitavam o marido de Aleksandra Mikháilovna para tratar de assuntos do seu trabalho; mais ninguém aparecia em nossa casa. O marido de Aleksandra Mikháilovna estava permanentemente ocupado com o seu serviço e poucas vezes arranjava tempo livre, que mesmo assim partilhava entre a família e a vida mundana. As suas relações importantes, que não podia menosprezar, obrigavam-no a mostrar-se em sociedade bastantes vezes. Por todo o lado corriam rumores sobre as suas ambições ilimitadas; mas como gozava da reputação de homem sério e prático, como ocupava um cargo bastante importante, como a sorte e a felicidade pareciam ir ao seu encontro constantemente, a

opinião pública não o privava da sua simpatia. Mais ainda: toda a gente simpatizava com ele de uma maneira muito especial, ao mesmo tempo que recusava qualquer simpatia à sua mulher. Aleksandra Mikháilovna vivia numa solidão absoluta, o que, de resto, parecia agradar-lhe. Era como se o seu feitio sereno a predispusesse para eremita.

Afeiçoou-se a mim com toda a alma, gostava de mim como da própria filha, e eu, a quem ainda não tinham arrefecido as lágrimas pela despedida de Kátia, com o coração ainda dorido, atirei-me avidamente aos braços maternos da minha benfeitora. Desde então, o meu ardoroso amor por ela nunca esmoreceu. Era a minha mãe, minha irmã, minha amiga, substituta de tudo o que me faltava e o carinho da minha juventude. Além disso, por instinto e pressentimento, não tardei em notar que o seu destino não era tão feliz como podia parecer à primeira vista quando olhávamos para a sua vida aparentemente calma, para a liberdade aparente de que gozava, para o sorriso imperturbável e claro que muitas vezes lhe iluminava o rosto; assim, em cada dia do meu percurso de vida, qualquer coisa nova do destino da minha benfeitora era adivinhada, dolorosamente, pelo meu coração; e, com a triste consciência disso, mais crescia e se reforçava a minha afeição por ela.

Era de caráter tímido e fraco. Ao olharmos para os traços claros e calmos do seu rosto, não se suporia, de início, que alguma preocupação pudesse perturbar o seu coração virtuoso. Era impossível imaginar-se que ela pudesse detestar alguém; no seu coração, a compaixão levava sempre a melhor, mesmo sobre a repugnância; entretanto, tinha poucos amigos, vivia numa solidão completa... Por natureza, era uma mulher impressionável e de grandes paixões, mas, ao mesmo tempo, parecia ter medo das suas sensações, como se vigiasse a cada instante o seu coração, proibindo-lhe a imprudência, mesmo em sonhos. Às vezes, quando ela estava menos alerta, eu reparava-lhe nas lágrimas repentinas: como se lhe despertasse na alma uma recordação súbita e martirizante que lhe dilacerava a consciência; como se alguma coisa

lhe espiasse a felicidade e, hostil, a perturbasse. E parecia até que, quanto mais feliz ela era, quanto mais sereno e despreocupado era o momento, mais perto estava a angústia, mais provável eram a tristeza e as lágrimas súbitas: uma espécie de ataques de uma doença. Em todos aqueles oito anos, não me lembro de um único mês em que tudo se passasse calmamente. O marido, pelos vistos, amava-a muito; ela adorava-o. Mas via-se logo ao primeiro olhar que existia entre eles qualquer coisa não esclarecida. Havia no destino dela um segredo qualquer; pelo menos, eu desconfiava disso desde o princípio...

Foi sombria a primeira impressão que o marido de Aleksandra Mikháilovna me causou. Foi uma impressão que, surgida na infância, nunca mais se apagou. Era um homem alto, magro, que escondia os olhos, como que intencionalmente, por trás dos grandes óculos verdes. Era insociável, seco e mesmo a sós com a mulher não encontrava tema de conversa. Pelos vistos, comunicar com as pessoas era-lhe penoso. Não me prestava qualquer atenção, e eu, quando nos juntávamos os três na sala de estar de Aleksandra Mikháilovna à hora do chá, sentia um grande desconforto na presença dele. Lançando miradas sorrateiras a Aleksandra Mikháilovna, reparava com tristeza que ela como que controlava cada movimento que fazia e ficava mais pálida quando via que o marido estava particularmente severo e soturno, ou corava subitamente quando desconfiava de qualquer insinuação nas palavras do marido. Eu sentia que lhe era difícil suportar a presença do marido, embora soubesse que não poderia viver sem ele um momento que fosse. Espantavam-me a sua extraordinária atenção ao marido, a cada palavra dele, a cada gesto; parecia querer agradar-lhe a todo o custo e não o conseguir. Parecia implorar dele a aprovação: o mínimo sorriso dele, meia palavra de carinho faziam-na feliz; como se fossem os primeiros tempos de um amor ainda tímido, sem esperança. Cuidava do marido como de um doente difícil. Ora, quando o marido se retirava para o seu gabinete, depois de apertar a mão de Aleksandra Mikháilovna, para quem olhava

sempre, assim me parecia, com uma certa compaixão que para ela era penosa, ela mudava num instante. Os seus gestos e a sua conversa tornavam-se imediatamente mais alegres e livres. Porém, ainda permanecia durante muito tempo em Aleksandra Mikháilovna um embaraço depois de cada encontro com o marido. Punha-se a recordar cada palavra dele, como se as pesasse. Muitas vezes fazia-me perguntas — teria ouvido bem, teria sido exatamente assim que Piotr Aleksândrovitch se exprimiu? — como se procurasse um segundo sentido nas palavras dele; apenas uma hora depois se animava por completo, quando se convencida finalmente de que o marido estava contente com ela e de que se tinha preocupado inutilmente. Então, tornava-se bondosa, alegre, beijava-me, ria-se comigo, improvisava no piano duas horas seguidas. Muitas vezes, porém, a sua alegria era cortada cerce: começava a chorar, e quando eu olhava para ela cheia de preocupação, confusão e medo, tentava convencer-me, num sussurro, como se tivesse medo de que nos ouvissem, que as suas lágrimas não tinham importância, que estava contente, que não me preocupasse com ela. Às vezes, quando o marido não estava, começava a preocupar-se, a perguntar por ele; mandava ver o que ele fazia, perguntava à criada por que tinha ele mandado atrelar os cavalos, onde queria ir, se não estava doente, se estava animado ou aborrecido, o que tinha dito, etc. Sobre o serviço e os negócios do marido, não se atrevia a falar com ele. Quando ele lhe aconselhava ou lhe pedia alguma coisa, ouvia-o com o ar submisso e tímido de uma escrava dele. Gostava que ele louvasse qualquer coisa dela, um objeto, um livro, um trabalho manual: envaidecia-se com isso, ficava feliz. Mas a maior alegria de Aleksandra Mikháilovna era quando ele, muito raramente, se lembrava de acarinhar os filhos (eram dois). A cara dela transfigurava-se, luzia de felicidade, a alegria chegava mesmo a dar-lhe um arrebatamento *exagerado*. Por exemplo, atrevia-se a convidar o marido, com voz trémula, evidentemente, a ouvir uma música nova que recebera, ou a dar a sua opinião sobre determinado livro, ou mesmo a pedir-lhe licença para lhe ler em voz

alta uma ou outra passagem de um autor que nesse dia a impressionara sobremaneira. O marido por vezes condescendia e acedia a todos os desejos dela, e até a brindava com um sorriso de benevolência, como quem sorri a uma criancinha mimada a quem não se quer recusar um capricho, por mais estranho que seja, para não perturbar a sua inocência com hostilidade prematura. A mim, não sei porquê, aquele sorriso e aquele ar de condescendência arrogante, aquela desigualdade entre eles indignavam-me até ao fundo da alma; calava-me, continha-me e apenas os observava com a aplicação da curiosidade infantil mas também com reflexões prematuramente severas. Acontecia-me também reparar que ele, bruscamente, como que caía em si, como que acordava; parecia ter-se lembrado subitamente e contra a sua vontade de qualquer coisa grave, inevitável, terrível; o sorriso condescendente desaparecia-lhe num instante da cara, os olhos fixavam a consternada mulher com uma compaixão que até a mim fazia tremer e que, compreendo-o agora, se fosse dirigida a mim, me martirizaria até à morte. No mesmo momento, a alegria abandonava o rosto de Aleksandra Mikháilovna. A música ou a leitura eram interrompidas. Aleksandra Mikháilovna ficava muito branca, mas continha-se e guardava silêncio. Era um momento desagradável, angustiante que, por vezes, durava muito tempo. O marido, por fim, interrompia-o. Levantava-se, como que reprimindo com grande esforço o desgosto e a emoção, e, depois de se ter passeado várias vezes pela sala num silêncio sombrio, apertava a mão da mulher, suspirava fundo e, num visível embaraço, dizendo umas palavras entrecortadas, em que transparecia o desejo de consolar a mulher, saía da sala; então, Aleksandra Mikháilovna desfazia-se em choro ou mergulhava numa tristeza longa e grave. Muitas vezes, o marido dava-lhe a bênção, benzendo-a, como a uma criança quando nos despedimos dela à noite, e a mulher recebia aquela bênção com lágrimas de agradecimento e veneração. Não me esqueço porém de algumas noites na nossa casa (duas ou três nos oito anos, não mais) em que Aleksandra Mikháilovna parecia completamente mudada. Na sua

cara, normalmente serena, refletiam-se a ira e a indignação em vez da humildade e da veneração ao marido. Por vezes a tempestade preparava-se durante uma hora inteira; o marido tornava-se mais taciturno, severo e sombrio do que nunca. Por fim, o coração dorido da pobre mulher parecia não aguentar. Com a voz entrecortada de emoção, encetava uma conversa a princípio titubeante, desconexa, cheia de insinuações e reticências amargas; depois, incapaz de suportar a angústia, o seu discurso culminava em lágrimas e soluços, a que se seguia uma explosão de indignação, repreensões, queixas, desespero — uma crise doentia. Então, era só ver a paciência com que o marido suportava tudo isso, com que piedade a tentava acalmar, como lhe beijava as mãos e, até, como começava também a chorar com ela; então, Aleksandra Mikháilovna parecia cair em si, como se a consciência lhe gritasse e a acusasse de um crime. As lágrimas do marido abalavam-na e, torcendo as mãos de desespero, aos soluços convulsos, rojava-se aos pés dele e implorava-lhe perdão, que ele lhe concedia de imediato. Mas os remorsos, as lágrimas e os pedidos de perdão de Aleksandra Mikháilovna continuavam ainda por muito tempo e, durante meses inteiros, era ainda mais tímida e mais tremeante para com o marido; eu não percebia nada daquelas acusações e repreensões; nesse lances, eles mandavam-me sair, e sempre de uma forma desajeitada. Mas não conseguiam esconder tudo. Eu observava, apanhava, adivinhava, e desde o princípio que nasceu em mim a suspeita obscura de que havia em tudo aquilo um qualquer segredo, que aquelas explosões súbitas de um coração ofendido não eram simplesmente crises nervosas, que não era por acaso que o marido andava sempre soturno, que não era sem motivo aquela espécie de compaixão ambígua de Piotr Aleksândrovitch pela mulher infeliz e doente, tal como não era um acaso a eterna timidez e o eterno medo de Aleksandra Mikháilovna frente ao marido, nem aquele amor estranho e submisso que ela nem sequer ousava manifestar-lhe; que havia razões para aquele retiro, para aquela vida

monástica, para aquele rubor ou para aquela repentina palidez mortal no rosto dela na presença do marido.

No entanto, como tais cenas entre ela e o marido eram muito raras; como a nossa vida era bastante monótona e eu via Aleksandra Mikháilovna todos os dias muito de perto; e como, por último, eu crescia e me desenvolvia muito depressa e já despertava em mim muita coisa nova, embora inconsciente, que distraía a minha atenção, habituei-me, por fim, àquela vida, àqueles costumes e caracteres que me rodeavam. É claro que por vezes não podia deixar de ficar pensativa ao olhar para Aleksandra Mikháilovna, mas, naquele tempo, as minhas reflexões ainda não me davam qualquer solução. Gostava muito dela, respeitava a sua angústia e, por isso, tinha medo de causar embaraço ao seu coração sensível com a minha curiosidade. Ela compreendia-me e, muitas vezes, mostrava-se grata pela minha afeição. E então, quando notava o meu ar preocupado, ora começava a sorrir por entre as lágrimas e a troçar das suas próprias e tão frequentes lágrimas; ora se punha, de repente, a contar-me como andava satisfeita, como era feliz, que toda a gente era muito boa para ela, que toda a gente a amava muito, que a atormentava o facto de Piotr Aleksândrovitch se preocupar tanto com ela, com a paz de espírito dela, quando ela, pelo contrário, era tão feliz, tão feliz! Então abraçava-me com muito sentimento, e luzia tanto amor no seu rosto que o coração me doía de compaixão por ela.

Nunca se apagarão da minha memória os traços do seu rosto. Eram regulares, e a magreza e palidez pareciam elevar ainda mais o encanto rigoroso da sua beleza. O cabelo negro e muito espesso, liso, lançava-lhe uma sombra brusca e severa nos contornos da face; por isso nos impressionava ainda mais o contraste com o olhar terno dos seus olhos grandes, azuis, límpidos como os de uma criança, com o sorriso tímido, com o rosto meigo e pálido em que às vezes se refletia tanta ingenuidade e acanhamento, qualquer coisa indefesa, receando cada sensação, cada impulso do coração, e também cada tristeza silenciosa, cada alegria momentânea. Noutros

momentos felizes, de despreocupação, porém, no seu olhar que nos penetrava o coração havia tanta claridade como num dia claro, havia a paz de um ser sem pecado; aqueles olhos azuis celestes luziam com tanto amor, olhavam com tanta doçura, refletia-se neles uma tão profunda simpatia por tudo o que fosse nobre, pedisse amor e implorasse piedade, que toda a nossa alma se entregava a ela, era involuntariamente atraída para ela e, ao que parecia, recebia dela aquela claridade, aquela serenidade de espírito, aquela resignação e aquele amor. Assim acontece quando contemplamos o céu azul e sentimos que estamos prontos a passar horas a fio nesta contemplação, e que a alma, nestes momentos, se torna mais livre e calma, como se nela, à semelhança da superfície calma da água, se reflectisse a cúpula majestosa do céu. Ora, quando — e eram muitas as vezes — a inspiração lhe fazia subir as cores ao rosto e o seu peito ondulava de emoção, os olhos dela brilhavam como raios, como se faiscassem, e era como se toda a sua alma, guardando, casta, o fogo puro da beleza que a exaltava no momento, se lhe enchesse os olhos. Eram momentos de verdadeira inspiração. E nesses súbitos impulsos de entusiasmo, nessas passagens da serenidade e da timidez para o enlevo iluminado e sublime, puro e rigoroso, havia ao mesmo tempo tanta ingenuidade, tanta pressa infantil, tanta fé de criança, que um pintor daria metade da sua vida para captar este instante luminoso e transferir este rosto para a tela.

Desde os meus primeiros dias naquela casa, vi que Aleksandra Mikháilovna estava contente por me ter no seu retiro. Naquela altura ela tinha apenas uma criança e era mãe há um ano apenas. Mesmo assim, fui uma verdadeira filha para ela; não fazia diferença entre mim e os seus filhos. Com que ardor se dedicou à minha educação! Entusiasmou-se tanto com isso, no princípio, que *Madame* Léotard olhava para ela e sorria involuntariamente. Começámos a estudar tudo, de uma vez, pelo que uma certa incompreensão se instalou entre nós. Por exemplo, ela própria se encarregou de me ensinar muitas coisas, ao mesmo tempo, o que resultava mais em ardor, nervosismo e impaciência amorosa do que em proveito para mim.

De início ficou muito triste com a sua inépcia; mas, depois de nos rirmos disso, recomeçámos, embora Aleksandra Mikháilovna, apesar do seu primeiro fracasso, se declarasse adversária do sistema pedagógico de *Madame Léotard*. As duas tinham discussões risonhas, declarando-se a minha nova educadora, categoricamente, adversária, inclusive, de qualquer sistema, afirmando que ela e eu encontraríamos o verdadeiro caminho às apalpadelas, que não valia a pena encher-me a cabeça com informação estéril, que o êxito dependia da percepção dos meus instintos e da capacidade de ser despertada em mim a vontade de estudar — e tinha razão, porque conseguia singrar de vento em popa. Em primeiro lugar, foram banidos por completo, desde o início, os papéis de aluna e professora. Estudávamos como duas amigas, e às vezes trabalhava-se como se fosse eu a ensinar Aleksandra Mikháilovna, sem me dar conta do truque. Deste modo, surgiam muitas vezes entre nós as discussões, e eu exaltava-me muito para provar as minhas razões, apresentando o assunto tal como o entendia; dessa forma imperceptível, Aleksandra Mikháilovna guiava-me pelo verdadeiro caminho. Quando, no fim, chegávamos à verdade, eu descobria a artimanha de Aleksandra Mikháilovna e desmascarava-a, mas, ao ver e apreciar os esforços dela (tantas vezes horas e horas sacrificadas ao meu bem), atirava-me ao seu pescoço e abraçava-a com força no fim da aula. A minha sensibilidade espantava-a e comovia-a, chegava mesmo a deixá-la perplexa. Cheia de curiosidade, perguntava-me coisas sobre o meu passado, querendo ouvi-las da minha boca, e de cada vez, depois do que eu lhe contava, tornava-se mais terna e mais séria comigo — mais séria porque eu, com a minha desgraçada infância, lhe incutia, a par da piedade, uma espécie de respeito. Depois das minhas confissões, costumávamos conversar longamente, e nestas conversas ela explicava-me o sentido do meu passado, e era como se o vivesse pela segunda vez e aprendesse muitas coisas de novo. *Madame Léotard*, normalmente, considerava tais conversas sérias demais e, vendo as minhas lágrimas involuntárias, não aprovava

essas conversas. Quanto a mim, pensava o contrário, porque depois dessas «aulas» me sentia aliviada e deliciada, como se na minha vida não tivesse havido qualquer desgraça. Além disso, sentia muita gratidão para com Aleksandra Mikháilovna por me inspirar e estimular o amor que, dia a dia, crescia dentro de mim. *Madame Léotard* não fazia ideia de que, desta maneira, se regularizava em mim a pouco e pouco e ganhava harmonia aquilo que dantes se erguia na minha alma de forma desordenada e prematuramente tempestuosa, e que o meu coração infantil, profundamente ferido, apercebia com uma dor insuportável, a ponto de se exasperar injustamente e se queixar da dor sem saber quem o ferira.

O dia começava assim: juntávamo-nos no quarto do filho dela, acordávamo-lo, vestíamos-lo, dávamos-lhe de comer e brincávamos com ele, ensinávamo-lo a falar. Depois deixávamos a criança e sentávamo-nos a estudar. O estudo era muito, mas só Deus sabe que ciência estudávamos. Era uma ciência em que cabia tudo e, ao mesmo tempo, nada de definido. Líamos, contávamos as nossas impressões de leitura, largávamos o livro e passávamos à música, e assim, imperceptivelmente, decorriam as horas. À noite aparecia muitas vezes B..., amigo de Aleksandra Mikháilovna, e também *Madame Léotard*; discutia-se muitas vezes com ardor sobre arte, sobre a vida (uma vida que, no nosso círculo, conhecíamos apenas de ouvido), sobre a realidade, os ideais, o passado e o futuro, e assim ficávamos até alta noite. Eu ouvia com atenção, entusiasmava-me com eles, ria-me ou comovia-me, e foi assim que fiquei a saber em pormenor tudo o que dizia respeito ao meu pai e à minha primeira infância. Entretanto, crescia; arranjavam-me preceptores, com os quais, sem Aleksandra Mikháilovna, não teria aprendido nada. Com o professor de geografia, por exemplo, apenas ficaria cega a procurar no mapa cidades e rios. Mas não com Aleksandra Mikháilovna: com ela viajávamos para países de maravilha, víamos coisas de prodígio, vivíamos horas fantásticas e tão grande era o nosso entusiasmo que os livros que ela lia já eram poucos: tínhamos de procurar outros. Não tardou a que eu já

pudesse ensinar algumas coisas ao meu professor de geografia, embora seja necessário fazer jus à sua autoridade: foi sempre superior a mim no conhecimento perfeito das coordenadas da mais pequena cidadezinha, e dos milhares, centenas e até dezenas de habitantes que a povoavam. Também se pagava pontualmente a um professor de história mas, mal ele saía, eu e Aleksandra Mikháilovna também estudámos história à nossa maneira: pegávamos nos livros e líamos, entusiasmadas, às vezes até altas horas da noite, ou melhor, quem lia era Aleksandra Mikháilovna porque ela própria escolhia os livros. Nunca me sentia tão entusiasmada como após estas leituras. Ficávamos numa exaltação, como se fôssemos nós os heróis dessas histórias. É certo que se lia mais nas entrelinhas do que nas linhas; além disso, Aleksandra Mikháilovna era uma excelente narradora, contava as coisas como se tudo se tivesse passado na presença dela. Sei que pode parecer cómico o nosso entusiasmo e as nossas leituras pela noite fora: era o entusiasmo de uma criança e o de uma criatura com o coração partido e que tão penosamente suportava a vida! Eu percebia também que Aleksandra Mikháilovna, a meu lado, como que descansava. Lembro-me de que, muitas vezes, eu refletia a olhar para ela, e já antes de começar a viver como adulta, adivinhava muita coisa da vida.

Eu já tinha treze anos. A saúde de Aleksandra Mikháilovna piorava cada vez mais. Tornava-se mais irritadiça, os seus ataques de angústia desesperada eram mais graves, o marido ia vê-la com mais frequência e ficava mais tempo com ela, evidentemente quase sem falar, severo e sombrio como sempre. O passado de Aleksandra Mikháilovna causava-me grande curiosidade. Eu estava a sair da infância, já se formavam em mim muitas sensações novas, outras observações, interesses, considerações; era natural que o segredo daquela família me preocupasse cada vez mais. Havia momentos em que me parecia estar perto de compreender alguma coisa daquele segredo. Outras vezes ficava indiferente, apática e tão desgostosa por não solucionar nenhuma questão que me

esquecia da minha curiosidade. Por vezes — o que me acontecia cada vez mais — sentia a estranha necessidade de ficar sozinha, a pensar, sempre a pensar: o meu presente assemelhava-se àqueles tempos em que vivia em casa dos meus pais e em que, ainda antes da minha amizade com o meu pai, eu passei um ano a pensar, a refletir, a espreitar do meu cantinho o mundo de Deus, acabando por me asselvajar por completo no meio dos fantasmas que eu própria inventava. A única diferença era que agora havia mais impaciência, mais aflição, mais impulsos novos e inconscientes, mais sede de movimento, de iniciativa; portanto, era incapaz de concentrar-me numa só coisa (como dantes fazia). Por seu lado, Aleksandra Mikháilovna começou como que a afastar-se de mim. Nesta idade, eu já não podia ser amiga dela. Deixara de ser criança, fazia-lhe perguntas demais e, por vezes, olhava-a de tal forma que ela tinha de baixar os olhos. Aconteciam momentos estranhos. Custava-me ver as lágrimas dela, apetecia-me chorar também. Agarrava-me ao pescoço dela, abraçava-a com ardor. O que podia ela responder-me? Eu bem sentia que a minha presença lhe era penosa. Mas havia também momentos — graves, tristes, em que era ela a abraçar-me convulsivamente, com um desespero qualquer, como se procurasse a minha compaixão, como se não aguentasse mais a solidão, como se eu já a compreendesse, como se estivéssemos a sofrer juntas. Continuava no entanto a separar-nos um mistério, era evidente, e então eu própria comecei a afastar-me dela. Sentia-me mal na sua companhia. Além disso, já pouca coisa nos unia, apenas a música. Entretanto, os doutores tinham-lhe proibido, de momento, a música. Os livros? Tornara-se o mais difícil. Ela já não sabia ler comigo, a leitura seria interrompida na primeira página: cada palavra poderia tornar-se uma insinuação, cada frase insignificante um enigma. Ambas evitávamos uma conversa a sós, sincera, emocionada.

Foi nesta altura que o destino impôs uma viragem estranha e inesperada na minha vida. A minha atenção, os meus sentimentos, o coração, a cabeça, tudo de uma vez, com uma grande força,

quase um entusiasmo, viraram-se de súbito para uma atividade diferente e inesperada, e eu, sem me dar bem conta, transladei-me para um mundo novo para mim; nem tive tempo de parar para pensar; aquilo podia levar-me à perdição, sentia-o, mas a tentação era mais forte, e segui por aquele caminho ao deus-dará, de olhos fechados. Assim me afastei por muito tempo da realidade que começava a afligir-me, uma realidade em que eu, ávida e inutilmente, tinha procurado uma saída. Eis o que aconteceu e de que maneira.

Na sala de jantar havia três saídas: uma para as salas grandes; outra para o meu quarto e os das crianças; e uma terceira para a biblioteca. Na biblioteca havia mais uma porta que dava para o gabinete de trabalho situado entre a biblioteca e o meu quarto e onde normalmente trabalhava o ajudante de Piotr Aleksândrovitch, seu copista e ao mesmo tempo secretário e encarregado. Era ele quem guardava a chave da biblioteca e dos armários. Um dia, depois do almoço, quando este senhor não estava em casa, encontrei a chave no chão. Movida pela curiosidade, servi-me da chave para entrar na biblioteca. Era uma sala bastante grande, com muita luz, com oito armários a toda a volta, cheios de livros. Os livros eram muitíssimos, a maior parte recebidos de herança por Piotr Aleksândrovitch. Outra parte tinha sido adquirida por Aleksandra Mikháilovna, que estava constantemente a comprá-los. Até então, os livros que eu podia ler eram escolhidos com grande cautela, donde adivinhei que me proibiam muita coisa, que, para mim, muita coisa continuava em segredo. Foi por isso que eu, com uma curiosidade irrefreável, num acesso de medo e alegria, com um sentimento muito especial, incompreensível, abri o primeiro armário e tirei o primeiro livro. Era o armário dos romances. Peguei num, fechei o armário e levei o livro, presa de uma sensação estranha, com o coração a bater com força e a esmorecer, como se pressentisse que acontecia uma grande reviravolta na minha vida. Entrei no meu quarto, fechei a porta à chave e abri o romance. Mas era incapaz de ler, preocupava-me outra coisa: primeiro tinha de

assegurar definitivamente o meu acesso à biblioteca de modo a que ninguém o soubesse e de modo a que eu tivesse a possibilidade de tirar qualquer livro em qualquer altura que quisesse. Por isso adiei o meu prazer até um momento mais cómodo, voltei a levar o livro para a biblioteca e escondi a chave no meu quarto. Aquela era a primeira má ação da minha vida. Esperei para ver no que aquilo dava; tudo se passou da melhor forma: o secretário de Piotr Aleksândrovitch, depois de ter procurado a chave toda toda a tarde e mesmo à noite, com uma vela na mão, de manhã resolveu chamar um serralheiro que, de entre um molho de chaves, arranjou uma nova para a biblioteca. Assim se resolveu tudo, e ninguém se preocupou mais com a perda da chave; por meu lado, tive a precaução e a manha de voltar à biblioteca apenas uma semana mais tarde, já com a certeza de estar livre de quaisquer suspeitas. Primeiro, para ir à biblioteca, escolhia as horas em que o secretário não estava em casa; depois, quando descobri que o secretário de Piotr Aleksândrovitch se limitava a andar com a chave no bolso e nunca entrava em quaisquer relações com os livros nem visitava a sala em que eles estavam, comecei a introduzir-me na biblioteca através da sala de jantar.

Comecei a ler com avidez e não tardei em tornar-me uma apaixonada da leitura. Todas as minhas novas necessidades, todas as minhas recentes aspirações, todos os impulsos da minha adolescência que inquietamente me surgiam na alma, provocados pela impaciência do meu desenvolvimento precoce, tudo isso se desviou para a saída que tão inesperadamente surgira, como se o satisfizesse aquele novo alimento, como se tivesse encontrado o rumo certo. Em pouco tempo, a minha cabeça e o meu coração ficaram tão fascinados, a minha fantasia desenvolveu-se tanto que quase esqueci o mundo que me rodeava. Parecia que a própria Providência me detivera à porta da nova vida a que eu tanto aspirava, que eu tentava adivinhar dia e noite, e, antes de me mandar para a viagem desconhecida, me levou ao alto de uma elevação para me mostrar o futuro num panorama prodigioso, de

uma perspectiva aliciante e luminosa. Quis pois o destino que, nos primeiros tempos, esse futuro me fosse mostrado pela leitura, vivido em sonhos, em esperanças, impulsos apaixonados e emoção deleitosa do meu jovem espírito. Comecei a ler desordenadamente, pegando no primeiro livro que calhou, mas o destino protegia-me: o que eu tinha aprendido e vivido até esse momento era tão nobre, tão rigoroso que nenhuma página pérfida e imunda me poderia seduzir. O meu instinto infantil, a minha tenra idade e todo o meu passado protegiam-me. Era como se a consciência iluminasse toda a minha vida passada. Na verdade, quase todas as páginas que eu lia me surgiam como que familiares, como que vividas por mim havia muito; era como se todas aquelas paixões, toda aquela vida representada em formas inesperadas, em quadros mágicos, tivessem sido experimentadas por mim havia muito. Como podia não me entusiasmar até ao esquecimento do presente, até quase à alienação da realidade, se em cada livro se encarnavam as leis do mesmo destino, o mesmo espírito aventureiro que reinava sobre a vida do homem, mas que provinha de uma lei superior da vida humana, condição da salvação, da proteção e da felicidade? Era esta lei que eu tentava prever, que eu tentava descobrir com todas as minhas forças e com todos os meus instintos, despertados em mim, talvez, pelo sentido da sobrevivência. Parecia que me estavam a avisar, a prevenir. Parecia que qualquer coisa me entrava profeticamente na alma e que a cada dia se consolidava no fundo de mim uma esperança, sendo também mais forte, entretanto, a minha ânsia desse futuro, dessa vida que, no que eu lia, me impressionava todos os dias com todo o poder da arte, com todas as seduções da poesia. Porém, como já disse, a minha fantasia superava a minha paciência, e eu, para falar verdade, se era destemida nos sonhos, no real, por instinto, o futuro intimidava-me. Por isso, fazendo como que um acordo prévio comigo mesma, resolvi inconscientemente limitar-me ao mundo da fantasia, dos sonhos, em que eu era o único potentado, em que havia só alegrias e seduções, em que a própria desgraça, se fosse admitida, fazia um

papel passivo, de transição, o papel necessário aos deliciosos contrastes e às súbitas viragens do destino para um desenlace feliz dos meus afetados romances fantasiados. É assim que, agora, eu vejo o meu estado de espírito daquele tempo.

E uma tal vida, uma vida de fantasias, de brusco alheamento de tudo o que me rodeava, pôde durar três anos inteiros!

Aquela vida era um segredo meu e, transcorridos três anos, ainda não sabia se era de ter medo anunciá-lo em voz alta ou não. O que vivi nesses três anos foi muito querido para mim. Em todas aquelas fantasias, era eu própria quem me refletia, a tal ponto que podia confundir-me e assustar-me com um olhar alheio, fosse de quem fosse, que espreitasse descuidadamente para dentro da minha alma. Além disso todos nós, toda a nossa casa, vivíamos de forma tão solitária, de tal modo afastados da sociedade, num tal silêncio monástico que, naturalmente, tinha de desenvolver-se em cada um de nós uma concentração em si mesmo, uma necessidade de autorreclusão. A mim aconteceu a mesma coisa. Nesses três anos, nada se modificou à minha volta, tudo se passou sempre na mesma. Reinava, como antes, a monotonia tristonha que, se não fosse o meu segredo, a minha atividade secreta, me teria despedaçado a alma e (como penso agora) me teria lançado para uma tentativa rebelde, de consequências desconhecidas, de fugir desse círculo mole e tristonho; uma tentativa que talvez me levasse à perdição. *Madame* Léotard envelheceu e quase não saía do seu quarto; os miúdos eram pequenos demais; B... era demasiado igual a si mesmo, e o marido de Aleksandra Mikháilovna, severo, inacessível e fechado como antes. Entre ele e a mulher continuavam as mesmas relações misteriosas que começavam a afigurar-se-me numa forma cada vez mais pavorosa e severa, pelo que crescia o meu medo por Aleksandra Mikháilovna. A vida dela, descolorida, sem alegria, estava a apagar-se aos meus olhos. A saúde dela piorava a cada dia que passava. Parecia que se tinha apoderado definitivamente da sua alma um desespero qualquer; estava, pelos vistos, sob a pressão de algo desconhecido e indefinido de que nem

ela própria conseguia aperceber-se, algo de terrível e, ao mesmo tempo, de incompreensível para ela, mas que ela aceitara como uma cruz inevitável da sua vida condenada. O seu coração acabava por se exasperar neste sofrimento tácito, a sua mente tomava outro rumo, um rumo obscuro, triste. Espantou-me sobretudo uma coisa que observei: quanto mais eu crescia, mais ela se afastava de mim, a ponto de os seus modos fechados atingirem mesmo uma espécie de desgosto impaciente para comigo. Parecia que, em certas alturas, nem sequer gostava de mim, que eu a incomodava. Disse já que me afastava dela e, tendo-me afastado uma vez, fiquei como que contagiada pelo seu caráter misterioso. É por isso que tudo o que vivi nesses três anos, tudo o que em mim se formou, nos sonhos, na aprendizagem, nas esperanças e nos entusiasmos fascinados, ficou gravado com persistência no meu íntimo. Tendo-nos fechado uma da outra, nunca mais ficámos íntimas, embora, ao que parece, eu a amasse cada vez mais. Não consigo agora lembrar-me sem lágrimas da afeição que ela me tinha e da maneira como, no seu coração, ela me ofereceu todo o tesouro de amor que nele trazia e como cumpriu a sua promessa até ao fim da vida: ser uma mãe para mim. É certo que a sua desgraça a distraía de mim, às vezes por muito tempo, e ela como que se esquecia de mim, até porque eu também tentava não lhe lembrar a minha existência; assim, os meus dezasseis anos chegaram de uma maneira imperceptível para todos. No entanto, nos seus momentos de consciência clara, Aleksandra Mikháilovna começava a preocupar-se comigo; estava eu no quarto a estudar e ela interrompia-me os trabalhos e os passatempos chamando-me com impaciência; depois crivava-me de perguntas, como uma examinadora, estudando-me, e durante dias a fio não se separava de mim, adivinhava-me os desejos e aspirações, preocupando-se com a minha idade, por certo, com o meu presente e o meu futuro, e preparava a ajuda que me queria dar com um amor inesgotável e uma espécie de veneração. Porém, já se desabituara muito de mim, agindo muitas vezes com grande ingenuidade, o que para mim era muito claro e

visível. Por exemplo, à data dos meus quinze anos, vasculhando nos meus livros e perguntando-me o que estava a ler, pareceu assustada ao ver que as minhas leituras ainda eram um tanto infantis. Eu percebi isso e pus-me a observá-la com atenção daí para a frente. Durante duas semanas era como se estivesse a preparar-me, a examinar-me, a avaliar o nível do meu desenvolvimento e das minhas necessidades. Por fim, ousou: apareceram na nossa mesa de leitura o *Ivanhoe* de Walter Scott, um livro que eu tinha lido, pelo menos três vezes, havia muito. A princípio, ela seguia as minhas impressões com uma expectativa tímida, como se as ponderasse, como se tivesse medo delas; por fim, esta tensão entre nós, tão evidente para mim, desapareceu, e entusiasmávamo-nos ambas, e eu estava muitíssimo contente por poder deixar de fingir fosse o que fosse diante dela! Quando acabámos o romance, Aleksandra Mikháilovna estava fascinada comigo. Achava correta e certa cada uma das minhas impressões de leitura e cada uma das minhas observações. Aos olhos dela, eu tinha ido longe no meu desenvolvimento. Impressionada com isso, voltou a tratar com enlevo da minha educação, já não queria afastar-se, separar-se de mim; infelizmente, isso já não dependia dela. Não tardou a que o destino voltasse a separar-nos, impedindo a nossa amizade. Bastou para tal o primeiro ataque da sua doença, um agravamento da sua eterna amargura e, a seguir, de novo a alienação, o mistério, a desconfiança e, talvez, a fúria demente.

Mesmo nos melhores dias, havia momentos fora do nosso poder. No meio da leitura, ditas algumas palavras de simpatia e, depois, um pouco de música, ficávamos à vontade, começávamos a falar com sinceridade, às vezes demais, mas depois era penoso ficarmos juntas. Caíamos em nós e olhávamos uma para a outra como que assustadas, com uma curiosidade desconfiada. Cada uma de nós se movia num limite até onde aceitava a aproximação; não ousávamos ultrapassá-lo, mesmo que quiséssemos.

Num fim de tarde, antes do crepúsculo, estava eu no gabinete de Aleksandra Mikháilovna, lendo distraidamente um livro. Ela estava

ao piano, improvisando sobre um tema de música italiana, o motivo preferido dela. Quando, finalmente, começou a tocar obedecendo à melodia da ária, eu, enlevada com a música que me entrava no coração, comecei a cantarolar timidamente, a meia voz. Depressa me entusiasmei, aproximei-me do piano. Aleksandra Mikháilovna, como se compreendesse o que eu queria, passou ao ritmo de acompanhamento, seguindo com amor cada som do meu canto. Parecia espantada com a riqueza da minha voz. Eu nunca tinha cantado antes na sua presença, nem sequer sabia se tinha qualquer capacidade para cantar. Estávamos ambas inspiradas. Eu elevava a voz cada vez mais; crescia em mim a energia, a paixão, incentivada ainda mais pelo pasmo alegre de Aleksandra Mikháilovna, que eu adivinhava em cada compasso do seu acompanhamento. Por fim o canto acabou tão bem, com tanta inspiração e força que ela, fascinada, agarrou-me nas mãos e olhou para mim com felicidade.

— Annette! Tens uma voz divina — disse ela. — Meu Deus, como foi que eu não reparei nisso?

— Eu própria só agora é que reparei nisso — disse eu, fora de mim de alegria.

— Que Deus te abençoe, minha filha adorada! Agradece-lhe este dom. Quem sabe... Ah, meu Deus, meu Deus!

Estava tão comovida com esta descoberta inesperada, tão exaltada que não sabia o que dizer-me, como acarinhar-me. Era um daqueles momentos de sinceridade, de simpatia mútua, de aproximação que havia muito não tínhamos. Uma hora depois, parecia uma festa em casa. Mandaram imediatamente buscar B... Enquanto ele não chegava, abrimos, à sorte, outras músicas que eu conhecia melhor e começámos outra ária. Desta feita, eu tremia de timidez. Não queria falhar e destruir a primeira impressão que causara. A minha voz, porém, animou-me e apoiou-me. Eu própria me espantava cada vez mais com a força do meu canto, e nesta segunda prova dissiparam-se todas as dúvidas. Na sua alegria impaciente, Aleksandra Mikháilovna mandou chamar os filhos, que chegaram com a ama-seca, e, por fim, arrebatada, foi chamar do

gabinete o marido, coisa que dantes nem sonharia fazer. Piotr Aleksândrovitch ouviu a notícia com benevolência, deu-me os parabéns e anunciou de viva voz que era necessário eu ter aulas de canto. Aleksandra Mikháilovna, agradecida e feliz, como se lhe tivessem concedido, a ela própria, uma benesse extraordinária, pôs-se a beijar-lhe as mãos. Por fim, chegou B... O velho ficou feliz. Gostava muito de mim, lembrou-se do meu pai, do passado e, depois de eu ter cantado duas ou três vezes na presença dele, declarou com um ar sério, preocupado e até um pouco misterioso que eu tinha indubitáveis capacidades, talvez mesmo talento, e que era imprescindível receber aulas de canto. Depois, de imediato, como que caindo em si, ele e Aleksandra Mikháilovna decidiram que era perigoso gabarem-me demais, mesmo de início, e reparei que piscaram o olho um ao outro, conspirativos, pelo que aquela ressalva deles resultou muito ingénua e desajeitada. Passei o resto da tarde a rir-me, no meu íntimo, quando eles, depois de mais uma canção, tentaram mostrar-se reservados e até falar em voz alta dos meus defeitos. Mas não se aguentaram muito tempo, e o primeiro a ceder foi B... que voltou a enternecer-se de alegria. Não sabia que ele gostava tanto de mim. Até à noite, a conversa foi muito amigável e calorosa. B... falou com enlevo, veneração e sentimento da vida de vários cantores e artistas. Depois a conversa aflorou a história do meu pai, depois a minha infância. Falou-se do príncipe e da sua família, de quem tinha ouvido falar muito pouco desde que nos separáramos. Aleksandra Mikháilovna também sabia pouco deles. B... sabia mais porque ia muitas vezes a Moscovo. A conversa, então, tomou um rumo misterioso, incompreensível para mim, sobretudo quando vieram à baila duas ou três circunstâncias que diziam respeito ao príncipe. Aleksandra Mikháilovna começou a falar de Kátia, mas B... não sabia nada de importante sobre ela e também me pareceu que preferia calar-se a este respeito. Fiquei espantada com isso. Não só não me esquecera de Kátia, não só não desaparecera o meu velho amor por ela, como também nunca tinha pensado que poderia acontecer alguma mudança em Kátia. A nossa

separação e os muitos anos em que não nos víamos, sem notícias uma da outra, a nossa diferença de caráter e de educação não eram tidos em conta por mim. Nos meus pensamentos, Kátia nunca me abandonara, era como se continuasse a viver ao meu lado; era como se estivéssemos de mãos dadas, sobretudo nos meus sonhos, nos meus romances e aventuras imaginados. Quando me imaginava a heroína de um romance que lera, punha logo a minha amiga princezinha ao meu lado e bifurcava o romance, criando eu própria uma parte dele, embora roubasse impiedosamente os meus autores preferidos. Por fim, foi decidido no nosso conselho familiar chamar um professor para me dar aulas de canto. B... recomendou-nos o melhor e o mais famoso. Logo no dia seguinte, apareceu lá em casa o italiano D..., ouviu-me, secundou a opinião de B..., seu amigo, mas declarou de imediato que o mais benéfico para mim seria ir estudar em conjunto com outras alunas dele, que desse modo a competição, a imitação e todos os meios que teria à mão contribuiriam para o desenvolvimento da minha voz. Aleksandra Mikháilovna concordou; e, desde então, três vezes por semana, às oito da manhã, eu ia, acompanhada por uma criada, ao conservatório.

Vou contar agora uma estranha aventura que teve em mim uma influência muito forte e fez com que a minha nova mudança de idade começasse com uma reviravolta brusca. Fiz por essa altura os dezasseis anos e, ao mesmo tempo, fiquei presa de uma apatia incompreensível; meteu-se em mim uma modorra angustiante e insuportável, que nunca conhecera antes. Todos os meus sonhos e impulsos esmoreceram, desapareceram, impotentes. O antigo ardor da minha alma inexperiente foi substituído por uma indiferença fria. Até o meu talento, reconhecido por todos aqueles de quem eu gostava tanto, me deixava fria, indiferente, votado ao menosprezo. Nada me divertia, cheguei ao ponto de sentir frieza em relação à própria Aleksandra Mikháilovna, e acusava-me disso, uma vez que não podia deixar de reconhecer a minha própria indiferença. Esta minha apatia era interrompida apenas por uma enorme tristeza

inconsciente e por ataques súbitos de choro. Procurava a solidão. Nesta época estranha da minha vida, um caso novo abalou-me a alma e transformou a minha apatia numa verdadeira tempestade. O meu coração foi ferido... Eis como tudo aconteceu.

7

Entreí na biblioteca (um momento que me ficaria para sempre gravado na memória) e peguei no romance *Sir Ronan's Well* de Walter Scott, o único dele que ainda não tinha lido. Lembro-me de que uma angústia mordente e sem motivo me atormentava como um pressentimento. Tinha vontade de chorar. A sala enchia-se dos últimos raios oblíquos do sol do ocaso que, das janelas altas, se derramava no parqué brilhante. Era o silêncio, nas salas vizinhas não havia ninguém. Piotr Aleksândrovitch não estava em casa, Aleksandra Mikháilovna estava doente, de cama. Às tantas já eu chorava mesmo e, abrindo a segunda parte do livro, folheava-o maquinalmente, tentando encontrar algum sentido nas frases fortuitas que me passavam pelos olhos. Era como se estivesse a ler a sina, quando se abre o livro à sorte. Há momentos em que todas as nossas forças mentais e espirituais, doentamente tensas, se acendem de chofre com o fogo deslumbrante da consciência, e então qualquer coisa de profético, em antegozo, se representa perante a alma que se está consumindo num qualquer pressentimento. E é tão grande o desejo de o viver, o nosso ser inteiro anseia-o de tal maneira... e, inflamando-se numa esperança ardente e cega, o coração parece clamar pelo futuro e por todo o seu mistério, por toda a sua incógnita, seja ele um futuro de tempestades, de trovoadas, bastando que seja a vida. Assim se apresentava aquele momento para mim.

Lembro-me de que fechei o livro e que depois voltei a abri-lo à sorte para que, pensando no meu futuro, ler o que me caísse debaixo dos olhos. Ora, quando o abri, vi uma folha escrita de papel de carta, dobrada em quatro e tão espalmada como se a tivessem metido entre as páginas havia muitos anos e esquecido. Com

grande curiosidade, pus-me a examinar o meu achado. Era uma carta, sem endereço, assinada por duas iniciais: S. O. A minha curiosidade redobrou. Desdobrei o papel quase colado que deixara a meio das páginas onde estava um quadrado claro do mesmo tamanho. Os vincos da dobragem da carta estavam coçados: prova de que a carta, em tempos, tinha sido lida vezes sem fim; depois foi guardada como uma joia. A tinta azulara-se, desbotada: aos anos que a carta devia ter sido escrita! Algumas palavras, ao acaso, saltaram-me à vista, e o meu coração bateu de expectativa. Eu virava a carta nas mãos, confusa, a adiar o momento da leitura. Cheguei-a à luz: sim!, tinham secado lágrimas naquelas linhas, o papel ainda guardava as manchas e, nalguns lugares, tinham apagado letras. Lágrimas de quem? Por fim, com a respiração presa pela expectativa, li metade da primeira página, e uma exclamação de pasmo soltou-se-me do peito. Pus o livro no seu lugar, fechei o armário e, escondendo a carta debaixo do meu lenço, levei-a para o meu quarto, fechei a porta à chave e recomecei a leitura. Mas o meu coração batia tanto que as palavras e as letras me saltavam diante dos olhos. Lia e, durante muito tempo, não percebia o que estava a ler. Essa carta desvendava-me o mistério, e, ao saber quem era o destinatário, fiquei pasmada. Eu sabia que era um crime ler a carta, mas aquilo era mais forte do que eu! A carta era dirigida a Aleksandra Mikháilovna.

Transcrevo aqui essa carta. Apenas compreendi vagamente o seu sentido, mas a minha ânsia de solucionar aquele enigma e as penosas reflexões em que a carta me fez mergulhar não me abandonaram durante muito tempo. Foi a partir deste momento que se deu como que uma reviravolta na minha vida. O meu coração ficou abalado e, durante muito tempo, quase revoltado para sempre, porque aquela carta provocou grandes consequências. Era bem um presságio do futuro que eu lia.

Era uma carta de despedida, derradeira e assustadora; quando a lia, sentia um aperto doloroso no coração, como se eu própria tivesse perdido tudo, como se ficasse de repente privada de tudo,

mesmo dos sonhos e das esperanças, como se não tivesse mais nada além da minha vida já inútil. Quem era o remetente daquela carta? E como viveu ela depois? Havia tantas insinuações naquelas linhas, tantos dados que era impossível ter-se dúvidas, mas também tantos enigmas que era impossível à gente não se perder em suposições. Mas quase não havia campo para enganar, até porque o próprio estilo da missiva sugeria muita coisa, punha a descoberto o caráter daquela intimidade, uma intimidade que despedaçou dois corações. Eram evidentes os pensamentos e os sentimentos do autor da carta. Eram muito especiais e, como disse, sugeriam muita coisa. Eis a carta, transcrevo-a da primeira à última palavra.

«Não me vais esquecer, disseste-o, e eu acredito, e é nestas palavras que eu assento toda a minha vida. Temos de nos despedir, chegou a nossa hora! Há muito que eu o sabia, minha linda, minha meiga e triste, mas só agora o compreendi. Durante todo o *nosso* tempo, durante todo o tempo em que me amaste, o nosso amor fazia-me doer o coração... e, sabes?, agora sinto-me aliviado! Sabia há muito que o fim seria este, estava-nos predestinado que seria assim! É o destino! Ouve-me, Aleksandra: nós *não éramos da mesma condição*, e eu sempre, *sempre* o senti! Eu era indigno de ti, e apenas eu, sozinho, deveria ser castigado pela felicidade vivida! Diz: o que era eu para ti até ao momento em que me conheceste? Meus Deus! Já se passaram dois anos e, até hoje, ainda não caí em mim; não compreendo, até hoje, que *te apaixonaste por mim!* Não compreendo como chegámos a isto, como começou. Lembras-te do que era eu em comparação contigo? Seria digno de ti? O que tinha eu de especial? Antes de te conhecer, eu era um bruto, um simplório, tinha um ar triste e sombrio. Não ansiava por uma vida nova, nem pensava nisso, não apelava a isso nem queria apelar. Tudo em mim estava oprimido, não conhecia mais nada a não ser o meu trabalho rotineiro. Tinha uma única preocupação: o dia de amanhã, e mesmo essa preocupação me era indiferente. Muito, muito tempo antes, ainda eu sonhava com qualquer coisa, feito

parvo. Mas isso perdia-se num passado longínquo. Depois passei a viver em solidão, no rigor e na calma, sem sequer sentir o frio que transformava em gelo o meu coração. E o meu coração adormeceu. O meu coração sabia, decidira que para mim nunca se levantaria outro sol, e acreditava nisso, e não protestava porque tinha a certeza de que *devia ser assim*. Quando passavas a meu lado, eu não compreendia que era possível ousar erguer os olhos para ti. Diante de ti eu era como um escravo. O meu coração não tremia quando estavas perto, não doía, não me falava de ti: eu estava em sossego. A minha alma não reconhecia a tua, embora se banhasse de luz ao lado da sua irmã maravilhosa. Sei que era assim: sentia-o vagamente. Sim, era possível senti-lo, porque até na mais ínfima ervinha se derrama também a luz da aurora divina, também a aquece e acarinha como à flor mais luxuosa junto à qual cresce, acanhada, a ervinha. Mas quando tudo me foi revelado — lembreste, foi naquela tarde, depois das palavras que me abalaram a alma —, eu fiquei deslumbrado, em pasmo, toda a alma se me perturbou... e, sabes?, o meu espanto era tal que não acreditava, não te compreendia! Nunca te falei disto, nunca soubeste nada; dantes eu não era como no tempo em que me encontraste. Se eu tivesse podido, se eu tivesse ousado falar, ter-te-ia confessado tudo. Mas calava-me, e só agora falo, para que saibas quem estás a abandonar, de que homem te separas! Sabes como te vi no início? A paixão dominou-me como fogo, abrasou-me, encheu-me o sangue de veneno; perturbou-me a mente e os sentimentos, embriagou-me, como que me colocou no meio de uma neblina, e eu não respondia ao teu amor puro e misericordioso com um amor igual, como alguém que fosse digno do teu amor puro, mas sem consciência, sem coração. Não te compreendi. Respondia-te como a uma mulher que *se rebaixou até mim*, e não como àquela que queria elevar-me até si. Sabes que suspeita era essa, sabes o que significava esse «rebaixar-se até mim»? Mas não, não vou insultar-te com a minha confissão; digo-te apenas: enganaste-te amargamente quanto a mim! Nunca, nunca pude elevar-me à tua altura. Apenas pude

contemplar-te no meu amor infinito, a ti, inacessível, quando te compreendi, mas isso não apaga a minha culpa. A paixão nobre que tinha por ti não era amor, eu tinha medo do amor; não me atrevia a ter-te amor; no amor deve haver reciprocidade, igualdade, mas eu não era digno disso... Não sei o que se passava comigo! Oh! Como poderei dizer-to, como poderei fazer-me entender?... De início não acreditei... Lembras-te? Quando a minha primeira emoção se acalmou, quando a minha vista começou a ver claro, quando restou apenas um sentimento puro e sem pecado, a minha primeira reação foi de espanto, medo, confusão... e lembras-te como eu, de rompante, me rojei aos teus pés a chorar? Lembras-te de como tu, confusa e assustada, perguntavas a chorar o que era que eu tinha? Eu calava-me, não podia responder-te, tinha a alma despedaçada; a minha felicidade oprimia-me como um fardo insuportável, e os meus soluços diziam-me: «Por que mérito tenho isto? Como o mereci? O que me faz merecer a felicidade?» Irmã, minha irmã! Oh, quantas vezes, sem o saberes, eu beijava sorratamente o teu vestido, e fazia-o às escondidas porque sabia que não era digno de ti — e cortava-se-me a respiração, e o meu coração batia mais lentamente, como se quisesse parar para sempre. Quando pegava na tua mão, tremia todo e ficava branco; tu embaraçavas-me com a pureza da tua alma. Não sei dizer-te o que tanto anseia por ser dito, o que se tinha acumulado na minha alma. Sabias que, às vezes, era muito penosa para mim, um autêntico martírio, a tua constante ternura piedosa para comigo? Quando me beijaste (foi só uma vez, e nunca o esquecerei), os meus olhos cobriram-se de nevoeiro e toda a alma me doeu. Por que não morri naquele instante aos teus pés? Agora trato-te por tu pela primeira vez, embora tu já me tivesses dito havia muito para o fazer. Compreenderás o que quero dizer? Quero dizer-te tudo, e di-lo-ei: sim, gostavas muito de mim, amavas-me como uma irmã ama um irmão; amavas-me como a uma criação tua porque me ressuscitaste o coração, me despertaste a mente e me derramaste no peito uma doce esperança; mas eu não podia, não ousava; nunca antes te chamei irmã porque não podia ser teu irmão,

porque não havia igualdade entre nós, porque te enganaste a meu respeito!

«Mas, como vês, mesmo agora, mesmo neste momento de catástrofe, falo apenas de mim, penso apenas em mim, embora saiba que estás a sofrer por minha causa. Oh, não sofras por mim, querida amiga! Não sabes como estou humilhado agora aos meus próprios olhos! Foi tudo descoberto, levantou-se alarido! Serás rejeitada por minha culpa, vão atirar-te à cara desprezo e zombaria, porque, aos olhos deles, eu sou inferior! Oh, como eu sou culpado por ser indigno de ti! Se eu tivesse alguma importância, se, na opinião deles, tivesse qualidades pessoais, se lhes incutisse respeito, eles perdoar-te-iam! Mas sou ignóbil, insignificante, ridículo, e não há nada inferior ao ridículo. E *quem* está a gritar? Pois, foi precisamente porque esses começaram a gritar que eu desanimei; sempre fui um fraco. Sabes como me sinto agora? Ríem de mim e parece-me verdade o que eles dizem, porque eu próprio me sinto ridículo e me odeio. É isso que sinto; odeio a minha cara, a minha figura, todos os meus hábitos e modos ignóbeis; sempre me odiei! Oh, perdoa o meu desespero grosseiro! Tu própria me habituaste a dizer-te tudo! Causei a tua perdição, atraí sobre ti a raiva e o gozo porque era indigno de ti.

«Esta ideia martiriza-me; bate-me na cabeça sem parar e não pára de me dilacerar o coração. Sempre me pareceu que amavas o homem errado, que eu não era quem pensavas encontrar em mim, que te enganaste a meu respeito. É isto que me dói, que me atormenta e que me vai torturar até à morte ou até à loucura!

«Adeus, adeus! Agora que se descobriu tudo, que começou a gritaria e os mexericos deles (ouvi-os!), que me rebaixei, que me humilhei aos meus próprios olhos, que tenho vergonha de mim próprio e até de ti, da tua escolha, agora que me tornei maldito, tenho, para teu sossego, de fugir, de desaparecer. É o que se exige de mim! Nunca mais me verás! É necessário, é o destino! Foi-me dado muito, demais; o destino enganou-se; agora está a emendar o erro e tira-me tudo outra vez. Encontrámo-nos, conhecemo-nos,

agora despedimo-nos até ao próximo encontro! Onde será, quando será? Oh, diz-me, minha querida, onde nos encontraremos, onde te encontrarei, como te reconhecerei? E será que, então, tu me vais reconhecer? A minha alma está cheia de ti. Oh, porquê, qual é a nossa culpa para que nos aconteça isto? Por que temos de nos separar? Diz-me — porque eu não compreendo, não consigo compreender —, diz-me como posso rasgar a vida em duas, como posso arrancar o coração e viver sem ele! Oh, de cada vez que lembro que nunca, nunca mais te verei...

«Meu Deus, que alarido se levantou! Que medo eu tenho agora por ti! Acabei de encontrar o teu marido; somos ambos indignos dele, embora sejamos ambos inocentes. Ele sabe tudo; compreende-nos, compreende tudo, e já antes era tudo claro para ele como a luz do dia. Ele defende-te, defende-te heroicamente; vai salvar-te; vai proteger-te destes rumores e desta gritaria; ele ama-te e respeita-te infinitamente; é o teu salvador; mas eu, eu vou fugir!... Precipitei-me para ele, quis beijar-lhe a mão!... Ele disse-me para eu partir imediatamente. Está decidido! Dizem que, por ti, ele se zangou com toda a gente; estão todos contra ti! Censuram a complacência e a fraqueza dele. Meu Deus! O que mais dirão eles de ti? Eles não sabem, *não podem, são incapazes de perceber!* Perdoa-lhes, perdoa-lhes, minha pobre, como eu lhes perdoo; ora, eles roubaram-me mais do que a ti!

«Estou fora de mim, não sei o que te escrevo. O que te disse ontem à despedida? Esqueci-me. Estava perturbado e tu choravas!... Perdoa-me estas lágrimas! Sou tão fraco, tão pusilânime!

«Queria dizer-te mais alguma coisa... Oh, se fosse possível só mais uma vez banhar em lágrimas as tuas mãos, como agora estou a banhar em lágrimas esta carta! Se fosse possível estar mais uma vez a teus pés! Se *eles* soubessem que belo era o teu sentimento! Mas são cegos!; têm corações altivos e orgulhosos; não veem, nem verão a verdade. *Não têm olhos* para ver! Não vão acreditar na tua inocência, mesmo perante o tribunal, nem que todo o mudo lho

jurasse a pés juntos! Como poderiam compreender? Não te atirarão a pedra? E que mão atirá a primeira? Oh, eles não vão hesitar, atirarão mil pedras! Atrever-se-ão porque sabem como fazê-lo. Levantarão as pedras todas de uma vez e dirão que eles próprios são sem pecado, não se importarão de mentir! Oh, se eles soubessem o que fazem! Se fosse possível contar-lhes tudo até ao fim para que vissem, ouvissem, percebessem e acreditassem! Mas não, não podem ser tão maus... Estou desesperado, talvez tenha estado agora a caluniá-los! Talvez tenha estado a assustar-te com os meus medos! Não tenhas medo, não tenhas medo deles, minha querida! Vão compreender-te; uma pessoa já te compreendeu: o teu marido. Então, tens esperança!

«Adeus, adeus! *Não te agradeço!* Adeus para sempre!

S. O.»

O meu embaraço era tão grande que durante muito tempo não conseguia perceber o meu estado de espírito. Estava perturbada e assustada. A realidade apanhara-me desprevenida no meio da vida fácil de sonhos em que tinha passado aqueles três anos. Sentia que tinha nas mãos um grande segredo, e isso assustava-me, e sabia que um segredo tão grande já comprometia toda a minha vida... Como? Isso não o sabia ainda. Sentia, isso sim, que era nesse momento, apenas nesse momento, que começava o meu futuro. Agora, involuntariamente, eu tornava-me uma participante direta na vida e nas relações das pessoas que constituíam todo o meu mundo, e tinha medo por mim. Como vou entrar na sua vida sem ser convidada, estranha que sou para eles? O que lhes trarei? Como se rasgarão as peias que tão subitamente me amarraram ao segredo alheio? Quem sabe, talvez o meu novo papel seja torturante tanto para mim como para eles. É que não poderei calar-me, não aceitar este papel e guardar no meu coração o que acabei de saber. Mas o que acontecerá comigo? O que devo fazer? E, afinal, o que foi que eu soube? Afluíam-me à cabeça mil perguntas, ainda vagas e

indefinidas, que me martirizavam insuportavelmente o coração. Estava na confusão completa.

Tive depois outros momentos, lembro-me, de sensações novas, estranhas, que nunca dantes tivera. Sentia que qualquer coisa se resolvera no meu íntimo, que a minha angústia anterior se alijava do meu coração, deixando que qualquer coisa nova começasse a enchê-lo, sem eu saber se deveria amargurar-me ou alegrar-me com isso. Era um momento que se assemelhava àquele em que a pessoa, abandonando para sempre a sua casa, a sua vida calma e sem perturbações, para se meter por um caminho longo e desconhecido, olha pela última vez à sua volta e despede-se do passado; entretanto, o coração fica amargurado com o triste pressentimento de um futuro desconhecido, talvez severo e hostil, que o espera ao longo do novo caminho. Por fim, jorrou-me do peito um choro que me aliviou o coração. Precisava de ver, de ouvir alguém, de abraçar alguém com força. Já não podia nem queria continuar sozinha; corri para junto de Aleksandra Mikháilovna e passei com ela todo aquele fim de tarde. Estávamos sozinhas. Pedi-lhe que não tocasse piano e recusei-me a cantar, apesar dos pedidos dela. Tudo era penoso para mim, não conseguia concentrar-me em nada. Parece que chorámos. Lembro-me apenas de que a assustei muito. Ela tentava acalmar-me, convencer-me a que não me preocupasse. Dizia-me, a medo, que eu não cuidava da minha saúde, que talvez estivesse doente. Por fim, extenuada, em grande tormento, saí de junto dela como que num estado de delírio febril e deitei-me.

Vários dias se passaram até que consegui recuperar o ânimo e refletir com mais clareza na minha situação. Naqueles dias estávamos sozinhas em casa, eu e Aleksandra Mikháilovna. Piotr Aleksândrovitch não se encontrava em Petersburgo, tinha ido a Moscovo tratar de uns assuntos e demorava-se por lá três semanas. Apesar da curta separação, Aleksandra Mikháilovna caiu numa angústia terrível. Às vezes acalmava-se, mas fechava-se no quarto: a minha presença incomodava-a. Além disso, eu própria procurava

a solidão. A minha cabeça, numa tensão doentia, não parava de trabalhar, os meus pensamentos eram turvos. Por vezes mergulhava em reflexões obsessivas e torturantes durante várias horas; nessas alturas, tinha a estranha impressão de que alguém estava a rir-se de mim sorrateiramente, que se metera em mim qualquer coisa que perturbava e envenenava cada pensamento meu. Não conseguia libertar-me das imagens torturantes que me surgiam a cada minuto e não me deixavam em paz. Imaginava um sofrimento longo, desesperado, o martírio, um sacrifício feito com submissão, sem protesto e em vão. Parecia-me que o destinatário de tal sacrifício a desprezava e troçava dela. Parecia-me ver um pecador absolvendo os pecados do justo, e o meu coração despedaçava-se! Ao mesmo tempo, investia todas as forças para me libertar das minhas suspeitas; amaldiçoava-as, odiava-me porque todas as minhas certezas não eram certezas mas pressentimentos, e porque não podia justificar a mim própria as minhas sensações.

Recordava mentalmente aquelas frases, aqueles últimos gritos da despedida terrível. Tentava imaginar aquele homem que *não era da mesma condição*; tentava descobrir todo o sentido torturante da expressão «não é da mesma condição». Aquela despedida desesperada perturbava-me dolorosamente: «sou ridículo» e «tenho vergonha da tua escolha». O que significava aquilo? Que pessoas eram aquelas? O que as atormentava, o que as afligia, o que tinham perdido? Ultrapassando a minha resistência, voltava a ler com atenção a carta que me desesperava profundamente a alma mas cujo sentido continuava a ser estranho e insolúvel para mim. A carta caía-me das mãos, uma emoção tempestuosa apoderava-se cada vez mais do meu coração... Tudo isso tinha finalmente de se resolver, mas eu não via a saída, ou tinha medo dela!

Estava quase a adoecer quando, por fim, estrondeou no nosso pátio a carruagem de Piotr Aleksândrovitch que voltava de Moscovo. Aleksandra Mikháilovna, com um grito de alegria, correu ao encontro do marido, mas eu fiquei imóvel, como que petrificada. Lembro-me

de eu própria ter ficado espantada com a minha emoção súbita. Não aguentei e corri para o meu quarto. Não compreendia o que me assustava, mas esse medo era preocupante para mim. Um quarto de hora depois chamaram-me e entregaram-me uma carta do príncipe. Na sala de estar vi um senhor desconhecido que chegara com Piotr Aleksândrovitch de Moscovo, e por algumas palavras que apanhei no ar percebi que ele se hospedava em nossa casa por bastante tempo. Era um procurador do príncipe que viera para Petersburgo tratar de assuntos importantes da família do príncipe, assuntos esses de que se encarregava Piotr Aleksândrovitch havia muito tempo. Entregou-me a carta do príncipe e acrescentou que a princezinha também quis escrever-me, afirmando até ao último momento que a carta seria escrita, mas que, afinal, não lhe dera carta nenhuma, apenas lhe dissera que me desse um recado: não conseguira escrever nada, numa carta era impossível contar fosse o que fosse, que escrevera cinco folhas mas depois rasgara tudo, que, afinal, era preciso reatarmos a amizade para podermos escrever cartas. Também encarregara o procurador de me dizer que em breve nos veríamos, eu e ela. À minha pergunta impaciente, o senhor respondeu que sim, que isso era verdade, porque toda a família se preparava para viajar para Petersburgo em breve. Com esta notícia, fiquei fora de mim de alegria, voltei rapidamente para o meu quarto e, em lágrimas, abri a carta do príncipe. Este garantia que não tardaríamos em ver-nos e dava-me os seus sinceros parabéns pelo meu talento; por fim abençoava-me e ao meu futuro e prometia ajudar-me a organizá-lo. Lendo a carta do príncipe, eu chorava deliciada, mas sentia ao mesmo tempo uma tristeza que me assustava: não percebia o que se passava comigo.

Passaram-se alguns dias. Na sala contígua ao meu quarto, sala onde dantes trabalhava o ajudante de Piotr Aleksândrovitch, estava agora todas as manhãs, e muitas vezes até altas horas da noite, o senhor recém-chegado. Outras vezes, o senhor fechava-se com Piotr Aleksândrovitch no gabinete deste e trabalhavam juntos. Um dia, depois do almoço, Aleksandra Mikháilovna pediu-me que fosse

ao gabinete do marido e lhe perguntasse se tomaria chá connosco. Como não encontrasse ninguém no gabinete e pensasse que Piotr Aleksândrovitch não tardaria a entrar, fiquei à espera dele. Na parede estava o seu retrato. Olhando para o retrato, lembro-me, estremeci de repente e, com uma emoção inexplicável, pus-me a observá-lo. Estava pendurado bastante alto na parede e como, além disso, havia pouca luz, para ver melhor pus-me em cima de uma cadeira. Queria ver se percebia alguma coisa, como se quisesse encontrar solução para as minhas dúvidas; lembro-me de que, então, o que mais me impressionou no retrato foram os olhos. Também me perturbou a ideia de que quase nunca tinha visto os olhos daquele homem: escondia-os sempre por trás dos óculos.

Ainda na infância, por um preconceito estranho, eu não gostava do olhar dele, e a minha aversão, agora, encontrava uma justificação. Pareceu-me por instantes que o olhar do retrato se desviava, confuso, dos meus olhos perscrutantes, que tentava evitá-los, que nos seus olhos havia uma mentira qualquer; pareceu-me ter adivinhado qualquer coisa, e uma alegria incompreensível inundou-me a alma. Soltei um grito ligeiro. Nisto, ouvi barulho atrás de mim. Olhei: Piotr Aleksândrovitch estava ali e olhava-me com atenção. Pareceu-me que corou de súbito. Saltei da cadeira.

— O que está a fazer aqui? — perguntou na sua voz severa. — O que quer?

Eu não consegui responder-lhe logo, mas, recobrando um pouco o ânimo, transmiti-lhe o convite de Aleksandra Mikháilovna. Não me lembro do que ele me respondeu, nem como saí do gabinete; o certo foi que, quando cheguei ao pé de Aleksandra Mikháilovna me tinha esquecido completamente da resposta dele e respondi a primeira coisa que me passou pela cabeça.

— O que se passa contigo, Nétotchka? — perguntou ela. — Estás toda corada, olha para ti. O que é que se passa?

— Não sei... vim a correr... — respondi.

— O que foi que te disse Piotr Aleksândrovitch? — perguntou ela, embaraçada.

Não respondi. No mesmo momento ouviram-se os passos de Piotr Aleksândrovitch, e eu apressei-me a sair. Fiquei à espera umas duas horas, cheia de angústia. Por fim, fui chamada à sala de Aleksandra Mikháilovna. Aleksandra Mikháilovna estava taciturna e preocupada. Quando entrei, lançou-me um olhar rápido e incisivo, mas baixou de imediato os olhos. Pareceu-me haver muita confusão na cara dela. Não tardei a descobrir que estava de mau humor; falava pouco, não olhava para mim e, em resposta às perguntas preocupadas de B..., queixou-se de dores de cabeça. Quanto a Piotr Aleksândrovitch, estava mais loquaz do que o costume, mas conversava apenas com B...

Aleksandra Mikháilovna aproximou-se distraidamente do piano.

— Cante-nos alguma coisa — pediu-me B...

— Sim, Annette, canta-nos essa ária nova — apoiou Aleksandra Mikháilovna, como que contente com este pretexto.

Olhei para ela; ela olhava para mim, esperando com inquietação.

Não consegui dominar-me. Em vez de ir para junto do piano e cantar alguma coisa, embaracei-me, atrapalhei-me, sem saber como me recusar: por fim, com desgosto, recusei-me categoricamente a cantar.

— Mas por que não queres cantar? — perguntou Aleksandra Mikháilovna, olhando para mim significativamente e, de relance, para o marido.

Aqueles dois olhares fizeram-me perder a paciência. Continuando embaraçadíssima, levantei-me da mesa já sem o esconder e, a tremer de impaciência e irritação, declarei que não queria cantar, que não podia, que estava maldisposta. Ao dizer isto, eu olhava de frente para todos, mas Deus é testemunha: o meu maior desejo era estar no meu quarto, esconder-me de todos.

B... estava surpreendido, e Aleksandra Mikháilovna, visivelmente triste, não dizia nada. Piotr Aleksândrovitch levantou-se de rompante, disse que se tinha esquecido de uma coisa e, pelos vistos desagradado por ter perdido tempo, saiu à pressa, avisando que

talvez voltasse mais tarde mas que, pelo sim pelo não, despedia-se de B... Apertou-lhe a mão.

— O que é que a menina tem, afinal? — perguntou B... — Tem um aspecto realmente adoentado.

— Pois, é que não estou bem, não estou mesmo bem — disse eu com impaciência.

— Sim, de facto estás muito pálida, e ainda há pouco estavas toda vermelha... — observou Aleksandra Mikháilovna e logo se interrompeu.

— Deixe! — disse eu, aproximando-me e olhando-a frontalmente nos olhos. A pobre não aguentou, baixou os olhos como se fosse culpada de alguma coisa, as suas faces coraram ligeiramente. Peguei na mão dela e beijei-lha. Aleksandra Mikháilovna olhou para mim com uma alegria sincera e ingénua. — Desculpe-me por eu ter sido hoje uma criança má — disse eu —, mas, a sério, estou maldisposta. Não se zangue comigo e deixe-me ir...

— Somos todos crianças — disse ela com um sorriso tímido —, e eu também, sou muito mais criança do que tu — acrescentou ao meu ouvido. — Até logo, as melhoras. E, por amor de Deus, não te zangues comigo.

— Zangar-me porquê? — perguntei, espantada com a sua ingénua confissão.

— Porquê? — repetiu, muito embaraçada, até um pouco assustada. — Porquê? Pois, não estás a ver como eu sou? Digo cada coisa. Até logo, Nétotchka! És mais inteligente do que eu. E eu sou pior do que uma criança.

— Está bem, chega — disse eu, comovida e sem saber o que mais lhe dizer. Voltei a beijá-la e saí apressadamente da sala.

Estava terrivelmente desconcertada e, também, furiosa comigo própria por ser tão imprudente e não saber comportar-me. Presa de uma qualquer vergonha, adormeci angustiada. Quando acordei de manhã, o meu primeiro pensamento foi o de que toda a tarde anterior tinha sido uma miragem, um puro fantasma, que apenas estávamos a mistificar-nos uma à outra, que nos precipitáramos e

transformáramos em aventura real uma insignificância, que tudo acontecera por causa da nossa inexperiência e por não termos o hábito de nos ligarmos com o exterior. Eu atribuía toda a culpa àquela carta, achava que me tinha preocupado demais, que a minha imaginação estava desconcertada, pelo que decidi deixar de pensar nisso. Vencida com tanta facilidade a minha mágoa, com a plena certeza de que cumpriria com a mesma facilidade a decisão que tomara, fiquei mais calma e fui à aula de canto, muito bem disposta. O ar matinal refrescou-me ainda mais a cabeça. Gostava muito das minhas idas às aulas, daqueles passeios matinais. Era divertido atravessar a cidade que, a partir das oito já se animava e dava início, com aplicação, ao seu ramerrão quotidiano. Passávamos normalmente pelas ruas mais movimentadas e eu gostava muito daquele ambiente animado da minha principiante vida artística, do contraste entre aquelas minúcias do dia-a-dia, aquelas preocupações pequenas mas vitais, e a arte que me esperava a dois passos daquela vida em que, por exemplo, no segundo andar de um prédio enorme a legião de inquilinos não queria saber de qualquer arte. E, no meio daqueles transeuntes com ar severo, embrenhados nos seus problemas, lá ia eu, com o caderno das pautas debaixo do braço, sempre acompanhada pela velha Natália e tentando adivinhar, sem ela o saber, no que a velha estaria a pensar; por fim, o meu professor, meio italiano, meio francês, um esquisitão, com acessos, por vezes, de verdadeiro entusiasmo, mas na maioria das vezes um pedante e, sobretudo, um forreta: tudo isso me divertia, me fazia rir ou pensar. Além disso, embora timidamente, mas com uma esperança apaixonada, eu gostava da minha arte, construía castelos no ar, tecia um futuro maravilhoso para mim e muitas vezes, quando chegava a casa, estava inflamada pelas minhas fantasias. Nessas horas eu era quase feliz.

Era precisamente nesta disposição que eu estava quando voltei naquele dia para casa depois da aula, às dez da manhã. Esquecida de tudo, mergulhada nos meus sonhos felizes. De repente, quando subia as escadas, estremei como se me tivesse queimado. Ouvi

em cima a voz de Piotr Aleksândrovitch que, naquele momento, começava a descer as escadas. Foi tão desagradável o sentimento que se apossou de mim, voltou-me com tanta força hostil a recordação do dia anterior que eu não conseguia disfarçar a minha amargura. Fiz-lhe uma vénia ligeira, mas devia estar com uma cara tal naquele momento que ele parou, espantado. Vendo que ele parava, subiu-me o sangue à cara e continuei a subir muito depressa. Ele murmurou qualquer coisa nas minhas costas e seguiu o seu caminho.

Desgostosa, prestes a chorar, eu não percebia o que me estava a acontecer. Andei toda a manhã numa grande consternação, sem saber o que fazer para acabar com aquilo o mais depressa possível. Mil vezes jurava a mim própria ser sensata, mil vezes me tolhia de novo o medo. Odiava o marido de Aleksandra Mikháilovna, sentia-o, e ao mesmo tempo isso desesperava-me. Com tanto nervosismo, dessa vez fiquei mesmo adoentada, sem conseguir controlar-me. Todos me irritavam, por isso fiquei toda a manhã no meu quarto e nem sequer fui ver Aleksandra Mikháilovna. Ela é que acabou por aparecer no meu quarto. Olhou para mim e esteve para soltar um grito. Eu estava tão branca que, olhando-me ao espelho, me assustei. Aleksandra Mikháilovna ficou comigo uma hora inteira, cuidando de mim como de uma criança.

Porém, a atenção e os carinhos dela punham-me tão triste, sofria tanto só de olhar para ela, que lhe pedi que me deixasse sozinha. Por fim, a minha angústia culminou num ataque de choro histérico. Ao cair da noite senti-me um pouco melhor...

Deixou-me mais aliviada a resolução que tomara de ir falar com ela. Decidira ir ter com ela, rojar-me a seus pés, entregar-lhe a carta que ela perdera e confessar-lhe tudo: todos os tormentos por que estava a passar, todas as minhas dúvidas, abraçá-la com o infinito amor que tinha por ela, a minha sofredora, dizer-lhe que era sua filha e sua amiga, que o meu coração se abria para ela, pedir-lhe que olhasse para dentro do meu coração e visse todo o sentimento ardente e inabalável que eu tinha por ela. Meu Deus! Sabia, sentia

que ela era a última pessoa a quem poderia abrir o seu coração, mas isso dava-me como ainda mais certa a salvação, parecia tornar ainda mais poderosa a minha palavra... Compreendia no entanto, embora de modo vago e obscuro, a mágoa dela, e o meu coração fervia de indignação com a ideia de que ela, assim submetida ao meu juízo, podia corar... Minha pobrezinha, que pecadora podes ser tu? Revoltou-se em mim o sentimento da justiça, entrei em frenesi. Não sei o que poderia fazer: caí em mim apenas quando um acaso inesperado nos salvou a ambas desse passo perigoso. Estava dominada pelo medo. Como seria eu capaz de ressuscitar para a esperança o coração extenuado de Aleksandra Mikháilovna? O meu impulso poderia ter sido um golpe mortal para ela!

Aconteceu o seguinte: estava eu já a dois passos do gabinete dela quando, da porta lateral, saiu Piotr Aleksândrovitch que, sem reparar em mim, me passou ao lado. Também ia ter com ela. Parei, ele era a última pessoa que me convinha encontrar naquele momento. Preparava-me já para dar meia-volta, mas a curiosidade, inesperadamente, cravou-me no lugar.

Ele parou por um instante diante do espelho, ajeitou o cabelo e, para meu espanto, ouvi que cantarolava. Num relance, renasceu na minha memória uma obscura e longínqua lembrança da minha infância. Para tornar clara a sensação estranha que essa lembrança me causou naquele momento, vou contá-la. Logo no primeiro ano da minha estada naquela casa, impressionara-me muito um caso que só naquele momento, porém, ganhava luz na minha consciência porque só naquele momento se tornou consciente para mim a antipatia inexplicável que eu alimentava por aquele homem! Disse já que, desde o princípio, eu me sentia mal na presença dele. Disse também da sensação aflitiva que me provocava o seu ar carrancudo e preocupado, a sua expressão quase sempre triste e sofredora, e que me sentia sempre mal depois das horas que passávamos juntos à mesinha de chá de Aleksandra Mikháilovna; já falei também da angústia dolorosa que me rasgou o coração depois de ter assistido a duas ou três cenas obscuras que mencionei mais atrás.

Acontecera eu encontrá-lo da mesma maneira que naquele momento, na mesma sala e à mesma hora, quando ele (tal como eu) se dirigia ao quarto de Aleksandra Mikháilovna. Quando estava sozinha e ele se cruzava comigo, sentia sempre aquela timidez natural puramente infantil, por isso, daquela vez, escondera-me num canto, como se fosse culpada de alguma coisa, implorando ao destino que ele não reparasse em mim. Tal como no momento que descrevo, ele parara diante do espelho, e uma sensação indefinida, nada infantil, fizera-me estremecer. Na altura pareceu-me que ele estava a mudar de cara antes de entrar. Pelo menos, antes de ele se ter aproximado do espelho, eu vi claramente um sorriso na cara dele, e reparei pela primeira vez naquele ar de riso porque (lembro-me de que foi isso o que mais me espantou) ele nunca se ria na presença de Aleksandra Mikháilovna. Num instante, mal se olhou ao espelho, a cara dele mudou por completo. Desapareceu-lhe o sorriso, como que por comando, e no seu lugar surgiu o ar amargo, aquele ar que parecia sair-lhe do coração sem ele querer, um sentimento que estava acima das forças humanas esconder, a despeito dos mais generosos esforços, e que lhe entortava os lábios; uma dor convulsa cobriu-lhe de rugas a testa e fez-lhe carregar o sobrolho. O seu olhar soturno ficou escondido por trás dos óculos; resumindo: num instante, ele transformou-se noutra pessoa. Lembro-me de que, nessa altura, eu, muito criança, tremi de medo, tive medo de compreender o que via, e desde então esta grave e desagradável impressão instalou-se para sempre dentro de mim. Depois de se olhar um momento ao espelho, ele baixou a cabeça, curvou-se como sempre que aparecia à frente de Aleksandra Mikháilovna e, em bicos de pés, entrou no gabinete dela. Foi esta recordação mais antiga que me impressionou naquele momento.

Na altura, tal como no momento que refiro agora, ele julgava-se sozinha e parou diante do espelho. Tal como naquele dia remoto, eu estava no mesmo sítio que ele, presa de uma sensação desagradável de hostilidade. Ora, quando o ouvi cantar (a ele, de

quem era de todo impossível esperar semelhante coisa), o meu espanto foi tão inesperado que me petrifiquei no lugar e me lembrei do momento idêntico da minha infância e se torna difícil para mim descrever a impressão pungente que me picou o coração. Todos os meus nervos estremeceram, cederam e, por reação reflexa àquele desgraçado cantarolar, desatei num riso tal que o pobre cantor soltou um grito, afastou-se em dois saltos do espelho e, coberto de uma palidez de morte, como quem é apanhado em flagrante, olhou para mim cheio de terror, espanto e fúria. O seu olhar teve um efeito doloroso em mim. Ri-me histericamente na cara dele, passei-lhe ao lado e, sempre a rir-me, entrei no quarto de Aleksandra Mikháilovna. Sabia que ele estava por trás do reposteiro, talvez hesitando se deveria entrar ou não, que a fúria e a cobardia o tinham cravado ao chão... Com uma impaciência irritada e provocadora, eu esperava a decisão que ele tomasse; estava pronta a apostar que ele não entraria, e tinha razão. Entrou apenas meia hora depois. Aleksandra Mikháilovna, pasmada, não deixava de olhar para mim. Perguntava-me, em vão, o que se estava a passar, mas eu não conseguia responder, sufocava. Por fim, percebeu que eu estava em histeria e pôs-se a olhar para mim com preocupação. Quando me acalmei, peguei nas mãos dela e beijei-lhas. Foi só então que percebi que, se não fosse o meu encontro com o marido de Aleksandra Mikháilovna, teria podido matá-la com a revelação que lhe queria fazer. Olhava para ela como para uma ressuscitada dos mortos.

Entrou Piotr Aleksândrovitch.

Olhei para ele de relance: era como se nada se tivesse passado entre nós, ou seja, estava severo e sombrio como sempre. Mas, pela palidez e pelas tremuras nos cantos dos lábios, percebi que fazia esforço para ocultar a emoção. Cumprimentou com frieza Aleksandra Mikháilovna e sentou-se no seu lugar. Tremia-lhe a mão quando pegou na chávena. Eu estava à espera que ele explodisse, dominava-me um medo inconsciente. Queria sair dali mas não me atrevia a abandonar Aleksandra Mikháilovna que, com a cara

transtornada, olhava para mim. Ela também pressentia qualquer coisa má. Por fim, o que eu esperava com medo aconteceu.

No meio do profundo silêncio, levantei os olhos e vi os óculos de Piotr Aleksândrovitch apontados diretamente para mim. Aquilo foi tão inesperado que estremeci, por pouco não gritei e baixei os olhos. Aleksandra Mikháilovna reparou no meu movimento.

— O que tem? Por que corou? — ouviu-se a voz brusca e grosseira de Piotr Aleksândrovitch.

Não respondi; o meu coração batia tanto que não conseguia falar.

— Por que foi que ela corou? Por que não pára de corar? — perguntou, dirigindo-se a Aleksandra Mikháilovna e apontando descaradamente para mim.

A indignação cortava-me o fôlego. Lancei um olhar de súplica a Aleksandra Mikháilovna. Ela compreendeu. As suas faces pálidas incendiaram-se.

— Annette — disse com uma firmeza que eu não esperava dela —, vai para o teu quarto; dentro de um minuto vou ter contigo: passaremos a tarde juntas...

— Fiz-lhe uma pergunta, ouviu ou não? — interrompeu-a Piotr Aleksândrovitch, levantando ainda mais a voz e sem prestar atenção ao que dissera a mulher. — Por que é que a menina cora quando se cruza comigo? Responda!

— Porque o senhor fá-la corar, e a mim também — respondeu Aleksandra Mikháilovna com a voz entrecortada pela emoção.

Olhei, surpreendida, para Aleksandra Mikháilovna. O tom exaltado que pusera na sua réplica, de imediato, era incompreensível para mim.

— Faça-a corar, *eu*? — exclamou Piotr Aleksândrovitch que, de espanto, também parecia fora de si, acentuando muito o pronome *eu*. — Cora por *minha* causa? Será que eu posso fazê-la corar por *minha* causa? É a *senhora*, e não *eu*, que tem de corar, não acha?

Esta era uma frase que eu compreendia, e dita com uma ironia tão demente e mordaz que eu soltei um grito de terror e precipitei-me para Aleksandra Mikháilovna. No rosto branco de Aleksandra

Mikháilovna havia espanto, dor, censura, pavor. Olhei para Piotr Aleksândrovitch, juntando as mãos numa súplica. Ele parecia já ter caído em si, mas a fúria que lhe arrancara aquela frase da boca ainda não passara. Porém, vendo a minha súplica tácita, embarçou-se. O meu gesto dizia claramente que eu sabia muito do que, até então, era o segredo deles e que eu percebera bem nas palavras de Piotr Aleksândrovitch.

— Annette, vá para o seu quarto — repetiu Aleksandra Mikháilovna numa voz fraca mas resoluta, levantando-se. — Preciso de falar com Piotr Aleksândrovitch....

Parecia calma, mas eu tinha mais medo daquela calma do que de qualquer emoção. Como se não a tivesse ouvido, eu continuava sentada, imóvel. Aplicava todas as minhas forças para ler no rosto dela o que lhe ia na alma. Pareceu-me que ela não tinha compreendido o meu gesto nem a minha exclamação.

— Olhe o que a menina fez! — disse Piotr Aleksândrovitch, agarrando-me pelas mãos e apontando para a sua mulher.

Meu Deus! Nunca antes eu vira um desespero tão grande como aquele do seu rosto mortificado. Piotr Aleksândrovitch pegou-me na mão e arrastou-me para fora do quarto. Olhei para eles uma última vez. Aleksandra Mikháilovna estava de pé, apoiando-se à lareira e apertando a cabeça com as duas mãos. Toda a figura dela exprimia um sofrimento insuportável. Apertei com força a mão de Piotr Aleksândrovitch.

— Por amor de Deus! — disse-lhe numa voz entrecortada. — Tenha piedade dela!

— Não se preocupe, não se preocupe! — respondeu ele, olhando para mim de modo estranho. — Não é nada, é só um ataque da doença dela. Vá, vá...

Entre no meu quarto, atirei-me para cima do divã e tapei o rosto com as mãos. Fiquei assim três horas, e aquele tempo foi um verdadeiro inferno para mim. Finalmente, não aguentei mais e mandei perguntar se podia ver Aleksandra Mikháilovna. A resposta foi trazida por *Madame* Léotard. Piotr Aleksândrovitch mandava

dizer que o ataque já passara, que não havia perigo, mas que Aleksandra Mikháilovna precisava de descansar. Não me deitei até às três da manhã, sempre a andar pelo quarto, a pensar. A minha situação era mais indefinida do que nunca; mas estava mais tranquila, talvez porque me sentisse a mais culpada de todos. Deitei-me, ficando à espera com impaciência que rompesse a manhã.

No dia seguinte, porém, deparei com uma frieza incompreensível da parte de Aleksandra Mikháilovna. Primeiro, pensei que para aquele coração puro e nobre era penoso estar na minha companhia depois da cena da véspera com o marido de que eu tinha sido testemunha involuntária. Eu sabia que a criança que havia nela podia corar diante de mim e pedir-me desculpa pela desgraçada cena que, possivelmente, ter-me-ia ofendido o coração. Mas logo notei que se apoderara dela outra qualquer preocupação, outro desgosto, que ela manifestava de forma muito desajeitada: ora me respondia com modos secos e frios; ora se pressentia nas suas palavras um sentido oculto; ora ficava muito terna comigo, como que arrependida da anterior severidade para que não havia lugar no seu coração, e nas suas palavras carinhosas e meigas soava também como que uma censura. Por fim, perguntei-lhe frontalmente o que tinha ela e se queria dizer-me alguma coisa. Ela atrapalhou-se um pouco ao ouvir a minha pergunta rápida, mas logo ergueu para mim os seus grandes olhos serenos e, sorrindo-me com ternura, disse:

— Nada, Nétotchka, mas como me perguntaste assim tão de repente, atrapalhei-me. É só porque fizeste a pergunta muito depressa... acredita. Mas ouve... diz-me a verdade, minha filha: há no teu coração alguma coisa que também te atrapalharia se to perguntassem assim de repente?

— Não — disse eu, olhando para ela com a franqueza nos olhos.

— Ainda bem! Minha amiga, se soubesses como te agradeço essa maravilhosa resposta. Não porque eu suspeite nada de mal em ti... nunca! Não me perdoaria nem que fosse um só pensamento desse género. Mas ouve: recolhi-te quando eras criança, agora já

tens dezassete anos. Já viste o que se passa comigo: estou doente, eu própria sou como uma criança, preciso de cuidados. Eu nunca poderia substituir inteiramente a tua verdadeira mãe, mas nunca faltou amor por ti no meu coração. Se agora ando atormentada com preocupações, é claro que a culpa não é tua, é minha. Perdoa-me então o que te perguntei e perdoa-me também por não ter cumprido todas as promessas que te fiz e que fiz ao meu paizinho quando te trouxe de casa dele. É isso que me preocupa, minha amiga, e muitas vezes.

Abracei-a e chorei.

— Oh, estou-lhe tão grata por tudo, por tudo! — disse eu, molhando-lhe as mãos com as minhas lágrimas. — Não me fale assim, não me despedace o coração. Para mim foi mais do que uma mãe, Deus a abençoe por tudo o que a senhora e o príncipe fizeram por mim, uma pobre abandonada! Minha querida, coitadinha!

— Deixa lá, Nétotchka, deixa! Abraça-me, mais, com força, com força! Sabes uma coisa? Só Deus sabe porquê, mas sinto que é a última vez que me abraças.

— Não, não — dizia eu, desatando a chorar como uma criança —, não, não pode ser! Ainda vai ser feliz!... Temos ainda muito tempo pela frente. Acredite, vamos ser felizes

— Obrigada, obrigada pelo teu amor. Há poucas pessoas a meu lado, abandonaram-me todas!

— Quem a abandonou? Que pessoas?

— Tu não sabes, Nétotchka, mas dantes havia outras pessoas à minha volta. Abandonaram-me, foram-se embora todas, como fantasmas. Toda a vida esperei por elas, esperei muito... mas que Deus lhes perdoe! Olha, Nétotchka: o outono já vai adiantado, não tarda que comece a nevar; com a primeira neve, eu morro... sim; mas não me queixo. Adeus!

O seu rosto magro estava muito pálido e, no centro de cada face, ardia-lhe uma sinistra mancha de sangue; os lábios dela, gretados pela febre, tremiam.

Aproximou-se do piano e tocou uns acordes; de súbito, rebentou bruscamente uma corda e gemeu longamente com um som rangente...

— Ouves, Nétotchka, ouves? — disse ela numa voz inspirada, apontando para o piano. Esticaram demais esta corda, não aguentou e morreu. Estás a ouvir como é lamentosa a morte do som?

Falava com dificuldade. Refletia-se no seu rosto uma dor espiritual surda, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— Basta, não falemos mais disso, Nétotchka, minha amiga. Basta, traz-me as crianças.

Levei-lhas. Olhando para elas, Aleksandra Mikháilovna parecia mais descansada; uma hora depois, deixou-as ir embora.

— Quando eu morrer não as abandonas, Annette? Não? — pediu ela num sussurro, como se tivesse medo que nos estivessem a ouvir.

— Não diga isso, não me mate! — foi tudo o que consegui responder.

— Estava a brincar — disse ela depois de uma pausa, sorrindo. — E tu acreditaste? Às vezes digo cada coisa. Estou agora como uma autêntica criança, têm de me desculpar tudo.

Olhou para mim com timidez, como se estivesse com medo de dizer o que queria. Eu esperava.

— Vê lá, não o assustes — disse por fim, baixando os olhos, corando um pouco e numa voz tão indistinta que me custou a compreendê-la.

— A quem? — perguntei, surpreendida.

— Ao meu marido. És capaz de lhe contar tudo às escondidas.

— Porquê, por que havia de fazer isso? — repetia, cada vez mais espantada.

— Bom, talvez não contes, sabe-se lá! — respondeu ela, tentando olhar para mim com manha, embora continuasse com os mesmo sorriso ingénuo e estivesse a ficar cada vez mais vermelha. — Não falemos disso, estou a brincar.

Tinha um aperto no coração.

— Mas, ouve, vais amá-los quando eu morrer... está bem? — acrescentou, muito séria e com um ar enigmático. — Vais amá-los com se fossem teus filhos... sim? Lembra-te que, para mim, foste como uma filha, que eu nunca fiz diferença entre ti e os meus filhos.

— Sim, sim — respondi, sem compreender o que ela queria dizer e sufocando das lágrimas e da comoção.

Um beijo dela queimou-me a mão antes de ter tido tempo de a afastar. O espanto paralisava-me a língua.

«O que terá ela? No que estará a pensar? O que terá acontecido ontem entre eles?», eram perguntas que não me saíam da cabeça.

Um minuto depois voltou a queixar-se de cansaço.

— Há muito tempo que estou doente, mas não vos queria assustar — disse. — Os dois gostam de mim, não é verdade?... Até logo, Nétotchka, deixa-me sozinha, mas logo à noite vem, sem falta. Vens?

Prometi que sim; tinha vontade de sair dali. Não aguentava mais.

«Pobre coitada! Que suspeita levas para o túmulo? — exclamava eu, desfeita em choro. — Que nova desgraça está a ferir o teu coração, sem teres coragem para dizeres uma palavra sobre isso?» Meu Deus! Este longo sofrimento, que eu agora já conhecia a fundo, esta vida sem vislumbres de esperança, este amor tímido, sem exigências... e mesmo agora, agora, quase no leito da morte, quando o coração dela se rasga de dor, ela, como uma criminosa, não se atreve o mínimo protesto, a mínima queixa... e, tendo imaginado uma nova desgraça, já se resignou a ela!...

Pelo crepúsculo, aproveitando a ausência de Ovrov (o senhor que viera de Moscovo), fui à biblioteca e pus-me a procurar um livro para ler a Aleksandra Mikháilovna em voz alta. Gostaria de a distrair dos pensamentos negros, por isso queria escolher uma coisa alegre, ligeira... Distraidamente, procurei durante muito tempo. O crepúsculo adensava-se e, juntamente com ele, crescia a minha angústia. De novo me veio parar às mãos aquele mesmo livro que se abriu na mesma página da mancha clara deixada pela carta; a

carta, com o seu segredo que provocara uma reviravolta na minha vida como se a começasse de novo, guardava-a no meu seio desde que a descobrira; e senti um sopro frio, desconhecido, misterioso, que já vinha ameaçando de longe... «O que será de nós? — pensava eu. — O abrigo em que eu tinha tanto calor, tanta liberdade, ficará deserto! Vai abandonar-me o espírito puro e luminoso que protegia a minha juventude. O que me espera?» Estava parada ali, perdida nas imagens do meu passado, um passado que me era agora tão querido ao coração, como se tentasse pressagiar o futuro desconhecido que me ameaçava... Recordo aquele momento como se fosse hoje, com tanta força ele se gravou na minha memória...

Tinha nas mãos a carta e o livro aberto; o meu rosto estava banhado em lágrimas. De repente, estremeci de susto: ouvi por cima de mim uma voz familiar. No mesmo instante senti que me arrancavam a carta das mãos. Soltei um grito e virei-me: era Piotr Aleksândrovitch. Agarrou-me no braço e não me deixava sair do lugar; com a mão direita, pôs a carta contra a luz e tentou ler as primeiras linhas... Gritei: mais depressa morreria do que deixaria a carta nas mãos dele. Pelo sorriso triunfante de Piotr Aleksândrovitch percebi que ele conseguira ler as primeiras linhas. Eu estava a perder a cabeça...

Pouco tardou para que me atirasse a ele, fora de mim, e lhe arrancasse a carta das mãos. Tudo aconteceu tão depressa que nem eu própria percebi como a carta voltara para as minhas mãos. Ao ver que ele queria tirar-ma mais uma vez, guardei-a rapidamente no seio e recuei três passos.

Durante meio minuto olhámo-nos em silêncio. Eu ainda tremia de medo; ele, pálido, com os lábios trementes e azulados de ira, foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Basta! — disse ele com a voz enfraquecida pela emoção. — Suponho que não quer que eu utilize a força; dê-me a carta de livre vontade.

Só então caí em mim, e a ofensa, a vergonha e a indignação contra a violência bruta cortaram-me a respiração. Lágrimas quentes corriam-me pelas faces a arder. Tremia e, durante algum tempo, não tive forças para articular palavra.

— Ouviu? — disse ele, avançando dois passos.

— Deixe-me em paz! — gritei, afastando-me. — O senhor fez uma coisa baixa, ignóbil. Passou das marcas!... Deixe-me passar!...

— Como? O quê? Ainda se atreve a falar comigo nesse tom... depois de... Dê cá a carta, ouviu?

Avançou mais um passo, mas, olhando-me nos olhos, viu tanta firmeza neles que parou, como que a refletir.

— Está bem! — disse secamente, como se já tivesse tomado uma decisão mas ainda se contivesse. — Isto não vai ficar assim, a seu tempo se verá, mas agora...

Olhou em volta.

— A menina... quem a deixou entrar na biblioteca? Por que é que este armário está aberto? Onde arranjou a chave?

— Não lhe vou responder — disse eu —, não posso falar consigo. Deixe-me ir!

Dirigi-me para a porta.

— Alto! — disse ele, agarrando-me no braço. — Não vai sair assim!

Dei um puxão ao braço em silêncio e avancei mais na direção da porta.

— Está bem. Mas não posso permitir que receba as cartas dos seus amantes em minha casa...

Soltei um grito de medo e dirigi-lhe um olhar desvairado...

— Por isso...

— Pare! — gritei. — Como pode dizer-me uma coisa dessas?... Meu Deus, meu Deus!

— O quê? O quê? E ainda me ameaça?

Eu olhava para ele branca de desespero. A cena chegou a um tal ponto de exaspero que se tornava inconcebível para mim. Implorava-lhe com o olhar que não continuasse. Estava pronta a

perdoar-lhe o insulto, só para ele parar. Piotr Aleksândrovitch olhava fixamente para mim e, pelos vistos, hesitava.

— Não me leve a extremos — sussurrei, aterrorizada.

— Não, é preciso acabar com isto — disse ele, como que caindo em si. — Digo-lhe com toda a franqueza que foi esse seu olhar que me fez hesitar — acrescentou com um sorriso estranho. — Infelizmente, o caso fala por si. Consegui ler o princípio da carta. É uma carta de amor. Não me convence do contrário! Nem pense nisso! E se duvidei por um instante, isso prova apenas que devo acrescentar mais uma a todas as suas maravilhosas qualidades: a capacidade de mentir perfeitamente, por isso repito que...

À medida que falava, o seu rosto ia-se desfigurando de raiva. Empalidecia, os lábios torciam-se e tremiam, e foi já com dificuldade que disse as últimas palavras. Escurecia. Eu estava indefesa, sozinha, diante de um homem capaz de insultar uma mulher. Mas, afinal, todas as evidências estavam contra mim; a minha vergonha era tanta que me fazia sofrer, atrapalhava-me, não chegava a compreender a raiva do homem. Sem lhe responder, desorientada pelo medo, precipitei-me para a saída da sala e só dei acordo de mim à porta do gabinete de Aleksandra Mikháilovna. No mesmo momento, ouviram-se também os passos de Piotr Aleksândrovitch; eu já ia entrar no gabinete mas parei de supetão, como atingida por um raio.

«O que vai acontecer com ela? — passou-me pela cabeça. — Esta carta!... Não, tudo é melhor do que dar-lhe o golpe de misericórdia», e corri para trás. Mas era tarde: ele estava à minha frente.

— Vamos para onde quiser, mas para aqui não, lá para dentro não! — sussurrei, agarrando-me ao braço dele. — Poupe-a! Posso ir outra vez para a biblioteca ou... para onde quiser! Senão, o senhor vai matá-la!

— É você quem a mata! — respondeu ele, afastando-me.

Todas as minhas esperanças ruíram. Senti que era precisamente na presença de Aleksandra Mikháilovna que ele queria fazer a cena.

— Por amor de Deus! — disse eu, tentando impedi-lo de entrar com todas as minhas forças. Então, nesse preciso momento, o reposteiro abriu-se e Aleksandra Mikháilovna surgiu à nossa frente. Olhava para nós com espanto. O seu rosto estava ainda mais branco do que de costume. Mal se segurava nas pernas. Via-se que tivera grandes dificuldades para chegar ao pé de nós quando ouviu as nossas vozes.

— Quem está aqui? De que estavam a falar? — perguntava ela, olhando-nos com espanto extremo.

Durante os segundos em que durou o nosso silêncio, ela ficou branca como um lençol. Corri para ela, abracei-a e levei-a de volta para o gabinete. Piotr Aleksândrovitch entrou atrás de mim. Eu escondia a cara no peito dela e abraçava-a cada vez com mais força, sem respirar, à espera.

— O que tens, o que têm os dois? — voltou a perguntar Aleksandra Mikháilovna.

— Pergunte a ela. Ainda ontem a defendeu — disse Piotr Aleksândrovitch, sentando-se pesadamente na cadeira.

Eu continuava a apertá-la nos meus braços.

— Mas, meu Deus, o que se passa afinal? — insistiu Aleksandra Mikháilovna, assustadíssima. — O senhor está irritado, ela está assustada, a chorar... Annette, conta-me tudo o que aconteceu entre vós.

— Não, permita que seja eu a falar — disse Piotr Aleksândrovitch, aproximando-se e arrastando-me pela mão para longe de Aleksandra Mikháilovna. — Fique aqui — apontou para o centro da sala. — Quero julgá-la diante daquela que foi uma segunda mãe para si. E você acalme-se, sente-se — acrescentou, sentando Aleksandra Mikháilovna na cadeira. — Lamento muito não poder livrá-la desta conversa desagradável, mas é necessária.

— Meu Deus! O que é? — disse Aleksandra Mikháilovna, passando o olhar muito triste de mim para o marido, do marido para mim. Eu torcia as mãos, pressentindo o momento fatal. Já não tinha esperança na misericórdia dele.

— Resumindo — continuou Piotr Aleksândrovitch —, queria que julgasse o caso juntamente comigo. A senhora, não sei porquê, é uma das suas fantasias, a senhora sempre... ainda ontem, por exemplo... pensava, dizia... nem sei como lhe hei de dizer, até coro de vergonha por causa dessas suspeitas... Resumindo, a senhora defendia-a, a ela, e atacava-me, a mim, acusando-me de *severidade inconveniente*; insinuava ainda *outro sentimento* qualquer que, supostamente, me obrigaria a mostrar uma *severidade inconveniente*; a senhora... aliás, nem sei porque não consigo ultrapassar o meu embaraço, evitar corar recordando as suas suspeitas, por que não poderei falar abertamente, na presença dela... Numa palavra, a senhora...

— Oh, o senhor não vai fazer isso! Não vai dizê-lo! — exclamou Aleksandra Mikháilovna, em grande comoção, a arder de vergonha. — Não, vai poupá-la. Eu, eu é que inventei tudo! Agora já não tenho suspeitas nenhuma. Perdoe-me, perdoe-me. Estou doente, tem de me perdoar, mas não lhe diga, não lhe diga... Annette — continuou, aproximando-se de mim —, Annette, sai daqui, depressa, depressa! Ele estava a brincar, a culpa é minha, é uma brincadeira de mau gosto...

— Resumindo, a senhora tinha ciúmes dela por mim — disse Piotr Aleksândrovitch, lançando impiedosamente estas palavras. Ela deu um grito, empalideceu ainda mais e apoiou-se na cadeira para não cair.

— Que Deus lhe perdoe! — disse, finalmente, numa voz fraca. — Desculpa-me por ele, Nétotchka, desculpa; a culpa foi toda minha. Estava doente e...

— Mas isto é tirania, é falta de vergonha, é baixeza! — gritei eu, percebendo finalmente tudo, percebendo por que razão ele queria acusar-me em frente da mulher. — É digno de desprezo: o senhor...

— Annette! — gritou Aleksandra Mikháilovna, agarrando-se, aterrorizada, às minhas mãos.

— Comédia! Uma comédia e mais nada! — disse Piotr Aleksândrovitch, avançando contra nós, numa emoção indescritível.

— É uma comédia, digo-lhe — continuou, olhando fixamente e com um sorriso sinistro para a mulher —, e a única enganada nesta comédia é a senhora. Acredite que ela — disse ele, ofegando e apontando para mim — não tem medo desses esclarecimentos; acredite que ela não é assim tão casta que possa ofender-se, corar e tapar os ouvidos quando lhe falam dessas coisas. Desculpe por eu me exprimir desta maneira simples, frontal e grosseira... talvez... mas tem de ser. A senhora tem a certeza da conduta decente desta... moça?

— Meu Deus! O que se passa consigo? Está a passar das marcas! — disse Aleksandra Mikháilovna, petrificada, lívida de medo.

— Por favor, sem palavras altissonantes! — interrompeu-a com desprezo Piotr Aleksândrovitch. — Não gosto disso. O assunto é simples, claro e extremamente vulgar. Estou a perguntar-lhe sobre a conduta dela. Sabia que...

Mas não o deixei acabar, agarrei-me às mãos dele e puxei-o para o lado. Mais um instante e estaria tudo perdido.

— Não lhe fale da carta! — disse eu muito depressa, num sussurro. — Isso vai matá-la. Acusar-me é o mesmo que acusá-la. Ela não me pode julgar porque eu sei tudo... está a entender, sei *tudo!*

Olhou para mim, perscrutador, com uma curiosidade louca, e embarçou-se; o sangue afluíu-lhe à cara.

— Sei tudo, *tudo!* — repeti.

Ele hesitava. Nos seus lábios ruminava uma pergunta. Adiantei-me:

— Aconteceu o seguinte — disse eu em voz alta, dirigindo-me a Aleksandra Mikháilovna que olhava para nós com um espanto tímido e angustiado. — A culpa é toda a minha. Há já quatro anos que ando a enganar-vos. Tirei a chave da biblioteca e, durante estes quatro anos, tenho lido os livros às escondidas. Piotr Aleksândrovitch apanhou-me com um livro que... eu não podia ler, que não devia estar nas minhas mãos. Assustou-se por mim e

exagerou o perigo quando falou consigo... Mas eu não quero justificar-me — apressei-me a acrescentar, reparando no sorriso irónico dele. — Tenho culpa. A tentação foi mais forte do que eu e, depois de cometer o pecado, tinha vergonha de confessar... É tudo, quase tudo, o que aconteceu entre nós...

— Ooh, que esperta! — sussurrou ao meu lado Piotr Aleksândrovitch.

Aleksandra Mikháilovna ouviu-me com grande atenção, mas continuava a ver-se uma desconfiança na sua cara. Olhava alternadamente para mim e para o marido. Caiu o silêncio. Eu recuperava o fôlego com dificuldade. Aleksandra Mikháilovna baixou a cabeça e tapou os olhos com a mão, reflectindo por certo em cada palavra que eu dissera. Por fim levantou a cabeça e dirigiu-me um olhar penetrante.

— Nétotchka, filha, sei que não sabes mentir — disse ela. — Aconteceu apenas isso, mais nada?

— Só isso — respondi.

— Nada mais? — perguntou ao marido.

— Nada mais — respondeu ele com esforço —, só isso!

Foi um alívio.

— Dás-me a tua palavra, Nétotchka?

— Dou — disse eu sem hesitar.

Não aguentei e olhei para Piotr Aleksândrovitch. Piotr Aleksândrovitch ria-se ao ouvir a minha palavra de honra. Corei, e a minha confusão não passou despercebida a Aleksandra Mikháilovna. Uma angústia dolorosa reflectiu-se-lhe no rosto.

— Chega — disse tristemente. — Acredito. Não posso não acreditar em vocês.

— Acho que esta confissão é suficiente — disse Piotr Aleksândrovitch. — Ouviu? O que acha que tenho de pensar agora?

Aleksandra Mikháilovna não respondeu. A cena tornava-se cada vez mais oprimente.

— Amanhã mesmo vou ver todos os livros — continuou Piotr Aleksândrovitch. — Não sei o que mais se passou lá, mas...

— Que livro estava ela a ler? — perguntou Aleksandra Mikháilovna.

— Que livro? Que responda a menina — disse ele, dirigindo-se a mim. — Ela saberá explicar *melhor do que eu* — acrescentou com uma ironia escondida.

Atrapalhei-me e não consegui dizer nada. Aleksandra Mikháilovna corou e baixou os olhos. Foi uma pausa longa. Piotr Aleksândrovitch, irritado, andava de um lado para o outro da sala.

— Não sei o que aconteceu entre vocês — disse finalmente Aleksandra Mikháilovna, pronunciado com timidez cada palavra —, mas, se é verdade que aconteceu *apenas isso* — continuou, tentando dar um sentido especial às suas palavras, já atrapalhada sob o olhar imóvel do seu marido, embora evitasse olhar para ele —, se de facto aconteceu *apenas isso*, não sei por que razão havemos todos de nos afligir e de desesperar. A mais culpada sou eu, apenas eu, e isso atormenta-me muito. Descurei a educação dela e sou responsável por isso. Ela tem de me perdoar, e eu não posso nem me atrevo a julgá-la. Mas, insisto, por que temos de cair neste desespero? O perigo já passou. Olhe para ela — disse, entusiasmando-se e lançando um olhar perscrutador ao marido —, olhe para ela: será que o ato imprudente dela deixou alguma marca? Será que não conheço a minha querida filha? Será que não sei que o coração dela é puro e nobre, que nesta linda cabecinha — continuava, puxando-me para si e acariciando-me — a mente é límpida e clara e a consciência tem medo da mentira?... Deixem lá isso, meus queridos, deixemos lá isso! Talvez seja outra coisa qualquer que se esconde por trás da nossa angústia; talvez a sombra que caiu sobre nós seja apenas passageira. Mas dissipemo-la com amor, com concórdia, escorracemos as nossas dúvidas. Talvez permaneça muita coisa por esclarecer entre nós, e eu sou a primeira a reconhecer a minha culpa. Fui eu a primeira a alimentar suspeitas ocultas, insensatas, e a culpa disso é a minha cabeça doente. Mas... mas, já que estamos agora a falar, têm ambos de me

perdoar porque... porque, afinal, não há grande pecado nas minhas suspeitas...

Dizendo isto, corou, olhou timidamente para o marido e esperou tristemente pela resposta dele. Piotr Aleksândrovitch, à medida que ela ia falando, esboçava um sorriso irónico. Deixou de andar pela sala e parou em frente dela, com as mãos atrás das costas. Parecia observar, estudar a confusão dela, e deliciar-se com essa confusão. Sob o seu olhar perscrutador, Aleksandra Mikháilovna atrapalhava-se. Ele esperou um pouco, a ver se ela dizia mais alguma coisa. A confusão dela aumentou. Por fim, ele interrompeu o silêncio embaraçoso com um riso baixo, longo, cáustico:

— Tenho pena de si, pobre mulher! — disse ele amarga e seriamente, deixando de se rir. — Encarregou-se de um papel acima das suas forças. O que pretendia? Pretendia provocar a minha resposta, instigar-me com novas suspeitas, ou melhor, com a antiga suspeita, que escondeu muito mal nas suas palavras? O sentido das suas palavras é o de que não valia a pena zangar-se com ela, que ela é boa menina mesmo depois da leitura dos livros imorais (cuja moral, digo eu, parece já ter dado alguns frutos), e, finalmente, que a senhora se responsabiliza por ela; é isso? Pois bem, depois de ter explicado tudo isso, parece insinuar ainda outra coisa: que a minha desconfiança e severidade em relação a ela provêm de qualquer outro sentimento. Chegou a insinuar-me ontem (por favor, não me interrompa, gosto de falar abertamente), insinuou-me ontem que nalgumas pessoas (tratando-se na maioria dos casos, segundo a sua definição, de pessoas sérias, frontais, inteligentes, fortes, e só Deus sabe que mais qualidades lhes atribuiu num acesso de magnanimidade!), portanto, que nalgumas pessoas o amor (sabe-se lá por que fantasiou semelhante coisa!), o amor, portanto, nem sequer podia manifestar-se de outra forma que não fossem a severidade, a exaltação, muitas vezes com suspeitas e perseguições à mistura. Já não me lembro se eram estes os termos exatos que a senhora utilizou ontem... Por favor, não me mande calar, conheço bem a sua educanda e sei que ela pode ouvir tudo,

tudo, repito-o pela centésima vez... tudo! A senhora foi enganada. Apenas não sei por que insiste em dizer que eu sou um homem desse género. Não se percebe por que razão lhe apetece vestir-me esse traje de bobo. Já não tenho idade para o amor por esta moça; e, finalmente, acredite, minha senhora, que eu *conheço as minhas obrigações*, e por mais magnânima que seja a desculpar-me, vou continuar a dizer que *o crime será sempre crime, que o pecado será sempre pecado, uma coisa vergonhosa, abominável, ignóbil, por mais altos que sejam os cumes a que a senhora leve o sentimento pecaminoso!* Mas chega! Basta! Que eu não oiça mais nada sobre essas porcarias!

Aleksandra Mikháilovna chorava.

— Que seja eu, que seja eu a carregar com isso! — disse ela por fim, abraçando-me. — Que elas sejam vergonhosas, as minhas suspeitas, que o senhor ironize com elas tão impiedosamente! Mas tu, coitada, por que és obrigada a ouvir estes insultos? E não posso defender-te! Não tenho direito à palavra! Meu Deus! Não posso calar-me, meu senhor! Não aguento... A sua conduta é louca!...

— Acalme-se, acalme-se! — sussurrava-lhe eu, tentando acalmar a emoção de Aleksandra Mikháilovna e com medo de que as palavras de acusação fizessem perder a cabeça ao seu marido. Tremia de medo por ela.

— Mas, mulher cega! — gritou ele. — A senhora não sabe, não vê...

Interrompeu-se por um momento.

— Fora daqui, não se aproxime dela! — disse-me ele, arrancando a minha mão das de Aleksandra Mikháilovna. — Não lhe permito que toque na minha mulher, está a conspurcá-la, está a insultá-la com a sua presença! Mas... o que me faz calar, quando o que é preciso é falar? — gritou ele, batendo o pé. — E eu vou dizer, vou dizer tudo. Não sei o que a senhora *sabe* e com que queria ameaçar-me, nem quero saber. Oiça! — continuou, dirigindo-se a Aleksandra Mikháilovna. — Oiça, então!

— Cale-se! — gritei, atirando-me para a frente. — Cale-se, nem mais uma palavra!

— Oiça!...

— Cale-se em nome de...

— Em nome de quê, menina? — interrompeu-me, lançando-me um olhar rápido e penetrante. — Em nome de quê? Fique então sabendo que eu arranquei das mãos dela uma carta do amante! É isto que se está a passar em nossa casa! É isto que se passa mesmo ao seu lado! É isto que a senhora não vê, em que não repara!

Mal me aguentava nas pernas. A palidez de Aleksandra Mikháilovna era mortal.

— Não pode ser — sussurrou ela quase imperceptivelmente.

— Eu vi essa carta, minha senhora; essa carta esteve nas minhas mãos, li as primeiras linhas e não tive dúvidas: era uma carta do amante. Ela arrancou-ma das mãos e tem-na agora com ela... É claro como água, é assim mesmo, não há dúvidas nenhuma; mas, se a senhora ainda duvida, olhe para ela e logo vê se ainda fica com qualquer sombra de dúvida.

— Nétotchka! — gritou Aleksandra Mikháilovna, precipitando-se para mim. — Não, não digas nada! Não sei o que aconteceu, como aconteceu... meu Deus, meu Deus!

E rebentou em choro, tapando a cara com as mãos.

— Mas não! É impossível! — voltou a gritar. — O senhor enganou-se. É... eu sei o que isso significa! — disse, perscrutando o rosto do marido. — O senhor... eu... não podes enganar-me, és incapaz de me enganar! Conta-me tudo, tudo até ao fim. Ele está enganado, não é? Está enganado, não é verdade? Viu outra coisa qualquer, confundiu as coisas, não foi? Não é? Não é verdade? Ouve: por que não queres dizer-me tudo, Annette, minha filha, minha querida filha?

— Responda, responda já! — soou por cima de mim a voz de Piotr Aleksândrovitch. — Responda: vi ou não vi a carta nas suas mãos?

— Viu! — respondi eu, ofegante.

— Era uma carta do seu amante?

— Era! — respondi.

— Com quem continua a ter um caso?

— Sim, sim, sim! — disse eu, fora de mim, respondendo afirmativamente a todas as perguntas para pôr fim o mais depressa possível à nossa tortura.

— A senhora ouviu. O que vai dizer agora? Acredite, meu coração bondoso e demasiado crédulo — acrescentou, pegando na mão da mulher —, acredite em mim e dissuada-se de tudo o que a sua imaginação doentia criou. Pronto, agora já viu como é esta... esta moça. Eu apenas quis contrapor uma impossibilidade às suspeitas da senhora. Há muito que reparo nisto tudo e estou contente por tê-la desmascarado em frente da senhora. Custava-me vê-la a seu lado, aos abraços à senhora, à mesma mesa que nós, enfim, em minha casa. A cegueira da senhora indignava-me. Era por isso, e apenas por isso, que a seguia, que a vigiava; e foi essa minha atenção que saltou aos olhos da senhora, e, tendo como ponto de partida uma suspeita absurda, a senhora bordou sabe-se lá o quê nesta talagarça. Mas agora foi tudo desvendado, acabaram-se as dúvidas, e amanhã mesmo, minha menina, amanhã mesmo vai sair de minha casa! — terminou Piotr Aleksândrovitch, dirigindo-se a mim.

— Pare! — disse Aleksandra Mikháilovna, soerguendo-se na cadeira. — Não acredito nesta cena. Não olhe para mim dessa maneira assustadora, não se ria de mim. Peço-lhe que seja juiz da minha opinião. Annette, anda cá, dá-me a tua mão, assim. Somos todos pecadores! — disse ela com a voz tremente de lágrimas e olhou para o marido com resignação —, e quem de nós pode rejeitar a mão seja de quem for? Annette, minha filha, dá-me a tua mão; eu não sou mais decente nem melhor do que tu; não podes insultar-me com a tua presença porque eu *também sou pecadora*.

— Minha senhora! — gritou Piotr Aleksândrovitch, pasmado. — Minha senhora, tenha tento! Não perca o juízo!...

— Estou no meu juízo. Não me interrompa, deixe-me acabar. O senhor viu nas mãos dela uma carta; até a leu; o senhor diz uma coisa e ela... confessa que é a carta daquele que ama. Mas será isso a prova de um crime? Será que isso dá direito ao senhor de a tratar assim, de a ofender assim na presença da sua mulher? Sim, meu senhor, da sua mulher. Será que reflectiu bem nisso? Será que sabe o que na verdade aconteceu?

— Só me faltava ir a correr pedir-lhe perdão. É isso que a senhora quer? — gritou Piotr Aleksândrovitch. — Ouvi-la fez-me perder a paciência! Pense no que está a dizer! Sabe a quem está a defender e o quê? Estou a ver tudo à transparência...

— O senhor não vê o essencial porque o orgulho e a ira não o deixam ver. Não está a ver o que eu defendo e do que falo. Não defendo a depravação. Terá por acaso pensado (e se pensar há de ver isso claramente) que ela pode estar inocente como uma criança? Não defendo a depravação! Se isso lhe agrada, faço esta ressalva. Sim, se ela fosse esposa e mãe e se esquecesse das suas obrigações, oh, então eu concordaria consigo... É esta a minha ressalva. Atente bem nela e não me censure! Mas se ela recebeu esta carta sem tomar conhecimento com o mal? Se ela foi atraída por um sentimento inexperiente e não houve ninguém para a prevenir? Se sou eu a mais culpada porque não vigiei o coração dela? Se esta carta for a primeira? Se o senhor, com as suas suspeitas grosseiras, ofendeu o sentimento casto dela? Se o senhor conspurcou a imaginação dela com os seus raciocínios cínicos sobre esta carta? Se o senhor não viu no pudor casto e inocente que luzia na cara dela, puro como a própria inocência, o pudor que estou a ver agora quando ela, extenuada, confusa, sem saber o que dizer e mortificada de angústia, responde com uma confissão a todas as perguntas desumanas do senhor? Sim, sim! O senhor é desumano, é cruel, nem estou a reconhecê-lo; nunca lho perdorei, nunca!

— Sim, poupe-me, poupe-me! — gritei, apertando-a nos meus braços. — Poupe-me, acredite em mim, não me rejeite...

Caí de joelhos diante dela.

— Se, afinal — continuou ela, ofegante —, se afinal eu não estivesse ao lado dela, e se o senhor conseguisse intimidá-la com as suas palavras, e se a pobre se convencesse da sua culpa, se o senhor lhe perturbasse a consciência e a alma, se lhe partisse o sossego do coração... meu Deus! O senhor quis expulsá-la de casa. Não sabe a quem fazem isso? Então, se a expulsar, expulse-nos a ambas... a mim também. Ouviu, meu senhor?

Os olhos dela cintilavam; o peito ondulava-lhe; a sua tensão doentia chegava ao paroxismo crítico.

— Bom, já ouvi o suficiente, minha senhora! — gritou finalmente Piotr Aleksândrovitch. — Já chega! Sei que existem paixões platônicas... e sei-o para meu mal, minha senhora, para meu mal! Mas eu não posso conviver com a depravação dourada! Não a compreendo. Fora o ouropel! E se a senhora se sente culpada, se sabe de qualquer coisa pecaminosa que fez (não sou eu quem lho deve lembrar, minha senhora), se lhe agrada, por último, a ideia de abandonar a minha casa... resta-me apenas dizer-lhe, lembrar-lhe, que é pena ter-se esquecido de cumprir o seu desígnio na altura conveniente, dantes, há... se a senhora se esqueceu, posso lembrar-lhe...

Olhei para Aleksandra Mikháilovna. Apoiava-se convulsamente em mim, um sofrimento inexaurível fazia-a semicerrar os olhos, a dor de alma fazia-a perder as forças. Mais um momento e cairia.

— Oh, por amor de Deus, tenha pena dela pelo menos desta vez! Não pronuncie a última palavra — gritei, rojando-me aos pés de Piotr Aleksândrovitch, esquecendo que estava a revelar que conhecia o segredo. Mas já era tarde. Ouviu-se um grito fraco, e a pobre mulher caiu desmaiada no chão.

— Acabou-se! O senhor matou-a! — disse eu. — Chame alguém, salve-a! Eu depois vou falar consigo ao seu gabinete. Preciso de falar consigo, contar-lhe tudo...

— Tudo o quê? O quê?

— Depois!

Os desmaios e os ataques de nervos continuaram por duas horas. Toda a casa se encheu de medo. O doutor, cético, abanava a cabeça. Duas horas depois entrei no gabinete de Piotr Aleksândrovitch. Ele acabara de voltar do quarto da mulher e andava pelo gabinete, roendo as unhas até ao sangue, pálido, desconcertado. Nunca o vira com aquele aspecto.

— O que quer dizer-me — perguntou na sua voz severa e grosseira. — Queria dizer-me alguma coisa?

— Aqui está a carta que o senhor me interceptou. Reconhece-a?

— Sim.

— Tome-a lá.

Pegou na carta e chegou-se com ela para a luz. Eu seguia-lhe com atenção os movimentos. Momentos depois olhou para a quarta página e leu a assinatura. Vi que o sangue lhe subiu à cara.

— O que é isto? — perguntou, petrificado de espanto.

— Encontrei esta carta há três anos, dentro de um livro. Percebi que a tinham esquecido ali, li-a e... fiquei a saber tudo. Tenho-a guardado desde então, porque não sabia a quem a entregar. A ela não podia ser. Ao senhor? Mas o senhor não podia deixar de conhecer o conteúdo desta carta, está aqui toda aquela triste história... Para quê o seu fingimento, não sei. Por enquanto, para mim, isso é uma coisa enigmática. Ainda não consigo penetrar a fundo na sua alma escura. O senhor desejava manter a superioridade sobre ela e conseguiu-o. Mas para quê? Para triunfar sobre uma miragem, sobre a imaginação perturbada de uma doente, para lhe provar que ela errava e que o senhor é *menos pecador* do que ela! E conseguiu o seu objetivo porque a última suspeita dela, esta ideia obsessiva de uma mente a dissolver-se, era talvez a última queixa do seu coração despedaçado, a queixa contra a injusta sentença humana com que o senhor estava solidário. «Que mal tem o senhor ter-se apaixonado por mim?» Foi isso que ela quis dizer-lhe e provar-lhe. A sua vaidade, o seu egoísmo ciumento eram impiedosos. Adeus! Não precisa de me explicar nada! Mas tenha em

conta que sei tudo, que o conheço bem, à transparência, não se esqueça disso!

Fui para o meu quarto, fora de mim. À porta, Ovrov, o ajudante de Piotr Aleksândrovitch, fez-me parar.

— Precisava de falar consigo — disse ele com uma vénia educada.

Eu olhei para ele, mal percebendo o que estava a dizer-me.

— Mais tarde, desculpe, estou maldisposta — respondi, passando-lhe ao lado.

— Portanto, amanhã — disse ele, com uma vénia e um sorriso ambíguo.

Apenas me pareceu isso, porém. Talvez. Tudo me passou pelos olhos de relance.

[7](#) Variante carinhosa do nome Egor. (NT)

[8](#) Ou seja, um homem bilioso que gosta de agir contra a opinião de todos. Tersites é uma personagem da *Ilíada* de Homero que, perfidamente, aconselhava que os gregos abandonassem Troia sem terminarem a guerra.

[9](#) Ou César, ou nada (lat.).

[10](#) Palavra francesa: debruns e fitas presos aos vestidos pretos em sinal de luto. (NT)